

FAGNER
MARÇAL
DA FONSECA

PRAIA DE COPACABANA
Eventos no Espaço Público

PRAIA DE COPACABANA

Eventos no espaço público



UFRJ
V. I

FAGNER MARÇAL DA FONSECA
FAU / PROURB / UFRJ / 2011

PRAIA DE COPACABANA

Eventos no Espaço Público

Fagner Marçal da Fonseca

Programa de Pós-Graduação em Urbanismo

Dissertação de Mestrado em Urbanismo apresentada à coordenação de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Andréa de Lacerda Pessôa Borde. Co-orientadora : Luciana da Silva Andrade

Rio de Janeiro,

Julho de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO - PROURB

PRAIA DE COPACABANA

Eventos no Espaço Público

Fagner Marçal da Fonseca

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Aprovado por:

Profª Drª Andréa de Lacerda Pessôa Borde
Orientadora – (PROURB – FAU / UFRJ)

Profª Drª Luciana da Silva Andrade
Co-Orientadora – (PROURB – FAU / UFRJ)

Profª Drª Lilian Fessler Vaz
Banca Examinadora – (PROURB – FAU / UFRJ)

Profª Drª Andréa da Rosa Sampaio
Banca Examinadora – (PPGAU / UFF).

Rio de Janeiro, 08 de Julho de 2011

F676

Fonseca, Fagner Marçal da,
Praia de Copacabana: eventos no espaço público/
Fagner Marçal da Fonseca. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU,
2011.
177f. Il.; 30 cm.

Orientador: Andréa de Lacerda Pessoa Borde.
Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de
Pós-Graduação em Urbanismo, 2011.
Referências bibliográficas: p.156-163.

1. Espaços públicos. 2. Copacabana (Rio de Janeiro,
RJ). 3. Espaço urbano. 4. Morfologia urbana. I. Borde,
Andréa de Lacerda Pessoa. II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD 711.4

“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram mas, na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

A Deus – pela sua luz que ilumina os meus caminhos e os meus sonhos

A Andréa Borde – minha orientadora e amiga que, teve carinho com meus aprendizados acadêmicos e profissionais, aconselhando-me sobretudo em muitas importantes decisões que tomei, incluindo entre essas, a escolha deste mestrado como curso que agrega valor ao meu desenvolvimento pessoal.

Ao CNPq – pelo financiamento desta pesquisa

A Margareth – minha mãe que, me alimentou com sua sabedoria e com sua força

Ao Paulo – meu pai que, deposita em mim a sua confiança

Ao Fábio – meu irmão, por sua companhia e pelo carinho na revisão do texto

Aos professores do Prourb – pela partilha de sabedoria

Aos amigos da turma – pela vivência e partilha de questionamentos comuns

Aos amigos Leandro Carneiro e Manan Terra – pelas suas amizades, companheirismos e cumpridades

Ao amigo André Alfradique – pelo apoio vital no cuidado de minhas mãos

RESUMO

Enquanto participamos de eventos em espaços públicos, não somos treinados a observar toda a dinâmica econômica e socioespacial em que estamos envolvidos, assim somos facilmente contagiados por nossas emoções e pelos prazeres que regem nossas experiências no espaço urbano. Nosso estudo está direcionado à pesquisa de eventos em espaços públicos urbanos; a Praia de Copacabana foi escolhida como estudo de caso. Analisaremos o contexto econômico na condição pós-moderna e a forma como este local está inserido nesta dinâmica, estudando os conceitos de Marketing Territorial, de imagem, marca e visibilidade. Compreenderemos o processo que transforma eventos no espaço público em produto cultural a ser usado pelos segmentos de comunicação e publicidade e transmitidos pelos canais de mídia. Através do estudo da construção do espaço urbano da Praia de Copacabana, proporemos uma abordagem que articula a morfologia urbana às práticas sociais. Analisaremos os elementos urbanos da Praia de Copacabana e três eventos ocorridos em seu espaço público. Sob a luz do referencial teórico-metodológico adotado, compreenderemos as relações morfológicas que se articulam às atividades sociais durante a realização dos eventos. Deste modo, observaremos a morfologia urbana deste lugar sob a dinâmica da realização dos eventos, sugerindo uma nova dinâmica de usos temporários em seu espaço público urbano.

ABSTRACT

While we participate of events in public spaces, we are not trained to observe the whole economic and socio-spatial dynamic that we are involved but, we're easily infected by our emotions and pleasures that govern our experiences in urban space. Our research is directed to study events in urban public spaces and, we have Copacabana's Beach as case study. We will analyze the economic context in post-modern condition and the how Copacabana's Beach is inserted in this dynamic. We'll study concepts of territorial marketing, image, brand and visibility, understanding the process of transforming events at public space in cultural product to be used by the threads of communication and advertising to be broadcast by media outlets. Through the study of construction of Copacabana Beach urban space we will propose an approach that articulates the social practices and urban morphology. We will analyze the urban elements of Copacabana Beach and three events in its public space. By light of the theoretical and methodological framework adopted, we will understand the morphological relations that articulate social activities during the course of events. Thus, we look at how urban morphology of Copacabana Beach operates under the dynamic of events and also suggests a new dynamic of temporary uses in its public space.

LISTA DE SIGLAS

ANPUR	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional UnB
CBDA	Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
D.O.	Diário Oficial
D.O.M.	Diário Oficial do Município
EPU	Espaço público urbano
FAB	Força Aérea Brasileira
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
http	Hiper Text Transfer Protocol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
III CINCCI	3º Colóquio [Inter]nacional sobre Comércio e Cidade
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
MAC	Museu de Arte Contemporânea
PPGAU	Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
PPGG	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PPP	Parceria Público-Privada
PROURB	Programa de Pós-graduação em Urbanismo
SUP	<i>Stand Up Boarding</i> (Surfe em pé)
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
URL	Unified Resource Locator (unidade de localização de recursos)
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo
VIP	<i>Very Important Person</i> (Pessoa muito importante)
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

Introdução	19
1. Eventos nos espaços públicos das grandes cidades contemporâneas	28
1.1. Breve contextualização do período econômico pós-moderno (década 1970 aos dias atuais)	30
1.1.1. Os eventos e o marketing urbano	32
1.2. O lugar do espaço público no contexto de espaços urbanos patrocinados por capitais privados	35
1.2.1. Características do espaço público pós-moderno	37
1.2.2. A relação de propriedade no espaço público contemporâneo das grandes cidades	38
1.3. Metodologias de análise dos espaços públicos urbanos	41
1.3.1. Sistema de ações e sistema de objetos	42
1.3.2. Morfologia urbana	44
1.3.3. As práticas socioespaciais	55
2. O espaço público da Praia de Copacabana	66
2.1. Processo histórico de formação da Praia de Copacabana	69
2.1.1. Quadro sinótico – Praia de Copacabana (1800-2011)	69
2.2. O espaço público da Praia de Copacabana	74
2.2.1. O uso público do espaço urbano da Praia de Copacabana	74
2.2.2. Praia de Copacabana – imagens sínteses	79
2.3. Morfologia do espaço urbano da Praia de Copacabana	83
3. Práticas socioespaciais na Praia de Copacabana	91
3.1 As práticas socioespaciais na Praia de Copacabana	93
3.1.1 As práticas sociais no uso do espaço público urbano da Praia de Copacabana	93
3.1.2 As articulações entre as diferentes práticas sociais na Praia de Copacabana	96
3.2 Os limites morfológicos e as práticas sociais na Praia de Copacabana	98
3.2.1 As particularidades no uso do espaço público urbano da Praia de Copacabana	99
3.2.2 Mapa de práticas sociais	104
3.2.3 A manutenção da multifuncionalidade da Praia de Copacabana	107
3.3 Características das práticas socioespaciais na Praia de Copacabana	110
3.3.1 Vocação ao prazer	110
3.3.2 Atividade econômica	113
3.3.3 Grupos sociais	119

4. Os eventos na Praia de Copacabana	124
4.1. Parada musical “Momentos Mágicos Disney”	126
4.2. Réveillon 2010	127
4.2.1 Réveillon da Praia de Copacabana – Histórico	128
4.3 Competição marítima “Travessia dos Fortes 2010”	134
4.4 Análise morfológica dos acontecimentos realizados na Praia de Copacabana	135
4.4.1 Análise da parada musical “Momentos Mágicos Disney”	135
4.4.2. Análise do Réveillon	140
4.4.3 Análise da competição marítima “Travessia dos Fortes”	143
Considerações finais	149
Bibliografia	156
Anexos	164
Anexo A – Pesquisa Exploratória	165
Anexo B – Visita às outras praias urbanas	166
Anexo C – Slides apresentados à Banca	171

LISTA DE FIGURAS

- Figura da Capa: Praia de Copacabana: Eventos no Espaço Público. Autor. (2011)
- Figura 1 – pg 31. Desfile alegórico na Marquês de Sapucaí. Disponível em:
<http://www.noticiasdigitais.com.br/noticia/marques-de-sapucaí-tera-internet-sem-fio-gratuita-no-carnaval>. Acesso em 19 Jun. 2011
- Figura 2 – pg 51. Diagrama da relação entre as diferentes escalas para análise do espaço público urbano da Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 3 – pg 61. Diagrama que relaciona os conceitos pesquisados. Autor (2011)
- Figura 4 – pg 68. Construção de cortina de concreto devido às freqüentes ressacas na década de 40. Fonte: Andréa Borde
- Figura 5 – pg 68. Construção do Interceptor Oceânico. Fonte:
http://www.fotolog.com.br/luiz_o/80906528
- Figura 6 – pg 73. Evolução da paisagem edificada na orla da Praia de Copacabana 1910-1986. Andréa Borde (1985). Desenho. Victor Burton Design
- Figura 7 – pg 82. Ônibus urbanos estacionados junto à ciclovia. Autor (2011)
- Figura 8 – pg 82. Pessoas jogando vôlei de praia no Posto 5. Autor (2011)
- Figura 9 – pg 82. Quiosques funcionando no horário noturno. Autor (2011)
- Figura 10 – pg 82. Palco sendo construído para a realização do Réveillon 2010
- Figura 11 – pg 85. Relação territorial entre as Avenida Atlântica (à esquerda) e a Avenida Presidente Vargas. Autor (2011)
- Figura 12 – pg 86. Relação entre os setores da morfologia urbana da Praia de Copacabana e os postos de salvamento na faixa de areia. Autor (2011)
- Figura 13 – pg 95. Posto de Salvamento nº 1 na Avenida Atlântica em 1930. Autor desconhecido (Ano desconhecido)
- Figura 14 – pg 95. Posto de Salvamento na Avenida Atlântica em 1919. Autor desconhecido. (Ano desconhecido)
- Figura 15 – pg 95. Ciclista pedalando na ciclovia da Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 16 – pg 98. Setor urbano da Praia de Copacabana na direção da Rua Prado Júnior. Autor (2011)
- Figura 17 – pg 98. Simulação das interações sociais no setor urbano da Praia de Copacabana. . Autor (2011)
- Figura 18 – pg 101. Trilhas molhadas na faixa de areia da Praia de Copacabana em um dia ensolarado. JUNIOR, Wilton/Agência Estado. Título não identificado. In – pg 00. _____. Comerciantes criam trilha para evitar que banhistas queimem os pés. G1. Rio de Janeiro. 10 10 Jan. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/01/comerciantes-criam-trilha-para-evitar-que-banhistas-queimem-os-pes.html> . Acesso em 08 Mai. 2011
- Figura 19 – pg 101. Barraca com bandeiras no Posto 5 da Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 20 – pg 101. Guarda-sóis ao redor dos quiosques construídos entre o calçadão e a faixa de areia. Software Google Earth (2011).

- Figura 21 – pg 101. Convergência de pessoas junto às barracas montadas na faixa de areia. Software Google Earth (2011).
- Figura 22 – pg 102. Projeção do tecido urbano do bairro de Copacabana sobre a Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 23 – pg 103. Calçadão à noite na altura do Posto 1. Autor (2011)
- Figura 24 – pg 103. Quiosques funcionando no horário noturno. Autor (2011)
- Figura 25 – pg 103. Praça do Lido à noite. Autor (2011)
- Figura 26 – pg 104. Pessoas jogando futebol na faixa de areia à noite. Autor (2011)
- Figura 27 – pg 104. Veículo fazendo a limpeza da faixa de areia à noite. Autor (2011)
- Figura 28 – pg 104. Grupo de pessoas reunidas à noite na faixa de areia. Autor (2011)
- Figura 29 – pg 104. Porta de clube noturno na Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 30 – pg 104. Restaurantes no calçadão funcionando à noite. Autor (2011)
- Figura 31 – pg 104. A Avenida Atlântica recebe menos veículos à noite. Autor (2011)
- Figura 32 – pg 108. Alteração na forma do solo organizando altar religioso. Autor (2011)
- Figura 33 – pg 108. Tubulação hidráulica sob areia. Autor (2011)
- Figura 34 – pg 108. Tubulação elétrica sob areia. Autor (2011)
- Figura 35 – pg 108. Caixas adaptadas com rodas. Autor (2011)
- Figura 36 – pg 108. Gravação de noticiário televisivo. Autor (2011)
- Figura 37 – pg 108. Calçadão sendo usado como espaço para descarga de objetos. Autor (2011)
- Figura 38 – pg 108. Presença de contêineres e grades na faixa de areia. Autor (2011)
- Figura 39 – pg 108. Relação dos geradores de energia com calçadão. Autor (2011)
- Figura 40 – pg 108. Estacionamento de caminhões junto à ciclovia. Autor (2011)
- Figura 41 – pg 108. Montagem de equipamentos de som e a venda de produtos artesanais no calçadão. Autor (2011)
- Figura 42 – pg 108. Montagem de torre de holofotes com manuseabilidade do solo por 2 rapazes. Autor (2011)
- Figura 43 – pg 108. Estruturas apoiadas na faixa de areia e cercadas com grades. Autor (2011)
- Figura 44 – pg 108. Arquibancada construída com andaimes. Autor (2011)
- Figura 45 – pg 108. Fixação de grades na faixa de areia. Autor (2011)
- Figura 46 – pg 108. Grades limitando acessos. Autor (2011)
- Figura 47 – pg 108. Apoio das estruturas de arquibancadas na faixa de areia. Autor (2011)
- Figura 48 – pg 108. Cobertura montada para ocasião religiosa. Autor (2011)
- Figura 49 – pg 108. Torre metálica suportando caixas de sonorização. Autor (2011)
- Figura 50 – pg 108. Estrutura de suporte da tela de projeção. Autor (2011)
- Figura 51 – pg 108. Postos de atendimento médico. Autor (2011)
- Figura 52 – pg 108. Palco com cobertura esférica entre estruturas retangulares. Autor (2011)
- Figura 53 – pg 108. Saco de areia apoiando haste da cobertura do quiosque no calçadão. Autor (2011)

- Figura 54 – pg 108. Bomba hidráulica apoiada em cadeira de praia. Autor (2011)
- Figura 55 – pg 108. Palco construído para o Réveillon 2010. Autor (2011)
- Figura 56 – pg 108. Anúncio publicitário apoiado sobre estrutura de suporte das caixas de sonorização. Autor (2011)
- Figura 57 – pg 108. Tela de projeção montada na Avenida Atlântica. Autor (2011)
- Figura 58 – pg 108. Estrutura metálica em fase de montagem. Autor (2011)
- Figura 59 – pg 114. Vendedores descarregam coco no Arpoador. FOLETTTO, Márcia/O Globo. Sem título. O Globo. Rio de Janeiro. Caderno Em Foco. Série Amanhecer no Rio – 07/04. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/fotogaleria/2011/14222/> Acesso em 25 Mai. 2011.
- Figura 60 – pg 114. Homem carrega material para montar a barraca. FOLETTTO, Márcia/O Globo. Sem título. O Globo. Rio de Janeiro. Caderno Em Foco. Série Amanhecer no Rio – 07/04. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/fotogaleria/2011/14222/> Acesso em 25 Mai. 2011.
- Figura 61 – pg 114. Jovens se exercitando em aparelho no calçadão. FOLETTTO, Márcia/O Globo. Sem título. O Globo. Rio de Janeiro. Caderno Em Foco. Série Amanhecer no Rio – 07/04. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/fotogaleria/2011/14222/> Acesso em 25 Mai. 2011.
- Figura 62 – pg 114. Homem prepara material para pesca. FOLETTTO, Márcia/O Globo. Sem título. O Globo. Rio de Janeiro. Caderno Em Foco. Série Amanhecer no Rio – 07/04. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/fotogaleria/2011/14222/> Acesso em 25 Mai. 2011.
- Figura 63 – pg 116. Quiosque no calçadão. Autor (2011)
- Figura 64 – pg 116. Barraca na faixa de areia. Autor (2011)
- Figura 65 – pg 116. Vendedores de bebidas com suporte físico improvisado. Autor (2011)
- Figura 66 – pg 116. Vendedores de artesanato no calçadão. Autor (2011)
- Figura 67 – pg 117. Vendedor ambulante de chapéus. Autor (2011)
- Figura 68 – pg 117. Conceitos de análise da atividade econômica na Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 69 – pg 120. Setorização dos grupos sociais na Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 70 – pg 120. Cinco pessoas surfando em pé próximo ao Forte de Copacabana, no Posto 6. Autor (2011)
- Figura 71 – pg 121. Percurso do emissário submarino. O trajeto vem pela Avenida Princesa Isabel, percorre os postos 2, 3, 4 e 5, indo em direção à Ipanema. Autor (2011)
- Figura 72 – pg 126. Pessoas na areia enquanto a Parada Disney desfila na Avenida Atlântica. Autor (2011)
- Figura 73 – pg 127. Pessoas assistindo a queima de fogos de artifício na faixa de areia da Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 74 – pg 132. Velas acesas em buracos na faixa de areia da Praia de Copacabana. Autor (2011)
- Figura 75 – pg 133. Diagrama da linha do tempo dos principais fatos que marcaram a história do Réveillon na Praia de Copacabana. Autor (2011)

Figura 76 – pg 134. Nadadores competindo na Travessia dos Fortes 2010. Autor (2011)

Figura 77 – pg 137. Faixa de areia enquanto a Parada Disney acontecia na Avenida Atlântica. Autor (2011)

Figura 78 – pg 137. Concentração de pessoas junto à grade esperando a parada musical começar. Autor (2011)

Figura 79 – pg 137. Ciclovía com grades. Autor (2011)

Figura 80 – pg 137. Trânsito de bicicletas e pessoas na faixa de rolamento. Autor (2011)

Figura 81 – pg 145. Corrente humana e corda com bóia na competição aquática Travessia dos Fortes 2010. Autor (2011)

Figura 82 – pg 148. Esquema de reverberação do som na fachada dos edifícios durante o evento. Autor (2011)

Figura 83 – pg 148. Apropriação da Praia de Copacabana pelo público espectador. Autor (2011)

Figura 84 – pg 148. Visibilidade ideal para apreciar o evento sem o bloqueio visual dos espectadores. Autor (2011)

Figura 85 – pg 148. Rebaixo na areia impediu a visibilidade de alguns espectadores. Autor (2011)

Figura 86 – pg 153. Mulher se alimentando sentada no chão do calçadão central. Autor (2011)

Figura 87 – pg 170. Lara Beach, Turquia. Software Google Earth (2011)

Figura 88 – pg 170. Tel Aviv Beach, Israel. Software Google Earth (2011)

Figura 89 – pg 170. Amager Beach, Dinamarca. Software Google Earth (2011)

Figura 90 – pg 170. Ribersborg Beach, Suécia. Software Google Earth (2011)

Figura 91 – pg 170. Praia de Copacabana, Brasil. Software Google Earth (2011)

Figura 92 – pg 170. Lara Beach: Píer e cadeiras de praia preparadas para receber os hóspedes do hotel. Autor (2011)

Figura 93 – pg 170. Conjunto de vistas do calçadão e da faixa de areia da Praia de Tel Aviv. Autor (2011)

Figura 94 – pg 170. Conjunto de vistas da faixa de areia e do parque verde em *Amager Beach*. Autor (2011)

Figura 95 – pg 170. Conjunto de vistas de *Ribersborg Beach*. Autor (2011)

Figura 96 – pg 170. Conjunto de vistas da Praia de Copacabana.

Figura 97 – pg 171. Slide 1

Figura 98 – pg 171. Slide 2

Figura 99 – pg 171. Slide 3

Figura 100 – pg 171. Slide 4

Figura 101 – pg 171. Slide 5

Figura 102 – pg 171. Slide 6

Figura 103 – pg 172. Slide 7

Figura 104 – pg 172. Slide 8

Figura 105 – pg 172. Slide 9

Figura 106 – pg 172. Slide 10
Figura 107 – pg 172. Slide 11
Figura 108 – pg 172. Slide 12
Figura 109 – pg 173. Slide 13
Figura 110 – pg 173. Slide 14
Figura 111 – pg 173. Slide 15
Figura 112 – pg 173. Slide 16
Figura 113 – pg 173. Slide 17
Figura 114 – pg 173. Slide 18
Figura 115 – pg 174. Slide 19
Figura 116 – pg 174. Slide 20
Figura 118 – pg 174. Slide 21
Figura 117 – pg 174. Slide 22
Figura 119 – pg 174. Slide 23
Figura 120 – pg 174. Slide 24
Figura 121 – pg 175. Slide 25
Figura 122 – pg 175. Slide 26
Figura 123 – pg 175. Slide 27
Figura 124 – pg 175. Slide 28
Figura 125 – pg 175. Slide 29
Figura 126 – pg 175. Slide 30
Figura 127 – pg 176. Slide 31
Figura 128 – pg 176. Slide 32
Figura 129 – pg 176. Slide 33
Figura 130 – pg 176. Slide 34
Figura 131 – pg 176. Slide 35
Figura 132 – pg 176. Slide 36
Figura 133 – pg 177. Slide 37
Figura 134 – pg 177. Slide 38
Figura 135 – pg 177. Slide 39

Obs.: O banco de imagens completo desta pesquisa encontra-se disponível no endereço eletrônico <https://picasaweb.google.com/116235346462700081770/PraiaDeCopacabanaCopacabanaSBeach?authuser=0&feat=directlink>. Optamos por este espaço virtual pois não haveria espaço suficiente nesta dissertação para a publicação de todas as imagens registradas durante a pesquisa.

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1 – p. 68. Centro e Zona Sul Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. 2007. Disponível em: http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/2170_folha18_centro%20e%20zona%20sul.JPG. Acesso em 24 Mai. 2010
- Mapa 2 – p. 84. Análise morfológica da Praia de Copacabana segundo os elementos indicados por LYNCH (1985): vias, limites, setores, pontos nodais e marcos. Fonte: Autor (2011)
- Mapa 3 – p. 105. Mapa de análise das atividades praticadas no espaço público urbano da Praia de Copacabana. Fonte: Autor (2011)
- Mapa 4 – p. 116. Mapa de análise das atividades praticadas no trecho da Praia de Copacabana que corresponde ao Setor 1, o bairro do Leme. Fonte: Autor (2011)
- Mapa 5 – p. 139. Mapa de análise das atividades praticadas na Praia de Copacabana durante a Parada Musical Momentos Mágicos Disney. Fonte: Autor (2011)
- Mapa 6 – p. 142. Mapa de análise das atividades praticadas na Praia de Copacabana durante o Réveillon. Fonte: Autor (2011)
- Mapa 7 – p. 146. Mapa de análise das atividades praticadas na Praia de Copacabana durante a Travessia dos Fortes. Fonte: Autor (2011)
- Mapa 8 – p. 147. Mapa de análise das atividades praticadas no Posto 6 da Praia de Copacabana durante a Travessia dos Fortes. Fonte: Autor (2011)

Obs. : A base do desenho do mapa do bairro de Copacabana para elaboração destes mapas foi gentilmente cedida por Tiago Leitman. (2009)

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – pg 25: Acontecimentos visitados durante a pesquisa de campo direcionada.
- Quadro 2 – pg 40: Relação entre os conceitos de espaço público do referencial teórico-metodológico pesquisado.
- Quadro 3 – pg 50: Relações de paralelismo entre os conceitos de escala do referencial teórico-metodológico pesquisado.
- Quadro 4 – pg 51: Relação entre áreas e escalas de análise no espaço público urbano da Praia de Copacabana.
- Quadro 5 – pg 62: Quadro síntese para o sistema de ações / sistema de objetos.
- Quadro 6 – pg 62: Conceitos pesquisados para análise do sistema de ações e do sistema de objetos.
- Quadro 7 – pg 63: Quadro de conceitos para análise do sistema de ações.
- Quadro 8 – pg 64: Quadro de conceitos para análise do sistema de objetos.
- Quadro 9 – pg 65: Quadro resumo que relaciona os conceitos pesquisados para a pesquisa do tema eventos no espaço público urbano.
- Quadro 10 – pg 71-72: Quadro Sinótico – Praia de Copacabana (1800-2011).
- Quadro 11 – pg 89: Caracterização dos setores da Praia de Copacabana pela morfologia do tecido urbano.
- Quadro 12 – pg 96: Relação entre as atividades sociais e os limites morfológicos da Praia de Copacabana.
- Quadro 13 – pg 97: Relação entre atividades sociais praticadas na Praia de Copacabana.
- Quadro 14 – pg 115: Relação entre os conceitos de frequência da atividade econômica.
- Quadro 15 – pg 116-117: Descrição e exemplos de suportes físicos utilizados para atividade econômica na Praia de Copacabana.
- Quadro 16 – pg 118: Exemplos de personagens que exercem atividade econômica na Praia de Copacabana.
- Quadro 17 – pg 118: Relação entre os personagens e os conceitos de análise da atividade econômica na Praia de Copacabana.
- Quadro 18 – pg 123: Identificação dos setores pelas atividades sociais na Praia de Copacabana.
- Quadro 19 – pg 125: Relação entre os critérios adotados para pesquisa e os eventos escolhidos
- Quadro 20 – pg 165: Eventos visitados durante a pesquisa exploratória em 2009.
- Quadro 21 – pg 169: Quadro comparativo das características morfológicas das 4 praias visitadas e a Praia de Copacabana.

INTRODUÇÃO

A Praia de Copacabana é um espaço público composto por múltiplos espaços que organizam uma intrincada rede de lugares, onde se desenvolvem práticas espaciais e atividades específicas, tais como o banho de mar, passeios e práticas esportivas associadas ao usufruto de sua orla. Estes lugares participam intensamente da construção da identidade carioca associada ao lazer e à cultura. A Praia de Copacabana é um dos ícones urbanos¹ cariocas mais notáveis no país e no exterior.

Nas últimas décadas, a Praia de Copacabana vem ganhando lugar de destaque na dinâmica urbana carioca como palco privilegiado para diversos eventos periódicos ocorridos regularmente. Atualmente, em um único verão, observam-se comemorações, manifestações artísticas e eventos, predominantemente, comerciais ocorrendo simultaneamente em diferentes pontos da Praia. Neste sentido, esses novos eventos, tais como, arenas esportivas, desfiles ao longo da orla, exposições temporárias, circuitos de corrida e concertos musicais, estariam participando intrinsecamente da definição atual da Praia de Copacabana como um espaço público. O que nos conduz à questão: Até que ponto a realização de tais eventos estariam participando da morfologia urbana desta Praia? Estariam eles atuando como importantes elementos da identidade social e cultural da Praia de Copacabana?

A Praia de Copacabana recebe durante a realização de eventos diferentes configurações espaciais, realçando a rica polivalência de seus elementos urbanos: vias de automóveis muitas vezes são fechadas, transformando-se em uma extensão do calçadão, beneficiando os pedestres; bancos e árvores são usados de modos distintos de sua função original e os usos cotidianos existentes na faixa de areia são transferidos de um lugar ao outro. É possível considerar a atuação dos eventos como indutores da manutenção e diversificação dos usos no espaço público.

Estes eventos geralmente são realizados pela iniciativa privada através da licença de uso temporário do espaço público; elas encarregam-se de conformar o espaço para que possa realizar o evento de seu interesse. Na apropriação da Praia de Copacabana por esses eventos, novas territorialidades vão se estabelecendo através dos novos limites físicos (cercas, portais, arquibancadas, grades, cordas, boias, faixas, geradores, redes, anúncios, ambulâncias, postos de transmissão e filmagem). Esta expressiva quantidade de equipamentos temporários constitui-se em um obstáculo para o deslocamento do

¹ Consideramos como ícone urbano, um signo que possui caráter sintetizador de um conjunto de forças que existem na cidade. Ver BORDE (2001, p.3)

cidadão ao longo da Praia de Copacabana; um espaço público que, anteriormente ao evento, poderia ser identificado por qualidades espaciais como “aberto”, “democrático” e de “livre uso”. Questionamos sobre a realização destes eventos privados no espaço público e levantamos a hipótese: **na ocorrência de eventos, o espaço público adquiriria uma outra relação: espaço privado e de uso coletivo.**

Com o interesse em aprofundar nosso estudo no tema de eventos no espaço urbano, iremos a partir deste momento estudar os conceitos de evento e de acontecimento, conceitos que serão discutidos à luz do referencial teórico metodológico pesquisado. Desta maneira, pretendemos elucidar o uso destes conceitos em nossa pesquisa.

OS EVENTOS

O conceito evento tem sido usado atualmente para designar ações relacionadas à festividades. Isto é observado quando durante a pesquisa em nosso referencial teórico-metodológico, o conceito está relacionado às exposições universais e aos jogos olímpicos (CARDOSO (2008)). Outra relação que poderia nos interessar é o conceito de megaeventos, usado por RODRIGUES (2008) para designar os grandes eventos esportivos como, por exemplo, a Copa do Mundo de Futebol. Iniciaremos nossa discussão trazendo uma conceituação científica do termo evento e, no decorrer da dissertação, alimentaremos o uso deste conceito quando entrarmos no estudo do espaço urbano da cidade pós-moderna, tratado especialmente na leitura dos textos de HARVEY (1992) que, utiliza-se deste conceito para tratar de ações esporádicas relacionadas ao entretenimento.

Para a análise do conceito evento iremos nos referenciar a HARVEY (1992), SANTOS (1996) e SERRA (2006), para os quais o evento é, antes de mais nada, uma ação realizada no espaço e no tempo presente e, SONTAG (2007)², que apresenta o conceito de acontecimento propondo uma relação de posição observador para o pesquisador do evento.

Para HARVEY (1992), os eventos seriam um dos produtos a serem consumidos pela massa cultural. Para este geógrafo os eventos, assim concebidos seriam ações espetaculares e de curta temporalidade realizadas no espaço urbano. O autor aponta os serviços de “diversão, de espetáculos, eventos e distrações” como uma tendência de consumo na Era Econômica Pós-Moderna.

² Se considerarmos as versões originais das obras a que nos referenciamos aqui, HARVEY [1989], SANTOS [1996], SERRA [2006] e SONTAG [1977], veremos que esta antecede às demais e, portanto, o conceito de acontecimento utilizado pela autora antecede a discussão do conceito de eventos utilizado pelas referências bibliográficas das décadas seguintes.

SANTOS (1996) sublinha como partes integrantes da natureza essencial do conceito evento, a singularidade _ “os eventos não se repetem” (...) “os eventos são, pois, todos novos” _ a historicidade _ “o evento é sempre presente” (...) “Os eventos são atuais, absolutos, individualizados, finitos, sucessivos” _ e a participação no processo de transformação do espaço urbano_ “os eventos mudam as coisas, transforma os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características”. Para SANTOS (1996), o conceito evento é indissociável da relação espaço-tempo e identificado com o tempo presente, a finitude e a não repetição. Ou ainda de forma sintética: “evento é ‘um instante do tempo e um ponto do espaço’”³.

É interessante destacar que a *singularidade*⁴ é um dos atributos necessários de um ícone urbano. Ou seja, haveria uma possibilidade de que, caso outros fatores estivessem presentes, tais como periodicidade, permanência, entre outros, poderíamos considerar não apenas o Copacabana Palace, ou outras edificações singulares, históricas e com participação na transformação do espaço urbano mas, também, determinados eventos que ocorrem no espaço público da Praia de Copacabana como, o Réveillon, como um ícone urbano carioca.

SERRA (2006), por sua vez, dirigindo-se especificamente, aos pesquisadores da arquitetura e do urbanismo, considera que todo objeto é um evento se for considerado a dimensão temporal, que pode ser longa ou curta, dependendo do referencial. Para exemplificar esta relação, SERRA utiliza o exemplo de um edifício e sua relação com o processo de observação científica:

*“De fato, se observamos um edifício por pouco tempo somos inclinados a considerá-lo um objeto, mas na história da arquitetura ele é de fato um evento. Assim, quando preferimos usar a palavra evento para designar aquilo que nos preocupa, estamos enfatizando o seu caráter temporal, enquanto que a palavra objeto parece designar algo que está fora do tempo (como se isso fosse possível...) ou no qual o decorrer do tempo não é muito importante.”*⁵

Ao tratar do evento científico, SANTOS (1996) apresenta dois conceitos que referem-se à escala de análise do fato observado. O autor apresenta dois momentos no qual um evento pode ser observado, o primeiro é o seu momento inicial e, o segundo, o ápice de sua manifestação. Nesta relação, o autor apresenta os conceitos de escala de origem e escala de impacto.

*“A noção de escala se aplica aos eventos segundo duas acepções. A primeira é a escala da “origem” das variáveis envolvidas na produção do evento. A segunda é a escala do seu impacto, de sua realização”*⁶

³ SANTOS, 1996, 115 p.

⁴ Sublinhada por SANTOS (1996) e SERRA (2006) como uma das características dos eventos também seria um das características do conceito de ícone urbano apresentado por BORDE (2001)

⁵ SERRA, 2006, 25 p.

⁶ SANTOS, 1996, 121 p.

No caso de nosso objeto de estudo, os eventos no espaço público, optamos por eleger a escala de impacto como escala primordial de análise. Desta maneira, consideramos os eventos na Praia de Copacabana no momento ápice de sua realização, a fim de analisar as possíveis formas de apropriação deste espaço público.

SONTAG (2007) apresenta em seu livro “Sobre Fotografia”, a relação que a fotografia mantém aos registrar determinado evento. Para a autora, o evento teria uma relação de ineditismo enquanto que, a fotografia de repetição e perpetuação do evento. SONTAG (2007) complementa comentando a impossibilidade da fotografia em mostrar o evento tal como ocorreu, mas atribui à esta, a função de repercutir parcialmente o evento em canais de comunicação como, por exemplo, os noticiários jornalísticos: *"Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria"*⁷. A fotografia transforma, assim, o evento em acontecimento. O conceito de “acontecimento” apresentado por SONTAG (2007) mantém a relação de um fato ocorrido em um tempo passado com outro que está ocorrendo em um tempo presente. Este conceito seria utilizado como conceito auxiliar na nossa metodologia de análise. Compreendemos, assim, nesta pesquisa, os eventos no espaço público, como acontecimentos singulares, dotados de historicidades e com participação na transformação do espaço urbano.

Ao elegermos o acontecimento como conceito auxiliar para tratar os eventos na Praia de Copacabana, enfatizamos assim, o caráter finito dos eventos realizados no espaço público urbano. Desta maneira, compreenderemos o conceito de eventos como uma ação espetacular no espaço urbano e, optaremos pelo uso do conceito evento como sendo exclusivamente referente a um objeto observado sob fins científicos.

No estudo da dimensão temporal sobre os conceitos de análise em nossa pesquisa, abordamos o conceito permanência como relação incidente sobre os elementos urbanos que, podem apresentar curta ou longa temporalidade e, abordamos o conceito de acontecimento relacionado ao evento urbano tal como fato ocorrido.

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A nossa motivação inicial era pesquisar os “eventos no espaço público”, ainda sem um recorte geográfico mais específico. Sabíamos que queríamos trabalhar com pesquisa de campo, o que já delimitava, de certa maneira, o nosso recorte temporal. Para o estudo do tema eventos no espaço

⁷ SONTAG, 2007, 22 p.

público, a Praia de Copacabana mostrou-se como excelente oportunidade para estudar o nosso objeto e sua relação com o espaço urbano carioca. A relação de singularidade que a Praia de Copacabana possui no contexto sócio-econômico e na dinâmica urbana carioca, colocam este espaço público em lugar de destaque frente à outros espaços urbanos do Brasil e, por que não dizer, do mundo. Dentre algumas características que este espaço público urbano possui, está o fato da Praia de Copacabana se colocar como a “imagem síntese” da “*Cidade Maravilhosa*”⁸ e, ser conhecida popularmente com “a *princesinha do mar*”⁹. Seu espaço público, associado ao belo calçadão com o desenho idealizado por Burle Marx é reconhecido internacionalmente e projetou a imagem desta praia para o mundo. A Praia de Copacabana, a “mais bela praia urbana do mundo”¹⁰, tem associada ao seu espaço público urbano, a prática de atividades de esporte e lazer, o que faz com que este espaço também possa ser reconhecido como símbolo urbano relacionado ao prazer, ao bem-estar e sinônimo de qualidade de vida. A construção deste espaço público urbano foi acelerada nos anos 40 e 50, período em que a “modernismo” representava os valores de uma sociedade urbana progressista. É deste período grande parte dos edifícios que se encontram junto à orla marítima e, caracterizam a fisionomia urbana da Praia de Copacabana com a existência dos altos edifícios que, caracterizam o adensamento populacional que o bairro recebeu. A reunião destas características colaborou para fazer com que a Praia de Copacabana seja foco de atenções, aumentando a visibilidade que este espaço urbano possui e, logo, se tornar espaço de interesse para receber diversos eventos culturais, entre eles, o “mais belo réveillon do mundo”¹¹. A Praia de Copacabana também recebe destaque internacional por ter sido sede para inúmeros campeonatos esportivos mundiais, entre eles, os Jogos Pan-americanos 2007. Compreendemos o potencial de visibilidade que a Praia de Copacabana possui e incluímos em nossa pesquisa de campo, os eventos que nela estavam sendo realizados. A escolha pela Praia de Copacabana como estudo de caso, no entanto, ocorreu ao longo do processo de pesquisa quando, a fim de delimitar o objeto de estudo, foram visitados alguns acontecimentos no espaço público da cidade do Rio de Janeiro. Foram selecionados acontecimentos que participavam dos nossos percursos cotidianos, tais como a Blitz da Fé, na Praça São João e o Cineclube Olho (MAC), ambos em Niterói; a Feira de Antiguidades da Praça XV, no Centro do Rio de Janeiro; e a Parada Disney e Nescau Festival, ambos em Copacabana, no Rio de Janeiro. Esta fase, que denominamos de pesquisa exploratória, se,

⁸ *Cidade Maravilhosa* é o título da marchinha de carnaval composta por André Filho em 1934.

⁹ Este adjetivo foi atribuído por Nana Caymmi na canção *Copacabana*.

¹⁰ _____. “Copacabana é eleita praia mais bonita do mundo”. O Globo. Rio de Janeiro. 19 Jun. 2007. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/06/19/296427310.asp>. Acesso em 27 Fev. 2009.

¹¹ _____. Top 10 places to celebrate New Year's eve. International Business Times. 25 Dez. 2010. Disponível em: <http://www.ibtimes.com/articles/95182/20101225/new-year-parties-new-year-celebrations-2011-new-year-s-eve-parties-top-10-places-for-new-year-party.htm#ixzz1LOldYszj>. Acessado em 04Mai.2011.

por um lado, careceu de certo rigor metodológico, por outro, trouxe ricas contribuições do ponto de vista do conhecimento empírico do objeto de estudo¹².

A partir desta pesquisa exploratória definiu-se, em conjunto com professores, alunos e orientadores, a Praia de Copacabana como recorte geográfico da nossa pesquisa sobre “eventos” no espaço público carioca. Entre os fatores que pesaram, devido principalmente à quantidade e a frequência dos eventos realizados em seu espaço urbano. Delimitamos o nosso recorte da Praia de Copacabana ao trecho que compreende desde a fachada dos edifícios da Avenida Atlântica até o litoral, passando pelas faixas de rolamento, os três calçadões (próximos aos edifícios, entre as faixas e próximo à praia) e a faixa de areia da praia até o mar. Este recorte incluiu toda a enseada de Copacabana, do Forte de Copacabana ao Forte do Leme, incluindo os bairros de Copacabana e Leme.

O próximo passo foi a delimitação do que compreendíamos como “eventos”, pois, mesmo na pesquisa exploratória eles já despertavam uma certa discussão: se seriam periódicos, móveis, permanentes, etc.

No estudo do conceito eventos, nos detivemos à sua aplicação temporizada, relacionada às festividades e aos mega eventos esportivos que são realizados nas grandes cidades contemporâneas. Recorreremos também, ao estudo do conceito acontecimento e optamos por adotá-lo como um conceito auxiliar nesta dissertação, uma vez que combina diferentes aspectos temporais, tratando o conceito evento como um fato ocorrido em um tempo passado.

Considerando a diversidade de formas de apropriação do espaço público, a quantidade e a diversidade de eventos observadas na Praia de Copacabana, optamos por analisar nesta pesquisa acontecimentos que ocorressem em: (a) diferentes espaços físicos (calçados, faixa de areia, faixa de rolamento); (b) diferentes períodos do dia; (c) não se restringissem a apenas algumas espacialidades da Praia de Copacabana. Buscamos, assim, diversificar o leque de eventos estudados, a partir das diferentes características observadas de ocupação do espaço urbano da Praia de Copacabana.

Alguns eventos que ocorriam naquele momento (Verão 2009/2010)¹³, que atendiam a estes critérios, como a Parada Musical Momentos Mágicos Disney, o Réveillon e a Competição Travessia dos Fortes, constituíram-se os nossos objetos de análise para investigar os eventos no espaço público da Praia de Copacabana.

¹² Ver anexo 1 – Pesquisa Exploratória

¹³ Esta estação que começa em 21/12 e vai até 20/03, e que no Rio de Janeiro é comumente ampliada para novembro, em razão do calor que já se faz sentir neste mês, e, provavelmente, para ampliar o calendário turístico, tem uma importância fundamental no calendário de eventos da Praia de Copacabana, como veremos no capítulo 4.

EVENTOS VISITADOS NA PESQUISA DE CAMPO								
	Início	Término	Nome do Evento	Sazonalidade	Período	Público Estimado	Espaço Adequado	Escala
1	17h	4h	"Feirinha de Artesanato da Help";	Diariamente	Tarde / Noite / Madrugada	Informação não acessível	Calçadão central	Rua
2	9h Domingo, 29/Nov. 2009	13h Domingo, 29/Nov. 2009	Parada musical "Momentos Mágicos Disney";	Único	Tarde	350.000 pessoas ¹⁴	Calçadões e Faixa de rolamento	Cidade
3	9h Domingo, 13/Dez. 2009	17h Domingo, 13/Dez. 2009	"Circuito de Corrida e Caminhada da Longevidade";	Único	Manhã	5.000 pessoas ¹⁵	Faixa de rolamento junto à Praia e ponto na faixa de areia	Cidade
4	16h Terça-feira 29/Dez. 2009	21h Terça-feira 29/Dez. 2009	"Festa de Iemanjá do Mercadão de Madureira";	Anualmente	Tarde / Noite	15.000 Pessoas ¹⁶	Faixa de areia	Bairro
5	21h Quinta-feira, 31/Dez. 2009	5h Sexta-feira, 01/Jan. 2010	Réveillon 2010;	Anualmente	Manhã / Tarde / Noite / Madrugada	2.000.000 Pessoas ¹⁷	Toda a Praia de Copacabana	Cidade
6	10h Domingo, 31/Jan. 2010	11h Domingo, 31/Jan. 2010	Desfile "Os Grandes Veleiros Rio 2010";	Único	M	Informação não acessível	Faixa de mar	Cidade
7	9h Sábado, 06/Fev. 2010	18h Sábado, 06/Fev. 2010	Tenda "Paixão pelo Rio TAM";	Anualmente	Manhã / Tarde	Informação não acessível	Ponto na faixa de areia	Rua
8	15h Sábado, 13/Fev. 2010	19h Sábado, 13/Fev. 2010	Bloco de Carnaval "Banda da Bolívar";	Anualmente	Tarde	Informação não acessível	Ponto na faixa de rolamento	Rua
9	9h Domingo, 04/Abr. 2010	14h Domingo, 04/Abr. 2010	Tenda Michelin "Praia para Todos";	Único	Manhã / Tarde	Informação não acessível	Ponto no calçadão da Praia e na faixa de areia	Rua
10	9h Domingo, 04/Abr. 2010	14h Domingo, 04/Abr. 2010	Competição "Travessia dos Fortes".	Anualmente	Manhã / Tarde	3.500 Participantes ¹⁸	Mar e pontos na faixa de areia	Cidade

Quadro 1 : Eventos visitados durante a pesquisa de campo direcionada

¹⁴ VIANA, Rodrigo. Parada Disney leva música e dança para 350 mil pessoas em Copacabana. G1. Rio de Janeiro, 29 Nov. 2009. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1396464-5606,00-PARADA+DISNEY+LEVA+MUSICA+E+DANCA+PARA+MIL+PESSOAS+EM+COPACABANA.html> Acesso em 24 Mai. 2011

¹⁵ _____. Rio de Janeiro recebe 21ª etapa do Circuito da Longevidade. Publicado em 12/Dez./2009. Disponível em <http://www.minhasinscricoes.com.br/rotinas/noticia/noticia.aspx?keycode=dec0ef1c-c0cc-4264-a349-fe1608090752&idn=203&pg=1&Plv=>. Acessado em: 07/Nov./2010

¹⁶ _____. Carreata para Iemanjá vai de Madureira até a Praia de Copacabana. SRZD Online. Publicado em 26/Dez./2008. <http://www.sidneyrezende.com/noticia/25917+carreata+para+iemanja+vai+de+madureira+ate+a+Praia+de+Copacabana>. Acessado em: 07/Nov./2010

¹⁷ KAPPEN, Patrícia; CLARK, Daniella. Festa em Copacabana reúne 2 milhões, diz PM. G1.globo.com. Disponível em <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1431901-17815,00-REVEILLON+EM+COPACABANA+NAO+TEM+REGISTRO+DE+CASOS+GRAVES+DIZ+SECRETARIA.html>. Acesso em 20/11/2010.

¹⁸ _____. Travessia dos Fortes tem 3,5 mil participantes. RJTV Online. Publicado em 05/Abr./2010. Disponível em <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL1556920-9101,00.html>. Acessado em: 07/Nov./2010

Era necessário, ainda, estabelecermos como realizaríamos esta pesquisa de campo, de que forma coletaríamos, sistematizaríamos e analisaríamos os dados. A etapa de pesquisa de campo compreendeu o registro de diversos acontecimentos através de croquis, fotografias, vídeos e anotações de observações pessoais. A análise gráfica, mapeamento e fotomontagens digitais foram instrumentos utilizados para uma primeira análise dos dados levantados. Iniciamos um primeiro processo de análise da morfologia dos acontecimentos e da morfologia urbana.

A visitação à Praia de Copacabana sob a realização de diferentes acontecimentos, levou-nos a questionar a forma como estes são realizados em seu espaço público. Estes acontecimentos de naturezas, escalas, patrocinadores e objetivos diversos, exigiu uma pesquisa histórica e um levantamento bibliográfico e iconográfico no que concerne à construção histórica deste lugar, aos seus aspectos sociais, econômicos e urbanos.

A construção do referencial teórico-metodológico compreendeu, essencialmente, a pesquisa das bibliografias de SANTOS (1996) e LYNCH (1985). SANTOS (1996) contribuiu essencialmente com a metodologia de pesquisa para o sistema de ações e de objetos. Recorremos à LYNCH (1985) e sua metodologia de análise da imagem da cidade, através de 5 elementos urbanos principais: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Durante a pesquisa destes referenciais, recorremos à outros teóricos que nos alimentaram com suas metodologias de pesquisa do espaço urbano. Nos servimos de: PANERAI (1986) para o estudo do tecido urbano e para a metodologia de análise das práticas socioespaciais; ROSSI (1995) para o estudo de conceitos relacionados a monumentos e edifícios; HARVEY (1992) para contextualizar a dinâmica econômica na qual estão inseridos os eventos; ASCHER (2008) que trouxe conceitos preciosos a respeito das qualidades valorizadas nos espaços públicos das grandes cidades e HAYDN (2006) que apresenta conceitos para o estudo dos espaços urbanos temporários.

Sobre a estrutura da dissertação, optamos por dividi-la em 4 capítulos:

O Capítulo 1 trata principalmente da construção do referencial teórico-metodológico que nos guiará pelo restante da dissertação. A primeira parte do capítulo aborda conceitos relacionados ao contexto econômico pós-moderno. Esta parte aborda temas que são pertinentes ao estudo dos eventos nos espaços públicos urbanos. A segunda parte do capítulo trata da divisão do espaço urbano em dois sistemas: o sistema de objetos e o sistema de ações. Relacionamos estes sistemas respectivamente às metodologias de análise dos elementos urbanos de LYNCH (1985) e de análise das práticas sociais

de PANERAI (1986). Para a terceira parte, abordamos o aspecto temporal dos elementos urbanos através do estudo do conceito de eventos.

O Capítulo 2 trata exclusivamente da morfologia urbana da Praia de Copacabana. Este capítulo abordará o processo histórico de formação da orla marítima e, a construção de imagens sínteses da Praia de Copacabana que estão relacionadas ao conceito de espaço público. Nos utilizaremos da metodologia apresentada por LYNCH (1985) para analisar o espaço público urbano da Praia de Copacabana através de seus elementos principais, sejam eles a faixa de areia, o mar, os calçadões e os edifícios de sua orla marítima.

O Capítulo 3 aborda a espacializações da práticas sociais no espaço público urbano da Praia de Copacabana. Neste capítulo vamos compreender os limites morfológicos da praia e a relação que possuem com as atividades que recebem. Na segunda parte deste capítulo vamos nos aprofundar em três conceitos que qualificam as práticas sociais no espaço público da Praia de Copacabana. São eles: *a vocação ao prazer, a atividade econômica e as grupos sociais* da faixa de areia.

No Capítulo 4 discorreremos sobre os 3 eventos realizados no espaço público urbano da Praia de Copacabana. A Parada Musical Momentos Mágicos Disney, o Réveillon e a Travessia dos Fortes são analisados em relação à morfologia urbana da Praia de Copacabana. Neste capítulo compreenderemos a dinâmica urbana de transformação que o espaço público da Praia de Copacabana sofre durante o acolhimento destes eventos.

Concluindo a pesquisa, apresentaremos considerações finais sobre as questões levantadas e, esperamos que elas possam servir para outras pesquisas que venham posteriormente à esta.

CAPÍTULO

**1. EVENTOS NOS
ESPAÇOS PÚBLICOS
DAS GRANDES
CIDADES
CONTEMPORÂNEAS**

Neste capítulo, vamos abordar conceitos que nos guiarão pelo estudo do tema eventos no espaço público urbano. Através do referencial teórico-metodológico pesquisado, compreenderemos a relação existente entre o espaço público urbano do período Pós-Moderno e as atividades sociais que neles são praticadas. Estudaremos as relações entre a morfologia urbana e os usos que são praticados em seu espaço público.

Na primeira parte do capítulo, iremos contextualizar brevemente o período econômico pós-moderno através dos conceitos apresentados por HARVEY (1992). O autor apresenta qualidades no espaço urbano contemporâneo que relacionam as formas de arte nele encontradas com o marketing que é praticado por grandes empresas. Nesta discussão, o autor apresenta pontos em comum no que diz respeito ao uso do espaço público urbano e a produção de capital pela iniciativa privada. Para enriquecer esta discussão, iremos apropriar-nos dos conceitos de espaços urbanos hipersensíveis e multifuncionais apresentados por ASCHER (2008), relacionando qualidades do espaço público urbano com as formas de arte midiáticas apresentadas por HARVEY (1992). Desta maneira, compreenderemos a relação entre os eventos e o espaço público urbano das grandes cidades.

A segunda parte deste capítulo é destinada ao aprofundamento da pesquisa na metodologia de análise do espaço urbano. Como referencial teórico fundamental, elegemos SANTOS (1996) e a sua metodologia de análise do espaço. Como indica o autor, trataremos o espaço urbano através de dois sistemas conceituais indissociáveis: o sistema de ações e o sistema de objetos. Relacionamos estes sistemas respectivamente aos conceitos de práticas sociais apresentados por PANERAI (1986) e aos conceitos da metodologia de análise da morfologia urbana apresentados por LYNCH (1985). Compreenderemos assim a relação entre a espacialização das práticas sociais e os elementos encontrados no espaço público urbano.

A terceira parte deste capítulo está relacionada ao estudo da dimensão temporal no espaço urbano. Esta relação é observada de maneira especial através do estudo do conceito de “evento”. Iremos deter-nos à pesquisa deste conceito compreendendo o uso científico do conceito e o uso do mesmo quando é utilizado por HARVEY (1992) para caracterizar um uso espetacular no espaço urbano na condição pós-moderna. Fecharemos este capítulo com quadros sínteses que relacionam os conceitos estudados nesta pesquisa.

1.1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO PERÍODO ECONÔMICO PÓS-MODERNO (DÉCADA 1970 AOS DIAS ATUAIS)

Para melhor compreendermos a relação que hoje se estabelece entre eventos e espaço público nas grandes cidades contemporâneas é importante, antes de abordarmos as questões relativas à morfologia urbana e aos acontecimentos que nela ocorrem, traçarmos um panorama do contexto econômico recente quando os eventos públicos tornaram-se um fenômeno urbano mais significativo. Iremos referenciar-nos principalmente a HARVEY (1992) e a sua compreensão do ambiente urbano na condição pós-moderna e a SANTOS (1996) na sua compreensão sobre o uso do espaço urbano pelas grandes corporações privadas.

Em sua pesquisa sobre as origens da mudança cultural, HARVEY (1992) estabelece importantes analogias entre o ambiente urbano, as mudanças culturais e as transformações econômicas ocorridas com o fim da Era Moderna, no início dos anos 1970¹⁹. Segundo HARVEY, as mudanças estéticas e o consumo de serviços ligados, principalmente, à cultura, ao invés do consumo de bens, tornaram-se a nova demanda da produção econômica mundial, alimentando também o mercado financeiro da nova economia globalizada. Para ele, a super acumulação de capital junto com a especulação e a mercadificação da cultura, ajudaram a caracterizar um tempo de efemeridades e o surgimento de uma nova classe consumidora de serviços: a “massa cultural”. Neste contexto econômico, SANTOS (1995) considera que a globalização criou a relação, na qual a “*atuação das grandes empresas “por cima dos Estados”*” permite pensar que “*presentemente os mercados estão triunfando sobre as políticas dos governos*”(Santos, 1995,p.195). HARVEY aponta para o surgimento de uma economia “sem fronteiras” ou seja, de empresas que estariam atuando em diferentes mercados do mundo. Para SANTOS, não teríamos “*mais uma economia completamente globalizada, mas uma economia internacional, cujas respostas são dadas pelas políticas nacionais*”(Santos, 1996,p.195).

Neste cenário, a administração pública estaria sujeita aos interesses de grandes empresas, servindo de apoio à manutenção de seus lucros e como bem sublinha HARVEY (1992) quando se refere à economia globalizada: “*A economia da cidade se apóia de fato na produção de capital fictício para*

¹⁹ HARVEY identifica a demolição do Igoe Housing em St Louis, um grande conjunto habitacional construído de acordo com os preceitos modernistas, em 1972, como um marco do fim da Era Moderna (HARVEY, 1989, p. 39).

*emprestar aos agentes imobiliários que fazem negócios para os profissionais muito bem pagos que fabricam capital fictício*²⁰.” (HARVEY, 1992, p. 299)

Com a economia urbana baseada na “fabricação de capital fictício” o ambiente econômico propicia a especulação financeira e, assim, promove a manutenção de um ciclo econômico, no qual mais “capital fictício” é “fabricado”, gerando um estado de “superacumulação de capital” na forma de capital fictício. Como aponta HARVEY (1992), o sistema econômico baseia-se em valores imateriais e, como consequência, surgem os desequilíbrios financeiros que, segundo o autor, seriam seguidos por fortes movimentos estéticos²¹, assim gerariam novos capitais fictícios. Vale ressaltar que este contexto econômico se recupera das crises criadas por ele mesmo, a partir da criação de novas formas culturais, procedendo então sua posterior mercadificação.²²



Figura 1: Desfile alegórico na Marquês de Sapucaí.
Fonte: www.noticiasdigitais.com.br

O que são os eventos como Nescau Street Energy, Tam Paixão pelo Rio, Parada Musical Momentos Mágicos Disney, promovidos por empresas privadas no espaço público na Praia de Copacabana; megaeventos como Jogos Pan-Americanos 2007, Jogos Olímpicos e Copas do Mundo de Futebol, promovidos por comitês esportivos internacionais ou mesmo, o Réveillon na Praia de Copacabana e o Carnaval do Sambódromo, promovidos pela Prefeitura e pela iniciativa privada, senão fabricação de capital fictício?

²⁰ HARVEY define “capital fictício” como “*uma espécie de aposta em dinheiro sobre uma produção que ainda não existe. O resultado é uma tensão permanente entre o que Marx chama de ‘o sistema financeiro’ (papel de crédito, capital fictício, os instrumentos financeiros de todos os tipos) e a sua ‘base monetária’ (até recentemente ligada a alguma mercadoria tangível, como ouro ou prata). A contradição é fundada sobre um paradoxo particular: o dinheiro tem de ter alguma forma tangível (ouro, moedas, notas, entradas em um livro, etc), mesmo que seja uma representação geral de todo o trabalho social.*” Tradução pelo autor do trecho: “...as some kind of money bet on production that does not yet exist. The result is a permanent tension between what Marx calls ‘the financial system’ (credit paper, fictitious capital, financial instruments of all kinds) and its ‘monetary base’ (until recently attached to some tangible commodity such as gold or silver). The contradiction is founded on a particular paradox: money has to take some tangible form (gold, coin, notes, entries in a ledger, etc.) even though it is a general representation of all social labour.” HARVEY, 1989, p. 107

²¹ Como ressalta HARVEY, é típico das crises de superacumulação catalisar a busca de soluções temporais e espaciais as quais criam, por sua vez “*um sentido avassalador de compressão do tempo-espaço, também podemos esperar que as crises de superacumulação sejam seguidas por fortes movimentos estéticos*” (HARVEY, 1992, p.293)

²² Para HARVEY (1992, p.148) a estética *relativamente estável* do modernismo fordista teria cedido lugar “*a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-Moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais.*”

As formas de arte, sejam elas imagéticas, sonoras, plásticas, teatrais ou cinematográficas entre outras, são midiaticizadas principalmente através de uma indústria de produção de imagens²³. Esta indústria vem atender às necessidades dos seus consumidores que compõem a “massa cultural”, ou seja, uma classe consumidora constituída principalmente por “*peçoas que trabalham nos meios de comunicação, no cinema, no teatro, nas universidades, nas editoras, nas indústrias de propaganda e comunicações*”.(HARVEY, 1992,p.62)

HARVEY (1992) aponta a existência de um mercado financeiro que se auto-regula a partir da comercialização de serviços e de imagens. Este comércio cria e mantém uma classe de consumidores, os quais favorecem a manutenção desse sistema econômico baseado principalmente nos valores criados e atribuídos às imagens.

Indicamos aqui a relação que os eventos realizados nos espaços públicos urbanos possuem com o mercado cultural. A partir da realização de tais eventos, mostra-se viável a sua reprodução midiática, alimentando outras indústrias, como por exemplo, a jornalística, a musical, a televisiva e, também, a própria indústria dos eventos. Segundo o autor, quanto mais midiática for uma imagem (e, aqui, falamos de um conceito), maior valor agregado ela possui frente ao mercado. Estudaremos esta relação mais profundamente no tópico seguinte.

1.1.1. OS EVENTOS E O MARKETING URBANO

Sob a condição econômica pós-moderna, as grandes cidades ganham um novo papel frente às “novas” demandas e se credenciam a participar deste novo sistema financeiro através de seu principal produto: o espaço urbano. Este sistema, por sua vez, baseado, entre outros fatores, na especulação e na mercadificação de bens culturais, utiliza-se do espaço urbano como objeto de competitividade em uma rede de cidades que concorrem entre si para atrair investimentos oriundos do capital privado. Atualmente, as cidades necessitam promover a sua identidade e as suas qualidades para se afirmarem e se diferenciarem numa rede urbana cada vez mais competitiva, como ressalta FRANCISCO (2005, p.14). Assim, com o objetivo de atrair capital privado de maneira mais *eficiente*, as cidades colocam seus espaços urbanos como *produtos* que, para adequá-los, fazem uso do “*marketing territorial*”:

²³ “Toda essa indústria se especializa na aceleração do tempo de giro por meio da produção e venda de imagens. Trata-se de uma indústria em que reputações são feitas e perdas da noite para o dia” HARVEY (1992, p. 262)

“sendo o Marketing Territorial um instrumento essencial para o seu desenvolvimento, permite uma promoção urbana local, urbana, regional, nacional e internacional, constituindo-se como um processo de gestão territorial e de descentralização de poder, bem como “um dos elementos fundamentais do planeamento estratégico das cidades e dos territórios”²⁴

Neste contexto, as cidades constituem-se como um “portfólio” e seus espaços urbanos são apreciados com diferentes graus de rentabilidade onde, “os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos” (Santos, 1996, p.197).

Sob um cenário competitivo para atração de investimentos, as cidades valorizam projetos urbanos de pequena escala ao invés dos grandes projetos que levam mais tempo para serem realizados:

“No campo da arquitetura e do projeto urbano, considero o pós-Modernismo no sentido amplo como uma ruptura com a idéia modernista de que o planeamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, tecnologicamente racionais e eficientes (...) O pós-Modernismo cultiva, em vez disso, um conceito de tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um “palimpsesto” de formas passadas superpostas umas às outras e uma, “colagem” de usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros.²⁵”

A fim de realizar estes projetos “mais agilmente”, o capital também cria ferramentas de viabilização destes como, por exemplo, as parcerias público-privadas, as PPPs, validadas pelos governos locais devido aos incentivos fiscais que agregam e pelos investidores devido à possibilidade de realização de serviços de seu interesse. Como ressalta ASCHER (2008):

“A suposição que fundamenta a PPP é de que os agentes privados podem ser mais eficientes do que a administração pública, não só para a execução de serviços públicos, que não seria novidade, mas para a concepção e financiamento. Num contexto em que os governos locais têm limitada capacidade de endividamento ou não querem aumentar a sua carga fiscal, a PPP pode parecer uma solução atraente.”²⁶

²⁴ CIDRAIS, A.: 1998 In: FRANCISCO, Marlene Duarte. ESPAÇO PÚBLICO URBANO: Oportunidade de Identidade Urbana Participada. X Colóquio Ibérico de Geografia. Évora: Universidade de Évora. 2005

²⁵ HARVEY, 1992, p. 69

²⁶ ASCHER, 2008, p. 107 Trecho traduzido pelo autor: “L’hypothèse qui fonde le PPP est que des acteurs privés spécialisés peuvent être plus performants que des administrations publiques, non seulement pour réaliser des services publics, ce qui ne serait pas nouveau, mais pour les concevoir et les financer. Dans un contexte où les collectivités territoriales ont une capacité d’endettement limitée, et où elles ne souhaitent pas augmenter la pression fiscale, le PPP peut apparaître comme une solution attractive.”

Com relação à realização dos “*usos efêmeros*”, HARVEY (1992) destaca os serviços de “*diversão, de espetáculos, eventos e distrações*”²⁷ como formas de utilização do espaço público para promover produtos e serviços. O autor aponta o consumo de eventos como um serviço que está inserido em uma dinâmica econômica própria da Era Pós-Moderna. Nesta relação, os eventos possuiriam infraestruturas próprias que garantiriam a realização destes. Na área da ciência urbana, citamos como exemplo, as infraestruturas móveis e/ou tecnológicas que permitem uma formatação do espaço urbano de acordo com a necessidade de realização do evento. HARVEY (1992) aborda o conceito de *arquitetura do espetáculo*²⁸ como sendo um tipo de arquitetura característica dos eventos.

Exposições Internacionais²⁹ e grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos³⁰, por exemplo, têm sido utilizados nas últimas décadas como oportunidades para por em prática importantes projetos de renovação urbana e revitalização de espaços públicos. A ocupação do espaço urbano para a realização destes eventos, promove uma dinâmica urbana própria que pode ser usada tanto para promover o crescimento urbano quanto a regeneração do mesmo. Um dos exemplos mais recentes e mais bem sucedidos nas últimas décadas, talvez sejam os Jogos Olímpicos de Barcelona realizados em 1992, evento que a cidade utilizou em benefício próprio para requalificar seus espaços públicos. Desta maneira, compreendemos que os grandes eventos são maneiras encontradas para promover tanto o fato a que se destinam, ou seja, o evento em si, como também a cidade que os realiza (MUNIZ, 2005, p. 25).

Neste contexto de aceleração do tempo e do consumo, o uso do espaço público para a promoção de grandes shows, festivais de música, competições esportivas e até mesmo exposições de arte, tem sido instrumentos encontrados pela iniciativa privada para atuar no espaço urbano gerando capital fictício para as cidades, ou a partir das cidades.

²⁷ HARVEY, 1992, p. 258

²⁸ Vale citar a aproximação do conceito *arquitetura do espetáculo* com o conceito sociedade do espetáculo apresentado por DEBORD (1997) em seu livro “A Sociedade do Espetáculo”. Guy Debord nasceu em Paris em 1931, E NOS ANOS 60, ajudou a fundar, e a desmanchar, o grupo de pensadores anti-modernistas que, ficou conhecido como a Internacional Situacionista. O livro Sociedade do espetáculo foi escrito em 1967 na França e, foi através deste, Debord fez uma apologia Marxista da sociedade de seu tempo. Interessante notar que, Debord critica a sociedade da espetacularização, pois é através dela que, se estabelece o controle da massa, utilizando-se do evento para alienar as pessoas de sua realidade e, dessa maneira, não promover o desenvolvimento intelectual da mesma. Debord, junto com a Internacional Situacionista, criou a Teoria de Deriva e a idéia de espaço urbano labiríntico, ambas as teorias visavam a criação de situações urbanas de encontro e desencontro, através do tratamento do espaço urbano por acontecimentos eventuais que, favoreciam uma multiplicidade e riqueza de percepção espacial mais completa, a respeito da cidade. DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

²⁹ As exposições universais foram uma importante estratégia de marketing urbano no final do século XIX até os anos 1930 para credenciar as cidades ao novo sistema do capital internacional. Paris (1889/1937) Rio de Janeiro (1908/1922), St Louis (1904), estão entre estas cidades que se beneficiaram do marketing promovido pelas Grandes Exposições nelas erguidas. Ver, entre outros, PESAVENTO, Sandra Jatahy. Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997 e MUNIZ, Alder. Um Urbanismo de eventos. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG/UFRJ. (Dissertação de Mestrado)

³⁰ Como exemplo de marketing urbano, os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, foi usado para glorificação do sistema político que prevalecia na cidade naquela época.

Segundo o panorama socioeconômico que HARVEY (1992) apresenta em seu livro, compreendemos a realização de eventos no espaço público como oportunidade de geração de capital fictício para o mercado cultural. Os eventos funcionariam como um meio de reunir uma grande quantidade de pessoas que seriam caracterizadas como "*público alvo*" para a propagação de imagens e marcas pelos potenciais agentes de mercado que patrocinariam os eventos. A mídia seria a ferramenta utilizada para transmitir e replicar as imagens que foram registradas durante a realização dos mesmos e, assim, aumentaria a inserção das marcas privadas na mídia e, por conseguinte, no cotidiano das pessoas.

Dentre outros conceitos estudados, cabe também ressaltar aqui, alguns autores como LYNCH (1985) e ASCHER (1998) que, destacaram como característica dos espaços públicos urbanos, as suas qualidades de mutabilidade, versatilidade³¹, elasticidade e reversibilidade³².

A manutenção dos usos nos espaços públicos na Era Pós-Moderna passa a receber incentivos da iniciativa privada, assim surge o questionamento do uso democrático deste espaço de natureza essencialmente pública.

1.2. O LUGAR DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO DE ESPAÇOS URBANOS PATROCINADOS POR CAPITAIS PRIVADOS

Abordaremos o espaço público a partir de suas dimensões sociais, simbólicas e morfológicas, pois como já sublinhava BORDE (1998): "*tratar o espaço urbano de acordo com a categoria espaço implica estudar não apenas a sua materialidade, mas também as suas representações e seu simbolismo, de forma articulada*". Como espaço simbólico e de uso público, este espaço pode ser compreendido, não só como um lugar de manifestação de expressões culturais e de propagação de idéias, mas também como um espaço morfológicamente concebido e vivenciado, ele pode ainda ser analisado a partir do conceito de tecido urbano. Compreendemos, tal como ANDRADE (2002) que o espaço público comporta a sua dimensão física, a gestão de seu espaço e a interatividade entre pessoas, no que diz respeito ao sentido da própria reprodução do caráter público do espaço. Sobre a relação da interação entre pessoas diferentes, SERPA (2007) enfatiza a leitura da dimensão simbólica do espaço público caracterizada pela reprodução de idéias e manifestações culturais que nele acontecem.

³¹ "A nova cultura de cidade é caracterizada pelos EPU que continuam a exercer as suas funções típicas embora possam sofrer mutações com vista ao seu aumento de versatilidade." FRANCISCO, 2005, p. 4

³² "la segunda medida restringida de la adaptabilidad se refiere al evitar futuras callejones sin salida, y podría llamarse **reversibilidad** o, en forma quizás más elegante, **elasticidad**. Si el pasado se desplaza al futuro a través de una red de posibilidades, divergentes, entonces, si podemos retroceder en la red a un estado anterior, tenemos otra oportunidad de reparar los errores" LYNCH, 1985, p.128

Para ROSSI (1995,p.115), o uso é um qualificador da essência pública do espaço urbano: “o que há de comum refere-se ao caráter público, coletivo, desses elementos. Essa característica de coisa pública para o coletivo, feita pela coletividade para a coletividade, é de natureza essencialmente urbana.”

PANERAI (1986) analisa a apropriação do espaço urbano, a partir do conceito de “prática social”:

“A prática social compreende as atividades concretas: trabalho, não trabalho, consumo, frequência, trajetos, relações sociais, ritos, representações, que fazem parte e influenciam a vida cotidiana. Esta se manifesta através de outra: a prática do espaço”³³

O autor cita alguns usos sociais observados no espaço urbano e qualifica estas atividades como *prática do espaço*. Compreendemos este conceito como ações que caracterizam a ocupação do espaço.

Nesta pesquisa, recorreremos a PANERAI (1986) para nos aprofundar no estudo do conceito de práticas sociais que relacionamos ao sistema de ações de SANTOS (1996). Contudo, destacamos que a relevância do autor para esta pesquisa encontra-se também no estudo dos conceitos relacionados à análise do tecido urbano e à compreensão do espaço público. O autor apresenta a relação que o espaço público possui com o tecido urbano por este abranger “a totalidade das vias: ruas e vielas, bulevares e avenidas, largos e praças, passeios e esplanadas, cais e pontes, mas também rios e canais, margens e praias.”³⁴

Ao tratar das funcionalidades do espaço, recorreremos a ASCHER (2008), que deixa em evidência a característica dos espaços públicos enquanto espaços abertos e acolhedores de multifuncionalidades:

“Em uma sociedade urbana cada vez mais complexa e em evolução, a necessidade de espaços abertos para atividades de diferentes usuários são crescentes. O desafio dos governos é garantir abertura, multifuncionalidade e a evolução dos espaços”³⁵

Desta maneira, o autor aponta-nos alguns dos motivadores que nos impulsionam a ir para um determinado lugar. Em seu livro *Metápolis*, ASCHER (1998) faz referência a nossa necessidade de sermos constantemente estimulados por paisagens, por toques, por cheiros e por gostos. Seria o desejo da sensibilidade, da euforia e da novidade que nos manteria em movimento pela cidade segundo ASCHER (1998). Ele apresenta aos arquitetos e urbanistas, o conceito de *espaços sensíveis e acessíveis* e incita-os a se prepararem para um futuro hipersensível, no qual a riqueza dos espaços urbanos dependerá da suas qualidades sensitivas, da sua capacidade de produzir eventos e da sua

³³ Tradução pelo autor, do trecho “La práctica social comprende actividades concretas: trabajo, no-trabajo, consumo, frecuentación, trayectos, relaciones sociales, ritos, representaciones, que se inscriben e influyen en la vida cotidiana. Esta se manifiesta a través de otra: la práctica del espacio.”PANERAI (1986, p.182)

³⁴ PANERAI, 1986 p. 81

³⁵ ASCHER,Tradução pelo autor, do trecho: “Dans une société urbaine de plus en plus complexe et évolutive, les besoins en espaces ouverts à des activités et à des publics variés sont croissants. L'enjeu pour les pouvoirs publics est d'en garantir l'ouverture, la multifonctionnalité et l'évolutivité” (ASCHER, 2008, p.75)

acessibilidade física. Para o autor, os espaços urbanos vitais serão valorizados pelas qualidades espaciais que valorizam: 1) a troca de informações; 2) as relações entre objetos não reprodutíveis e não transportáveis e 3) o contato social direto.

A essas considerações, ASCHER (1998) apresenta a relação na qual o indivíduo tem necessidade de fazer parte de um mundo em constante transformação, em constante movimento, em imediatização permanente. A necessidade do “ao vivo”, do “direto” e do “agora” são valores de uma sociedade sensivelmente midiaticizada:

“a riqueza dos espaços metropolitanos dependerá, em larga medida, das suas qualidades sensitivas, da sua capacidade de produzir eventos e da sua acessibilidade física”³⁶

HARVEY (1992, p.61) atribui o surgimento do “colapso dos horizontes temporais e da preocupação com a instantaneidade” à ênfase contemporânea no campo da produção cultural em eventos, espetáculos, **happenings** e imagens de mídia. Para ele, as efemeridades, o consumo e a hipersensibilidade fundem-se em ações e imagens de mídia.

Alguns anos antes, ROSSI (1995)³⁷ abordava a questão de aceleração do processo de urbanização de uma cidade, a partir de alguns elementos urbanos, entre eles, os monumentos presentes na cidade, agentes de transformação do espaço que atuariam *como catalizadores* da evolução urbana (Rossi, 1995, p.116). Compreendemos desta maneira que os mais diversos tipos de usos, sejam eles atribuídos a elementos fixos ou a elementos temporários na cidade, são catalizadores do processo de urbanização. Este conceito é interessante para nossa pesquisa, uma vez que passamos a olhar os **eventos no espaço público como catalizadores do processo de construção de uma cidade.**

1.2.1. CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO PÚBLICO PÓS-MODERNO

No estudo dos usos presentes nos espaços públicos urbanos contemporâneos, em particular, nas relações de conflitos e tensões geradas pelos diferentes tipos de funções que estes espaços suportam, TSCHUMI (1996) afirma que os usos são conflituosos, erosivos, embativos e de choque. O autor defende que a relação multifuncional que os espaços urbanos possuem tem o potencial de reconfigurar, gerar drama e possibilitar uma ocasional mudança, distinguindo a cultura de uma cidade da cultura de outra. Segundo o autor, a multifuncionalidade dos espaços urbanos funcionaria como

³⁶ “la richesse des espaces métropolitains dépendra dans une large mesure de leurs qualités sensitives, de leurs capacité à produire des événements et de leur accesibilité physique.” ASCHER, 1995 p. 79 Tradução do autor.

³⁷ O livro foi publicado em 1961 e traduzido para o português em 1995.

potencializadora do processo de transformação de uma cidade. Para ele, a importância da variedade de usos existentes no espaço urbano estaria na promoção da estética urbana.

“o caráter distintivo de cada cidade, portanto também da estética urbana, é a tensão que se criou, e se cria, entre áreas e elementos, entre um setor e outro; essa tensão é dada pela diferença entre os fatos urbanos existentes em um certo lugar e deve ser medida em termos não apenas de espaço, mas também de tempo.”³⁸

Complementando o conceito de TSCHUMI (1996), FRANCISCO (2005) afirma que a mistura funcional e social, presente nos espaços urbanos também integra os elementos estruturantes e organizativos na evolução da urbanização de uma cidade:

“Deste modo, estas interações processam-se nos EPU pelo que se constituem como elementos estruturantes e organizativos da forma urbana (...) ostentam funções variadas e usos específicos e acolhem utilizadores de grupos sociais diferentes (moradores, visitantes, turistas, e ademais utilizadores sob forma individual e/ou coletiva) que apresentam expectativas diferenciadas.”³⁹

Relacionamos o potencial de transformação que possuem os agentes presentes no espaço urbano, ressaltando a manutenção de funções variadas e usos específicos que contribuem para a presença de tensões e conflitos e, assim, qualificam e potencializam a estética urbana. Sendo o espaço público urbano contemporâneo dotado de usos que alimentam atividades fulgurantes e de curtíssima temporalidade como por exemplo, os eventos, compreendemos que suas qualidades de embate e erosão alimentariam ou acelerariam uma dinâmica de transformação do espaço urbano. No caso da Praia de Copacabana, muitos de seus eventos são subsidiados pela iniciativa privada, o que nos faz questionar a necessidade e a validade destas ações em um espaço de natureza e domínios públicos.

1.2.2. A RELAÇÃO DE PROPRIEDADE NO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO DAS GRANDES CIDADES

Estudaremos neste tópico alguns conceitos que tratam da relação de espaços privados tratados de forma similar ao espaço de natureza pública. Este tratamento poderia sugerir uma tentativa de atração de usuários através de uma projeção estética particular. Esta relação está fundamentada no conceito de marketing urbano de FRANCISCO (2005) e sugere uma relação de consumo do espaço público urbano.

Para início desta discussão, abordaremos ROSSI (1995), o qual tece considerações sobre a natureza da propriedade edificada e tem como foco as qualidades dos espaços urbanos. O autor divide as edificações urbanas em duas categorias: *edifícios privados* e *edifícios públicos*. Os edifícios privados

³⁸ ROSSI, 1995, p. 133

³⁹ FRANCISCO, 2005, p. 2

referem-se às habitações e os edifícios públicos o autor os qualifica como “elementos primários”. Segundo o mesmo, estes elementos podem ser identificados como objetos estruturadores da cidade, que estimulam o seu desenvolvimento urbano como, por exemplo, os monumentos e as atividades fixas.

A relação entre o conceito de elementos primários e o conceito de espaço público urbano de CASTRO (2005) apresenta a relação da propriedade como ponto de intersecção. CASTRO (2005) apresenta seu conceito relacionando o espaço público como elemento privado dentro da estrutura urbana, e não somente as edificações como apresenta ROSSI (1995).

*(...) o uso dos espaços públicos mais tradicionais não correspondem aos modos de vida urbanos mais recentes e as práticas de sociabilidade muito marcadas pela festividade e se estes novos espaços, na maioria das vezes de natureza privada, apresentam condições atrativas e respondem àquelas novas formas de estar em público (...)*⁴⁰

No estudo dos **espaços públicos urbanos** (EPU)⁴¹, FRANCISCO (2005) apresenta a relação que motiva proprietários privados a investirem no uso coletivo urbano:

*“Actualmente, pretende-se a criação de espaços singulares e significativos com vista a servir não só os habitantes locais mas também os urbanos e mesmo os de outras escalas (como a internacional) por via de uma projeção estética”*⁴²

É interessante notar a diferenciação que ela estabelece entre os usuários destes espaços – locais, urbanos e internacionais – como “clientes potenciais” dos novos espaços singulares. Nesta relação de espaço de natureza privada e de uso público, BORJA (1998) associa o termo espaço público a uma dimensão sociocultural de espaço que não é referenciada exclusivamente pela propriedade, mas sim aos usos ali existentes:

“O espaço público também tem uma dimensão sociocultural. É um lugar de relação e de identificação, de contato entre as pessoas, de animação urbana, às vezes de expressão comunitária. A dinâmica própria da cidade e os comportamentos de sua população podem criar espaços públicos que juridicamente não o são, ou que não estavam previstos como

⁴⁰ CASTRO, Alexandra; *Espaços Públicos, Coexistência Social e Cívildade – Contributos para uma Reflexão sobre os Espaços Públicos Urbanos*; In FRANCISCO, Marlene Duarte. *ESPAÇO PÚBLICO URBANO: Oportunidade de Identidade Urbana Participada*. X Colóquio Ibérico de Geografia. Évora: Universidade de Évora. 2005

⁴¹ FRANCISCO (2005) define os Espaços Públicos Urbanos (EPU) como espaços que “se constituem como elementos estruturantes e organizativos da forma urbana, permitem um funcionamento equilibrado do sistema urbano, apresentam um papel integrador ao permitir a ligação e continuidade territorial e funcional da cidade, fundam e consolidam laços sociais ao se constituírem “palcos” de manifestações várias (como as sociais) que contribuem para a qualidade de vida, individualizam-se como marcos de identidade da cidade, denotam simbolismo (político e cultural), ostentam funções variadas e usos específicos e acolhem utilizadores de grupos sociais diferentes (moradores, visitantes, turistas, e ademais utilizadores sob forma individual e/ou colectiva) que apresentam expectativas diferenciadas.” (FRANCISCO, 2005, p. 2)

⁴² FRANCISCO, 2005, p.4

tais, abertos ou fechados, de passagem ou a que devemos ir. (...) o que define a natureza do espaço público é o uso e, não, o estatuto jurídico.”⁴³

Apoiado na relação de propriedade através do uso, BORJA (1998) classifica estes espaços privados como **espaços de uso coletivo** e qualifica o espaço público como sendo espaço de **domínio público e de uso social coletivo**: “O espaço público é o domínio público, uso social coletivo e multifuncionalidade.”⁴⁴

Apresentamos a seguir um quadro síntese dos autores pesquisados que contribuíram com seus conceitos de uso público e privado:

	CONCEITO PESQUISADO	RELAÇÃO ABORDADA	CONCEITOS AUXILIARES
ROSSI (1995)	Edifícios Públicos	Elementos primários	Elementos estruturadores da cidade
	<p><i>“divide os edifícios urbanos em privados e públicos, entendendo pelos primeiros as habitações e, pelos segundos, os elementos principais que chamarei de primários”</i> (ROSSI, 1995, p.39)</p>		
FRANCISCO (2005)	Espaço Público Urbano (EPU)	Marketing urbano	Espaço privado de uso público
	<p><i>“se constituem como elementos estruturantes e organizativos da forma urbana, permitem um funcionamento equilibrado do sistema urbano, apresentam um papel integrador ao permitir a ligação e continuidade territorial e funcional da cidade, fundam e consolidam laços sociais ao se constituírem “palcos” de manifestações várias (como as sociais) que contribuem para a qualidade de vida, individualizam-se como marcos de identidade da cidade, denotam simbolismo (político e cultural), ostentam funções variadas e usos específicos e acolhem utilizadores de grupos sociais diferentes (moradores, visitantes, turistas, e ademais utilizadores sob forma individual e/ou colectiva) que apresentam expectativas diferenciadas.”</i> FRANCISCO, 2005, p.2)</p>		
BORJA (1998)	Espaço público	Domínio público	Uso social coletivo
	<p><i>“El espacio público supone pues dominio público, uso social colectivo y multifuncionalidad. Se caracteriza físicamente por su accesibilidad, lo que le hace un factor de centralidad.”</i> (BORJA, 1998, p.3)</p>		

Quadro 2: Relação entre os conceitos de espaço público do referencial teórico-metodológico pesquisado.

⁴³ “El espacio público también tiene una dimensión socio-cultural. Es un lugar de relación y de identificación, de contacto entre las gentes, de animación urbana, a veces de expresión comunitaria. La dinámica propia de la ciudad y los comportamientos de sus gentes pueden crear espacios públicos que jurídicamente no lo son, o que no estaban previstos como tales, abiertos o cerrados, de paso o a los que hay que ir. (...) lo que define la naturaleza del espacio público es el uso y no el estatuto jurídico.”BORJA, 1998, p.3. Tradução do autor

⁴⁴ “El espacio público supone pues dominio público, uso social colectivo y multifuncionalidad.” BORJA, 1998, p.3.Tradução do autor

No estudo das qualidades urbanas do espaço público contemporâneo, compreendemos que os espaços públicos mais tradicionais possuem uma dinâmica de uso diferenciada daquela caracterizada pela festividade contemporânea. Esta festividade estaria relacionada ao modo de vida urbana mais recente. Esta relação poderia agregar valor a alguns frequentadores específicos como, por exemplo, os frequentadores internacionais. Desta maneira, compreendemos a relação na qual os espaços públicos privados são valorizados pelo seu uso social coletivo. Esta relação nos interessa pelo fato da Praia de Copacabana possuir uma grande quantidade de hotéis e de outros serviços de iniciativa privada que poderiam se aproveitar do caráter público do litoral para agregar valor junto a seus clientes. Também notamos a relação existente na realização de alguns eventos normalmente localizados diretamente à frente destes empreendimentos hoteleiros.

1.3. METODOLOGIAS DE ANÁLISE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS

Para o estudo das relações existentes no espaço público urbano contemporâneo, trabalharemos principalmente com SANTOS (1996), LYNCH (1985), PANERAI (1986) e ROSSI (1995). Relacionando os conceitos destes autores, pontuaremos conceitos referenciais para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

A fim de buscarmos compreender as diferentes dimensões envolvidas nos eventos que ocorrem no espaço público da Praia de Copacabana, construímos uma estrutura metodológica de análise tendo como base o sistema de ações e de objeto (SANTOS, 1996). Relacionaremos o sistema de ações aos conceitos de atividades fixas de ROSSI (1995) e de práticas sociais de PANERAI (1986) e o sistema de objetos à metodologia de análise da imagem da cidade de LYNCH (1985), que trata do estudo de 5(cinco) elementos urbanos básicos: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos.

Para isso, retomaremos as definições de SANTOS (1996) para o sistema de ações e para o sistema de objetos. Embora sejam sistemas interrelacionados, é importante que eles sejam, neste momento, considerados separadamente.

1.3.1. SISTEMA DE AÇÕES E SISTEMA DE OBJETOS

Como referencial teórico-metodológico, iremos apropriarmo-nos principalmente dos conceitos de SANTOS (1996) e LYNCH (1985). A contribuição de SANTOS (1996) relaciona-se principalmente à individualização do sistema de objetos e do sistema de ações. Esses dois sistemas sobrepostos e

indissociáveis⁴⁵ compõem a relação espaço-temporal que, em nosso caso, será utilizada para analisar os eventos no espaço público da Praia de Copacabana.

Para SANTOS (1996), a ação é um processo (SANTOS, 1996, p.78). Sejam elas técnicas ou simbólicas⁴⁶, as ações servem, segundo o autor, para a transformação da natureza ou do ser humano. O que as qualifica é o fato de serem provenientes do ser humano e das relações sociais e interferirem no sistema de objetos contribuindo para a criação e o uso destes. SANTOS (1996) apresenta as ações como sendo provenientes de relações sociais influentes sobre o sistema de objetos⁴⁷.

Do ponto de vista do binômio *ações e objetos*, PANERAI (1986) propõe dois conceitos que se articulam em uma análise da morfologia urbana. São eles: o *espaço das práticas* e *prática social*. O primeiro seria baseado nas ações sociais, objeto de estudo de SANTOS (1996), enquanto o segundo seria baseado nas ações cotidianas praticadas no espaço urbano, tais como, transitar, consumir e trabalhar.

Vemos como aparece aqui, superpondo-se ao espaço físico, outro espaço: o das práticas. E este espaço das práticas (que estrutura fisicamente o espaço social) é extraordinariamente variado; parece impossível dar conta completamente deste, como igualmente parece difícil captar as relações que o une ao espaço construído.”⁴⁸

Para PANERAI (1986), o *espaço das práticas* é apresentado através das atividades sociais e cotidianas: “A *prática social* compreende atividades concretas: trabalho, não-trabalho, consumo, frequência, trajetos, relações sociais, ritos, representações, que se inserem e influem na vida cotidiana” (Panerai 1986, p.182)

A relação das ações sociais conduzindo à criação de objetos e espaços, também é abordada por ROSSI, sob o conceito de *atividades fixas*. Para o autor, os fatos sociais precedem as formas e as funções: “os fatos sociais, na medida em que se apresentam como conteúdo, precedem as formas e as funções e, por assim dizer, as abrangem.”(Rossi, 1995,p.33). O autor também relaciona os fatos sociais ao conceito de atividades fixas, que estão diretamente relacionadas aos objetos existentes no espaço urbano:

⁴⁵ “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” SANTOS, 1996, p. 63

⁴⁶ “ações técnicas e ações simbólicas, as primeiras servindo à transformação da natureza, enquanto as segundas se fazem sobre o ser humano” SANTOS, 1996, p. 81

⁴⁷ “as ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades (...) é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos” (SANTOS, 1996, p. 82)

⁴⁸ “Vemos cómo aparece aquí, superponiéndose al espacio físico, otro espacio: el de las prácticas. Y este espacio de las prácticas (que estructura físicamente el espacio social) es extraordinariamente variado; parece imposible dar cuenta completamente de éste, como igualmente parece difícil captar las relaciones que lo unen con el espacio construido.” (PANERAI, 1986, p. 237)

“As atividades fixas (fixed activities, como são chamadas na literatura americana) compreendem lojas, edifícios públicos e comerciais, universidades, hospitais, escolas, etc. Além disso, a literatura urbanística, fala de equipamentos urbanísticos, padrões urbanísticos, serviços e, também, de infraestruturas” (...) “os elementos primários compreendem também as atividades fixas”⁴⁹

ROSSI (1995) torna evidente a relação na qual as formas urbanas são geradas pelos usos enquanto que, quando recorremos a LYNCH (1985), o autor apresenta o conceito de “adequação” como uma relação entre objetos e usos baseada principalmente, na adaptabilidade de espaços e coisas às ações humanas:

“o grau em que a forma e a capacidade dos espaços, canais e equipamento de um assentamento se ajustar ao tipo e quantidade de atividades que as pessoas realizam ou que desejam realizar; ou seja, a adequação dos contextos de comportamento, incluindo sua adaptabilidade às ações futuras.”⁵⁰

Desta maneira, relacionamos ao conceito de sistema de ações de SANTOS (1996), o conceito de prática social e adequação. Estes conceitos tratam das relações sociais como também abordam a relação com o sistema de objetos. As ações seriam os geradores dos objetos e, por consequência, dos objetos no espaço urbano.

Para SANTOS (1996), o objeto é “um elemento do mundo exterior, fabricado pelo homem e que este deve assumir ou manipular” (Santos, 1996, p.64). Para este autor, o espaço encontra sua dinâmica e se transforma exatamente através da interação entre o sistema de ações e o sistema de objetos, onde estes são compreendidos como elementos urbanos.

O sistema de objetos se organizaria em dois níveis: um funcional e outro estrutural . O nível funcional refere-se à própria função à qual o objeto deve permitir executar e o nível estrutural ao próprio conjunto de sua materialidade. É importante destacar que para SANTOS (1996) “*toda a criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes em um dado momento histórico*” (Santos, 1996, p.86).

⁴⁹ (ROSSI, 1995, p.115)

⁵⁰ “*el grado en el que la forma y la capacidad de los espacios, canales y equipamiento de un asentamiento se adecua al tipo y cantidad de actividades que realiza o que desea realizar la gente; es decir, la adecuación de los contextos de conducta, incluyendo su adaptabilidad a las acciones futuras.*”(LYNCH, 1985, p. 92) O conceito de adequação é uma das dimensões de performance que LYNCH (1985) utiliza em sua metodologia para a análise da boa forma urbana. Segundo o autor, as outras dimensões de performance são: vitalidade, sentido, aceso, controle, eficiência e justiça. Em nossa pesquisa, não descartamos estas outras dimensões de performance pois também são encontradas presentes em nosso estudo porém, destacamos a dimensão adequação como conceito relevante para o estudo do espaço público na ocorrência dos eventos.

1.3.2. MORFOLOGIA URBANA

Considerando a natureza urbana do sistema de ações e de objetos do espaço que estamos pesquisando, a Praia de Copacabana, é necessário nos debruçarmos sobre alguns aspectos pertinentes à análise da morfologia urbana a fim de prosseguir com nosso estudo. Buscaremos estabelecer algumas conexões entre os conceitos de SANTOS (1996) e aqueles estabelecidos por LYNCH (1985) na metodologia para análise da imagem da cidade.

Em conjunto com o conceito de sistema de objetos de SANTOS (1996), vamos recorrer a LYNCH (1985), que em seu livro “A Imagem da Cidade”, apresenta cinco categorias para a análise da morfologia urbana: vias, limites, regiões pontos nodais e marcos. Estas categorias serão responsáveis principalmente pelo estudo do sistema de objetos enquanto que, para o sistema de ações, recorreremos aos autores PANERAI (1986) e ROSSI (1995).

1.3.2.1. VIAS

As vias são consideradas por LYNCH (1985) como elementos de circulação e deslocamento, enquanto para ROSSI (1995, p.115) elas compreendem a função de tráfego e caracterizam-se por ser uma das principais funções urbanas. PANERAI (1986) acrescenta uma nova qualidade a este elemento ao considerá-lo como um dos principais elementos de comunicação⁵¹ do espaço urbano.

Além de considerá-las como canais de circulação, sejam eles ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais ou ferrovias, “*ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial*”, LYNCH (1985, p.52) destaca que para muitas pessoas as vias são os elementos predominantes na imagem da cidade:

“Os habitantes de uma cidade observam-na à medida que se locomovem por ela, e, ao longo dessas vias, outros elementos ambientais se organizam e se relacionam”⁵²

A exposição visual, normalmente percebida por marcações ao longo de seu percurso, é uma característica importante das vias para LYNCH, que afirma:

“qualquer exposição visual da via, ou do seu fim, contribui para intensificar a sua imagem (...) A presença da via pode ser evidenciada pela colocação de marcos visíveis ao longo dela”⁵³

⁵¹ PANERAI, (1986), 219 p.

⁵² LYNCH, (1985, p.52)

⁵³ LYNCH, (1985, p.108)

Transpondo a definição de LYNCH (1985) para a Praia de Copacabana, observamos que ela inclui tanto a Avenida Atlântica, via ampla de grande fluxo de veículos, como as ciclovias, de menor largura, destinadas aos ciclistas ou os calçadões, destinados aos pedestres.

Para PANERAI (1986), as vias compõem o “entramado”, ou seja, a estrutura do tecido urbano. O autor considera o sistema de vias como uma sobreposição de sistemas que estão organizados hierarquicamente pelas suas escalas, tais como: a malha primária, a malha secundária e a malha terciária:

Obtemos três caminhos que se cruzam: a rede primária, a rede secundária e a terceira rede. Estes três traçados nos mostram a possibilidade de dividir a cidade segundo três escalas, três níveis sucessivos e mezclados. Isto não é devido ao acaso. Esta abordagem da hierarquia urbana através de uma "hierarquia" tem sua origem em uma hipótese muito simples: a cidade seria estruturada em vários níveis, do global ao local, através de um nível intermédio, mais vago, mas conveniente para a análise.⁵⁴

Para o conceito de vias, vamos nos basear principalmente no conceito de “canais de circulação” apresentado por LYNCH (1985) e no conceito de “tecido urbano” apresentado por PANERAI (1986).

1.3.2.2. LIMITES

O elemento urbano limite é relacionado por LYNCH (1985) às idéias de *fronteira, barreira e quebra de continuidade*. Segundo LYNCH (1985):

“Os limites são elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: Praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. São referências laterais, mais que eixos coordenados. Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram. Ainda que possam não ser tão dominantes quanto o sistema viário, para muitos esses elementos limítrofes são importantes características organizacionais, sobretudo devido ao seu papel de conferir unidade a áreas diferentes, como no contorno de uma cidade por água ou parede.”⁵⁵

LYNCH (1985) aborda os limites como importantes elementos visuais, porém não descarta a possibilidade de invisibilidade dos mesmos:

⁵⁴ “obtenemos tres trazados superpuestos: la malla primaria, la malla secundaria y la tercera malla. Estos tres trazados nos demuestran la posibilidad de dividir la ciudad siguiendo tres escalas, tres niveles sucesivos y mezclados. Ello no se debe al azar. Esta aproximación a la jerarquía urbana a través de una “jerarquía” encuentra su origen en una hipótesis muy simple: la ciudad estaría estructurada por niveles, desde el nivel global ao nivel local, pasando por un nivel intermedio, más vago, pero cómodo para el análisis.” PANERAI, 1986, p. 225

⁵⁵ LYNCH, 1985, p.52

“O limite de um bairro comercial, por exemplo, pode ser um conceito importante, mas ao mesmo tempo difícil de descobrir in loco, por não ter qualquer continuidade formal identificável”⁵⁶

Na abordagem que o autor traça a partir da identificação deste elemento sobre o espaço urbano de um bairro, o limite aparece como elemento que separa espaços. Sobre a ideia de delimitação de espaços, os conceitos de “barreira” e de “costura” são apresentados pelo autor sob uma relação de travessia visual e movimento.

“Se um limite puder ser atravessado visualmente ou pelo movimento, ele poderá ser mais do que uma simples barreira dominante (...) Ele então deixa de ser uma barreira e torna-se uma costura, uma linha de intercâmbio ao longo da qual duas áreas estão ‘costuradas’”⁵⁷

PANERAI (1986), em seu livro “Análise Urbana”, aborda a metodologia de LYNCH e, para guiá-lo em suas análises, faz algumas considerações sobre o elemento limite. O autor relaciona este elemento diretamente à forma de *crescimento do tecido urbano*, constituindo-se como um obstáculo e uma barreira a este crescimento do tipo linear (PANERAI, 1986, p. 41).

Em nossa pesquisa trabalharemos o elemento limite a partir da perspectiva de LYNCH (1985), sobretudo, no que diz respeito aos conceitos de linearidade e quebra de continuidade, por considerá-los mais adequados ao recorte geográfico adotado. O conceito de barreira apresentado por PANERAI (1986) não se aplicaria à Praia de Copacabana uma vez que é marcante neste espaço urbano por se tratar de um espaço urbano amplo e sem obstáculos intransponíveis.

1.3.2.3. BAIRROS E SETORES

Vamos tratar o elemento urbano bairro principalmente através das abordagens conceituais apresentadas por LYNCH (1985), que relaciona este conceito ao de região. Contudo, para a aplicação deste conceito ao nosso estudo de caso, a Praia de Copacabana, faz-se também necessária a busca por outros referenciais conceituais que permitam uma maior variação com a relação à escala de análise da forma urbana. Pesquisamos os conceitos de setor apresentados por PANERAI (1986) e o conceito de configuração territorial apresentado por SANTOS (1996). Estes conceitos nos guiarão mais à frente, ao estudo da escala de análise da forma urbana, no qual abordaremos outros autores.

⁵⁶ LYNCH, 1985, p.111

⁵⁷ LYNCH, 1985, p.111

A abordagem do conceito de bairro por LYNCH (1985) refere-se a uma concepção de um espaço bidimensional que identifica as regiões médias ou grandes de uma cidade:

“Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.”⁵⁸

Ao aplicarmos este conceito de bairro à Praia de Copacabana, compreendemos a região da Praia relacionada diretamente à escala de bairro, ou seja, o conceito compreende a Praia de Copacabana como um espaço homogêneo por toda a sua extensão. Sendo a Praia de Copacabana um espaço público de grandes proporções e tendo necessidade de nos deter às nuances morfológicas deste espaço, optamos por pesquisar outros conceitos que nos garantissem opções de variação das escalas de análise. Abordamos o conceito de setor apresentado por PANERAI (1986), conceito que permite a identificação de zonas a partir das semelhanças e diferenças encontradas no espaço urbano.

“Um setor pode corresponder a uma área homogênea sob o ponto de vista morfológico (que consiste em uma variação de de um tipo ou tipos semelhantes) ou, inversamente, à uma área heterogênea”⁵⁹

Sendo os conceitos de bairro e setor complementares, optamos por trabalhar com o conceito de setor, tendo em vista a dimensão territorial deste espaço de escala urbana que funciona como um setor do bairro de Copacabana. Nesta relação abordamos também o conceito de espaços de familiarização de PANERAI (1986). O autor considera que, na vivência do espaço urbano de uma cidade por seu habitante, este seja capaz de alcançar e vivenciar mais alguns espaços e menos outros. Nesta relação, existem espaços mais familiares e outros menos familiares:

“A imagem do “espaço de familiarização” consiste de diferenças, cujas principais características seriam as seguintes: é conhecida e limita, ao mesmo em sua imagem social e, portanto, ao apelo do povo para a noção de vizinhança; pode ser mais ou menos contínua, organizando-se progressivamente a partir de pontos de referência social tais como os equipamentos.”⁶⁰

Desta maneira, o usuário apreende os espaços da cidade através da proximidade e da frequência com que vive estes lugares. Por exemplo, são espaços mais familiares os entornos de sua residência, enquanto que menos familiares os espaços verdes e abertos para onde este se locomove

⁵⁸ LYNCH, 1985, p.52

⁵⁹ Tradução pelo autor do trecho: 164 “Un sector puede corresponder a una zona homogénea desde el punto de vista morfológico (constituído por una variación sobre un tipo o sobre tipos semejantes) o, por el contrario, a una zona heterogénea”. PANERAI, 1986, p. 164

⁶⁰ “La imagen del “espacio de familiarización” está formada por diferencias, cuyas características principales serían las siguiente: es conocida y limita, a al mesno en su imagen social, y de ahí el recurso de los habitantes a la noción de barrio; puede ser más o menos continua, organizándose progresivamente a partir de puntos referenciales sociales como son los equipamientos.” PANERAI, 1986, p. 199.
Tradução do autor

esporadicamente. Nesta relação, seriam espaços menos familiares ainda os centros urbanos, pois a sua capacidade de apreensão total pelo usuário é muito pequena.

Desta maneira, PANERAI (1986) apresenta 3 escalas de apreensão do espaço pelo usuário: os agrupamentos residenciais, os centros de bairro e os centros da cidade:

"Os "Centro da Cidade "que é apenas um centro administrativo e comercial, o sistema de estradas principais, "rodovias circulares e "Park Way", e os grandes equipamentos nos permitem identificar o nível global;

- Os centros de bairro com a sua inevitável praça, seus comércios e seu bar, a via de ligação - em que ninguém pára - as escolas, identificam um nível intermediário, uma espécie de sonho de pessoas padronizadas em que as distâncias inferiores à caminhadas de dez minutos teriam que permitir uma harmoniosa vida de bairro;

- Os conjuntos residenciais e as vias de serviço - uma rua sem saída para evitar os acidentes e convencer ao motorista - que dirige ao nível local. Tudo está no lugar, perfeitamente legível, quantificável, programável, controlável."⁶¹

Relacionamos o conceito de agrupamentos residenciais de PANERAI (1986) ao conceito de áreas residenciais de ROSSI (1995). O autor aborda a cidade clássica como um artefato urbano no qual os agrupamentos residenciais podem ser identificados pelas suas características formais em comparação a outros agrupamentos urbanos como, por exemplo, castelos ou fortes militares:

"Como nos dizemos, a cidade é distinguida por suas várias partes e, estas, do ponto de vista formal e histórico, constituem os complexos artefatos urbanos. Como é compatível com a teoria de artefatos urbanos que enfatiza a estrutura dos artefatos melhor que suas funções, nós podemos dizer que as partes individuais da cidade são notadas como características; elas são partes características. Desde que o bairro residencial é predominante e sofre com mudanças em seu ambiente através dos tempos as quais o caracteriza mais do que suas construções, eu proponho usar o termo residencial ou área de residência."⁶²

ROSSI (1995) estrutura sua escala de análise da forma urbana a partir da escala da residência. O autor apresenta as escalas de rua, bairro e cidade, da seguinte maneira:

"a escala de toda a cidade, considerada como um conjunto de bairros"

"escala da rua, que compreende as construções e os espaços construídos que a circunda;"

⁶¹ *"-el "Town-centre" que es tan sólo un centro administrativo y comercial, el sistema de las vías principales, "autopistas circulares y park-way", y los grandes equipamientos nos permitirán identificar el nivel global;*

- el centros de barrio con su inevitable plazuela, sus comercios y su "pub", la vía de enlace - en la que nadie se detiene -, las escuelas, identifican un nivel intermedio, especie de sueño de un pueblo normalizado en el que las distancias inferiores a diez minutos de camino tendrían que permitir una armoniosa vida de vecindad". Tradução do autor.

- los agrupamientos residenciales y la vía de servicio - en calle sin salida para evitar los accidentes y disuadir al automovilista - que designa el nivel local. Todo está en su sitio, perfectamente legible, cuantificable, programable, controlable." PANERAI, 1986, p. 229

⁶² *"As se have said, the city is distinguished by its various parts, and these, from the formal and historical standpoint, constitute complex urban artifacts. As is consistent with a theory of urban artifacts that emphasizes the structures of artifacts rather than their functions, we can say that individual parts of the city are distinguishable as characteristic; they are characteristic parts. Since the residential district is predominant and undergoes noticeable environmental changes over time which characterize its site far more than its buildings, I propose to use the term residential or dwelling area" ROSSI, 1984, p. 69. Tradução do autor.*

“a escala do bairro, que é constituída por um conjunto de quarteirões de características comuns”⁶³

Agregamos ao conceito de escala de rua apresentado por ROSSI (1995) o conceito de escala visual apresentado por CULLEN (2002), no qual o autor aborda a escala de análise através da percepção do usuário: “escala não é dimensão, mas sim a dimensão que um edifício reivindica, implicitamente, aos nossos olhos”⁶⁴

Tanto os conceitos apresentados por ROSSI (1995) quanto os apresentados por PANERAI (1986) consideram a análise da forma urbana a partir de zonas que apresentam características formais semelhantes. Estes conceitos articulados entre si, mas também aos de espaço e configuração territorial apresentados por SANTOS (1996), vão garantir a compreensão das zonas existentes na Praia de Copacabana através das particularidades formais que seu espaço urbano possui. SANTOS (1996) apresenta a noção de espaço como um conjunto do sistema de ações com o sistema de objetos, no qual podem ser reconhecidos as categorias de análise:

“A partir da noção de espaço com um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo”.

Nesta relação, o autor apresenta o conceito de configuração territorial como uma categoria analítica no estudo do espaço e distingue este através da presença da vida humana. Para o autor, a vida humana anima o espaço, enquanto que a configuração territorial é marcada somente pela materialidade do espaço:

“A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima.”

Reunimos até aqui, conceitos de estudo que nos permitem uma variação com relação à escala de análise da forma urbana. Os conceitos de bairro [LYNCH (1985)], setor [PANERAI (1986)], áreas residenciais [ROSSI (1995)], espaço e configuração territorial [SANTOS (1996)], nos auxiliam no estudo da forma urbana da Praia de Copacabana permitindo-nos tanto uma abordagem de análise por escala territorial quanto uma aproximação às escalas de setor e de agrupamentos residenciais do bairro de Copacabana, através da subdivisão de seu espaço urbano.

⁶³ ROSSI, 1995, p.34

⁶⁴ CULLEN, 2002, 81 p.

Apresentaremos a seguir o quadro referencial teórico-metodológico elaborado para relacionar as diferentes escalas de análise da forma urbana. Este quadro também relaciona as escalas abordadas pelos autores FRANCISCO (2005) e HARVEY (1992), estudados no início do capítulo.

CULLEN	ROSSI	PANERAI	LYNCH	SANTOS	FRANCISCO	HARVEY (1992)
Escala Visual	Rua	Agrupamentos residenciais				
	Bairro	Centro de bairro	Bairro	Local		
	Cidade	Centro da cidade			EPU - Espaço Público Urbano	
					Rede de cidades	Metropolitana
				Estado		
				Redes internacionais	Global	Internacional

Quadro 3: Relações de paralelismo entre os conceitos de escala do referencial teórico-metodológico pesquisado.

O quadro nos permite aproximar os conceitos de análise por similaridade e, assim, compreender como estes conceitos se complementam através de graus hierárquicos de apreensão do espaço urbano por suas escalas de análise. Por exemplo, podemos ver como ROSSI (1995) e PANERAI (1986) utilizam 3(três) escalas de análise principais para seus estudos, enquanto que CULLEN (2002) utiliza uma única escala que se refere ao campo visual do observador; LYNCH (1985), por sua vez, também trabalha com uma única abordagem visual, porém na escala urbana.

1.3.2.3.1. AS ESCALAS DOS EVENTOS NA PRAIA DE COPACABANA

A pesquisa de campo realizada na Praia de Copacabana durante a realização de acontecimentos em seu espaço público suscitou a questão da classificação dos acontecimentos a partir das áreas de apropriação que estes fizeram do espaço urbano. Dentre os acontecimentos visitados, estavam uma parada musical, uma corrida, uma cerimônia religiosa, um desfile de barcos em alto-mar, uma competição aquática, uma feirinha de artesanato, duas tendas com atividades de lazer e a virada de ano novo com seus concertos musicais. Organizamos os acontecimentos através das categorias de

análise do espaço físico e, assim, classificamos o porte dos acontecimentos pesquisados de maneira que possa atender especificamente este estudo de caso. Para este estudo, referenciamos-nos aos conceitos de escalas de análise indicados por ROSSI (1995) e, assim, correlacionamos as áreas de apropriação do espaço urbano pelo acontecimento aos conceitos de escala de rua, de bairro e de cidade. Relacionamos da seguinte maneira:

- A escala da rua relacionar-se-ia com a forma de quadra urbana. Essa característica configuraria os acontecimentos de pequeno porte.
- A escala de bairro relacionar-se-ia aos agrupamentos urbanos com características comuns que, no caso da Praia de Copacabana, relacionar-se-iam com os postos de salvamento. Essa característica configuraria os acontecimentos de médio porte.
- A escala da cidade relacionar-se-ia com o toda a extensão da Praia de Copacabana. Essa característica configuraria os acontecimentos de grande porte.

Apresentamos a seguir o quadro referencial teórico-metodológico que relaciona os conceitos de escala de análise às áreas de influência encontradas no tecido urbano da Praia de Copacabana e as ilustramos com um diagrama que relaciona as 3(três) dimensões espaciais:


ESCALA	REFERÊNCIA	PORTE DO ACONTECIMENTO	ÁREA (M2) (APROXIMADA)	DIAGRAMA
Escala da Rua	Quadras	Pequeno	15.000m ²	
Escala do Bairro	Setores / Entre Postos (de Salvamento)	Médio	150.000m ²	
Escala da Cidade	Espaço Urbano / Praia de Copacabana	Grande	650.000m ²	

Figura 2: Diagrama da relação entre as diferentes escalas para análise do espaço público urbano da Praia de Copacabana

Quadro 4: Relação entre áreas e escalas de análise no espaço público urbano da Praia de Copacabana.

A seguir vamos estudar o conceito de ponto nodal indicado pela metodologia de análise da forma urbana de LYNCH (1985).

1.3.2.4. PONTOS NODAIS

O conceito de pontos nodais apresentado por LYNCH (1985) é caracterizado principalmente, como sendo lugares nas cidades que concentram usos e pessoas ou, ainda, características urbanas comuns. Este conceito é abordado também por ROSSI (1995) e PANERAI (1986), porém através de conceitos de núcleos de agregação e de polo, respectivamente. Vamos relacionar estes conceitos enfatizando sua utilização em nossa pesquisa sobre a Praia de Copacabana.

Segundo LYNCH (1985) o elemento ponto nodal caracteriza lugares estratégicos na cidade e relaciona-se principalmente com o fluxo de movimento das pessoas no espaço urbano.

“Os pontos nodais são pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou uma praça fechada.”⁶⁵

LYNCH (1985) aborda o elemento ponto nodal através dos conceitos de convergência, concentração e condensação. Desta maneira, o autor apresenta o espaço público como sendo espaços utilizados intensivamente por algum momento. Relacionamos o conceito de ponto nodal de LYNCH (1985) ao conceito de núcleo de agregação de ROSSI (1995). Este autor apresenta o espaço urbano como espaço que tende a agregar pessoas devido aos equipamentos urbanos que neles estão situados. Estes equipamentos recebem o nome de elementos primários e são relacionados a 3(três) funções principais⁶⁶: residência, atividades fixas e circulação.

“para o conceito de área devemos incluir a totalidade de elementos urbanos específicos que funcionam como núcleo de agregação. Nós chamamos estes elementos urbanos, os quais são de natureza dominante, elementos primários porque eles participam da evolução da cidade através do tempo de maneira permanente, frequentemente sendo identificados como artefatos principais constituindo a cidade.”⁶⁷

Segundo o autor, estas atividades agem de maneira a permitir a constante evolução da cidade. Sob esta relação de elementos primários atuando como elementos que dão continuidade ao espaço urbano, temos o conceito de PANERAI (1986). O autor aborda os conceitos de crescimento contínuo linear e

⁶⁵ LYNCH, 1985, p. 52

⁶⁶ “When we study the city, we find that the urban whole tends to be divided according to three principal functions: housing, fixed activities, and circulation. “Fixed activities” include stores, public and commercial buildings, universities, hospitals, and schools.” ROSSI, 1984, p.86. Tradução do autor.

⁶⁷ “to the concept of area must be added the totality of specific urban elements that have functioned as nuclei of aggregation. We have called these urban elements, which are of a dominant nature, primary elements because they participate in the evolution of the city over time in a permanent way, often becoming identified with the major artifacts constituting the city”. ROSSI, 1984, 86 p. Tradução do autor.

polar do tecido urbano. Relacionando o conceito de ponto nodal e núcleo de agregação ao conceito de polo, apontamos os equipamentos urbanos, os quais funcionariam como pontos de referência no espaço urbano, a partir do qual o crescimento é organizado.

*"Polo", o primeiro agrupamento a partir do qual se irá operar o desenvolvimento da aglomeração urbana, e o ponto de referência para este desenvolvimento (...) monumentos, cruzamentos, pontes, estações, povoados e aldeias ligadas por extensão, etc*⁶⁸

A articulação destes três conceitos relaciona os equipamentos urbanos como pontos de centralidade no espaço público. Destacamos, contudo, a substituição dos equipamentos urbanos pelos usos ou pelo tecido urbano, pois segundo LYNCH (1985), esses têm potencial para agir da mesma forma. Abordamos principalmente o conceito de pontos nodais devido às suas características como pontos no espaço para o onde as pessoas se locomovem.

1.3.2.5. MARCOS

O elemento urbano “marco” é observado sob diferentes aspectos pelos autores abordados. LYNCH (1985), ROSSI (1995) e PANERAI (1986) apresentam o marco como pontos fixos no espaço urbano que funcionam como centros de atração e são organizadores do espaço em seu entorno. SANTOS (1996), por exemplo, apresenta o marco a partir de uma abordagem mas relacionada a símbolos e marcas enquanto que HARVEY (1992) atribui aos eventos espetaculares a qualidade de elementos **marcantes** no espaço urbano.

A seguir, vamos discutir o elemento marco de maneira a ampliar a nossa compreensão sobre a presença deste elemento no espaço urbano.

O conceito de *marco* apresentado por LYNCH (1985) relaciona-se, principalmente, à idéia de visibilidade. Segundo o autor, os marcos possuem força de objetos dominantes⁶⁹ e podem funcionar como pontos focais chaves.

*“Os marcos são outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, senal, loja ou montanha.”*⁷⁰

⁶⁸ Polo “el primer agrupamiento a partir del cual se operará el desarrollo de la aglomeración urbana, y el punto de referencia de este desarrollo (...) monumentos, cruces, puentes, estación, pequeños pueblos o caseríos unidos por la extensión, etcétera” PANERAI, 1986, p. 40. Tradução do autor.

⁶⁹ LYNCH, 1985, p. 113

⁷⁰ LYNCH, 1985, 53 p.

Segundo PANERAI (1986), os marcos são elementos que possuem identidade pela sua forma:

“são geralmente elementos construídos, edifícios excepcionais, monumentos ou parte de monumentos, dotados de uma forma particular que facilita sua identificação”⁷¹

Sob o conceito de identidade apresentado pelo autor, recorremos a ROSSI (1995) que apresenta como uma das funções do marco a de ser um elemento de diálogo entre o usuário e o espaço urbano. Dessa maneira, o marco se afirma no espaço público por ser significante para sua sociedade: *“o monumento está no centro, é circundado por edifícios ou se torna lugar de atração”⁷²*. Com relação a esta expressão dialética que o monumento carrega em si, apresentamos o conceito de ícone urbano, definido por BORDE (2001) como um signo que possui caráter sintetizador de um conjunto de forças que existe na cidade:

“Um ícone urbano e arquitetônico pode ser definido como um artefato - um objeto arquitetônico, uma organização espacial, etc - que possui um caráter sintetizador de uma série de forças sociais, culturais, políticas, econômicas, etc (...) Desta forma, um ícone urbano e arquitetônico é um signo representativo dessas forças mesmo quando elas não estejam mais atuando em outro momento sócio-histórico.”⁷³

A relação de marco como um signo representativo à sociedade também é defendido por PANERAI (1986). Para o autor, os edifícios públicos são, essencialmente, monumentos para a sociedade, devido aos aspectos, natureza e funções que possuem.⁷⁴

Ainda no estudo da relação de identidade que os monumentos possuem, ressaltamos o conceito de espaços memoráveis apresentado por FRANCISCO (2005). Para a autora, os espaços públicos urbanos são dotados de identidade e, funcionando como elementos referenciais, colaboram para a continuidade da evolução das cidades, característica esta já defendida anteriormente por ROSSI (1995).

Para FRANCISCO (2005),

“Os locais memoráveis são aqueles que traduzem uma interação equilibrada entre o homem e o meio, ostentando uma identidade singular que as pessoas reconhecem facilmente (...) cada uma das partes ou zonas da cidade tem um patrimônio de conjuntos e edifícios, de vazios e percursos, de monumentos e de símbolos, que são referências da sua identidade que devem, em parte, ser conservados e reconvertidos, para contribuir tanto para se guardar a memória como se dar um impulso para a evolução da cidade”⁷⁵

⁷¹ *“son generalmente elementos construidos, edificios excepcionales, monumentos o parte de monumentos, dotados de una forma particular que facilita su identificación.”* PANERAI, 1986, p. 166. Tradução do autor.

⁷² ROSSI, 1995, p. 120

⁷³ BORDE, 2001, p.3

⁷⁴ *“La ciudad aparece sembrada de un gran número de edificios que se distinguen por su aspecto, su naturaleza (simbólica o ideológica) y por su función”* PANERAI, 1986, 225 p.

⁷⁵ FRANCISCO, 2005, p.2

A autora relaciona o conceito de locais memoráveis como dotados de características marcantes devido às suas qualidades de interação, simbolismo e memória que desempenham frente a seus usuários.

Nesta pesquisa, nos baseamos, essencialmente, no conceito de *marco visual* de LYNCH (1985), no qual, através principalmente de sua imagem, esse elemento urbano sugere relações dialéticas a partir do espaço urbano do qual é observado.

Essas relações estão expressas, por exemplo, na menção que HARVEY (1992, p. 251) faz à relação entre monumentos nacionais e os festivais de música produzidos para a sociedade alemã ao redor desses monumentos: *“eram realizados em espaços que circundavam monumentos nacionais onde massas de pessoas podiam cantar e dançar”*.

Esta relação entre as pessoas, os eventos e os marcos urbanos, é bastante significativa para a nossa pesquisa sobre os eventos no espaço público da Praia de Copacabana, já que ela mesma pode ser considerada um marco urbano, onde se realizam acontecimentos festivos e musicais, mas também um espaço privilegiado para a visibilidade de marcos urbanos cariocas.

1.3.3. AS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS

No estudo do espaço urbano através da metodologia apresentada por SANTOS (1996), é apontada a relação de indissociabilidade entre o sistema de objetos e o sistema de ações. Compreendemos como sistema de objetos os elementos presentes no espaço urbano e utilizamos a metodologia de LYNCH (1985) para analisar tais objetos. Com relação ao sistema de ações, SANTOS (1996) o caracteriza através das relações sociais praticadas no espaço urbano e recorreremos principalmente à metodologia de identificação das práticas sociais desenvolvidas por PANERAI (1986) para tratar deste sistema.

A metodologia de identificação das práticas sociais apresentada por PANERAI (1986) nos permitirá aprofundar o estudo de nosso objeto e os acontecimentos que nele são realizados. Pretendemos compreender também as relações que estes acontecimentos e atividades possuem com a morfologia urbana de nosso estudo de caso, a Praia de Copacabana. A análise destes sistemas nos permitirá compreender a espacialização das práticas sociais na Praia de Copacabana.

No estudo do conceito de ações, apresentado por SANTOS (1996), aprendemos que estes resultam das necessidades humanas⁷⁶ que conduzem às funções e levam o homem à criação de objetos materiais. Segundo SANTOS (1996), são *“necessidades fundamentais dos homens: alimentar-se,*

⁷⁶ SANTOS, 1996, 35 p.

*residir, deslocar-se, rodear-se de objetos úteis*⁷⁷. Nesta relação, estudamos o conceito de relações sociais de SANTOS (1996), abordando os conceitos de atividades fixas e de prática social, apresentados respectivamente por ROSSI (1995) e PANERAI (1986). Estes autores apresentam uma relação similar à apresentada por SANTOS (1996) no que diz respeito à associação das atividades sociais ao espaço urbano. Para eles, os usos, as atividades e a prática social são transformadores ou geradores dos objetos existentes no espaço urbano. ROSSI (1995) observa as ações como elementos que antecedem os objetos e apresenta o conceito de “atividades fixas” como tais sendo fatos sociais que precedem as formas e as funções dos lugares⁷⁸. O autor apresenta como exemplo ao seu conceito de atividades fixas, os usos comerciais, educacionais, os monumentos e os edifícios públicos. Para o autor estes objetos relacionam-se às atividades que satisfazem as necessidades do homem na sua vida em sociedade. PANERAI (1986) apresenta a relação de sobreposição, na qual o espaço físico recebe o espaço da prática⁷⁹. Segundo o autor, o espaço das práticas é o real espaço estruturante do espaço físico. O autor caracteriza o espaço das práticas através do conceito de prática social que compreende as atividades de trabalho, não trabalho, consumo, frequência, trajeto, ritos, representações e relações sociais. PANERAI (1986) defende que as práticas de atividades cotidianas geram *habitus*⁸⁰ e isto configuraria determinados lugares no espaço, ou seja, as práticas sociais marcam lugares no espaço urbano: “A vida social, a prática, não se enquadram apenas no espaço urbano, mas geram lugares, ao investir neles, ao se apropriar deles.”⁸¹.

A primeira etapa da metodologia apresentada pelo autor é responsável por analisar a morfologia urbana e a relação que esta possui com o espaço da prática social. Esta etapa possui o seguinte roteiro:

1ª Etapa: Morfologia do espaço urbano

- a. Identificar os limites morfológicos do espaço para verificar possíveis “transbordamentos” de uso, os níveis de divisão e as suas escalas;
- b. Identificar as potencialidades que os espaços oferecem às práticas de atividades;
- c. Identificar as relações de articulação entre as práticas observadas e outros espaços urbanos fora do recorte morfológico pré-definido;

⁷⁷ SANTOS, 1996, 35 p.

⁷⁸ ROSSI, 1995, 82 p.

⁷⁹ PANERAI, 1986, 237 p.

⁸⁰ PANERAI, 1986, 183 p.

⁸¹ Tradução pelo autor do trecho: “*la vida social, la práctica, no se inscriben tan sólo en el espacio urbano, sino que generan lugares, al investirlos, al apropiárselos.*” PANERAI, 1986, 199 p.

- d. Medir a simultaneidade com que estas atividades acontecem: se por unanimidade ou se por particularidade.

A segunda etapa é responsável pela descrição das atividades praticadas no espaço analisado e possui o seguinte roteiro:

2ª Etapa: Avaliação das práticas sociais

- a. Descrever as práticas existentes no recorte morfológico;
- b. Listar as atividades institucionalizadas ou informais;
- c. Reconstruir, se possível, as denominações perdidas dos lugares.

Utilizaremos esta metodologia para identificar as atividades praticadas no espaço público de nosso estudo de caso - a Praia de Copacabana - e para analisar as relações que estas possuem com os elementos urbanos presentes na morfologia deste espaço; relações estas, identificadas previamente através da metodologia indicada por LYNCH (1985) para a análise da forma urbana.

Através do estudo da metodologia para a análise das práticas sociais no espaço urbano apresentada por PANERAI (1986), poderíamos compreender a relação em que as práticas sociais assumem uma relação de uma atividade socioespacial. Esta relação compreenderia um determinado uso a um determinado espaço em um momento específico. Nesta abordagem, recorreremos a SANTOS (1995) que relaciona o conceito de formação socioespacial a um território:

“Mais do que a formação socioeconômica é a formação socioespacial que exerce esse papel de mediação: este não cabe ao território em si, mas ao território e seu uso, num momento dado, o que supõe de um lado uma existência material de formas geográficas, naturais ou transformadas pelo homem, formas atualmente usadas e, de outro lado, a existência de normas de uso, jurídicas ou meramente costumeiras, formais ou simplesmente informais.” (SANTOS, 1996, p. 337)

Para o estudo do sistema de ações, também vamos recorrer ao conceito de **adequação** de LYNCH (1985). Segundo o autor, a adequação é um dos conceitos que permitem avaliar o grau de desempenho de um espaço urbano. LYNCH (1985) define adequação como uma qualidade que relaciona a forma urbana à capacidade de adequação ao tipo e quantidade de atividades que uma população deseja realizar⁸². Dentro do conceito de adequação, o autor apresenta o conceito de reversibilidade ou elasticidade relacionando-os às características de adaptabilidade dos espaços urbanos. Este conceito refere-se à possibilidade de reversão que determinados espaços apresentam

⁸² LYNCH, 1985, 92 p.

frente a ações equivocadas, gerando uma oportunidade de reparar erros⁸³. Apesar de defender o conceito de reversibilidade, o autor ressalta que “nada es completamente reversible”⁸⁴. Estudaremos esta relação aplicada aos eventos que são realizados na faixa de areia da Praia de Copacabana que, enquanto objetos transitórios neste espaço público, utilizam-se de recursos construtivos para a organização eventual do espaço urbano.

1.3.3.1. O RECORTE TEMPORAL DOS ELEMENTOS URBANOS

Como a nossa pesquisa aborda o estudo dos eventos no espaço público através da análise da forma urbana, também compreendemos ser conveniente estudarmos os conceitos relacionados ao tempo e não somente os conceitos relacionados ao espaço e à forma urbana. Para a análise dos elementos formais do espaço público, vamos utilizar a metodologia de análise da forma urbana indicada por LYNCH (1985) que se baseia principalmente no estudo dos 5 elementos urbanos básicos: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Para a análise das relações temporais que incidem sobre os elementos urbanos, vamos nos apropriar, principalmente, do conceito de permanência de ROSSI (1995), relacionando-o aos conceitos de uso e de espaço temporários de HAYDN (2006), autor do livro “Temporary Urban Spaces”. A relação entre os conceitos destes autores busca enriquecer a discussão sobre a relação de temporalidade sobre as ferramentas de trabalho dos arquitetos e urbanistas: o espaço.

Ao trabalharmos com o conceito de permanência de ROSSI (1995), percebemos que o autor relaciona este conceito à cidade, que por ele é tida como um artefato, um objeto. Nesta relação, o autor aplica o conceito de permanência com a função de conferir evolução ao espaço urbano da cidade, seu artefato urbano:

“a cidade é uma coisa que permanece através das suas transformações e que as funções simples ou múltiplas, que ela desempenha progressivamente são momentos na realidade da sua estrutura.”⁸⁵

Ressaltamos o momento em que o autor apresenta a relação de permanência da cidade como atrelada ao conceito de transformação. Este trecho nos aponta a relação de uma forma urbana que não é estável e não perpetua no tempo e, além disso, está *em constante transformação* desempenhando funções *momentâneas*. O autor reforça o conceito de transformação do espaço urbano quando

⁸³ LYNCH, 1985, 128 p.

⁸⁴ LYNCH, 1985, 128 p.

⁸⁵ ROSSI, 1995, 46 p.

menciona que “na cidade nem tudo permanece, ou permanece com modalidades tão diferentes, que com frequência não são comparáveis”⁸⁶. Desta maneira, o autor sugere que os elementos urbanos possuem temporalidades diferentes e, por esse motivo, poderiam ser percebidos como elementos permanentes enquanto que, de fato, seriam elementos temporários. Nesta relação indicada pelo autor, passamos a tratar os elementos urbanos como elementos temporários e passageiros na história da cidade. Sejam as vias, os limites, os bairros, os pontos nodais e os marcos, a forma urbana é caracterizada como lugar que não permanece no tempo. Ao caracterizarmos os elementos urbanos como temporários, excluímos outros conceitos que poderiam classificar os elementos urbanos sob quaisquer outras categorias de temporização, como, por exemplo, classificar os elementos urbanos como transitórios, passageiros, eventuais ou efêmeros. Segundo ROSSI (1995), a cidade permanece *através de suas transformações* e, assim sendo, poderíamos dizer que essa relação inclui seus elementos urbanos.

Observamos que ROSSI (1995) relaciona o conceito de permanência às *funções simples ou múltiplas* presentes na cidade. O autor relaciona o objeto da cidade ao uso que é praticado em seu espaço urbano. Em concordância ao que diz ROSSI (1995), HAYDN (2006) apresenta o seu conceito de *espaço urbano temporário* como sendo um espaço que existe devido à necessidade de atender a um **uso** que também é **temporário**.

Passando da escala urbana à escala local, apresentamos o conceito de **uso temporário** apresentado por HAYDN (2006) como “*aqueles planejados desde o princípio para serem impermanentes*.”⁸⁷ O autor desenvolve este conceito, baseando-se no registro de algumas experiências urbanas em cidades européias. Estas experiências, que foram originadas a partir de iniciativas cívicas⁸⁸, promoviam pequenos acontecimentos em alguns lugares e se destacavam no espaço urbano devido à forma de apropriação deste. Em seu livro, são observados exemplos de intervenções arquitetônicas na escala do pedestre, intervenções que promoviam usos temporários. Citamos como exemplo, bares, exposições de arte e pequenos eventos musicais. Estas iniciativas nasceram no âmbito da cultura alternativa da sociedade européia e, em alguns casos, foram utilizadas como estratégias de planejamento urbano⁸⁹. Sob este contexto econômico social, o autor apresenta o seu conceito de espaços urbanos temporários:

⁸⁶ ROSSI, 1995, 53 p.

⁸⁷ “*Temporary uses are those that planned from the outset to be impermanent.*” HAYDN, 2006, 17 p. Tradução do autor.

⁸⁸ HAYDN, 2006, 15p.

⁸⁹ “*‘temporary uses’ do not simply follow pragmatic demands but represent rather a programmatic concept that derives from certain historic ‘uses’, or rather events, in the circles of the sub-, counter- and alternative culture a methodology or strategy for urban planning.*” HAYDN, 2006, 33 p. Tradução do autor.

“Espaços temporários são espaços abertos por projetos temporários, sejam eles produzidos por razões econômica ou estética, de planejamento urbano, por razões culturais ou simplesmente pelo desejo de usar algo. (...) Como parte do sistema de regulação institucional que regula entre a prática espacial e espaços materiais, são, talvez, uma vez novos e incomuns elementos (...) Eles estão localizados em lugares específicos que estão em parte, voltados espaço material como substrato físico das relações sociais.”⁹⁰

Notamos que o conceito apresentado relaciona o **uso temporário** do espaço urbano aos diversos tipos de práticas sociais. Observamos também que, enquanto ROSSI (1995) trabalha com o conceito de permanência relacionado aos fatos urbanos de longa temporalidade, HAYDN (2006) trabalha com o conceito de espaços temporários relacionado aos fatos urbanos de longa temporalidade, o mesmo HAYDN (2006) trabalha com **o conceito de espaços temporários relacionando à pequenos acontecimentos de curtíssima temporalidade**. Apesar da abordagem a partir de diferentes escalas de análise, ambos os autores tratam o espaço urbano como objeto [temporário] capaz de ser transformado em decorrência da necessidade de seu uso por sua sociedade.

Sob esta relação, comparamos os conceitos estudados ao nosso estudo de caso, a Praia de Copacabana. Durante a pesquisa de campo, foi observada a realização de acontecimentos dos mais diversos tipos que promoveram o uso do espaço público urbano por curtos períodos de tempo. Sejam eventos promovidos por iniciativas cívicas, públicas ou privadas, promoveram a realização de usos temporários e o desenvolvimento de relações sociais em seu espaço público.

Estas características são indicações apresentadas pelo referencial teórico-metodológico para identificação dos **espaços temporários** existentes no espaço urbano da cidade. Com relação ao caso brasileiro, muitas das vezes a realização de acontecimentos no espaço público tem sido identificada pelo senso comum sob o nome de “eventos urbanos”. No caso desta pesquisa científica, que se apoia sob o referencial bibliográfico apresentado, abordaremos estes acontecimentos sob o conceito de espaços temporários.

O próximo diagrama relaciona os conceitos até aqui estudados e, em seguida, apresentamos os quadros referenciais teórico-metodológicos construídos para esta pesquisa:

⁹⁰ “Temporary spaces are spaces opened up by temporary projects, whether they are produced by economic or aesthetic, urban planning, cultural reasons or simply by a desire to use something. (...) As part of the system of institutional regulation that mediates between spatial practice and material spaces, they are, perhaps, a rather new and unusual element (...) They are located in specific places that are in turn part of material space as the physical substratum of social relationships.” HAYDN, 2006, 59 p. Tradução do autor.

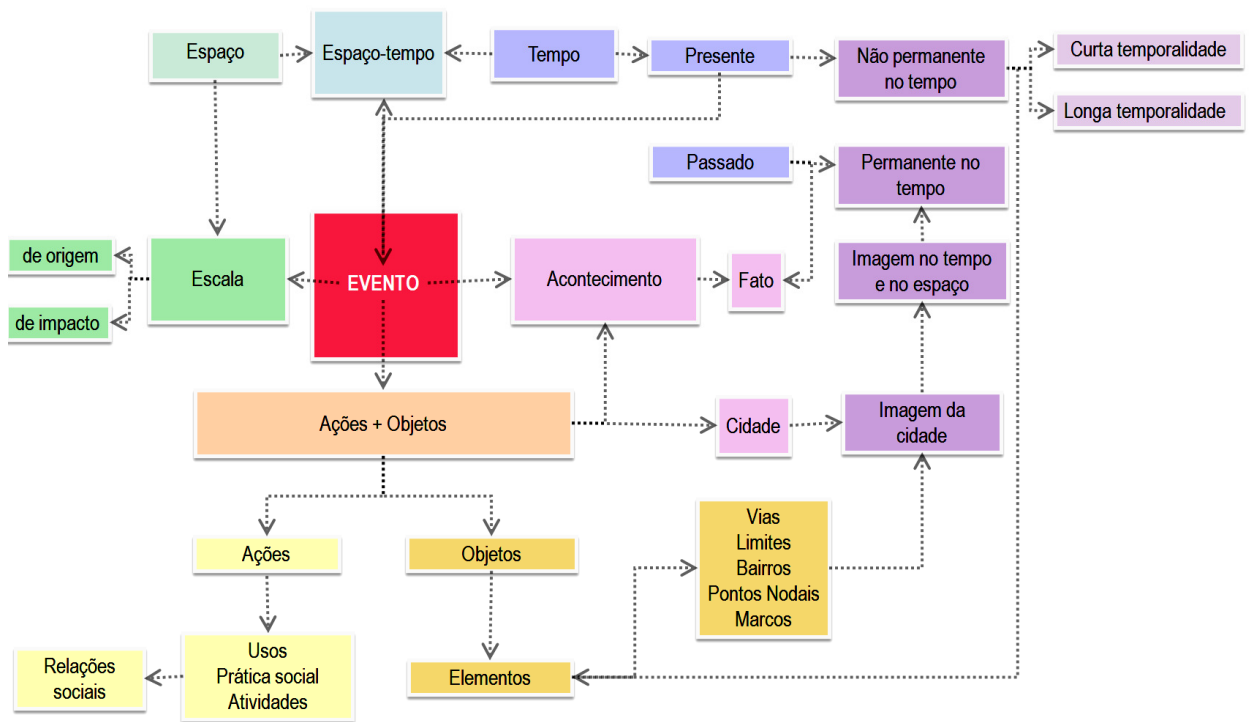


Figura 3: Diagrama que relaciona os conceitos pesquisados

QUADRO SINTÉTICO

SISTEMA DE AÇÕES	SISTEMA DE OBJETOS
- Atividades fixas	- Objetos de longa temporalidade
- Adequações	- Objetos de curta temporalidade

Quadro 5: Quadro síntese para o sistema de ações / sistema de objetos.

SISTEMAS

SISTEMA DE AÇÕES	SISTEMA DE OBJETOS
LYNCH Adequação	LYNCH Vias Limites Setores Pontos Nodais Marcos
ROSSI Atividades Fixas	
PANERAI Prática social	
FRANCISCO Deslocamento	
SANTOS Relações sociais	

Quadro 6: Conceitos pesquisados para análise do sistema de ações e do sistema de objetos.

SISTEMA DE AÇÕES – CONCEITOS

QUADRO DE CONCEITOS PARA ANÁLISE DO SISTEMA DE AÇÕES	
LYNCH	Adequação Usos
ROSSI	Residências Tráfego Atividades Fixas Lojas Edifícios públicos Edifícios comerciais Escolas Universidades Hospitais entre outros
PANERAI	Prática social: Trabalho Não-trabalho Consumo Frequência Relações sociais Trajeto Ritos Representações
FRANCISCO	Pedonal Motorizado Multimodal
SANTOS	Relações sociais Sistema de ações

Quadro 7: Quadro de conceitos para análise do sistema de ações.

SISTEMA DE OBJETOS - CONCEITOS

QUADRO DE CONCEITOS PARA ANÁLISE DO SISTEMA DE OBJETOS					
	VIAS	LIMITES	SETORES	PONTOS NODAIS	MARCOS
LYNCH	Deslocamento Circulação	Fronteira Barreira Quebra de continuidade	Regiões	Convergência Concentração Condensação	Visual Pontos focais chaves Objetos físicos dominantes
ROSSI	Tráfego		Residências	Núcleos de Agregação	Monumento Centro de atração Valor histórico- simbólico Valor artístico-formal
PANERAI	Redes de Comunicação Tecido Urbano	Limite Barreira	Quadra / Bloco Agrupamentos Centros de bairro Espaços de Familiarização	Polo Nós	Pontos fixos que estruturam a cidade Edifícios públicos
FRANCISCO			Consolidado Fragmentado Novos de Oportunidade		Locais memoráveis referenciais perante outras cidades Identidade
BORDE					Ícones
SANTOS					Ideologia Símbolos Marca
HARVEY			Flexíveis Fragmentado Colagem de usos "novos" e "antigos"		Espetacular

Quadro 8: Quadro de conceitos para análise do sistema de objetos.

CONTEXTOS			CONCEITOS						MÉTODO
ECONÔMICO	ESPAÇO URBANO	CIDADE	ESPAÇO PÚBLICO	ESCALA	PROPRIEDADE	USOS	TECIDO URBANO	ELEMENTOS	MÉTODO
FRANCISCO:	FRANCISCO:	LYNCH:	ROSSI:	CULLEN:	ROSSI:	LYNCH:	PANERAI:	LYNCH	SANTOS:
<ul style="list-style-type: none"> Globalização Escalas territoriais 	<ul style="list-style-type: none"> Participa de uma rede de cidades É objeto de competitividade Indica níveis de qualidade de vida Atratividade: 	<ul style="list-style-type: none"> Reversibilidade Elasticidade dos espaços Versatilidade 	<ul style="list-style-type: none"> Núcleos de Agregação Catalizadores e aceleradores do processo de urbanização Uso coletivo Centros de atração 	<ul style="list-style-type: none"> Pedestre 	<ul style="list-style-type: none"> Público Privado 	<ul style="list-style-type: none"> Usos Adequação / Vititude 	<ul style="list-style-type: none"> Tecido Urbano Parcelamento Edificação 	<ul style="list-style-type: none"> Vias Limites Regiões Pontos nodais Marcos 	<ul style="list-style-type: none"> Sistema de objetos Sistema de ações Ponto no espaço-tempo (instante de tempo e um ponto no espaço)
HARVEY:	HARVEY:	PANERAI:	PANERAI:	ROSSI:	FRANCISCO:	ROSSI:	SANTOS:	BORDE:	ROSSI:
<ul style="list-style-type: none"> Consumismo de serviços Mercadificação da cultura Indústria de produção de imagens Superacumulação de capital financeiro 	<ul style="list-style-type: none"> Flexíveis Forte relação com o Lugar Fragmentado Colagem de usos "novos" e "antigos" Projetos Urbanos de pequena escala 	<ul style="list-style-type: none"> Elasticidade dos espaços Espaço das práticas sociais 	<ul style="list-style-type: none"> É sobreposto pelo espaço das práticas sociais 	<ul style="list-style-type: none"> Rua Bairro Cidade 	<ul style="list-style-type: none"> Privado (uso público) 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades Fixas 	<ul style="list-style-type: none"> relações sociais ações 	<ul style="list-style-type: none"> Ícones 	<ul style="list-style-type: none"> Não permanente Sempre em processo de transformação
		ASCHER:	ASCHER:	PANERAI:	BORJA:	PANERAI:		SANTOS:	
		<ul style="list-style-type: none"> Mistura funcional 	<ul style="list-style-type: none"> Hipersensível Espaços abertos Multi-funcionalidade Espaço em evolução 	<ul style="list-style-type: none"> Centro da cidade Centro de bairro Agrupamentos residenciais (ou unidades de vizinhança) 	<ul style="list-style-type: none"> Uso coletivo 	<ul style="list-style-type: none"> Prática social Trabalho Não-trabalho Consumo Trajeto Ritos Representações 	<ul style="list-style-type: none"> Permite ações que modificam o lugar indissociável do elemento temporário 		

Quadro 9: Quadro resumo que relaciona os conceitos pesquisados para a pesquisa do tema eventos no espaço público urbano

CAPÍTULO

**2. O ESPAÇO PÚBLICO
DA PRAIA DE
COPACABANA**

Neste capítulo, vamos abordar o espaço público urbano da Praia de Copacabana, a fim de identificar os seus elementos urbanos, as relações temporais incidentes neles e as ações sociais praticadas em seu espaço público e, assim, compreendermos o processo de formação de seu espaço público e, especificamente, os eventos no espaço urbano.

Designamos Praia de Copacabana os 4,5 Km de extensão da orla marítima⁹¹ compreendidos entre os Fortes de Copacabana e do Leme, ou, mais especificamente, a faixa de areia do calçadão, as faixas de rolamento de veículos e o conjunto de edifícios que compõem a orla dos bairros de Copacabana e do Leme.⁹² (O Mapa 1 relaciona a Praia de Copacabana aos bairros vizinhos e seus principais marcos naturais.)

A fim de compreender a espacialização dos usos e das atividades pela Praia de Copacabana e as relações que ali se desenvolvem, apresentaremos neste capítulo a análise da morfologia do espaço público urbano da Praia de Copacabana.

Este capítulo estrutura-se da seguinte maneira:

A primeira parte está direcionada ao estudo do processo de formação da Praia de Copacabana. Neste estudo, recorreremos aos fatos históricos que influenciaram a construção do espaço urbano de sua orla marítima. Esta pesquisa permitiu a construção de um Quadro Sinótico que relaciona os dados coletados.

A segunda parte do capítulo está relacionada ao estudo do espaço público da Praia de Copacabana. Iniciamos essa discussão com uma análise comparativa entre a Praia de Copacabana e outras 4 praias urbanas internacionais. Esta pesquisa foi fundamental para desnaturalizar a Praia de Copacabana do contexto cultural brasileiro e, assim, pudemos observar as principais características e particularidades presentes no uso de seu espaço público urbano. Ainda neste tópico, vamos compreender o uso do espaço público da Praia de Copacabana através do uso de 4(quatro) imagens sínteses. Estas 4(quatro) imagens sínteses foram construídas durante o processo de sistematização dos dados do Quadro Sinótico e nos ajudaram na compreensão das qualidades presentes no uso do espaço público da Praia

⁹¹ O Ministério do Meio Ambiente, em sua publicação Projeto Orla (MMA, 2002, p.25), define orla marítima como sendo a “unidade geográfica delimitada pela faixa de interface entre a terra firme e do mar”.

⁹² Os Fortes do Leme e de Copacabana são percebidos participantes deste conjunto paisagístico, apesar de, administrativamente, pertencerem a outros bairros.

de Copacabana. Estas imagens relacionam-se ao estudo dos eventos neste espaço urbano.

A terceira parte do capítulo está destinada à análise da morfologia urbana da Praia de Copacabana. Esta análise foi realizada segundo a metodologia de análise da imagem da cidade apresentada por LYNCH (1985). Esta análise é o fio condutor para o estudo das práticas sociais no espaço público urbano da Praia de Copacabana, o qual será abordado no capítulo 3.



Mapa 1

Mapa 1: Centro e Zona Sul
Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. 2007.



Figura 4

Figura 4: Construção de cortina de concreto devido às freqüentes ressacas na década de 40.



Figura 5

Figura 5: Construção do Interceptor Oceânico.

2.1. PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA PRAIA DE COPACABANA

O bairro pacato de Copacabana no século XIX ainda não possuía uma orla projetada da maneira qual é hoje em dia. Seu terreno formava um areal deserto onde eram encontradas pitangueiras⁹³. Este espaço da cidade passou por diversas reformas urbanas e paisagísticas, a ponto de se transformar em um importante ícone de saúde, beleza e elegância no final dos anos 40 (ARAÚJO, 1993). Poucos projetos urbanos na cidade tiveram uma repercussão e assimilação pela sociedade de forma tão especial quanto o aterro da Praia de Copacabana, o qual culminou no alargamento de sua faixa de areia e, conseqüentemente, na construção da praia urbana mais bonita do mundo⁹⁴. A Praia de Copacabana, tal como a conhecemos hoje, é portanto, uma paisagem construída, desde o conjunto edificado que, a delimita, passando pelas faixas de rolamento e calçadões, até a faixa de areia.

2.1.1 PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DA PRAIA DE COPACABANA

Foi na passagem para o século XX que a Praia de Copacabana perdeu o seu caráter bucólico e recebeu importantes reformas urbanas, as quais iriam caracterizar a forma como existe hoje: a implantação do calçadão junto ao mar para qualificar o uso do passeio ao ar livre, a abertura de túneis perpendiculares à Av. Atlântica para aumentar a sua acessibilidade e as obras de saneamento, com a implantação do interceptor oceânico na década de 1970 para trazer maior grau de salubridade urbana⁹⁵. Esta última intervenção culminou com o aterro da “velha” Praia de Copacabana, a fim de dar a passagem de uma rede sanitária sob as areias da praia. A “Nova Praia de Copacabana” surgiu então com a forma e a extensão que a praia possui hoje - com calçadões e com a faixa de areia ampliadas.

Na tentativa de organizar os principais fatos que incidiram sobre a Praia de Copacabana e promoveram a transformação de seu espaço, elaboramos um quadro sinótico.

A análise do quadro sinótico permite a organização dos dados e a identificação de 5(cinco) períodos históricos distintos da Praia de Copacabana. A denominação destes períodos está relacionada ao processo de urbanização do bairro de Copacabana. Este processo abrange desde o período dedicado aos projetos para o bairro (o que antecede a ocupação urbana) até os dias atuais, que são caracterizados sobretudo pela realização de eventos culturais e sociais no espaço público da praia. A seguir, apresentamos os 5(cinco) períodos históricos observados na pesquisa e teremos como fio condutor as intervenções que marcaram a transformação do seu espaço urbano:

⁹³ CARDOSO, 1986, p.13

⁹⁴ _____. “Copacabana é eleita praia mais bonita do mundo”. O Globo. Rio de Janeiro. 19 Jun. 2007. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/06/19/296427310.asp> . Acesso em 27 Fev. 2009.

⁹⁵ QUEIROZ (2010)

- 1) **Período de Projetos:** Compreenderia as primeiras tentativas de ocupação de seu espaço as quais, ainda a partir de projetos urbanos, buscavam a integração de seu território com o restante da cidade através de projetos urbanos.
- 2) **Período de Urbanização e Conexões:** Iniciaria com a construção do Túnel Velho (1892), ligando Botafogo à Copacabana, primeiro túnel de acesso ao bairro. Este período é marcado pelo arruamento das primeiras vias que levaram à ocupação do bairro e à conexão com o restante da cidade.
- 3) **Período de Verticalização do Bairro:** Iniciaria com a inauguração do Hotel Copacabana Palace em 1923. Esta fase já caracterizava o uso residencial do bairro enquanto promovia o aparecimento de atividades comerciais e de serviços. Nota-se neste período o intenso processo de verticalização na Praia de Copacabana, o qual se inicia na década de 1930 e consolida-se em 1959.
- 4) **Período de Adequação e Reformas:** Este período seria inaugurado com a duplicação da Avenida Atlântica através das obras de construção do interceptor oceânico que conduziu ao aterro da “velha” Praia de Copacabana. Esta intervenção resulta em “nova” Praia de Copacabana, que passou com isso a ser caracterizada pela larga faixa de areia e pelos calçadões. Este período também é caracterizado pelas adequações urbanas que reformularam seu espaço público e, também, ofereceu condições políticas favoráveis à construção dos edifícios hoteleiros mais altos na praia.
- 5) **Período Contemporâneo:** Este período ainda é corrente e tem sido marcado por acontecimentos notáveis no espaço público de sua orla marítima. Poderíamos dizer que, neste período, a Praia de Copacabana é utilizada para agregar visibilidade aos eventos que ela recebe em seu espaço público, sejam eles, manifestações sociais, culturais ou artísticas.

Apesar de o Quadro Sinótico apontar as intervenções no bairro e na área de estudo, devemos considerar o fato de todas as intervenções realizadas na Praia de Copacabana terem contribuído de alguma maneira - como melhorias que agregaram valor à qualidade de vida e à qualidade urbana nesta área da cidade.

A seguir, apresentamos o Quadro Sinótico que é referenciado em sua maior parte no livro “A História dos Bairros – Copacabana” (CARDOSO, 1986). Neste quadro, observaremos a coluna das Imagens Sínteses que se subdivide em: a Copacabana Turística, a Copacabana Esportiva, a Copacabana 24 Horas e a Copacabana Palco para Eventos. Estes conceitos serão tratados logo em seguida, no tópico de análise de seu o espaço público urbano.

CONTEXTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO		PERÍODOS		CONTEXTO DA CIDADE	DADOS			IMAGENS SÍNTESES				
					PROJETOS URBANOS	INTERVENÇÕES REALIZADAS	INTERVENÇÕES NA ÁREA DE ESTUDO	COPACABANA TURÍSTICA	COPACABANA ESPORTIVA	COPACABANA 24H	COPACABANA PALCO	
2.1.1. QUADRO SINÓTICO - PRAIA DE COPACABANA (1800-2011)												
Império (1822-1889)	Município Neutro (Capital do País)	PROJETOS	Séc. XVIII-XIX	Antecedentes Até 1800	●							Sacopenapan: Nome atribuído à atual "Praia de Copacabana"
				1800		●	●					Construída a capela dedicada a Nossa Senhora de Copacabana
				1855		●						Construção do Forte do Leme
				1874	●							1855- Abertura da Ladeira dos Tabajaras: Primeiro acesso urbanizado a Copacabana.
				1873	●		●					Projeto de arruamento para a área compreendida entre o morro do Leme e a atual rua Siqueira Campos
				1873	●		●					Inaugurado o primeiro posto de telégrafo submarino
Primeira República (1889-1930)	Distrito Federal (1889-1960)	URBANIZAÇÃO E CONEXÕES	Séc. XIX - XX	1892		●						* Construção do primeiro túnel de acesso ao bairro, o Túnel da Real Grandeza ("Túnel Velho"), para passagem de linhas de bondes
				1894	●							A malha viária básica de Copacabana já estava projetada
				1900		●						Permitido o tráfego público de veículos pelo túnel da Real Grandeza ("Túnel Velho")
				1903		●	●					Ramais de bonde do Leme e da Igrejinha já haviam sido inteiramente eletrificados
				1903 - 1906		●	●					Urbanização de Copacabana: Arruamento de vias do Leme e Copacabana; Arruamento da Avenida Atlântica; Abertura do Túnel do Leme ("Túnel Novo") - Botafogo-Copacabana; (Prefeito Pereira Passos)
				1905 - 1909		●	●					Construção da Avenida Atlântica: sua configuração inicial possuía 6 metros de largura
				1905			●	●				Inaugurado bar no final do ramal do Leme, constituindo ponto de atração para passageiros e turistas
				1906		●						Inauguração do Túnel do Leme ou "Túnel Novo"
				1909		●	●					* Inauguração da Avenida Atlântica (Administração Souza Aguiar)
				1910 - 1920			●				●	Pilotos da aviação brasileira faziam pousos e decolagem na areia da praia.
				1919		●	●					Avenida Atlântica: troca dos postos de salvamento e duplicação das faixas de rolamento
				1919		●	●					A "Igrejinha" de N.S. de Copacabana já encontrava-se em ruínas
				1920 - 1922	●							Ligação Centro-Copacabana com a demolição do Morro do Castelo
				05/07/0922			●				●	Revolta dos 18 do Forte: Marcha de 18 militares na Praia de Copacabana
Era Vargas (1930-1945)	Anos 20 a Anos 60	VERTICALIZAÇÃO DO BAIRRO		1923		●	●	●				* Inauguração do Hotel Copacabana Palace
				1930 - 1939			●		●			Primeiros campeonatos amadores de vôlei de praia realizados na Praia de Copacabana e em Ipanema
				1930 - 1945	●		●					Bairro de Copacabana totalmente loteado e ocupado. Iniciava-seo processo de verticalização.
				1935		●	●					Retirada da Pedra do Inhangá para construção da piscina do hotel Copacabana Palace
				1940 - 1950			●		●			Competição de Mergulho
1940 - 1950	●		●					Intenso processo de verticalização de Copacabana.				

República Nova (1945-1964)	Estado da Guanabara	ADEQUAÇÕES E REFORMAS	Anos 70 a Anos 90	1940 - 1950			●	●					Forte ressaca na Praia de Copacabana estimula a criação de uma cortina de concreto entre o calçadão e a faixa de areia					
				1945						●					Surge a "raquetinha" (frescobol) na Praia de Copacabana.			
Regime Militar (1964-1985)	Estado da Guanabara	ADEQUAÇÕES E REFORMAS	Anos 70 a Anos 90	1948								●	A "Casa Vargas", inaugura o horário comercial noturno do bairro, funcionando até as 22h.					
				1949			●	●						Alargamento da Avenida Princesa Isabel				
				1950							●				Primeiro torneio de vôlei de praia com patrocínio e cobertura jornalística realizado nas Praias de Copacabana e Ipanema			
				1950 - 1959			●	●							Retirada da segunda Pedra do Inhangá para construção de edifícios			
				1958 - 1965			●								Via Cais-do-Porto - Copacabana (Catumbi): Prefeito Negrão de Lima			
				1959	●											Consolidação da fisionomia urbanística dos altos edifícios na orla marítima		
Nova República (1885-Dias atuais)	Estado da Guanabara	ADEQUAÇÕES E REFORMAS	Anos 70 a Anos 90	1960 - 1979									●	Surge a prática do "Jacaré" em Ipanema e Leblon.				
				1965											●	Surge o futvôlei.		
				1965 - 1970												●	Surge prática de pesca submarina e mergulho na Pedra do Arpoador	
				1970 - 1979			●	●									* Interceptor oceânico: Duplicação da Avenida Atlântica e aumento de sua faixa de areia	
				1970 - 1975			●	●	●								* Construção dos hotéis Méridien e Othon, os dois edifícios mais altos da orla marítima	
				1971 - 1978					●	●							Restaurantes com mesinhas no calçadão	
	Capital do Estado do Rio de Janeiro	ADEQUAÇÕES E REFORMAS	Anos 70 a Anos 90	Séc. XXI	1980										●	Prostituição na orla marítima marca o uso noturno do espaço		
					1990 - 1992			●	●								Rio Orla: Projeto de recuperação da orla do Leme até o Pontal.	
					1993 - 2000			●	●									Rio Cidade: A Avenida Princesa Isabel foi reformulada.
					1993					●	●						●	Show do Rod Stewart reuniu 3,5 milhões de pessoas na Praia de Copacabana
					1995												●	Realizada a primeira Marcha pela Cidadania de Gays, Lésbicas e Travestis do Brasil, hoje conhecida como "Parada Gay"
					1995 - 1999					●								●
Capital do Estado do Rio de Janeiro	CONTEMPORANEIDADE	Séc. XXI	Séc. XXI	1996										●	O COB realiza em Copacabana o primeiro torneio Rei da Praia, seguindo os moldes do campeonato já tradicional nos Estados Unidos			
				1997 - 2000			●	●	●								Projeto urbanístico Rio-Mar em Copacabana, traz nova iluminação, padronização do mobiliário dos restaurantes e replantio de espécimes do projeto original.	
				2003 - 2007													●	Realização das Copas do Mundo de Futebol de Areia na Praia de Copacabana
				18/02/2006					●	●							●	O show dos Rolling Stones na Praia de Copacabana reúne 1,3 milhão de pessoas
				21/09/2008													●	1ª Caminhada em defesa da liberdade religiosa contra a intolerância
				01/01/2010.					●	●							●	Réveillon atinge público de 2 milhões de pessoas na Praia de Copacabana
...																		
2016					●								●	Previsão de sediar modalidades esportivas durante as Olimpíadas de 2016 que serão realizadas no Rio de Janeiro				

Quadro 10: Quadro Sinótico - Praia de Copacabana (1800-2011). Este quadro sinótico foi formatado de maneira a relacionar o período temporal, o contexto político-administrativo da cidade do Rio de Janeiro e os projetos e intervenções que foram realizados na área de estudo. Dispusemos a coluna de imagens sínteses em paralelo com a coluna de organização dos dados de maneira a relacionar as 4(quatro) características destacadas com as intervenções urbanas ocorridas em seu espaço.

Relacionamos os períodos históricos e a evolução urbana apresentada pelo Quadro Sinótico à próxima imagem. Nela visualizamos o processo de verticalização urbana ocorrido em um trecho da Avenida Atlântica, compreendido entre a Rua República do Peru e a Av. Princesa Isabel. A imagem apresenta 5(cinco) faixas temporais, as quais compreendem os anos de 1910 a 1986:

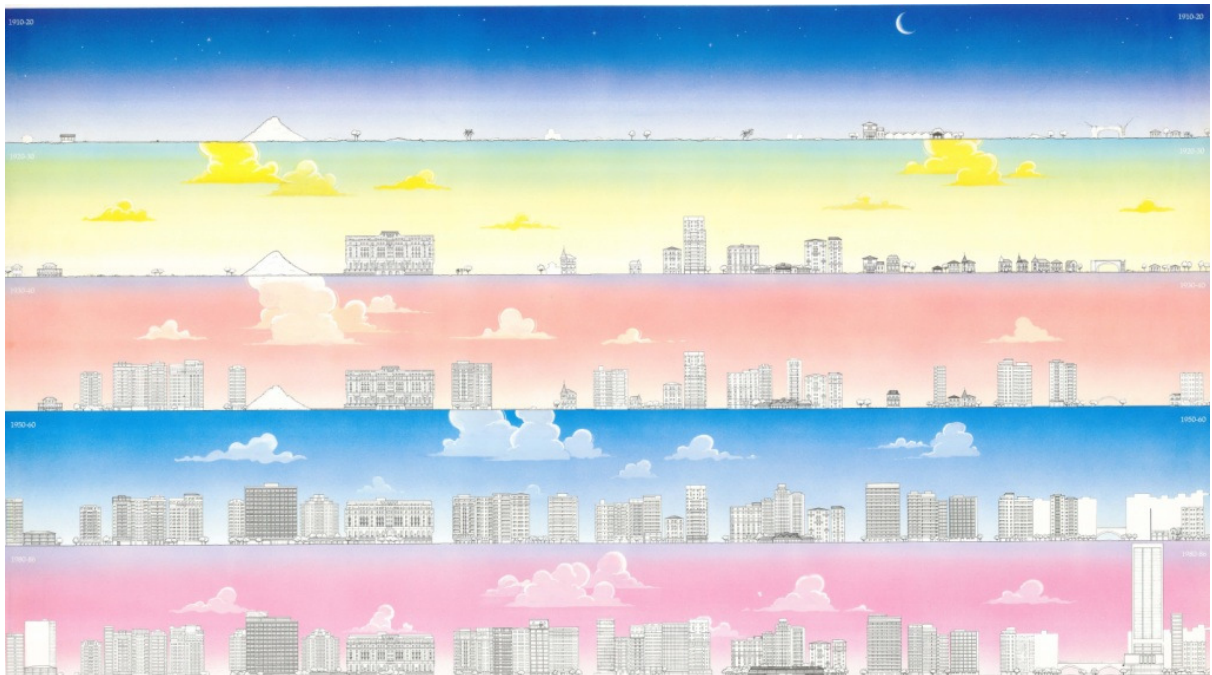


Figura 6 : Evolução da paisagem edificada na orla da Praia de Copacabana 1910-1986. Desenho: Andréa Borde (1985). Design: Victor Burton

Nesta imagem, notamos a radicalidade entre as tipologias arquitetônicas nos primeiros momentos de sua ocupação (caracterizada por casarios e palacetes) e as tipologias observadas em sua última faixa temporal (caracterizada por altos edifícios ocupando praticamente toda a extensão da orla entre a Rua República do Peru e a Avenida Princesa Isabel). Observamos também o fato de que os edifícios que delimitam a orla marítima de Copacabana foram construídos, praticamente, todos entre 1930 e 1950, com poucas modificações até 1985, data da última faixa temporal. Podemos observar hoje *in loco* que, nestes últimos 25 anos, poucas edificações foram construídas ou modificadas.

A seguir, vamos estudar a morfologia deste espaço urbano, procurando evidenciar suas características espaciais particulares.

2.2 O ESPAÇO PÚBLICO DA PRAIA DE COPACABANA

2.2.1 O USO PÚBLICO DO ESPAÇO URBANO DA PRAIA DE COPACABANA

Neste tópico abordaremos o conceito de espaço público relacionando-o aos referenciais teórico-metodológicos pesquisados. A fim de compreender a natureza do caráter público deste espaço urbano que existe sob a influência de diferentes interesses, trabalharemos com autores que relacionam o conceito de espaço público ao desenho do tecido urbano [PANERAI (1986)], ao uso deste espaço enquanto lugar de manifestação social [SERPA] e à sua relação com a propriedade do solo [BORJA]. Abordaremos enfaticamente os conceitos de multifuncionalidade e de trocas sociais e, em seguida, trataremos da relação do uso privado no espaço público urbano.

Iniciamos nossa discussão com FRANCISCO (2005), que aborda o conceito de espaço público sendo um lugar acolhedor de **grupos sociais distintos**. Para a autora, o espaço público é o espaço que recebe usuários com necessidades distintas, não importando, contudo, a propriedade ou a responsabilidade pela manutenção física do espaço. Áreas verdes, parques temáticos, espaços livres em condomínios residenciais ou praças de alimentação em shoppings centers podem ser considerados espaços públicos mesmo que de fato pertençam à iniciativa privada.

Uma característica que complementa o conceito de FRANCISCO (2005) é a relação de sociabilidade que ANDRADE (2002) acrescenta ao conceito de espaço público. A autora trabalha este conceito como lugar de **interação entre pessoas** e não somente como espaço acolhedor de grupos sociais distintos. A autora defende que o espaço público seja qualificado pelas atividades que nele são praticadas e não somente pelas características determinadas por seu desenho urbano como, por exemplo, o desenho de vias, ruas e praças.

No estudo do processo de formação do espaço urbano da Praia de Copacabana, demos especial importância às maneiras como o seu espaço público recebeu a intervenção de grupos sociais com diferentes interesses, como se pode observar no Quadro Sinótico. Como exemplo, citamos a implantação de fortes militares, a abertura de galerias comerciais nos edifícios de sua orla, a realização de festividades locais e, ainda, como sendo sede de campeonatos esportivos. O espaço público da Praia de Copacabana ofereceu suporte a estas e a outras diversas atividades e, assim, poderíamos dizer que favoreceu a interação entre grupos sociais distintos. NACIF (2007) menciona que em alguns momentos em sua história, a Praia de Copacabana chega a “exportar” modismos locais de seus moradores para outros bairros da cidade e a ditar **tendências** de comportamento social. Estas relações apontam a visibilidade social que este espaço urbano alcançou na cidade do Rio de Janeiro.

Poderíamos dizer também que a Praia de Copacabana se diferenciou dentre os demais espaços públicos da cidade, tendo na valorização de sua diferenciação cultural local, uma das características que permaneceram na história cultural deste espaço público e ainda é presente nos dias de hoje.

Ressaltamos que a sociedade carioca foi construindo pouco a pouco a sua cultura de uso do espaço público. Formas de se vestir, de se comportar, de se relacionar e de viver um espaço urbano banhado pelo mar foram adequando a influência cultural urbanística européia à realidade tropical, como demonstra ARAÚJO (1993, p. 286)

Uma das atividades que se faz presente na cultura de uso do espaço público carioca e, por sua vez, é presente na Praia de Copacabana são os festejos em ruas⁹⁶. No período republicano, as comemorações e encenações teatrais eram praticadas nas ruas da cidade que ganhavam um ar comemorativo e alegre em determinadas ocasiões. Estas manifestações culturais, assim como o acolhimento e a interação de diferentes grupos sociais, qualificam o espaço público da Praia de Copacabana como espaço de uso social coletivo, como espaço multifuncional e como espaço que possui em sua natureza o **domínio público**⁹⁷ por excelência.

Notamos que este espaço público também é procurado por empresas e instituições que anseiam por se fazerem presentes nele, pois têm como fato motivador, a influência que este exerce na sociedade carioca. Seja para divulgar uma marca, promover campanhas ou simplesmente fixar um ponto de venda, diversas companhias patrocinam concertos musicais, festas e competições esportivas na praia, suscitando assim novas relações sobre o caráter público neste espaço urbano.

Uma das características que distinguem a Praia de Copacabana entre as demais praias cariocas é a quantidade de eventos realizados em seu espaço público urbano. É observada, cotidianamente, a prática de atividades relacionadas ao lazer e ao esporte. Alguns destes eventos poderiam estar, no entanto, anunciando uma **dinâmica** distinta na relação **público-privado** se comparado a outros espaços públicos cariocas. Estamos nos referindo ao fato de a Praia de Copacabana receber em seu espaço público urbano, eventos promovidos por empresas privadas. Foi observado na pesquisa de campo que, durante a realização dos eventos, também são promovidos serviços e marcas de produtos de seus patrocinadores, apoiadores, realizadores e promotores, entre outros envolvidos. Esta relação é interessante, pois agrega um marketing direcionando ao público participante do evento. Ressaltamos aqui o fato do espaço público urbano da Praia de Copacabana estar sendo usado como espaço para a propaganda e publicidade de empresas privadas. Além desta relação, também existe o fato de alguns desses eventos necessitarem de uma formatação especial do espaço público para que possam ser

⁹⁶ ARAÚJO (1993:343)

⁹⁷ BORJA (1998)

realizadas algumas destas atividades eventuais. Nos referimos aqui ao uso de grades, tendas, torres de sonorização, banners, coberturas e outros aparatos técnicos que reformatam o espaço público da Praia de Copacabana e, assim, interferem temporariamente na sua morfologia urbana e nos fluxos de pessoas que por ali transitam, ou seja, para a realização de alguns eventos, existe uma interferência no uso e na relação público-privada no espaço público urbano da Praia de Copacabana.

Abordamos agora a relação como este espaço público suporta a **promoção de atividades comerciais e de serviços de lazer**, muitas vezes patrocinados pela iniciativa privada. Embora estes eventos sejam patrocinados pela iniciativa privada, existe também a promoção por parte poder público municipal que, em alguns casos, funciona em parceria com os promotores do evento como, por exemplo, no Réveillon da Praia de Copacabana. Seja a realização dos eventos alvo de investimentos do poder público ou do poder privado, é necessária a permissão do poder público municipal para que tais atividades ocorram no espaço público da Praia de Copacabana. Não pretendemos discutir nesta pesquisa políticas urbanas para concessão de uso do espaço público, no entanto evidenciar a relação que o poder público municipal mantém para o uso deste espaço público tão caro aos cariocas.

No contexto econômico atual, marcado por cidades que disputam entre si a atração de investimentos privados em escala internacional⁹⁸, o recente Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro⁹⁹ expressa esta vontade de atração de investimentos privados, entre outras ações, através do incentivo do turismo na cidade. Estas políticas são defendidas pela necessidade de estimular a economia e potencializar o ambiente de negócios, tornando a cidade cada vez mais competitiva em escala global. Nesta relação de concorrência por investimento, FRANCISCO (2005) propõe “*consolidar uma estratégia urbana de destaque territorial*”, ou seja, uma estratégia de promoção urbana baseada nos princípios de marketing que vise readequar sistematicamente os espaços públicos de uma cidade. Esta estratégia tem a finalidade de posicionar a cidade frente ao contexto econômico contemporâneo, o qual valoriza a busca de capital externo e de consumidores de bens e serviços locais. Para a autora, o marketing territorial seria um conceito que definiria a relação de promoção urbana na qual o produto oferecido é o próprio espaço público.

A relação turística não é estranha à história de formação do espaço público da Praia de Copacabana. Mesmo antes de sua urbanização, esta praia já era alvo de interesse de investidores locais que possuíam projetos para implantação de linhas de carris e de outros equipamentos públicos para esta

⁹⁸ MUNIZ (2002:175)

⁹⁹ _____. Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro 2009 – 2012: Pós 2016, O Rio mais integrado e Competitivo. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009

área¹⁰⁰. Estes investidores projetaram ruas, asfaltaram vias, trouxeram energia elétrica e linhas de bonde¹⁰¹ para este bairro que, até então, estava sem conexões com o restante da cidade.

Ressaltamos também o fato de a Praia de Copacabana ter sido inicialmente ocupada com a instalação de um hospital para convalescentes¹⁰². Esta relação associa a área da saúde a este espaço urbano. Esse fato é alimentado quando ARAÚJO (1993) cita que o banho de mar no período republicano era uma atividade associada a fins terapêuticos e portanto, medicinais.

Outro fato importante foi a construção do Hotel Copacabana Palace em 1923. Fazemos referência à figura 6(seis), exibida anteriormente, na qual o hotel é apresentado como fato que iniciou processo de verticalização do bairro e promoveu a Praia de Copacabana internacionalmente, concretizando assim o potencial turístico e a imagem cosmopolita que seriam associados futuramente a esta praia. Ressaltamos também, a transformação geográfica promovida localmente por este empreendimento em 1935, ao retirar a Pedra do Inhangá para a construção de sua piscina.

As décadas de 40 e 50 marcaram o uso do espaço público urbano da Praia de Copacabana através das atividades esportivas. Neste período foi observada a realização de campeonatos amadores de vôlei de praia e de competições de mergulho. Ressaltamos também o fato que marcou o uso noturno do bairro de Copacabana, a inauguração da “Casa Vargas”, fato que estimulou a vida cultural nesta área da cidade.

A década de 1960 foi marcada pelo surgimento de práticas esportivas nas praias locais. Citamos como exemplos: o “Jacaré”, uma espécie de surfe com o corpo; o futevôlei, uma prática que mistura as técnicas do futebol de areia com as de vôlei de praia e a pesca submarina e o mergulho, atividades que eram praticadas na Pedra do Arpoador.

Nas décadas de 1970 e 1980, a Praia de Copacabana passa a ser marcada pelas transformações urbanas. Neste período são construídos o interceptor oceânico e os hotéis mais altos da praia: o Méridien (atual Windsor) e o Othon¹⁰³. Em paralelo ao aumento do uso turístico na Praia de Copacabana, também se observou a prática da prostituição no período de uso noturno da praia.

¹⁰⁰ CARDOSO, 1986, p. 26

¹⁰¹ CARDOSO, 1986, p. 29

¹⁰² CARDOSO, 1986, p. 26

¹⁰³ A construção destes edifícios ocorreu quando o Estado regulou uma série de decretos na década de 1970 para reger o gabarito de hotéis em áreas consideradas turísticas. (SAMPAIO, 2006, p. 100)

Na década de 1990, a Praia de Copacabana recebe algumas adequações para a melhoria de seu espaço público como, por exemplo, a recuperação de sua orla pelo projeto Rio Orla e a reformulação da Avenida Princesa Isabel, pelo projeto Rio Cidade. Contudo, nesta década e na seguinte, a Praia é usada intensamente para a realização de eventos culturais e esportivos de grande escala. Citamos por exemplo os shows internacionais do Rod Stewart (1993) e dos Rolling Stones (2006), a realização das Copas do Mundo de Futebol de Areia (1995), o Torneio de Vôlei Rei da Praia (1996) e, ainda, as manifestações sociais pela cidadania do público LGBT (1995) e pela liberdade religiosa (2008).

Percebemos de maneira clara, como alguns fatos contribuíram para a construção cultural do espaço público da Praia de Copacabana e para a manutenção de sua vocação turística, já observada durante o seu processo de urbanização.

Ressaltamos que atualmente o Rio de Janeiro recebe cerca de 31% do turismo de lazer do país¹⁰⁴ e destacamos a festa de Réveillon na Praia de Copacabana por ser considerada a virada de ano mais bonita do mundo¹⁰⁵. Apontamos este espaço público como lugar de destaque se comparado a outros espaços públicos do Brasil e do Mundo.

A Praia de Copacabana fortaleceu a multifuncionalidade de seu espaço urbano, conjugando suas características geográficas e culturais aos interesses de uma sociedade culturalmente cosmopolita. Estes fatos são observados de diversas maneiras como por exemplo: recebendo campeonatos internacionais de futebol de areia e de vôlei de praia, misturando um público espectador local com turistas internacionais durante as comemorações de ano novo e, ainda, sendo palco para manifestações artísticas e sociais de repercussão internacional. Estes fatos contribuíram para aumentar sua visibilidade urbana em um contexto internacional e incrementar e diversificar a sua economia local. Hoje a Praia de Copacabana é um espaço singular na cidade do Rio de Janeiro, ocupando um lugar de evidência e atraindo visitantes de todo o mundo.

Deixamos aqui uma citação de ASCHER (2008), o qual trata da necessidade de atualização dos espaços públicos frente às demandas de uso cada vez mais complexas e em evolução:

“Em uma sociedade urbana cada vez mais complexas e em evolução, a necessidade de espaços abertos para atividades de usuários variados são crescentes. O desafio dos governos é garantir abertura, multifuncionalidade e a evolução dos espaços” (ASCHER, 1998 p. 75)

¹⁰⁴ Anuário Estatístico Volume 33 2006. Ministério do Turismo. Brasília. 2006. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo#Turis mo_no_Brasil. Acesso em 26 de fevereiro de 2009.

¹⁰⁵ _____. Top 10 places to celebrate New Year's eve. International Business Times. 25 Dez. 2010. Disponível em: <http://www.ibtimes.com/articles/95182/20101225/new-year-parties-new-year-celebrations-2011-new-year-s-eve-parties-top-10-places-for-new-year-party.htm#ixzz1LOldYszj>. Acessado em 04Mai.2011.

2.2.2. PRAIA DE COPACABANA – IMAGENS SÍNTESES

“Cidade como encontro, troca, cidade igual a cultura e comércio. Cidade de lugares e não simples espaço de fluxos” BORJA (1998)

A cultura de uso do espaço público da Praia de Copacabana é marcada pela presença de atividades relacionadas ao lazer e à cultura. Os conceitos de *visibilidade*, de *publicidade* e de *interatividade*¹⁰⁶ relacionados ao espaço público, encontram-se manifestos na morfologia urbana da Praia de Copacabana através de eventos como as festas juninas, os carnavais e os réveillons. Estes eventos costumam reunir diferentes segmentos socioeconômicos e agregar valor a este espaço público urbano. Além de reunir usos diversos, estes eventos também qualificam a Praia de Copacabana como espaço expositivo, comemorativo e palco para encenações.

O levantamento bibliográfico realizado mostrou que, historicamente, o espaço público carioca tem sido utilizado para manifestações de idéias, valores e expressões culturais. Além de CARDOSO (1986), que analisa particularmente a história do bairro de Copacabana, ARAÚJO (1993) e CARDOSO (2008) são autores que abordam em suas pesquisas os usos sociais no espaço público da cidade do Rio de Janeiro.

Como relata ARAÚJO (1993, p. 343), na virada do século XIX, para o século XX, era difícil encontrar salas de espetáculos disponíveis para apresentações culturais na cidade, mesmo que a demanda de público para tais espetáculos fosse crescente¹⁰⁷. Para atender aos segmentos socioeconômicos menos favorecidos, sem recursos para arcar com os custos das entradas em clubes ou teatros, algumas festas e encenações teatrais eram realizadas nas ruas.

Fazer do espaço público o palco para as manifestações artísticas é justamente o foco da pesquisa de CARDOSO (2008), que tem como recorte temporal o final do século XX (1980 a 1992). Este período marcou o uso do espaço público do centro da cidade como palco de diversas apresentações teatrais que expunham as relações de sociabilidade e democracia.

O intervalo de tempo de quase um século entre os recortes temporais das pesquisas de ARAÚJO (1993) e CARDOSO (2008), analisando as manifestações artísticas, festas, enfim, eventos, nos espaços públicos cariocas, evidencia a permanência desses eventos na cultura urbana carioca e conferem historicidade a ele.

Dentre os eventos que ocorrem na Praia de Copacabana, destacamos, sobretudo, o Réveillon. Este evento, que reúne a cada ano grande quantidade de pessoas, traz consigo uma infraestrutura própria

¹⁰⁶ Utilizamos este conceito baseado na relação de trocas sociais apresentada por ANDRADE (2002).

¹⁰⁷ ARAÚJO (1993: 343)

para sua realização. Este evento tem sua origem na cultura local de uso deste espaço público. Encontramos o primeiro apontamento deste fato, em 1960, quando foi registrada a pequena manifestação religiosa que ocorria em algumas praias da cidade na noite de virada de ano¹⁰⁸. Despertando o interesse de curiosos e chamando a atenção de turistas, a iniciativa privada logo observou um nicho de atuação e, a partir de então, iniciou um processo de inserção de capital privado neste acontecimento local. Nos anos 80, esta relação fez com que o evento passasse a ter maior repercussão e, assim, transformado em atração turística. Hoje o “Réveillon de Copacabana” é considerado um dos maiores festejos mundiais de ano novo. Em 2010, calcula-se a participação de mais de 2(dois) milhões de pessoas, entre turistas e cariocas, o que equivale em termos atuais a 1/3 da população da cidade¹⁰⁹.

Além dos eventos comemorativos e outras festividades, também fazem parte da história da Praia de Copacabana os eventos esportivos. Há registros de que os primeiros campeonatos de vôlei amador nas areias de Copacabana teriam ocorrido na década de 1930.¹¹⁰ Desde então, o processo contínuo de sediar eventos esportivos foi somado à cultura local. Observou-se, assim, a construção histórica de duas escalas de usos esportivos no espaço público da faixa de areia da Praia de Copacabana: a primeira associada aos eventos esportivos ao ar livre, que ocorrem cotidianamente, e a segunda associada aos eventos esportivos profissionais e campeonatos mundiais, que ocorrem com periodicidades específicas. Citamos como eventos recentes as competições de vôlei de praia, de natação e de triatlo dos Jogos Pan-Americanos (2007), as quais foram disputadas em diferentes pontos da praia¹¹¹ e, também, o Campeonato Mundial de Skate, que foi realizado pela primeira vez, em Novembro de 2009, em um estádio construído temporariamente na faixa de areia da Praia de Copacabana.

Ao longo de sua história, a Praia de Copacabana foi construindo sua identidade urbana e se diferenciando de outros espaços públicos da cidade, como também, das outras praias urbanas cariocas. Destacamos em nossa pesquisa, a construção de 4(quatro) imagens sínteses que relacionam características e aspectos observados no espaço urbano da Praia de Copacabana. São elas: a *Copacabana Turística*, a *Copacabana Esportiva*, a *Copacabana 24 Horas* e a *Copacabana Palco para Eventos*. Ressaltamos, contudo, que elas não esgotam os múltiplos aspectos do espaço público da

¹⁰⁸ _____. O Espetáculo se repete. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1960. 1 p.

¹⁰⁹ Segundo o Censo 2010 realizado pelo IBGE, a população do Rio de Janeiro corresponde à 6,320mil pessoas. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

¹¹⁰ _____. História do Vôlei de Praia. Federação Cearense de Voleibol. Fortaleza. Disponível em: http://www.voleiceara.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=11&Itemid=2. Acesso em: 04Mai.2010.

¹¹¹ _____. Rio 2007 - Jogos Panamericanos na Praia de Copacabana. Copacabana.com. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://Copacabana.com/rio-2007-jogos-panamericanos-na-praia-de-copacabana.shtml> Acesso em 21 Nov. 2010

Praia de Copacabana¹¹², porém contribuem para compreendermos o processo de urbanização de seu espaço urbano, a partir de atividades que, pouco a pouco, colaboraram para a construção da cultura de realização de eventos em seu espaço público urbano.

Apresentamos a seguir, as definições para as 4(quatro) imagens sínteses adotadas nesta pesquisa:

A **Copacabana Turística** está presente desde as primeiras décadas do século XX. Esta imagem síntese é reforçada por fatos - eventos, no sentido que SERRA (2006) os concebe - que favoreceram a prática de atividades ligadas ao turismo em seu espaço público, tais como a construção de um bar no final do ramal de bondes no Leme (1095), congregando passageiros e turistas; a inauguração do Hotel Copacabana Palace (1923), que atraiu turistas do mundo todo para a Praia de Copacabana e a transformou em um cobiçado destino de veraneio; ou ainda, mais recentemente, a implantação do projeto urbanístico Rio-Mar (1997-2000) o qual promoveu melhorias no espaço público da orla marítima da Praia de Copacabana.

A **Copacabana Esportiva** torna-se presente no período de verticalização do bairro, a partir das décadas de 1940/50 e nos anos 90. É marcada pelo surgimento “ou criação” de modalidades esportivas como a “raquetinha” (frescobol) ou o “jacaré”, esportes que apareceram na praia nas décadas de 40 e 60 respectivamente. Outro exemplo é a realização de campeonatos amadores que surgiram em sua faixa de areia na década de 30 e aos poucos, com a profissionalização desses esportes, fizeram com que nos anos 1990 a praia fosse sede para a realização de inúmeros campeonatos mundiais como, por exemplo, o de futebol de areia e o de vôlei de praia.

A **Copacabana 24 Horas** caracteriza-se pela intensidade de atividades praticadas no horário noturno no espaço público da Praia de Copacabana¹¹³. É marcada principalmente pela prostituição no calçadão junto aos edifícios e à faixa de areia; pelos concertos musicais realizados em horário noturno e pela feira de artesanato que ocupa o calçadão entre as faixas de rolamento, no trecho próximo à antiga boate Help¹¹⁴.

A **Copacabana Palco** tornou-se mais sensível na década de 1990. É marcada principalmente por iniciativas que deixaram a Praia de Copacabana em evidência no que diz respeito à utilização de seu espaço público como palco para eventos. Citamos como exemplo a Revolta dos 18 do Forte em 1922,

¹¹² Outras imagens sínteses poderiam ser usadas a partir de outros aspectos específicos, tais como: a Copacabana Residencial, a Copacabana Comercial ou a Copacabana Social, etc.

¹¹³ Segundo CARDOSO (1986) , citamos a abertura da Casa Vargas em 1948 que inaugurou o horário comercial noturno do bairro de Copacabana.

¹¹⁴ A boate Help foi demolida em 2010 e, neste espaço está sendo erguido o Museu da Imagem e do Som. Fonte: _____. Obras de demolição da boate Help avançam no Rio. G1. 09.Mar.2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1521580-5606,00-OBRAS+DE+DEMOLICAO+DA+BOATE+HELP+AVANCAM+NO+RIO.html> Acesso em 18. Jun. 2011

marchas e manifestações sociais, ou ainda, o concerto musical dos Rolling Stones que reuniu mais de 1 milhão de pessoas.

Essas quatro imagens sínteses foram identificadas durante a pesquisa de campo, na medida em que observamos e investigamos os eventos relacionados ao turismo, ao esporte e às expressões artístico-culturais. Na década de 1930, início do processo de verticalização do bairro, a praia recebia eventos locais que atendiam aos interesses dos frequentadores locais como, por exemplo, a realização de desfile de *maillots*¹¹⁵ e concursos de beleza¹¹⁶. Com o passar dos anos, podemos dizer que estes eventos alcançaram um público mais amplo – os cidadãos cariocas, fluminenses, brasileiros, mas também os turistas internacionais que visitam a cidade anualmente.



Figura 7: Ônibus urbanos estacionados junto à ciclovia.



Figura 8: Pessoas jogando vôlei de praia no Posto 5



Figura 9: Quiosques funcionando no horário noturno



Figura 10: Palco sendo construído para a realização do Réveillon 2010

¹¹⁵ CARDOSO (1986, p. 118)

¹¹⁶ CARDOSO (1986, p. 108)

2.3 MORFOLOGIA DO ESPAÇO URBANO DA PRAIA DE COPACABANA

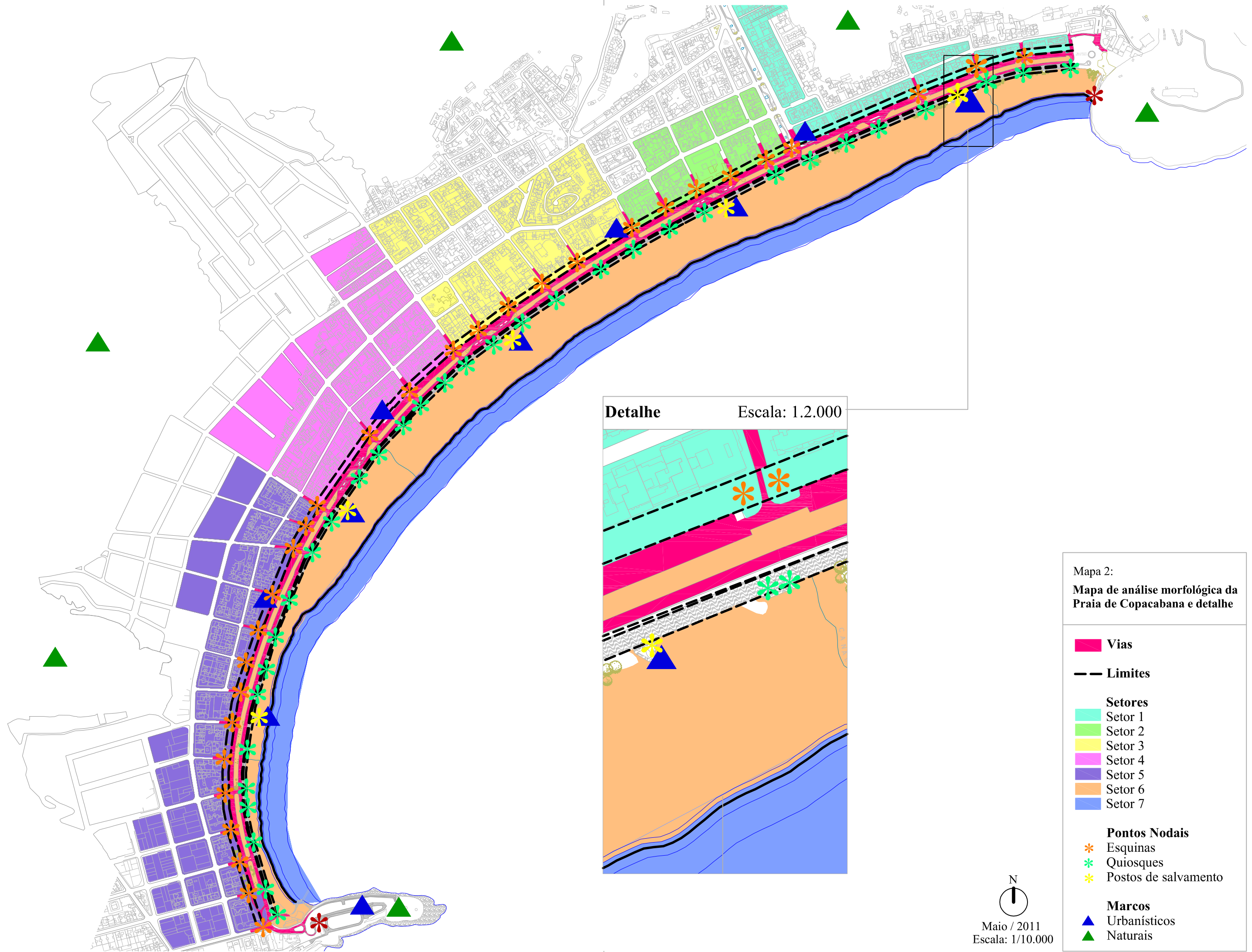
A forma semicurva da orla marítima da Praia de Copacabana e a ausência de limites visuais relacionam a visibilidade deste espaço aos conceitos de amplidão, continuidade e clareza. Estas qualidades favorecem o uso de seu espaço público para a prática de diversos tipos de atividades, sejam elas relacionadas ao esporte, ao lazer, ao trabalho, às atividades culturais ou, ainda, à residência e ao comércio.

No estudo da morfologia do espaço público da Praia de Copacabana, observamos como uma de suas características mais marcantes: a relação existente entre a presença de edifícios altos e adensados frente ao ambiente construído pelos elementos naturais. Mar, praia, ilhas, morros e massa de vegetação, envolvem o ambiente construído e oferecem condições particulares com relação à implantação do ambiente urbano. No processo de urbanização do bairro, foram realizadas alterações no ambiente natural que marcaram profundamente a história deste lugar, como a abertura de túneis, o desmonte de morros, a retirada de pedras e o aterro da praia.

Na análise morfológica da Praia de Copacabana, para estudar os seus elementos urbanos, vamos nos utilizar do referencial teórico-metodológico apresentado no primeiro capítulo. No decorrer da análise, faremos referência a outros autores com o objetivo de enriquecer a discussão deste assunto. Para iniciarmos esta discussão, apresentaremos a seguir o Mapa 2 que analisa a morfologia da Praia de Copacabana pela metodologia indicada por LYNCH (1985) para análise da imagem da cidade.

A análise morfológica da Praia de Copacabana será apresentada em duas **escalas** principais: a escala da cidade e a escala de bairro. Na escala da cidade, consideraremos a Praia de Copacabana em sua escala urbana e na escala do bairro os postos de salvamento serão considerados os principais marcos referenciais. A partir destas considerações sobre as escalas de análise, abordaremos a Praia de Copacabana e a sua relação com os quarteirões que a circundam, ao invés de analisar a Praia de Copacabana e sua relação com o bairro de Copacabana. Ao realizarmos esta análise e identificarmos semelhanças, percebemos contradições entre o espaço em análise e outros espaços públicos urbanos cariocas. Tomando como exemplo o critério extensão, a Avenida Atlântica (4,5 Km), e comparando-a com outra importante avenida aberta ao longo do século XX, a Avenida Presidente Vargas (4 Km)¹¹⁷, observamos que esta possui dimensões inferiores àquela. A Avenida Presidente Vargas, uma avenida de grande centralidade, possui aproximadamente quase a mesma dimensão da Avenida Atlântica.

¹¹⁷ BORDE (2006, p.158)



Mapa 2:
 Mapa de análise morfológica da
 Praia de Copacabana e detalhe

- Vias**
- Limites**
- Setores**
- Setor 1
- Setor 2
- Setor 3
- Setor 4
- Setor 5
- Setor 6
- Setor 7
- Pontos Nodais**
- * Esquinas
- * Quiosques
- * Postos de salvamento
- Marcos**
- Urbanísticos
- Naturais

N

 Maio / 2011
 Escala: 1/10.000



Figura 11: Relação territorial entre as Avenida Atlântica (à esquerda) e a Avenida Presidente Vargas.

Ressaltamos o conceito de espaço público urbano apresentado por FRANCISCO (2005), no qual a autora defende uma sistematização conjunta dos espaços públicos de uma cidade. Aplicamos este conceito à Praia de Copacabana devido principalmente à sua escala territorial, que permite a prática de diversas atividades distintas e pontuam seu espaço urbano em uma infinidade de pequenos territórios locais. Ainda na análise de sua relação dimensional, PANERAI (1986) destaca a distância média percorrida por um pedestre em um centro de bairro tradicional. Para o autor, as caminhadas superiores a 10 minutos deveriam permitir o alcance do pedestre aos serviços no centro de seu bairro, garantindo assim, uma harmoniosa vida de vizinhança ao seu morador. Concernente à Praia de Copacabana, percebemos que esta relação temporal existe e que seu espaço urbano extravasa em quantidade de serviços necessários ofertados ao morador de seu bairro. A Praia de Copacabana exige em torno de 40 a 60 minutos de caminhada para que um cidadão possa percorrer seus mais de 4Km de extensão e, assim, permitir que estas pessoas possam alcançar todos os equipamentos urbanos ali localizados. Esta característica reforça a qualidade deste lugar como espaço de escala urbana.

Outra característica urbanística que nos traz a percepção da Praia de Copacabana como espaço urbano é a existência de infraestruturas que, segundo PANERAI (1986), não seriam encontradas em centros de bairro. Para o autor, programas como hotéis, avenidas e joalherias são atividades normalmente encontradas nos centros de cidade¹¹⁸, enquanto que os centros de bairro receberiam os equipamentos de menor escala como, por exemplo, mercados, bares e lojas.

Com relação à Praia de Copacabana, verificamos a presença de redes hoteleiras, joalherias, restaurantes, clubes noturnos, agências de turismo, concessionária de veículos e da própria Avenida Atlântica como equipamentos urbanos que atendem às necessidades de usuários da cidade e do

¹¹⁸ PANERAI (1986:232)

exterior. Percebemos também que a Praia de Copacabana possui uma dimensão superior àquela suportada pela unidade de vizinhança e os centros de bairro.

Abordamos o conceito de escala de bairro de LYNCH (1985), que relaciona a presença de quarteirões com características comuns entre si como elementos definidores de um bairro. Apesar do bairro de Copacabana ser constituído por tipologias arquitetônicas e urbanísticas similares entre si, percebemos a existência de nuances morfológicas que indicaram uma subdivisão do bairro em setores menores. Estes **setores** caracterizam as unidades de vizinhança e são identificados através de especificidades nas formas de suas quadras e no desenho da malha viária de seus bairros (Copacabana e Leme). Este dado nos aponta a relação na qual a Praia de Copacabana é dotada, em grande parte, por uma tipologia urbanística homogênea, composta por setores diferenciados entre si. Na observação do desenho da quadra, da malha viária e dos edifícios junto à orla marítima, percebemos que algumas quadras conformam quadrados enquanto outras conformam retângulos. Mesmo as quadras retangulares possuíam diferenças com relação à largura e ao comprimento de suas dimensões. Agrupamos as quadras por similaridades formais, o que nos levou a identificar cinco setores. A estes setores acrescentamos outros dois, por suas características espaciais comuns ao espaço público da Praia de Copacabana: a praia e o mar.

O Diagrama a seguir apresenta, através de diferentes cores, os 7(sete) setores observados na morfologia urbana da Praia de Copacabana. Relacionado aos setores, estão a posição dos postos de salvamento, identificados de P1 a P6. Caracterizamos a seguir os 7(sete) setores identificados:

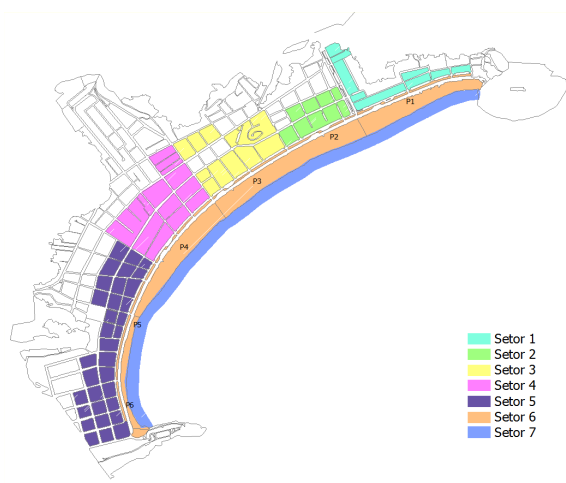


Figura 12 : Relação entre os setores da morfologia urbana da Praia de Copacabana e os postos de salvamento na faixa de areia.

Setor	Delimitação	Características
Setor 1	Bairro do Leme	Quadras estreitas e compridas
Setor 2	Avenida Prado Júnior a Rua Rodolfo Dantas	Quadras com relação de largura e profundidade relativamente iguais
Setor 3	Rua Rodolfo Dantas à Rua Siqueira Campos	Quadras relativamente mais profundas
Setor 4	Rua Siqueira Campos à Rua Bolívar	Quadras longas e de curta profundidade
Setor 5	Rua Bolívar à Rua Francisco Otaviano	Quadras com relações equivalentes de largura e comprimento em sua maioria.
Setor 6	Praia	Este setor possui características comuns por toda sua área, perceptíveis principalmente pelo terreno arenoso e pela sua extensão bidimensional.
Setor 7	Mar	Este setor é configurado pela presença do Oceano Atlântico

Quadro 11: Caracterização dos setores da Praia de Copacabana pela morfologia do tecido urbano.

Na leitura deste diagrama, notamos a relação entre as escalas de centros de bairro do tecido urbano e a escala urbana da Praia de Copacabana. Esta relação é intermediada pela Avenida Atlântica que, apesar de funcionar como uma via arterial, também funciona como um elemento de travessia¹¹⁹ e transição entre as duas escalas urbanas. Segundo LYNCH (1985), os limites que podem ser atravessados visualmente deixam de ter um aspecto de barreira para tornar-se uma linha de costura que permite relações de troca ao longo dos espaços por onde passam. No caso da Avenida Atlântica, esta relação de costura é marcada também pela presença dos calçadões, que, organizados de forma gradativa, permitem uma transição espacial entre as escalas de bairro e a escala de cidade.

No estudo do conceito de **limites** apresentado por LYNCH (1985), o autor relaciona estes como *elementos lineares* que funcionam como *fronteiras entre duas fases*. No caso da Praia de Copacabana, identificamos 9(nove) fases espaciais com qualidades formais distintas que organizam a distribuição das atividades por seu espaço urbano. Estes são espaços com limites morfológicos claramente definidos na Praia de Copacabana:

¹¹⁹ "Une rue est une voie à l'intérieur d'une agglomération qui sert, spécifiquement ou simultanément, à traverser une zone de cette agglomération, à accéder à des lieux situés de long ou à immédiate proximité de cette voie, et à produire un espace collectif utilisable pour divers types d'activités." (ASCHER, 2008, p. 125). "A rua é uma via no interior de uma cidade que serve especificamente ou simultaneamente, à travessia de uma área da cidade, ao acesso aos locais situados ao longo ou à imediata proximidade de certa via, e à produzir um espaço coletivo utilizável por diferentes tipos de atividades." Tradução do autor.

- 1) **Edifícios:** Em sua maior parte, esta fase é caracterizada por um conjunto arquitetônico homogêneo. Esta fase configura uma fronteira¹²⁰ entre o espaço aberto da praia e o bairro densificado de Copacabana.
- 2) **Calçadão junto aos edifícios:** Esta fase é caracterizada pela prática de atividades que atendem tanto à escala de bairro quanto à escala da cidade, entre elas, citamos principalmente os serviços de: portaria aos residentes; estacionamento de veículos; restaurantes; bancos e áreas de estar no espaço público.
- 3) **Faixa de rolamento de veículos:** Esta fase recebe o tráfego de veículos no sentido arpoador e foi caracterizada por TERRY (2002) como “*faixa da surpresa*”¹²¹ devido ao fato de possuir mão invertida em alguns horários especiais. Apesar de aliviar o trânsito nos horário de *rush*, a mão invertida também surpreende os pedestres que, desavisados, tentam cruzá-la.
- 4) **Calçadão central:** Esta fase é caracterizada por permanecer vazia na maior parte do tempo, não recebendo uma única atividade predominante que a caracterize. Este calçadão recebe os postos de abastecimento de veículos e, esporadicamente, feiras de artesanatos.
- 5) **Faixa de rolamento de veículos junto à praia:** Esta fase é caracterizada por receber o tráfego de veículos no sentido Leme, porém, nos finais de semana, é fechada para o trânsito de veículos e funciona como um grande bulevar para os pedestres que fazem uso de seu espaço para passeios, jogos e atividades de lazer, além das práticas esportivas relacionadas a corridas, patinação e ciclismo.
- 6) **Ciclovía:** Esta fase é caracterizada por compartilhar as atividades de ciclismo, patinação e corrida de pedestres.
- 7) **Calçadão:** Esta fase é caracterizada pela presença de quiosques e pelo passeio despretenso de seus moradores e visitantes. Neste calçadão, também se encontram o comércio ambulante, a exposição de produtos artesanais, a performance de artistas de rua e os acessos aos pontos de salvamento.
- 8) **Praia:** Esta fase é caracterizada principalmente pelas atividades de banho de sol e pela prática esportiva. A praia também é lugar de comércio, consumo de alimentos, descanso, lazer e, em ocasiões especiais, recebe a realização de concertos musicais e manifestações sociais.
- 9) **Mar:** Esta fase é caracterizada pela prática de atividades aquáticas. Destacamos entre elas, o banho de mar, o mergulho, o surfe, o body boarding e a natação.

Observamos a relação existente nos encontros entre os setores e as fases espaciais. Notamos a existência de pontos que são responsáveis por garantir a passagem do usuário entre os diferentes

¹²⁰ LYNCH (1985, p. 52)

¹²¹ TERRY (2002, p. 87)

momentos espaciais. LYNCH (1985) aborda esta relação utilizando o conceito de pontos nodais. Para o autor, estes pontos estão relacionados com a condensação de algum tipo de uso ou de alguma característica física.

Com relação à Praia de Copacabana, observamos que as esquinas próximas à Avenida Atlântica e que os quiosques localizados no calçadão da praia são os principais **pontos de convergências** de pessoas ao longo da orla. Notamos também que os quiosques organizam o fluxo de frequentadores da Praia, seja para entrar ou sair dela, para atravessar a Avenida Atlântica ou para encontrar outras pessoas. Observamos, na pesquisa de campo, que as pessoas localizam-se em torno destes pontos, pois são atraídas pelos serviços neles oferecidos, tais como, o aluguel de cadeiras de praia e de guarda-sol ou a venda de bebidas. Notamos que estes pontos nodais distribuem-se pontual e regularmente por toda a Praia de Copacabana, reforçando a forma linear que este espaço urbano possui. Esta “linha” “pontilhada por nós” finda nas extremidades da praia pelos limites naturais que lá são encontrados: o Morro do Leme ao norte e a península rochosa do Forte de Copacabana, conhecida como Ponta de Copacabana¹²².

Os elementos naturais na Praia de Copacabana funcionam como referências e **marcos** naturais na morfologia urbana deste lugar. Além do Morro do Leme e da Ponta de Copacabana, constituem-se como marcos visuais na paisagem da Praia de Copacabana: o Pão de Açúcar, o Morro da Urca, o Morro do Urubu, o Morro da Babilônia, o Morro de São João, o Morro dos Cabritos e o Morro do Cantagalo. Na análise da relação que estes elementos possuem com a Praia de Copacabana, recorremos a LYNCH (1985), que trata do conceito de limite, pois estes elementos conformam uma barreira visual na paisagem, assim como também funcionam como marcos. Estes limites geográficos delimitam o entorno do bairro de Copacabana e sobressaem na paisagem como imagem de fundo à vista do pedestre que caminha pela praia, emoldurando o conjunto de edifícios que se organizam linearmente na orla marítima.

Notamos que além dos elementos naturais, os elementos arquitetônicos também marcam a paisagem urbana deste lugar. A partir da observação do conjunto urbano edificado, é visível a relação de destaque que alguns edifícios possuem. Citamos como exemplo, os edifícios hoteleiros que se destacam em altura: Hotel Windsor (Antigo Hotel Meridien), Rio Othon Palace, JW Marriot e Porto Bay Rio International Hotel. Enquanto alguns edifícios destacam-se por altura, outros se destacam por contraste como, por exemplo, o Hotel Copacabana Palace, que se impõe na paisagem pela sua largura

¹²² Esta informação foi obtida no website do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro (INEPAC), na consulta do tombamento do Forte de Copacabana. Disponível em: http://www.inepac.rj.gov.br/modules.php?name=Guia&file=consulta_det_alhe_bem&idbem=322 Acesso em 08 Mai. 2010

e pelo estilo arquitetônico eclético que faz referência ao período histórico no qual foi construído. Sejam por relações de *contraste* ou *destaque*, consideramos a Praia de Copacabana como espaço público que reúne uma sensível quantidade de marcos, símbolos, **ícones** e monumentos que a tornam um espaço público urbano singular no contexto da cidade.

Segundo ROSSI (1995), os marcos funcionariam como *lugar de atração*¹²³ e, desta maneira, tenderiam a reunir pessoas e a estruturar o espaço urbano no seu entorno. Sejam os altos edifícios, a paisagem do mar, sua forma semicurva ou o calçadão de pedras portuguesas idealizado por Burle Marx, uma das características mais marcantes deste lugar é a relação visual construída entre o conjunto edificado do bairro e o ambiente natural. Esta relação fica mais evidente quando observamos, a partir do ponto de vista do pedestre, o conjunto densificado de edifícios da orla marítima e a sua relação com o espaço aberto formado pelo conjunto praia e mar. Embora a paisagem da Praia de Copacabana possa ser descrita, essencialmente, como a convivência destes dois conjuntos, este lugar sintetiza a relação construída entre a cidade e a natureza no espaço urbano do Rio de Janeiro.

Ressaltamos aqui o conceito de FRANCISCO (2005), o qual a autora cita a necessidade de “*criação de espaços singulares e significativos*” para promover o marketing territorial através da projeção estética. Desta maneira, destacamos a Praia de Copacabana como espaço urbano repleto de significância e dotado de qualidade estética devido aos equipamentos urbanos que nele podem ser observados.

A seguir, prosseguimos com o estudo da Praia de Copacabana apresentando as categorias de análise construídas para a escolha dos eventos realizados neste espaço público urbano.

¹²³ ROSSI, 1977, p. 120

CAPÍTULO

**3. PRÁTICAS
SOCIOESPACIAIS NA
PRAIA DE
COPACABANA**

A Praia de Copacabana é um espaço público urbano de grandes dimensões e palco de diferentes práticas sociais; logo, um ambiente onde se desenvolvem diversas atividades. Durante nossa pesquisa, observamos atividades relacionadas, predominantemente, ao lazer, ao descanso, ao esporte, ao comércio e ao turismo, além da ocorrência de eventos de variadas escalas tais como, manifestações sociais, políticas, exposições temporárias de obras de arte, campeonatos esportivos, cultos religiosos, comemorações e concertos musicais. A Praia de Copacabana também recebe frequentadores e usuários provenientes de inúmeras partes da cidade e de múltiplas culturas. Estas características contribuem para configurar um espaço público urbano receptivo, multifuncional e cosmopolita, onde se observa o desenvolvimento de relações sociais marcadas, entre outros aspectos, pelo cruzamento entre as diferentes culturas.

SANTOS (1996) apresenta o conceito de espaço como uma associação entre o sistema de objetos e o sistema de ações. Analisando a Praia de Copacabana de acordo com estes conceitos, temos o sistema de objetos relacionado à morfologia urbana e o sistema de ações relacionado às práticas sociais. Como exemplo da indissociação entre eles, temos a faixa de areia que é utilizada para as atividades de banhos de sol, práticas comerciais e atividades esportivas e os calçadões que possuem áreas reservadas para a alimentação, o estar, a prática de jogos de mesa e espaços para passeios a pé.

Embora existam espaços pré-definidos para a realização de algumas atividades, observamos que, por vezes, estes se misturam quando há ocorrência de usos esporádicos. Podemos citar como exemplo desta situação o que ocorre na realização de competições de corridas na Avenida Atlântica ou na realização de concertos musicais na faixa de areia. Nestes momentos, espaços destinados ao uso esportivo passam a receber palcos, arquibancadas, pistas, pódios, quadras esportivas e platéias, sugerindo novas relações entre o uso urbano local e o espaço público da Praia de Copacabana. Estas relações, nascidas muitas das vezes da necessidade de adequações do espaço público urbano, têm finalidade de infraestruturá-lo para a realização de alguns usos eventuais.

A seguir, vamos tratar das atividades praticadas no espaço público urbano da Praia de Copacabana a fim de melhor compreender as relações que nele se desenvolvem, compreendendo como estas colaboram para a construção e para a manutenção de sua *multiplicidade urbana*.

3.1 AS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NA PRAIA DE COPACABANA

Neste tópico, vamos identificar as atividades praticadas na Praia de Copacabana e estudar as articulações que elas possuem com este espaço público urbano. A partir do estudo morfológico apresentado no capítulo 2, compreendemos a configuração urbana da Praia de Copacabana como dotada de 9 fases espaciais longitudinais e 7 setores que demarcam a praia no sentido transversal. A partir deste mapeamento, prosseguimos com a identificação das práticas sociais observadas no espaço urbano da Praia de Copacabana. Nesta etapa, identificamos as principais atividades praticadas no espaço público da praia e elaboramos um novo mapa que identifica os locais onde tais atividades são predominantes. A análise dos dados coletados guiou nossos estudos em duas direções: a investigação da relação que as atividades sociais estabelecem com os limites morfológicos observados neste espaço público urbano e as relações de articulação que estas atividades possuem entre si.

Trabalharemos inicialmente as práticas sociais observadas ao longo da Praia de Copacabana e, a seguir, detalharemos o bairro do Leme. Optamos por detalhar este trecho devido à observação de que o mesmo articula as atividades locais em um espaço de escala urbana.

3.1.1 AS PRÁTICAS SOCIAIS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO DA PRAIA DE COPACABANA

Identificamos as práticas sociais no espaço público da Praia de Copacabana seguindo a metodologia de PANERAI (1986) e apresentamos a seguir a caracterização de cada uma delas:

- a. **Banho de sol:** esta atividade foi identificada pela permanência de pessoas sob o sol, sejam deitadas, sentadas, acompanhadas, sozinhas, com trajes de banho ou não. Esta prática social é observada em toda a extensão da Praia de Copacabana, seja na faixa de areia, seja nos calçadões.
- b. **Banho de Mar:** esta atividade foi caracterizada pela presença de pessoas dentro do mar, conversando, brincando, mergulhando ou boiando. Esta atividade costuma ser praticada também por pessoas que estão tomando banho de sol. Foi observado que esta atividade é praticada em torno da área de arrebentação das ondas. Enquanto algumas pessoas não arriscam ultrapassar esta região, outras ultrapassam, evitando assim que sejam atingidas pela quebra das ondas.

- c. **Natação:** esta atividade é identificada pela observação de pessoas nadando em alto-mar. Foi observado que os nadadores percorrem o mar no sentido longitudinal da praia e normalmente praticam esta atividade na área localizada após a arrebentação das ondas. Desta maneira, os nadadores ficam afastados dos banhistas que estão dentro do mar, evitando assim atingí-los e serem interrompidos durante a prática de sua atividade esportiva.
- d. **Surfe:** esta atividade foi identificada pela presença de pessoas utilizando pranchas de surfe, de body-boarding e de stand-up boarding. Foi observado que esta prática está concentrada em alguns setores específicos do mar, uma vez que estes são favorecidos com a formação de melhores ondas para esta prática esportiva. Estes setores correspondem especificamente aos postos 1, 3 e 6.
- e. **Esportes de areia:** estas atividades são identificadas pela presença de pessoas praticando diversas modalidades de atividades esportivas na faixa de areia da praia como, por exemplo, futebol, vôlei, corrida, caminhada, peteca, frescobol, altinho e arremesso de discos. Foi observado que estas atividades são praticadas, em sua maioria, na área paralela ao setor de banho de sol, sendo caracterizada também pela presença de traves e redes que sinalizam o espaço das quadras na faixa de areia.
- f. **Atividades de lazer:** estas atividades são identificadas pela presença de pessoas descansando, passeando ou, ainda, passando o tempo com conversas durante a prática de outras atividades relacionadas ao bem-estar como, por exemplo, passeios com animais de estimação e caminhadas com amigos. Observamos que estas atividades também são caracterizadas pela existência de mobiliário urbano público, como por exemplo, os bancos públicos e as mesas para jogos de tabuleiro.
- g. **Tráfego:** esta atividade foi identificada pela presença de veículos automotores como motocicletas, automóveis, ônibus e caminhões que transitam pela orla da Praia de Copacabana em velocidade. Foi observada que esta atividade é praticada unicamente nas faixas de rolamento com exceção dos veículos que fazem a manutenção da praia e da limpeza urbana. Esta atividade está relacionada principalmente à mobilidade de pessoas.
- h. **Esportes de velocidade:** identificamos esta atividade pela presença de pessoas praticando esportes de velocidade como, por exemplo, ciclismo, patinação, corrida e skate-boarding.

Estas atividades são praticadas na ciclovia da praia apesar de, frequentemente, transbordarem para as faixas de rolamento, para os calçadões e, no caso da corrida, para as faixas de areia fofa e de areia dura.

- i. **Atividades culturais:** esta atividade foi identificada pela presença de artistas de rua como, por exemplo, mímicos, músicos, escultores de areia e performances. Esta atividade também está relacionada aos grandes acontecimentos culturais realizados na Praia de Copacabana como, por exemplo, concertos musicais, manifestações sociais, artísticas e competições esportivas. Esta atividade foi observada sendo praticada, principalmente, nas faixas de areia e nos calçadões.
- j. **Atividades econômicas:** estas atividades foram identificadas pela presença de pessoas comercializando produtos ou prestando algum tipo de serviço. Citamos como exemplo, os vendedores ambulantes, os comerciantes, os feirantes, os massagistas, os médicos e artesãos. Esta atividade é observada sendo praticada na faixa de areia assim como nos calçadões.
- k. **Uso residencial:** Este uso foi identificado pela presença de edifícios residenciais e pela presença de edifícios de uso hoteleiro. Cabe ressaltar que em alguns casos, os edifícios de uso residencial também recebem uso comercial nos seus pavimentos térreos e sobrelojas.



Figura 13: Posto de Salvamento nº 1 na Avenida Atlântica em 1930.



Figura 14: Posto de Salvamento na Avenida Atlântica em 1919.



Figura 15: Ciclista pedalando na ciclovia da Praia de Copacabana

Apresentamos a seguir o diagrama que relaciona as atividades sociais aos limites morfológicos presentes no espaço público urbano da Praia de Copacabana.



Edifícios	Calçadão dos edifícios	Faixa de Rolamento	Calçadão central	Faixa de Rolamento	Ciclovia	Calçadão	Faixa de areia	Mar	
Uso residencial	Atividades de lazer	Tráfego	Atividades de lazer	Tráfego	Esportes de velocidade	Atividades de lazer	Banho de sol	Banho de Mar	
Atividades econômicas	Atividades culturais		Atividades culturais			Atividades culturais	Atividades de lazer		Natação
	Atividades econômicas		Atividades econômicas			Atividades econômicas	Atividades econômicas		Surfe

Quadro 12: Relação entre as atividades sociais e os limites morfológicos da Praia de Copacabana

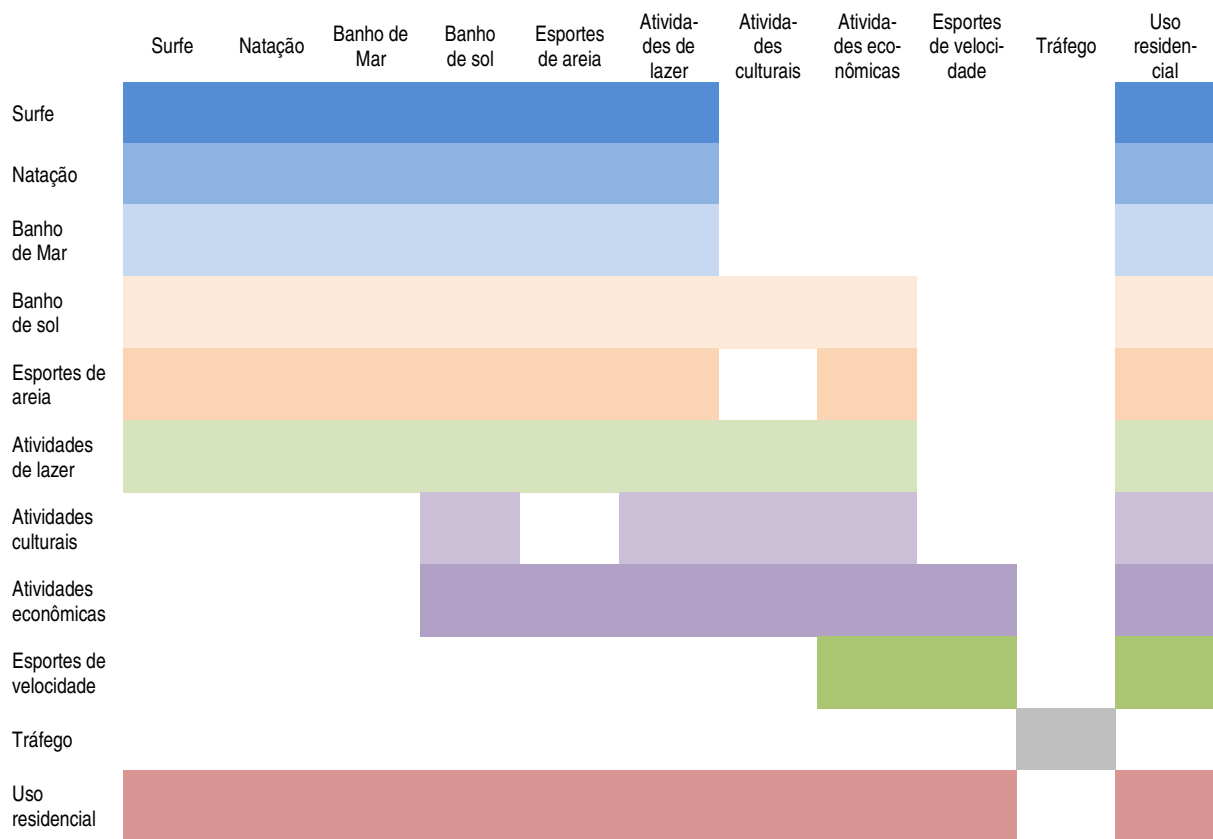
3.1.2 AS ARTICULAÇÕES ENTRE AS DIFERENTES PRÁTICAS SOCIAIS NA PRAIA DE COPACABANA

As atividades no espaço público urbano da Praia de Copacabana articulam-se de maneira diversa. Citamos como uma possibilidade de articulação um exemplo fictício de um turista que poderia usufruir de diferentes atividades durante a sua estadia na Praia de Copacabana:

O turista chegaria à praia de táxi, entraria no mar, descansaria deitado na areia enquanto secaria seu corpo ao sol; quando seco, faria uma breve corrida na areia e, logo em seguida, compraria uma bebida para saciar sua sede enquanto poderia assistir a um grupo de samba tocando no quiosque do calçadão; logo após, retornaria ao seu hotel a fim de se preparar para um passeio noturno e, em seguida, poderia dormir.

Neste exemplo, teríamos a articulação entre diferentes práticas sociais: banho de mar, lazer, banho de sol, prática esportiva, comercial, cultural, de mobilidade e, inclusive, o uso residencial.

As atividades praticadas observadas na Praia de Copacabana relacionam-se de maneira articulada e complementar, pois a prática de uma atividade não exclui a possibilidade de realização de outra atividade. Apresentamos a seguir um diagrama que relaciona as diferentes atividades entre si, deixando claro usos que podem ser combinados e usos que não podem ser combinados.



Quadro 13: Relação entre atividades sociais praticadas na Praia de Copacabana

Neste diagrama temos o uso residencial que interage com todas as formas de práticas sociais, exceto com o tráfego, o qual não combina nenhuma das atividades praticadas no espaço da Praia de Copacabana e, logo, permanece como elemento "estranho" neste espaço de lazer. Percebemos também que as atividades em azul, relacionadas ao mar, interagem relativamente bem entre si, enquanto os esportes de velocidade precisam ser praticados sob atenção, pois têm o potencial de apresentar conflito quando praticado simultaneamente a outras atividades.

Apresentamos a seguir um diagrama que relaciona as articulações entre as atividades praticadas na Praia de Copacabana. As linhas coloridas referem-se aos personagens presentes neste espaço público; ligam-se umas às outras, simulando possíveis interações entre esses personagens.

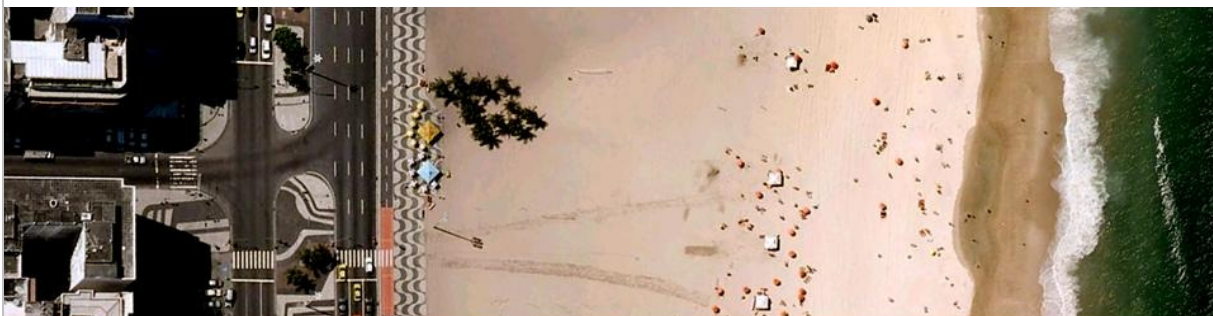


Figura 16: Setor urbano da Praia de Copacabana na direção da Rua Prado Júnior

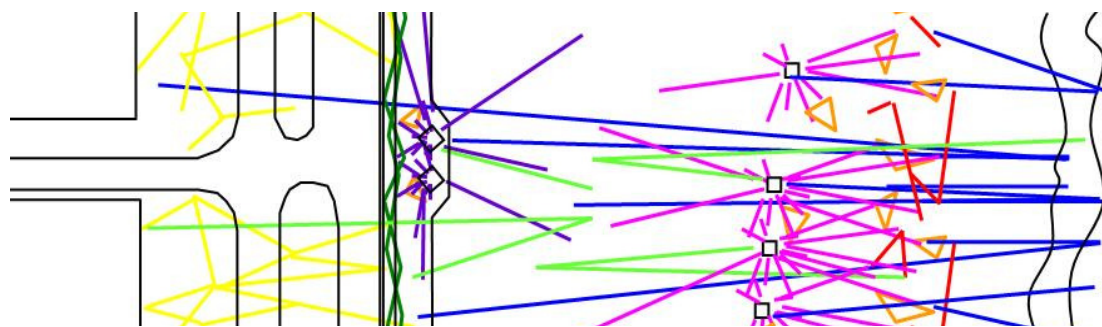


Figura 17: Simulação das interações sociais no setor urbano da Praia de Copacabana.

Observamos neste diagrama as possíveis combinações de uso entre as atividades sociais que são praticadas no espaço público da orla marítima. O diagrama torna mais evidente a importância que as atividades econômicas possuem quando relacionadas às demais atividades. No mesmo diagrama, há a observação da fraca articulação entre a atividade de transitar e as demais atividades.

3.2 OS LIMITES MORFOLÓGICOS E AS PRÁTICAS SOCIAIS NA PRAIA DE COPACABANA

Apesar das práticas sociais serem realizadas em espaços que coincidem com os limites morfológicos do espaço público, não podemos afirmar que isso acontece sempre do mesmo modo. É possível observar a prática de certas atividades no exterior dos espaços que comumente são destinadas a elas.

PANERAI (1986) chama este fenômeno de **transbordamento de uso**, uma vez que estas atividades ultrapassam os limites pré-definidos para a prática habitual. Observamos ciclistas pedalando no setor de trânsito de veículos e nos calçadões, pessoas tomando banho de sol em cadeiras de praia sobre os calçadões e, ainda, pessoas passeando pela faixa de areia ou praticando atividades esportivas além do setor esportivo.

Observamos também que o espaço urbano da Praia de Copacabana favorece uma integração entre as atividades que ali são praticadas. O espaço aberto da praia é delimitado por limites urbanísticos que não oferecem obstáculos à transposição do usuário. Discorreremos aqui sobre as linhas que separam o mar da areia, a areia do calçadão e os calçadões das faixas de rolamento. Estas linhas nem sempre representam fronteiras ou barreiras à transposição do usuário, porém funcionam como elementos de costuras pelos quais os espaços se encontram e se relacionam. Esta costura contribui para que os transbordamentos de uso ocorram mais frequentemente e, assim, o espaço urbano tornar-se adequado à necessidade dos seus usuários. Poderíamos discorrer também sobre os limites imaginários entre os espaços dos barraqueiros e os espaços dos banhistas; e os limites entre estes e os espaços dos “peladeiros”(jogadores de futebol de areia). Da mesma forma, os limites imaginários separam os nadadores e os banhistas dentro do mar. Estes limites não possuem elementos físicos que permitam sua rápida identificação, porém tais limites poderiam ser mantidos através de outros meios como, por exemplo, normas públicas que regulem o uso do espaço público ou, ainda, a existência de regras de convívio social. Estes sistemas de regulação contribuem para a manutenção da pluralidade funcional deste espaço público e para a partilha das atividades entre os seus frequentadores.

Observamos que as práticas sociais realizadas neste espaço urbano são relativamente homogêneas por toda a sua extensão, ou seja, não possuem variações radicais no uso de seu espaço, pois são atividades relacionadas ao lazer, ao prazer e ao esporte. Deste modo, as atividades praticadas no espaço público da Praia de Copacabana se articulariam entre si, contribuindo para a caracterização da vivência neste espaço público urbano.

3.2.1 AS PARTICULARIDADES NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO DA PRAIA DE COPACABANA

Durante a pesquisa de campo, notamos algumas particularidades no modo de viver e habitar o espaço público urbano da Praia de Copacabana. Acreditamos que estas particularidades contribuem para o enriquecimento cultural do uso deste espaço, devido ao modo como se caracterizam as relações e as

práticas sociais ali desenvolvidas. Vamos abordar em seguida as articulações entre as atividades sociais e os elementos da morfologia urbana presentes no espaço público da Praia de Copacabana.

O estudo do conceito de **vias**, apresentado por LYNCH (1985), nos permite identificar alguns dos percursos existentes na faixa de areia da praia, os quais estão relacionados aos caminhos comumente traçados pelas pessoas no uso deste espaço público. Falamos aqui sobre a existência de “trilhas” que ficam marcadas na areia de duas formas: a primeira delas, durante o uso da areia dura e a segunda está relacionada ao uso da areia fofa e quente.

A primeira trilha é formada pelo encontro do mar com a areia da praia que configura uma área de areia dura. Este espaço junto ao mar favorece a prática de caminhadas e corridas por pessoas que preferem esta condição física da areia ao invés da areia fofa. Nesta condição, seu uso como via é notável nas primeiras horas da manhã. Foi observada a presença de pessoas caminhando e correndo junto ao mar, o que configura uma espécie de “avenida”. É interessante perceber a relação das diferentes linhas de pegadas na areia que possivelmente serão apagadas pela próxima onda que as alcançar.

A segunda trilha encontrada é produzida pelos barraqueiros que se localizam na faixa de areia. Estes comerciantes utilizam mangueiras furadas para jorrar inúmeros esguichos de água e marcar o percurso linear entre o calçadão e os seus quiosques. Esta prática é mais frequente nos dias de sol forte, dias em que a areia está quente demais para ser atravessada pelos banhistas que estão descalços. A água que jorra das mangueiras cria uma espécie de “tapete molhado”, que suaviza a elevada sensação térmica nos pés e direciona os banhistas aos quiosques dos vendedores que as produziram. Quando as pessoas chegam ao fim desta “trilha”, os vendedores lhes recebem oferecendo cadeiras de praia, guarda-sol e bebidas.

Com relação aos quiosques, notamos que eles funcionam como pontos de referência para os banhistas e frequentadores da praia. Encontramos diversos tipos de quiosques que são relacionados à venda de produtos, às aulas de profissionais do esporte, aos alugueis de cadeiras, à guarda municipal, à polícia militar e aos postos dos salva-vidas. Estes elementos urbanos se destacam na paisagem da Praia de Copacabana por serem visíveis através das cores, logomarcas e bandeiras que são fixadas próximo a eles. Tais quiosques também funcionam como núcleos de agregação de pessoas, ou seja, pontos para onde elas se direcionam e convergem, organizando ao seu redor um determinado fluxo de pessoas.

As esquinas das vias transversais à Avenida Atlântica constituem-se em pontos de encontro que congregam amigos e conhecidos para jogar nas mesas, para conversar nos bancos públicos ou para beber e comer nos restaurantes. Estes lugares são pontos estratégicos na dinâmica do espaço público urbano da Praia de Copacabana.

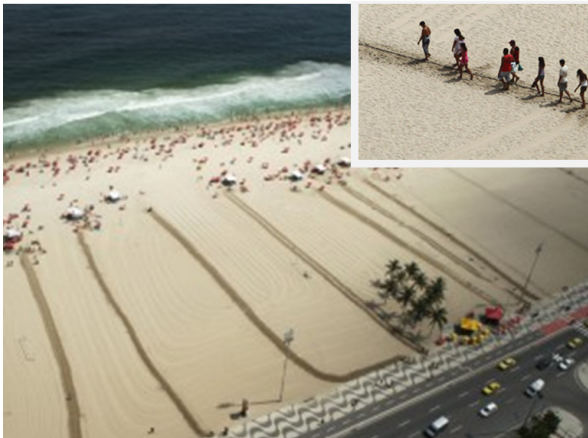


Figura 18: Trilhas molhadas na faixa de areia da Praia de Copacabana em um dia ensolarado¹²⁴



Figura 19: Barraca com bandeiras no Posto 5 da Praia de Copacabana



Figura 20: Guarda-sóis ao redor dos quiosques construídos entre o calçadão e a faixa de areia.



Figura 21: Convergência de pessoas junto às barracas montadas na faixa de areia. Observar a mancha da areia dura formada pelo vai e vem das ondas.

Apesar de já haver sido mencionada a relação do fluxo de pessoas na praia, torna-se eminente frisar a figura representativa dos postos de salvamento; pois estes se tornam referenciais principais na Praia de Copacabana. Os postos determinam extensas áreas na faixa de areia, com isso ajudam a situar espacialmente o frequentador da praia, seja este um usuário da ciclovia ou um passante que chega para encontrar algum amigo. Contudo, destacamos a não completa eficácia do uso dos postos de salvamento como referenciais espaciais para a localização de pessoas, devido ao fato de estes abrangerem a escala espacial de bairro, porém não a escala do pedestre. Em paralelo a estes referenciais, os frequentadores da praia costumam utilizar a proximidade que estão das ruas ou dos quiosques e das barracas montadas na faixa de areia. Apresentamos a seguir o diagrama que representa o prolongamento das ruas do bairro de Copacabana sobre a faixa de areia, de modo tal que podemos observar este espaço público urbano sendo “recortado” por limites espaciais imaginários

¹²⁴ JUNIOR, Wilton/Agência Estado. Título não identificado. In: _____. Comerciantes criam trilha para evitar que banhistas queimem os pés. G1. Rio de Janeiro. 10 Jan. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/01/comerciantes-criam-trilha-para-evitar-que-banhistas-queimem-os-pes.html>. Acesso em 08 Mai. 2011

referenciados às esquinas da Avenida Atlântica.

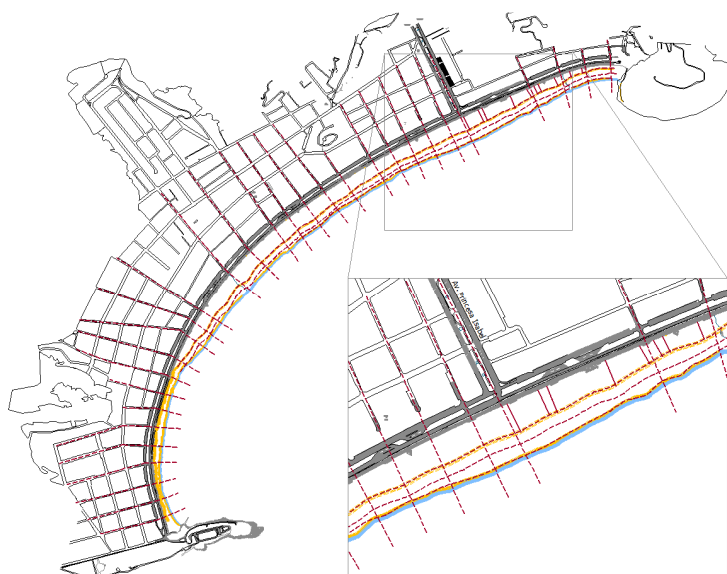


Figura 22: Projeção do tecido urbano do bairro de Copacabana sobre a Praia de Copacabana

Observamos, no espaço público urbano da Praia de Copacabana, a constituição de setores e fases espaciais, sendo seu território recortado também por espaços menores conformados pelo cruzamento de vias e projeções de vias. A figura do tecido urbano da Praia de Copacabana sendo recortado por um sistema de vias sugere uma relação urbanística que aproxima a escala urbana da Praia de Copacabana à escala de uso do espaço pelo pedestre, devido à presente caracterização da forma da quadra urbana.

Com relação aos edifícios que se localizam na orla marítima da Praia de Copacabana, observamos que neles se concentram os usos residenciais e os usos comerciais. Observamos que, morfológicamente, o espaço público e aberto da Praia de Copacabana funcionaria como um parque urbano¹²⁵, com a possibilidade de ser utilizado por seus residentes para a prática de diversas atividades sociais e esportivas. Os edifícios localizados neste litoral configuram um limite morfológico na Praia de Copacabana caracterizado, principalmente, pelo uso residencial. Entretanto, notamos, em alguns casos, o uso comercial nos pavimentos térreos dos edifícios ao invés de serviços condominiais como, por exemplo, portarias para acessos de moradores, entradas de serviço e portões de estacionamentos. Nestes casos, as atividades comerciais se relacionam à existência de restaurantes, joalherias, agências

¹²⁵ Segundo LOBODA & ANGELIS, parque urbano é uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, no entanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos. LOBODA, Carlos Roberto; ANGELIS, Bruno Luiz domingos de. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais V. 1 No 1 Jan/Jun. 2005. Disponível em <http://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/157/185> Acesso em: 10 Mai. 2011

de viagem, concessionárias de veículos, agências bancárias ou supermercados. Enquanto algumas destas atividades econômicas relacionam-se ao uso residencial, outras se relacionam ao uso turístico existente neste espaço urbano, sendo este marcado principalmente pela existência de edifícios de redes hoteleiras internacionais.

Outro dado interessante para a nossa pesquisa é a relação de articulação entre a existência de restaurantes no calçadão junto a estes edifícios e à manutenção da sensação de segurança à noite existente nesta área. Isso poderia estar relacionado ao fato de estes estabelecimentos permanecerem abertos durante o período noturno, configurando uma movimentação de pessoas no calçadão, enquanto que, para a manutenção desta sensação na faixa de areia, o funcionamento de quiosques no calçadão da praia poderia agir de forma semelhante. A seguir, apresentamos algumas imagens ilustrativas do uso noturno na Praia de Copacabana.

Apesar de destacarmos as atividades econômicas ao nível térreo dos edifícios, elas também são bastante frequentes nos calçadões da praia e na faixa de areia, porém articulam-se de modos diferentes. No espaço público da Praia de Copacabana é observada a presença de quiosques no calçadão, de barracas e de vendedores ambulantes na faixa de areia. Estes elementos urbanos caracterizam a presença de atividade comercial junto aos frequentadores da Praia de Copacabana. Observamos as vendas de bebidas e diversos tipos de petiscos e alimentos, assim como o comércio de miudezas que normalmente não são oferecidos nas casas comerciais encontradas no calçadão dos edifícios. Falamos aqui dos artesanatos, bijuterias, protetores solares e bronzeadores. Esta atividade econômica articula-se com as demais atividades praticadas na faixa de areia, por favorecer a permanência dos banhistas neste local; inibindo assim o deslocamento dos mesmos para atenderem suas necessidades de consumo em outros lugares.

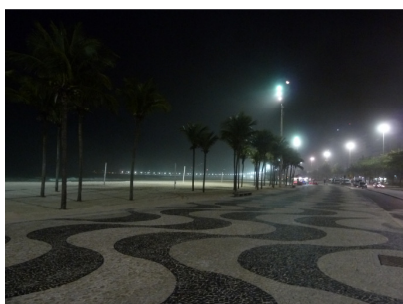


Figura 23: Calçadão à noite na altura do Posto 1



Figura 24: Quiosques funcionando no horário noturno

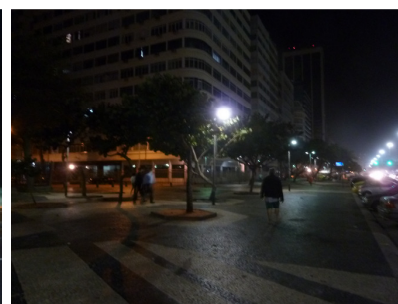


Figura 25: Praça do Lido à noite



Figura 26: Pessoas jogando futebol na faixa de areia à noite



Figura 27: Veículo fazendo a limpeza da faixa de areia à noite



Figura 28: Grupo de pessoas reunidas à noite na faixa de areia



Figura 29: Porta de clube noturno na Praia de Copacabana



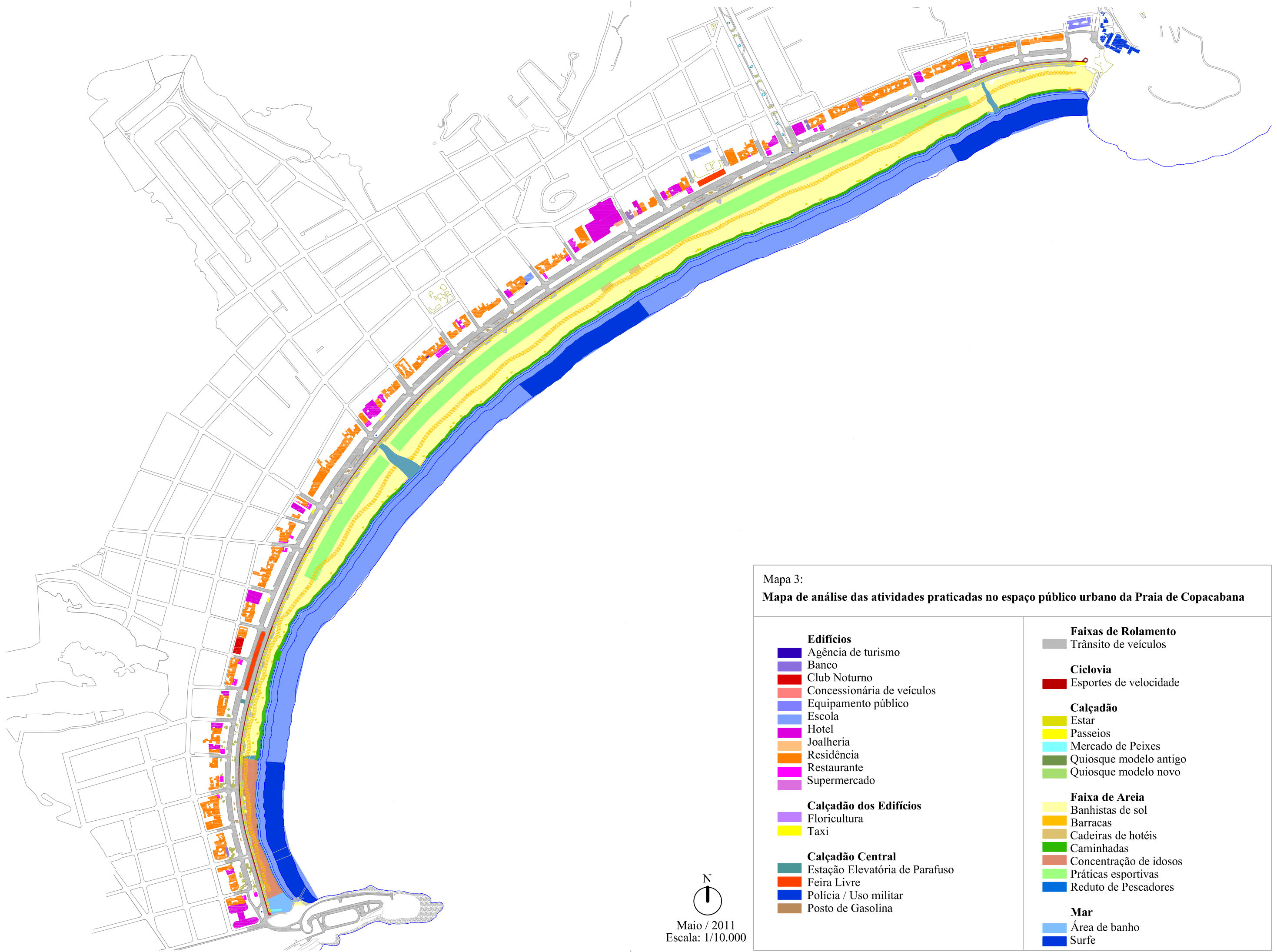
Figura 30: Restaurantes no calçadão funcionando à noite



Figura 31: A Avenida Atlântica recebe menos veículos à noite

3.2.2 MAPA DE PRÁTICAS SOCIAIS

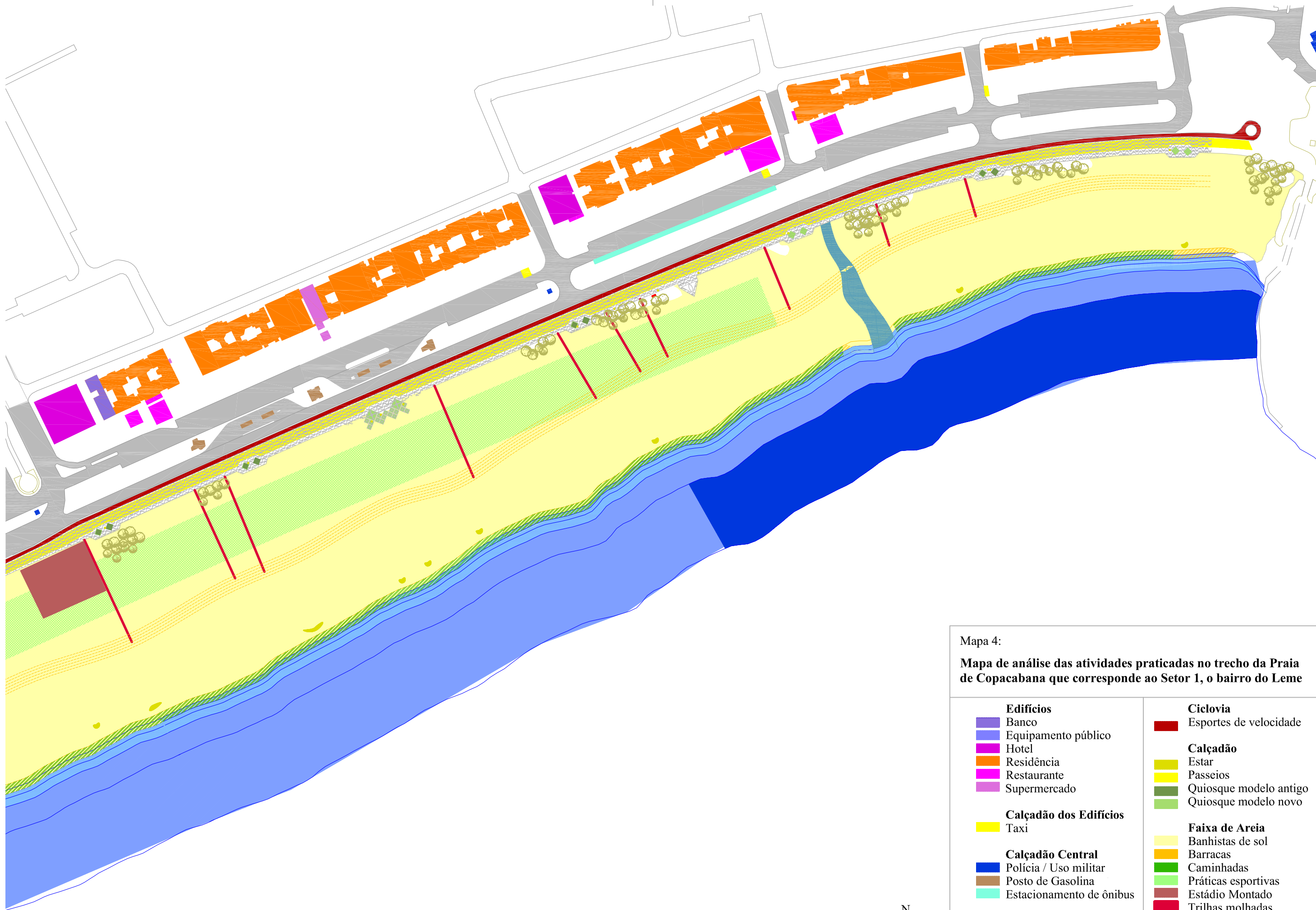
Apresentamos a seguir o mapa que relaciona as atividades sociais aos limites morfológicos do espaço urbano da Praia de Copacabana; em seguida, apresentaremos um detalhe ampliado do mapa referente ao trecho da Praia de Copacabana, localizado junto ao bairro do Leme. Este detalhe permite visualizar, esquematicamente, as relações não visíveis à escala urbana como, por exemplo, a visualização das trilhas na faixa de areia e os quiosques e barracas como elementos pontuais no espaço público.



Mapa 3:
Mapa de análise das atividades praticadas no espaço público urbano da Praia de Copacabana

<p>Edifícios</p> <ul style="list-style-type: none"> Agência de turismo Banco Club Noturno Concessionária de veículos Equipamento público Escola Hotel Joalheria Residência Restaurante Supermercado <p>Calçada dos Edifícios</p> <ul style="list-style-type: none"> Floricultura Taxi <p>Calçada Central</p> <ul style="list-style-type: none"> Estação Elevatória de Parafuso Feira Livre Polícia / Uso militar Posto de Gasolina 	<p>Faixas de Rolamento</p> <ul style="list-style-type: none"> Trânsito de veículos <p>Ciclovia</p> <ul style="list-style-type: none"> Esportes de velocidade <p>Calçadão</p> <ul style="list-style-type: none"> Estar Passeios Mercado de Peixes Quiosque modelo antigo Quiosque modelo novo <p>Faixa de Areia</p> <ul style="list-style-type: none"> Banhistas de sol Barracas Cadeiras de hotéis Caminhadas Concentração de idosos Práticas esportivas Reduto de Pescadores <p>Mar</p> <ul style="list-style-type: none"> Área de banho Surfe
--	--

N
 Maio / 2011
 Escala: 1/10.000



Mapa 4:
Mapa de análise das atividades praticadas no trecho da Praia de Copacabana que corresponde ao Setor 1, o bairro do Leme

<p>Edifícios</p> <ul style="list-style-type: none"> Banco Equipamento público Hotel Residência Restaurante Supermercado <p>Calçada dos Edifícios</p> <ul style="list-style-type: none"> Taxi <p>Calçada Central</p> <ul style="list-style-type: none"> Polícia / Uso militar Posto de Gasolina Estacionamento de ônibus <p>Faixas de Rolamento</p> <ul style="list-style-type: none"> Trânsito de veículos 	<p>Ciclovía</p> <ul style="list-style-type: none"> Esportes de velocidade <p>Calçada</p> <ul style="list-style-type: none"> Estar Passeios Quiosque modelo antigo Quiosque modelo novo <p>Faixa de Areia</p> <ul style="list-style-type: none"> Banhistas de sol Barracas Caminhadas Práticas esportivas Estádio Montado Trilhas molhadas Aparelho de exercícios <p>Mar</p> <ul style="list-style-type: none"> Área de banho Surfe
--	--

N
 Maio / 2011
 Escala: 1/2.500

Na leitura deste mapa, visualizamos a mistura de cores e linhas, que representam a sobreposição de atividades sociais que se cruzam em um mesmo espaço. Percebemos também a estrutura formada pela projeção da malha viária do bairro de Copacabana estendida sobre a praia. Este *entramado*¹²⁶ contribui para a divisão do espaço urbano da praia em uma escala apropriada à vivência do pedestre. Também visualizamos no mapa as trilhas na areia, que configuram um tipo de tecido urbano irregular e imaginário que funciona como canais de circulação de pessoas.

3.2.3 A MANUTENÇÃO DA MULTIFUNCIONALIDADE DA PRAIA DE COPACABANA

Sendo a Praia de Copacabana um espaço amplo, contínuo e aberto, dotada de limites morfológicos transponíveis e de elementos urbanos que facilitam a integração entre os diferentes usos, compreendemos este espaço público urbano como espaço dotado de potencial para realizar grandes eventos e suportar uma grande quantidade de pessoas simultaneamente. Estes fatos já foram observados anteriormente nas comemorações de ano novo, quando a Praia de Copacabana recebe milhões de pessoas que assistem juntas à queima de fogos de artifício e à realização de concertos musicais.

Apesar do terreno da Praia de Copacabana possuir condições naturais adversas à ocupação de seu território, estes fatores não se mostram como impedimentos à realização de eventos dos mais diversos tipos. A existência do solo arenoso, seu contato com a água salgada e a maresia característica de regiões oceânicas são condicionantes que foram superadas em relação à construção de grandes equipamentos urbanos em seu espaço público. Citamos como exemplo a construção de palcos e estádios temporários edificadas na faixa de areia com o auxílio de tecnologias construtivas baseadas, principalmente, em estruturas metálicas de rápida e fácil montagem e desmontagem.

Sendo assim, acreditamos que é elevado o potencial multifuncional de ocupação deste espaço público urbano, devido principalmente à existência de poucos elementos edificadas em seu território; este ainda sendo utilizado para satisfazer as mais diferentes necessidades de sua população.

Apresentamos a seguir, imagens que ilustram algumas características e curiosidades observadas durante a pesquisa de campo na Praia de Copacabana, marcadas especialmente pelo uso temporário de alguns suportes e equipamentos em seu espaço público.

¹²⁶ (PANERAI, 1986 p. 220)

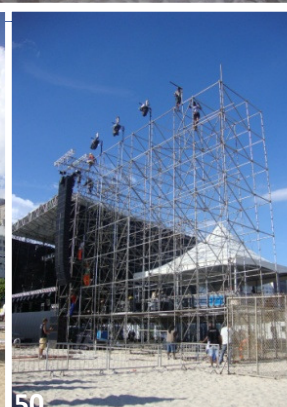
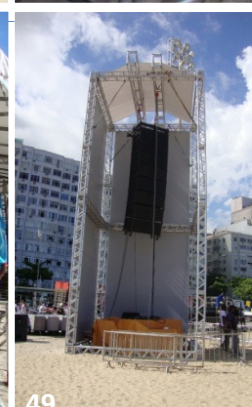


Figura 32: Alteração na forma do solo organizando altar religioso
Figura 33: Tubulação hidráulica sob areia
Figura 34: Tubulação elétrica sob areia
Figura 35: Caixas adaptadas com rodas
Figura 36: Gravação de noticiário televisivo
Figura 37: Calçadão sendo usado como espaço para descarga de objetos
Figura 38: Presença de contêineres e grades na faixa de areia
Figura 39: Relação dos geradores de energia com calçadão
Figura 40: Estacionamento de caminhões junto à ciclovia
Figura 41: Montagem de equipamentos de som e a venda de produtos artesanais no calçadão
Figura 42: Montagem de torre de holofotes com manuseabilidade do solo por 2 rapazes
Figura 43: Estruturas apoiadas na faixa de areia e cercadas com grades
Figura 44: Arquibancada construída com andaimes
Figura 45: Fixação de grades na faixa de areia
Figura 46: Grades limitando acessos
Figura 47: Apoio das estruturas de arquibancadas na faixa de areia
Figura 48: Cobertura montada para ocasião religiosa
Figura 49: Torre metálica suportando caixas de sonorização
Figura 50: Estrutura de suporte da tela de projeção
Figura 51: Postos de atendimento médico
Figura 52: Palco com cobertura esférica entre estruturas retangulares
Figura 53: Saco de areia apoiando haste da cobertura do quiosque no calçadão
Figura 54: Bomba hidráulica apoiada em cadeira de praia
Figura 55: Palco construído para o Réveillon 2010
Figura 56: Anúncio publicitário apoiado sobre estrutura de suporte das caixas de sonorização
Figura 57: Tela de projeção montada na Avenida Atlântica
Figura 58: Estrutura metálica em fase de montagem

3.3 CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NA PRAIA DE COPACABANA

Segundo o conceito de relações sociais de SANTOS (1996) e de atividades fixas de ROSSI (1995), identificamos durante o processo de pesquisa três particularidades que caracterizam as práticas culturais de uso deste espaço público urbano frente a outros encontrados na cidade. A *vocação ao prazer* tal como conceituou ARAÚJO (1993), as *atividades econômicas* apresentadas por BORDE & FONSECA (2010)¹²⁷ e o acolhimento aos diferentes grupos sociais pesquisados por TERRY (2002). Embora essas não sejam as únicas características nas práticas socioespaciais no espaço público urbano da Praia de Copacabana, destacamos as mesmas por considerarmos que elas são as que melhor sintetizam as relações estabelecidas entre as atividades desenvolvidas em seu espaço público.

3.3.1 VOCAÇÃO AO PRAZER

Em seu livro que dá nome a este conceito, a autora aborda o cotidiano e a vida familiar da sociedade carioca no período republicano. A autora apresenta a relação entre os elementos naturais e o espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro que, segundo ela, desperta a vocação cultural para a sensação do prazer¹²⁸. Vamos estudar a relação da sociedade carioca com o seu espaço público a partir da hipótese de ARAÚJO (1993) de que a vocação ao prazer seria uma característica do modo de vida urbano carioca a partir do período republicano, instalado em 1889¹²⁹. A “vocação ao prazer”, de que trata a autora, estaria associada tanto às atividades esportivas, quanto ao lazer e ao enriquecimento cultural. Esta característica estaria relacionada às qualidades urbanas da cidade e aos costumes sociais de seus habitantes. Praias, morros e florestas fundiram-se com praças, parques e ruas, permitindo a prática de atividades relacionadas à saúde e ao bem estar e, assim, caracterizaram o modo de viver desta sociedade. Situando a atmosfera cultural urbana com a paisagem natural e construída da cidade do Rio de Janeiro, ARAÚJO (1993) faz a seguinte citação:

¹²⁷ O artigo “O Mundo em Copacabana: uma análise morfológica do uso comercial na Praia de Copacabana” foi apresentado no 3º Colóquio [Inter]nacional sobre Comércio e Cidade (III CINCCI) realizado pela Universidade de São Paulo (USP). O artigo abordou a atividade econômica na Praia de Copacabana, sistematizando os dados recolhidos em pesquisa de campo em 3 categorias de análise. Estas categorias relacionam a apropriação do espaço público urbano pelo trabalhador, o suporte físico utilizado para uso comercial e a natureza formal ou informal da atividade econômica.

¹²⁸ A autora caracteriza esta sociedade como livre, dotada de ideal democrático e influenciada pelo positivismo francês. Ressaltamos que esta sociedade pós-abolicionista também era marcada em seus primórdios pela estratificação social.

¹²⁹ Este período foi instalado em 1889 e, teve o Rio de Janeiro como capital da nação nos anos de 1763 a 1960. (ARAÚJO, 1993, p. 26)

“O clima tropical, a localização privilegiada entre mar, montanha e floresta, as conquistas da era da máquina, a influência da atmosfera cultural e mundana da Belle Époque européia despertaram na família carioca a vocação para a diversão, particularmente ao ar livre.”¹³⁰

Segundo ARAÚJO (1993), a vocação ao prazer estaria associada à cultura hedonista e à cultura de valorização do bem-estar¹³¹ como características que a cidade teria desenvolvido ao longo do seu processo de urbanização. Durante este período, a sociedade teria tentado adaptar os valores provenientes da herança cultural européia à realidade urbana de uma cidade tropical situada junto ao mar.

A manutenção de valores europeus em uma cidade de clima tropical ao longo da história da cidade passou por um processo de revisão e atualização. No início do século XX, a praia era um lugar que reunia frequentadores de diferentes segmentos socioeconômicos, desde o trabalhador proletariado até o senhor burguês¹³². Neste ambiente urbano, o espaço público urbano foi sendo construído como um espaço de socialização, espaço para lazer e para festas, espaço frequentado pelos mais diferentes grupos sociais: *“mesmo nos bairros pobres abrem-se espaços de lazer popular e em quase todo lugar existe um palco onde os artistas podem se apresentar, sem pompa”*¹³³.

Nesta vivência do espaço público, a sociedade carioca foi desenvolvendo, a partir do período republicano, costumes, formas de socialização e civilidade. Dentre estes espaços públicos, ARAÚJO (1993) destaca a influência que a orla marítima possuía na construção desta nova sociabilidade. A autora relata a já existência, neste período, dos eventos esportivos e dos banhos de mar, programas cotidianos que *“promoviam a integração entre famílias estimulando os contatos sociais”* (ARAÚJO, 1993 p. 316). Eram nestas ocasiões que a sociedade adquiria oportunidade de se expressar em público, onde as classes dominantes podiam distinguir-se das classes menos favorecidas através da prática de etiquetas sociais e da demonstração de valores como respeito e moralidade. Desta maneira, o uso do espaço público da praia contribuía para a promoção da mistura social desta sociedade e permitia a manutenção das particularidades referentes a cada uma das classes.

Nesta época, o programa político republicano valorizava como princípios, o cuidado com o bem-estar

¹³⁰ (ARAÚJO, 1993 p. 286)

¹³¹ Op. Cit.

¹³² Op. Cit.

¹³³ (ARAÚJO, 1993 p. 343)

físico, expresso no incentivo à prática de jogos esportivos. Assim, a prática de atividades físicas era vista como “*fator de transformação social, capaz de formar uma juventude saudável, prolongar a vida humana, aumentar a força e a riqueza, não só individual, mas também pública*” (ARAÚJO, 1993 p. 312). Neste contexto político-social, a praia era espaço consagrado ao lazer gratuito reunindo atividades como natação e canoagem. As praias privilegiadas eram aquelas da orla da Baía de Guanabara¹³⁴, uma vez que, as praias oceânicas como a de Copacabana eram parcialmente inacessíveis, pois demandavam a travessia de morros numa época na qual ainda não haviam sido construídos os primeiros túneis. Inicialmente utilizados para *fins terapêuticos*, o banho de mar foi sendo utilizado, posteriormente, como atividade de lazer “*da rapaziada barulhenta que nada, que rema, grita, prega partidas e quer divertir-se*” (ARAÚJO, 1993 p. 321). Além disso, as praias também eram usadas por quem buscava lugares discretos para namorar, uma vez que os “bairros de praia” eram afastados e ofereciam um *clima romântico* e tranquilo.

O conceito de *vocação ao prazer* apresentado por ARAÚJO (1993) relaciona-se também com a cultura social e intelectual da sociedade republicana carioca. Passeios por parques e jardins, encontros dominicais para chás, passeios de carro, idas ao velódromo, visitas a clubes e comemorações em feriados nacionais eram rituais familiares e atividades valorizadas na cidade que permitiam o lazer ao ar livre.

Além dos usos e atividades relacionados aos esportes e ao lazer, a Praia de Copacabana acolheu ao longo de sua história, atividades culturais como a popularização do cinema ao ar livre, as comemorações de ano novo¹³⁵ e as atividades noturnas que marcaram culturalmente a modernidade na sociedade carioca. Nas comemorações de ano novo da década de 70, o clima carnavalesco tomava conta das ruas em Copacabana¹³⁶. Estas contavam com a presença de bandas e de clubes que promoviam bailes à fantasia, enquanto o cinema concorria com os programas teatrais, com os cabarés e com outras infinidades de atividades boêmias ofertadas na cidade.

¹³⁴ Em 1846 foi realizada na Praia de Santa Luzia, a primeira corrida de canoas, a mais divulgada na cidade do Rio de Janeiro, até então o que configura o uso esportivo que era praticado na Baía de Guanabara (MELO, Victor Andrade de. o Mar e o Remo no Rio de Janeiro do Século XIX. Revista Estudos Históricos, Vol. 13, Nº 23. 1999. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/artic le/download/2088/1227>. Acesso em 09 Ago. 2011). Já enquanto que, “*em 1905, o Prefeito Pereira Passos mandou construir barracões que funcionaram como garagens de barcos para os clubes Botafogo e Guanabara e melhorou as condições dos locais onde a população se banhava com frequência: a praia de Santa Luzia e a praia do Boqueirão.*” In: MELO, Victor Andrade de. Remo, modernidade e Pereira Passos: Primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. Esporte e Sociedade, nº 3. Jul2006/Out2006. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es305.pdf>. Acesso em: 08 Mai. 2011.

¹³⁵ Pela pesquisa bibliográfica realizada, não foi possível identificar ao certo, quando começaram as comemorações de ano novo na Praia de Copacabana porém, tomamos como referência a década de 60 quando, na comemoração do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro, foi realizada a festa com chuva de prata.

¹³⁶ _____ . O Rio foi à praia ver entrar o ano do IV Centenário. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1965. 3 p.

3.3.2 ATIVIDADE ECONÔMICA

A Praia de Copacabana, espaço público com 4,5 Km de extensão¹³⁷ e área de lazer aberta ao uso de toda a população da cidade, comporta uma diversa variedade de práticas econômicas em seu espaço urbano. É possível observar a dupla função desempenhada por estas atividades na morfologia local, uma vez que não apenas diversificam os usos, como também contribuem para a permanência dos usuários no espaço urbano. Citamos como exemplo os vendedores ambulantes¹³⁸ de gêneros alimentícios, eles circulam pela faixa de areia oferecendo seus produtos aos clientes, enquanto estes tomam banho de sol; dessa forma, evitam a saída destes de seus lugares para ir a lojas localizadas fora da praia a fim de suprir suas necessidades de consumo.

A diversidade de produtos e serviços oferecidos neste espaço público urbano atende, em certa medida, às necessidades dos seus frequentadores, sejam eles moradores do bairro - consumidores de gêneros alimentícios - ou turistas internacionais que necessitam de serviços de câmbio e compra de jóias. A configuração espacial da Praia de Copacabana - na qual os espaços de calçadão se alternam às faixas de rolamento, faixas delimitadas pelos edifícios de um lado e pela extensa faixa de areia com setores facilmente identificáveis do outro - possibilita que este largo e comprido espaço público urbano carioca seja utilizado não apenas como espaço de lazer, como também espaço de trabalho. Neste espaço, se encontram diferentes formas de comércio que convivem, lado a lado, com áreas de esportes, áreas de descanso e atividades econômicas como, por exemplo, a pesca no Posto 6(seis).

O amanhecer na Praia de Copacabana é um dos melhores exemplos deste convívio entre as atividades econômicas e de lazer no espaço público da praia. É no momento do nascer do sol que chegam os primeiros trabalhadores para montar suas barracas na praia; os profissionais do bem-estar vêm para montar as redes de vôlei ou para iniciarem as aulas de ginástica e yoga; jovens militares dos fortes fazem seus exercícios; jovens não tão jovens e idosos fazem alongamentos matinais e alguns pescadores jogam suas redes ao mar no Posto 6(seis).

¹³⁷ PÉREZ (2010)

¹³⁸ Ressaltamos que, dentre as comparações feitas no Capítulo 2, entre a Praia de Copacabana e outras 4 praias urbanas, apenas a Praia de Copacabana apresentou vendedores ambulantes em sua faixa de areia, caracterizando assim, uma das particularidades da prática sócio-econômica presentes neste espaço público urbano.

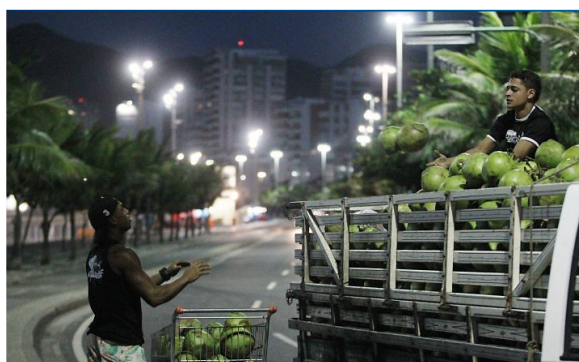


Figura 59: Vendedores descarregam coco no Arpoador.

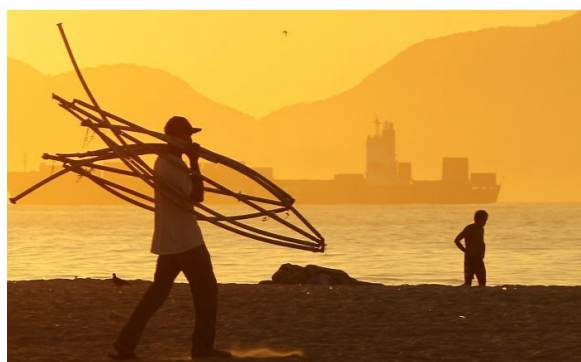


Figura 60: Homem carrega material para montar a barraca.



Figura 61: Jovens se exercitando em aparelho no calçadão.



Figura 62: Homem prepara material para pesca.

No que diz respeito aos suportes físicos utilizados para a prática da atividade comercial, notamos um aperfeiçoamento técnico nos últimos anos. Aparatos arquitetônicos, equipamentos, mobiliários móveis e, inclusive, o próprio corpo¹³⁹ são instrumentos de trabalho utilizados por estes profissionais para oferecerem seus produtos e serviços sob condições climáticas e geográficas adversas. Seja o terreno arenoso, que dificulta a locomoção de pessoas e equipamentos; a brisa marinha, que contribui para a rápida corrosão de estruturas físicas, ou o calor e ventos excessivos, que geram cansaço aos passantes, a Praia de Copacabana parece não oferecer condições favoráveis à instalação permanente de pessoas ou equipamentos. As qualidades naturais que caracterizam este espaço público urbano são alguns dos fatores contribuintes para a contínua transformação desta paisagem urbana, assim como para a não fixação permanente de elementos urbanos em seu espaço.¹⁴⁰

Observadas as condicionantes morfológicas apresentadas por este espaço público urbano, colhemos informações que relacionam a prática de atividades comerciais com a apropriação do espaço público através dos suportes físicos utilizados por seus trabalhadores. Observamos também a sazonalidade com que ocorrem a prática de algumas atividades comerciais, sejam estas relativas aos períodos do dia

¹³⁹ BRANDÃO, Maria Beatriz Afflalo. Comércio de rua: ocupação consolidada no espaço público, possibilidades de abordagem no projeto urbano. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (Tese de Doutorado).2008.

¹⁴⁰ Ressaltamos que o conjunto urbanístico-paisagístico da Praia de Copacabana é tombado pelo INEPAC (E. Tombamento 25Jan.1991). O tombamento seria outro fator condicionante à fixação permanente de elementos urbanos em seu espaço público.

(manhã, tarde, noite e madrugada) ou às condições climáticas diárias (sol, chuva, ventos, frio e calor). Analisaremos as atividades comerciais observadas neste espaço público a partir da pesquisa de campo realizada para o desenvolvimento do artigo “O Mundo em Copacabana: uma análise morfológica do uso comercial na Praia de Copacabana”. Nesta pesquisa, destacamos as particularidades encontradas na atividade comercial praticada no espaço público urbano da Praia de Copacabana. Entre estas, destacaram-se aquelas relacionadas às práticas de venda de produtos e à prestação de serviços, atividades que atendem tanto ao frequentador da praia quanto o turista. Para o estudo da morfologia urbana da Praia de Copacabana, vamos tratar da apropriação do espaço público, da frequência da atividade econômica e do suporte físico utilizado para tal fim.





A seguir, apresentaremos estas categorias de análise e a maneira como estas se articulam:

- **Quanto à apropriação do espaço:** Esta categoria refere-se à permanência do suporte físico no espaço público. Subdivide-se em duas outras categorias: suporte físico permanente e suporte físico não-permanente.
- **Quanto à frequência (sazonalidade):** Esta categoria relaciona-se principalmente com as condições climáticas e com o período do dia em que possui lugar a atividade econômica. As variáveis climáticas como sol, chuva e ventos, ou ainda períodos do dia como manhã, tarde, noite e madrugada podem interferir na ocorrência, ou não, da atividade econômica. Identificamos 3(três) possibilidades de frequência: estável, instável e eventual. A atividade **frequente** ocorre regularmente, não sendo vulnerável às condições climáticas ou a períodos do dia. A atividade de frequência **instável** é caracterizada por ser vulnerável às condições climáticas e aos períodos do dia, assim possui certa irregularidade com relação à frequência de sua prática. A frequência **eventual** é caracterizada por acontecer eventualmente e independe do período do dia e da condição climática, pois podem ocorrer sob sol, sob chuva, em períodos da manhã ou à noite, de acordo com a necessidade do realizador.

	Frequente	Instável	Eventual
Períodos do dia	Não vulnerável	Vulnerável	Independente
Clima	Não vulnerável	Vulnerável	Independente

Quadro 14: Relação entre os conceitos de análise de atividade econômica

- **Quanto ao suporte físico utilizado:** esta categoria refere-se à classificação do suporte físico utilizado para a prática da atividade comercial. Durante a observação das atividades praticadas na Praia de Copacabana, foram observados 5 (cinco) tipos diferentes de suporte físico: fixo, móvel, improvisado, equipamento público e corporal. A seguir, faremos a caracterização de cada um deles:

SUPORTE FÍSICO	DESCRIÇÃO	EXEMPLO	FIGURAS
Fixo	Caracterizado, principalmente, pelo uso de objetos fixados no espaço público e por permitirem a prática da atividade comercial.	Lojas e quiosques localizados no calçadão.	 Figura 63: Quiosque no calçadão
Móvel	Caracterizado, principalmente, pelo uso de objetos que permitem a prática da atividade comercial, porém não estão fixados no espaço urbano, logo podem ser transferidos de um lugar a outro.	Barracas montadas com a finalidade de vender bebidas e tendas utilizadas por massagista a fim de proteger seus clientes do sol.	 Figura 64: Barraca na faixa de areia
Improvisado	Caracterizado principalmente pelo uso de objetos que foram adequados para permitir a prática da atividade comercial.	Comerciantes que utilizam caixas de cerveja para alocar isopores; comerciantes que adaptam suas bicicletas para a venda de sanduíches.	 Figura 65 Vendedores de bebidas com suporte físico improvisado
Equipamento Público	Caracterizado pelo uso de equipamento público como suporte físico principal para a prática da atividade comercial, seja para exibir produtos ou prestar serviços.	Comerciantes que expõe seus produtos em bancos, calçadas, jardins e na areia, entre outros mobiliários ou equipamentos encontrados no espaço público.	 Figura 66: Vendedores de artesanato no calçadão

Corporal

Caracterizado pelo uso do corpo como suporte físico principal para a prática da atividade comercial. Neste caso, o corpo é principalmente utilizado para exibir os produtos ou os serviços oferecidos.

Comerciantes de mate e de cangas.



Figura 67 : Vendedor ambulante de chapéus

Quadro 15: Descrição e exemplos de suportes físicos utilizados para atividade econômica na Praia de Copacabana

Na sistematização dos dados neste quadro, observamos que o suporte físico para a prática da atividade comercial está caracterizado por formas inventivas, sendo fruto da adaptação de equipamentos pelos próprios vendedores. Como exemplo, temos o improvisado, o equipamento público e o corpo como suportes físicos que são adequados para receber os produtos comercializados. Em relação à movimentação do vendedor pelo espaço público urbano da Praia de Copacabana, os suportes físicos fixos e móveis são instrumentos que possuem formas mais rígidas e mais estáveis; contudo, permitem certa personalização pelo comerciante.

Apresentamos a seguir, o organograma que relaciona as categorias utilizadas para a análise:

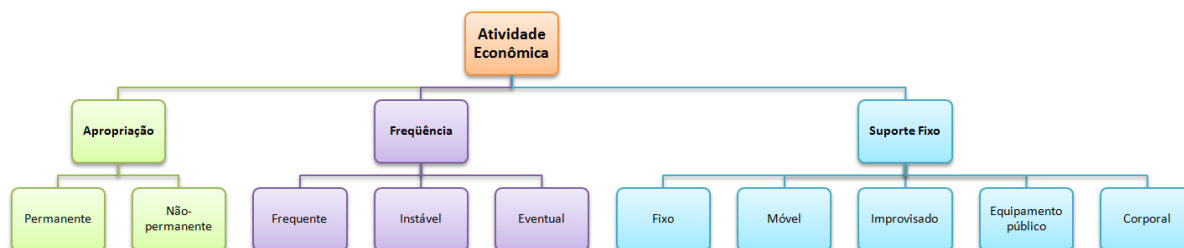


Figura 68: Conceitos de análise da atividade econômica na Praia de Copacabana

A pesquisa de campo permitiu a identificação de diferentes atividades comerciais na Praia de Copacabana. Algumas atividades comerciais estão presentes de maneira particular na dinâmica econômica deste espaço público urbano. Durante a pesquisa de campo, identificamos a presença de alguns “personagens” que caracterizam a atividade comercial na Praia de Copacabana. São eles:

PERSONAGENS	
Vendedores ambulantes:	Vendedores varejistas de produtos como bronzeadores, bebidas e petiscos;
Artistas:	Músicos, mímicos, escultores de areia;
Comerciantes:	Lojas, quiosques, barracas;
Feirantes:	Pescadores, artesãos, revendedores de produtos diversos;
Profissionais autônomos:	Massagistas, professores, taxistas, médicos;

Quadro 16: Exemplos de personagens que exercem atividade econômica na Praia de Copacabana

Após a identificação dos trabalhadores presentes neste espaço urbano, elaboramos o quadro resumo a seguir e sistematizamos as informações:

	Espaço		Frequência			Suporte físico				
	Permanente	Não-permanente	Frequente	Instável	Eventual	Fixo	Móvel	Auto-constructivo	Equip. público	Corpo
Ambulantes				■			■	■	■	■
Artistas				■				■		■
Comerciantes	■	■				■				
Feirantes		■		■				■	■	
Autônomos				■				■		
Taxistas	■		■				■			

Quadro 17: Relação entre os personagens e os conceitos de análise da atividade econômica na Praia de Copacabana

O quadro resumo gera um cruzamento de informações bastante irregular e aleatório; logo, apresenta uma diversidade de possíveis combinações entre as formas de apropriação do espaço urbano, a frequência com que algumas atividades econômicas ocorrem e os diversos tipos de suportes físicos utilizados para tais atividades. A partir deste quadro, é possível visualizar a polivalência das formas de atividades econômicas praticadas no espaço público da Praia de Copacabana. Esta indicação, mostra que a Praia de Copacabana possui como uma característica particular, sua atividade econômica diversificada em muitos aspectos. Observamos que esta diversificação relaciona-se com a adaptação dos comerciantes aos diferentes períodos do dia e do clima, ou seja, é possível encontrar a atividade comercial em circunstâncias que não são observadas normalmente em outros lugares da cidade. Como exemplo, nos períodos noturnos, enquanto a maioria dos comércios centrais está fechada, na Praia de Copacabana eles podem estar ativos de acordo com a demanda de clientes. Esta condição apresenta a Praia de Copacabana como espaço público comercialmente ativo em diferentes períodos do dia e sob condições climáticas adversas.

3.3.3 GRUPOS SOCIAIS

Ao percorrermos o calçadão da Praia de Copacabana, podemos observar a presença de diversos grupos sociais convivendo lado a lado nos diferentes setores constituintes deste espaço público urbano (crianças, idosos, esportistas, trabalhadores, estudantes, moradores e turistas). Observamos também a preferência de alguns grupos de localizarem-se junto à beira do mar, atraídas pela proximidade ao banho de mar; outros optam pelas sombras dos coqueiros; outros preferem ficar nas cadeiras dos quiosques ao invés de sentarem na areia. Há também aqueles grupos que escolhem os bancos de praças, localizados no calçadão de edifícios, para a prática de jogos de mesa. Observamos que todos esses grupos possuem comportamentos e necessidades específicas e tendem a ocupar lugares específicos na Praia de Copacabana. Observamos também a prática de algumas atividades que se identificariam mais com alguns grupos do que com outros. Como exemplo, temos as atividades de jogos de mesa, frequentemente observadas na esquina da Rua Bolívar, que atraem maior quantidade de idosos que jovens ou crianças.

Durante a pesquisa de campo, observamos a espacialização das atividades e dos diversos grupos sociais no espaço público da Praia de Copacabana e constatamos algumas predileções de espaços por determinados grupos na faixa de areia. Essa condição poderia caracterizar alguma relação existente entre a morfologia do espaço urbano e o perfil de seu frequentador. Para melhor exemplificar esta questão, continuaremos a análise morfológica do espaço público urbano da Praia de Copacabana observando os agrupamentos sociais nele encontrados.

Iniciamos nossa análise morfológica pelo bairro do Leme, caracterizado como Setor 1 (um), e observamos as características urbanas existentes neste lado norte da Praia de Copacabana. O bairro do Leme é caracterizado por um tecido urbano conformado por uma malha viária de poucas vias e acessada majoritariamente pela Avenida Princesa Isabel, perpendicular à Avenida Atlântica, que delimita o bairro. A orla marítima deste trecho se caracteriza pela presença predominante de grupos familiares, conforme observamos na pesquisa de campo. Notamos a preferência de algumas pessoas de trazerem suas próprias cadeiras de praia e retornarem a pé para seus edifícios ao invés de alugá-las com os barraqueiros. Este trecho da Praia de Copacabana caracteriza-se também pela presença de surfistas. Um surfista entrevistado na pesquisa de campo nos informou que este trecho possui melhores condições para a prática do surfe devido à formação de ondas. O trecho norte da Praia de

Copacabana pode ser sinteticamente caracterizado em relação às práticas sociais como um recanto para grupos familiares e surfistas.

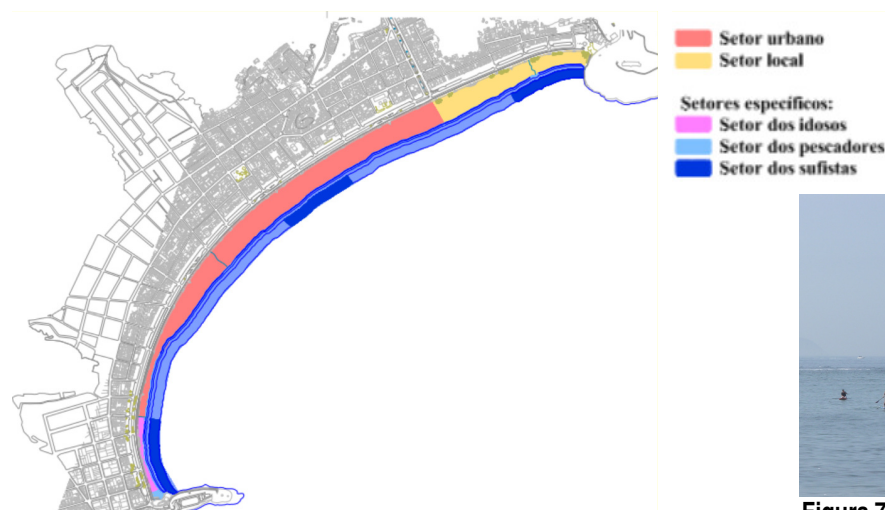


Figura 69: Setorização dos grupos sociais na Praia de Copacabana



Figura 70: Cinco pessoas surfando em pé próximo ao Forte de Copacabana, no posto 6.

Seguindo em direção ao sul, é possível observar 3 (três) setores entre a Avenida Princesa Isabel e a Rua Bolívar. Esta área apresenta um diferencial em relação aos demais trechos da Praia de Copacabana, pois neles estão localizadas 3 (três) estações de metrô¹⁴¹ no interior do bairro, o que faz com que a Praia de Copacabana neste trecho seja diretamente acessível a frequentadores de outras partes da cidade. Além disso, a faixa de areia amplia-se neste trecho¹⁴², o que viabiliza por exemplo tanto a aglomeração de uma grande quantidade de banhistas nos finais de semana ensolarados, como a realização de eventos de escala urbana - quando é necessário reunir o grande público em eventos como concertos musicais. Neste trecho, atemo-nos particularmente ao Setor 2 (dois) por situar dois pontos referencias na Praia de Copacabana: o primeiro deles é o Hotel Copacabana Palace¹⁴³, um dos

¹⁴¹ Citamos as estações Cardeal Arcoverde, Siqueira Campos e Cantagalo.

¹⁴² A largura média da faixa de areia da Praia de Copacabana que está relacionada ao bairro do Leme mede aproximadamente 140m. No trecho da praia que localiza-se em frente à Avenida Princesa Isabel, a largura da faixa de areia chega a aproximadamente 170m. Esta largura volta aos 140m nos setores 2, 3 e 4 e, no Posto 6, na direção da Rua Francisco Sá, chega a aproximadamente, 38m.

¹⁴³ O Hotel Copacabana Palace foi o primeiro dos grandes hotéis de praia do Brasil. Construído por iniciativa da família Guinle para explorar o potencial turístico da região. O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto francês Joseph Gire em 1917, inspirado nos empreendimentos hoteleiros da Riviera Francesa. Além de sua importância arquitetônica e urbanística, o hotel fica na memória da cidade por hospedar ilustres visitantes do Rio de Janeiro, entre eles, reis, artistas, chefes de estado e celebridades mundiais. O tombamento do Hotel foi realizado pelas seguintes normas: M., E e F., tombamento 12 Dez. 1985 e 7/4/2003; tombamento definitivo D.O.M. 30 Out. 2008

hotéis mais tradicionais da cidade; o segundo é o quiosque “Arco-íris”, que marca o ponto gay na Praia de Copacabana e localiza-se em frente a este hotel. Caracterizamos este trecho da praia como setor urbano, devido à sua larga faixa de areia e também por agregar grupos de frequentadores provenientes de outras partes da cidade e da Região Metropolitana.

O próximo trecho de análise da Praia de Copacabana corresponde ao Posto 6 (seis). Esse é o trecho que possui a faixa de areia mais estreita de toda a Praia de Copacabana. Esta característica remete à configuração morfológica inicial que a Praia de Copacabana possuía antes de receber o aterro artificial, realizado na década de 1970. O aterro foi executado para permitir a construção do interceptor oceânico que possuía como finalidade promover o saneamento do bairro. Esta intervenção alargou a faixa de areia da Praia de Copacabana no trecho que se inicia no Posto 2 (dois) e termina no Posto 5 (cinco). Apresentamos no diagrama ao lado o trajeto do interceptor oceânico cruzando a faixa de areia da Praia de Copacabana.



Figura 71: Percurso do emissário submarino. O trajeto vem pela Avenida Princesa Isabel, percorre os postos 2, 3, 4 e 5, indo em direção à Ipanema.

O Leme e o Posto 6 (seis) não receberam a passagem do interceptor oceânico. Esta situação sugeriu uma diferença na relação espacial urbana da Praia de Copacabana, pois enquanto nos demais setores o alargamento na faixa de areia proporcionou a instalação de áreas esportivas, nestes setores

manteve-se uma relação na qual permanece uma maior proximidade entre as pessoas que tomam banho de sol na faixa de areia e os passantes no calçadão da orla. Esta relação, de menor afastamento entre o espaço de banho e o espaço de passeio na orla, sugere uma sensação de ambiente mais aconchegante e privado, características também relacionadas às qualidades de conforto e segurança.

O Posto 6 (seis), que não possui acesso direto a estações de metrô, recebe junto à Ponta de Copacabana o conjunto rochoso, onde está situado o Forte de Copacabana, além de receber um pequeno mercado de peixes - que ajuda a caracterizar a vida local e o aspecto “bairrista” nesta parte da Praia de Copacabana. Outra característica deste trecho da praia é a notável presença de frequentadores da “melhor idade”. Este setor é conhecido como o posto “dos idosos”, devido ao fato de se encontrarem ali vários grupos de idosos que se reúnem para conversar, beber, tomar banho de sol ou praticar esportes entre amigos. Também encontramos no lado sul da Praia de Copacabana pescadores, mergulhadores e alguns poucos surfistas que compartilham a faixa de areia para a guarda de pranchas de surfe, de equipamentos de pesca e para o estacionamento de pequenos barcos e balsas. Uma novidade do verão 2010/2011 foi a aparição de praticantes de “*Stand Up Boarding*” (SUP)¹⁴⁴. Em nosso estudo de caso, foi observada a presença de uma tenda na areia que anuncia aulas de “Surfe em pé” com professores especializados. Segundo o Jornal de bairro “Correio Carioca”, esse é o “Esporte da Moda”¹⁴⁵ deste verão.

Observamos assim que algumas relações presentes na morfologia do espaço público urbano da Praia de Copacabana favorecem a prática de determinadas atividades. Da mesma forma, este desenho urbano também oferece condições favoráveis ou desfavoráveis à permanência de alguns grupos sociais específicos em seu espaço público. Observamos também a existência de pequenas nuances de comportamentos sociais, as quais particularizam grupos sociais e fazem parte das vivências cotidianas dos frequentadores deste espaço público urbano.

Ressaltamos a presença de esportistas, banhistas e turistas em toda a extensão da Praia de Copacabana. Estes frequentadores transformam tal espaço público urbano em lugar cosmopolita e multicultural.

¹⁴⁴ Esta prática não foi observada no início da pesquisa de campo em 2009 porém, em menos de 2 anos, já possui praticantes na Praia de Copacabana, Ipanema e Leblon.

¹⁴⁵ MONSANTO, Felipe. Literalmente, o Esporte da “Onda”. Correio Carioca. Rio de Janeiro. Abril/2011. Disponível em http://www.correiocarioca.com.br/pdf/edicao_86_zs.pdf Acesso em 08 Mai. 2010.

A seguir, apresentamos o quadro-resumo que relaciona o espaço ocupado pelos grupos sociais com o tecido urbano do bairro de Copacabana. No capítulo seguinte, estudaremos a espacialização das atividades praticadas no espaço público da Praia de Copacabana, de maneira a compreender outras subdivisões socioespaciais que caracterizam o uso de seu extenso espaço público urbano.

NOME	ÁREA DO SETOR	CARACTERIZAÇÃO	
Setor urbano	Avenida Princesa Isabel a Rua Bolívar	Larga faixa de areia permite aglomeração de frequentadores (cariocas e turistas)	
Setor local	Leme e trecho entre a Rua Bolívar e o Forte de Copacabana	Recanto para grupos familiares	
Setor dos surfistas	Ponta do Leme; trecho entre os Postos 2 e 3; Ponta de Copacabana	Concentração de praticantes de surfe.	
Setores específicos:	Setor de idosos	Rua Sá Ferreira a Rua Francisco Otaviano	Concentração de idosos.
	Setor dos pescadores	Rua Joaquim Nabuco a Rua Francisco Otaviano	Atividades de pesca e mergulho.

Quadro 18: Identificação dos setores pelas atividades sociais na Praia de Copacabana

CAPÍTULO

4. OS EVENTOS NA PRAIA DE COPACABANA

Apresentamos neste capítulo, os três eventos realizados na Praia de Copacabana. A escolha destes eventos está relacionada com a forma como tais eventos se apropriaram diferentemente da Praia de Copacabana. Estas apropriações suscitaram relações de uso neste espaço urbano diferentes daquelas observadas cotidianamente em seu espaço público. Nesta pesquisa, observamos as articulações entre os usos frequentes e os usos eventuais, de modo que possamos compreender as articulações entre as diferentes atividades presentes na Praia de Copacabana durante a realização de determinados eventos.

Nesta etapa da pesquisa, elaboramos mapas da morfologia da Praia de Copacabana na realização destes eventos. Analisamos as formas como os eventos se apropriaram do espaço público urbano da Praia de Copacabana através da metodologia de análise da imagem da cidade apresentada por LYNCH (1985). Desta maneira, foi possível observar a dinâmica nos fluxos de pessoas e na morfologia urbana da Praia de Copacabana em situações eventuais.

Os 3 (três) eventos analisados foram: Parada Musical Momentos Mágicos Disney, promovida por uma empresa de gêneros alimentícios; Réveillon, promovido pela iniciativa privada e pelo poder público local e Travessia dos Fortes, promovido pelo Exército e pela iniciativa privada. Do ponto de vista teórico-metodológico, adotamos alguns critérios que justificassem a escolha destes 3 (três) eventos para o estudo aprofundado. O primeiro critério seria escolher eventos que não tivessem se apropriado da mesma fase espacial da Praia de Copacabana. Nesta relação, escolhemos os eventos que se apropriaram dos calçadões e da faixa de rolamento, de toda a Praia de Copacabana e do seu espaço marítimo. O segundo critério adotado foi escolher eventos que apresentassem relação com a escala urbana da Praia de Copacabana ao invés de eventos localizados pontualmente, ou seja, eventos relacionados somente com as escalas de rua e de bairro da praia. O terceiro critério norteador de nossa pesquisa foi escolher eventos realizados em diferentes períodos do dia. Essa condição nos possibilitou escolher eventos realizados nos períodos matutinos, vespertinos e, no caso do Réveillon, integral. Sistematizamos estes dados no quadro a seguir:

Nome do evento	1º Critério: Espaço apropriado da Praia de Copacabana	2º Critério: Escala	3º Critério: Período em que foi realizado
Parada musical "Momentos Mágicos Disney"	Calçadões e Faixa de rolamento	Urbana	Tarde
Réveillon 2010	Toda a Praia de Copacabana	Urbana	Manhã / Tarde / Noite / Madrugada
Competição "Travessia dos Fortes"	Mar e pontos na faixa de areia	Urbana	Manhã / Tarde

Quadro 19 : Relação entre os critérios adotados para pesquisa e os eventos escolhidos

A seguir, apresentaremos a descrição de cada um dos três eventos pesquisados e, prosseguindo, a análise morfológica da Praia de Copacabana na ocorrência destes eventos.

4.1. PARADA MUSICAL “MOMENTOS MÁGICOS DISNEY”



Figura 72: Pessoas na areia enquanto a Parada Disney desfila na Avenida Atlântica

Este evento foi patrocinado por uma empresa multinacional que comercializa alimentos industrializados. A “Parada Disney”¹⁴⁶, como foi chamada, passou pelas cidades: Rio de Janeiro (RJ), Vila Velha (ES), São Paulo (SP), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG) e Salvador (BA), sendo realizada em diferentes finais de semana e feriados.

Este evento consistiu, basicamente, de um desfile de carros temáticos musicais que contava com a presença de personagens de desenhos animados infantis internacionais. No Rio de Janeiro, o evento foi realizado na pista de rolamento de veículos da Praia de Copacabana, que não recebeu o trânsito de veículos durante toda a realização do evento.

O público presente era bastante diverso, composto por crianças, jovens, adultos e idosos. A multidão acompanhou o desfile em pé, a partir dos calçadões da praia e do calçadão central, conformando-se linearmente em torno do evento que, pouco a pouco, percorria a extensão da orla marítima da Praia de Copacabana.

Durante a realização do evento, a faixa de rolamento de veículos foi gradeada em toda sua extensão, impedindo a travessia de pedestres entre o bairro de Copacabana e a sua praia. Foram projetados 11 pontos de travessia cruzando a Avenida Atlântica. Eles poderiam ser utilizados antes da parada musical iniciar, tendo ficado fechados por aproximadamente 4(quatro) horas, tempo de duração do evento. Esta interrupção temporária do acesso de pedestres à praia gerou a transferência dos usos cotidianos praticados ali para outros espaços da Praia de Copacabana.

¹⁴⁶ _____. Vc repórter: Parada Disney reúne 350 mil em Copacabana, no RJ. Terra. 29 Nov. 2009. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,O14128808-E18139,00-vc+reporter+Parada+Disney+reune+mil+em+Copacabana+no+RJ.html> Acesso em 26 Mai. 2011

Observamos a presença de elementos espalhados pela orla como, por exemplo, caixas de som, guias de filmagem, postos de transmissão de sinais de TV, carros equipados com painéis de controle, ambulâncias estacionadas para atender a possíveis incidentes e anúncios montados em postes com a finalidade de promover os produtos do patrocinador do evento.

Algumas curiosidades do evento relacionam-se à produção do mesmo. O evento dispôs de 7(sete) carros alegóricos construídos na cidade e obteve como trilha musical a composição de 20 canções gravadas em português¹⁴⁷. Os bailarinos também eram brasileiros e tiveram os seus camarins montados dentro de 2(dois) ônibus - veículos que acompanharam o desfile com a finalidade de auxiliar os artistas na troca de roupas e maquiagens.

4.2. RÉVEILLON 2010



Figura 73: Pessoas assistindo à queima de fogos de artifício na faixa de areia da Praia de Copacabana

A festa de comemoração da virada de ano realizada na Praia de Copacabana consistiu essencialmente em show pirotécnico. Espetáculo hoje realizado em alto-mar e apreciado pelo público presente na faixa de areia, nos calçadões, nos edifícios, em casa (pelas transmissões televisivas) e, por que não dizer, no mundo. Além dos fogos de artifício, o evento recebe a montagem de palcos com diferentes concertos musicais, nos quais se apresentam, na maioria das vezes, artistas da cultura popular brasileira e carioca. No último evento, o Réveillon 2011, além das habituais queimas de fogos de artifício e dos tradicionais concertos musicais, a festa popular também recebeu dois grandes telões infláveis e um show de luzes projetadas nas fachadas dos edifícios e na faixa de areia.

¹⁴⁷ _____. Parada Disney é atração deste domingo em Copacabana. G1. 29 Nov. 2009. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1396158-5606,00-PARADA+DISNEY+E+ATRACAO+DESTE+DO+MINGO+EM+COPACABANA.html> Acesso em 26 Mai. 2011

4.2.1 RÉVEILLON DA PRAIA DE COPACABANA – HISTÓRICO

Através da pesquisa do acervo jornalístico microfilmado existente na Biblioteca Nacional, pudemos estudar a evolução deste evento no decorrer dos anos. Para a escolha da fonte de pesquisa mais adequada, partimos do seguinte critério: aquela que possuísse alguma relação direta com o evento pesquisado. Das fontes jornalísticas com informações mais relevantes apresentadas durante a nossa pesquisa inicial, o jornal “O Globo” mostrou-se como fonte de dados primordial. A escolha desta fonte foi devido ao fato de “O Globo” ser uma das empresas promotoras do Réveillon na Praia de Copacabana.

A pesquisa bibliográfica compreendeu os exemplares do Jornal O Globo no período de 1950 a 2011, num intervalo de 5(cinco) em 5(cinco) anos. Apresentamos a seguir, uma síntese histórica acompanhada da transcrição de textos jornalísticos comentados pelo autor. Para esta pesquisa, selecionamos alguns textos que marcam pontos na evolução histórica deste evento e os apresentamos em ordem cronológica crescente.

Atualmente, o Réveillon tornou-se um evento de repercussão internacional, porém durante a pesquisa dos fatos históricos relacionados ao evento, observamos a relação desta festa com os costumes religiosos locais que eram praticados nas praias cariocas. A pesquisa realizada revelou o ano dos primeiros registros encontrados sobre estes cerimoniais religiosos na noite de ano novo: 1960. A fonte jornalística registra a presença de um grupo de pessoas vestidas de branco a praticar algum tipo de ato religioso na Praia de Ramos.

“Homens e mulheres em trajes brancos, levando velas e cantando desfilaram novamente nas areias das praias cariocas à passagem do ano. A crescente curiosidade do povo parece estimular a encenação. Antes, só nas praias desertas se podiam avistar essas figuras, que se iam acocorar, dançar e cantar diante de velas, garrafas e bebidas alcoólicas e de flôres. Agora, a prática, que se devia limitar aos “terreiros”, estende-se inclusive, segundo foi divulgado, com a proteção do Departamento de Turismo, como aconteceu na Ilha do Governador (...) A foto acima feita em Ramos”¹⁴⁸

Observamos que o rito de usar vestes brancas e lançar flores ao mar na madrugada do 1º dia do ano era uma prática usual nas praias cariocas naquela época. A cerimônia religiosa recebia nestas ocasiões a presença de curiosos e turistas a apreciarem o “culto” e receber os “passes”. Esta prática começou a atrair multidões às praias cariocas ano após ano, contudo, segundo os dados levantados em nossa pesquisa histórica, passou a receber “*mais brilho*” em 1965, ano em que os aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) lançaram nas praias da cidade a “chuva de prata” em comemoração ao IV Centenário

¹⁴⁸ _____, O Espetáculo se repete. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1960. 1 p.

da cidade do Rio de Janeiro. O lançamento dos papéis laminados picados foi acompanhado pelos toques de sirenes dos navios iluminados da marinha, pelos badalares dos sinos das igrejas, pelos estouros dos tiros de canhões militares dos fortes e pelos holofotes que desenharam o número “IV” no céu da cidade:

“À meia noite do dia 31, quando três holofotes do exército acenderam no céu o ‘IV’, marcando a entrada do ano do IV Centenário, praticamente todo o Rio estava nas ruas, principalmente na orla marítima (...) um espetáculo difícil de ser repetido: o culto à Iemanjá, que sempre leva milhares de pessoas à beira mar, foi superado este ano, pelos que queriam ver a ‘chuva de prata’”¹⁴⁹

“os que queriam melhor assistir à ‘chuva de prata’, que os aviões da FAB iriam realizar, e ver o espetáculo proporcionado pelos holofotes das fortalezas e pelos navios da Marinha iluminados na baía de Guanabara”¹⁵⁰

“os navios da marinha (...) soavam as sirenas e os apitos; serpentinas e confetes eram lançados dos edifícios; salvas de 19 tiros eram dadas pelas fortalezas; repicavam os sinos das igrejas”¹⁵¹

Sobre a repercussão deste evento em outros espaços da cidade, o jornal cita o Copacabana Palace, este realizava bailes de ano novo na cidade:

“O ano novo começou no Copacabana Palace, em quatro grandes salões onde estavam quase 2 mil pessoas, acordes do hino nacional à meia-noite em ponto. A atitude formal logo depois transformou-se em vivas e abraços, quando as orquestras começaram a tocar ‘Cidade Maravilhosa’, entrando assim o Réveillon na sua animada fase carnavalesca”¹⁵²

Sobre a realização dos atos religiosos à beira mar, o jornal afirma que esta prática reunia pessoas de diferentes classes sociais: “o culto à Iemanjá continua levando às praias gente de todas as classes sociais”¹⁵³. Compreendemos este evento como um fato social que contribuía para a integração cultural a partir da prática de costumes comuns entre os mais abastados e os menos favorecidos.

Sobre os elementos usados para a realização deste evento, alguns poderiam assemelhar-se aos do Réveillon hoje realizado na Praia de Copacabana. Poderíamos comparar, por exemplo, a chuva de prata usada naquela época com: os fogos de artifícios, hoje, dispostos no mar; os navios da marinha com os cruzeiros turísticos internacionais, também iluminados no horizonte; os sinos das igrejas com a música de valsa tocada durante o show pirotécnico; os holofotes que formavam o número “IV” no céu e, por fim, o “inérito” show de luzes coloridas presente na última edição do Réveillon. Assim como o

¹⁴⁹ _____ . O Rio foi à praia ver entrar o ano do IV Centenário. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1965. 3 p.

¹⁵⁰ _____ . O Rio foi à praia ver entrar o ano do IV Centenário. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1965. 3 p.

¹⁵¹ _____ . O Rio foi à praia ver entrar o ano do IV Centenário. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1965. 3 p.

¹⁵² _____ . O Rio foi à praia ver entrar o ano do IV Centenário. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1965. 3 p.

¹⁵³ _____ . O Rio foi à praia ver entrar o ano do IV Centenário. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1965. 3 p.

Réveillon, a comemoração do 4º Centenário reuniu milhares de pessoas em diversas praias da cidade, porém a festa do centenário foi promovida pelas forças militares no período da ditadura¹⁵⁴.

Nas décadas seguintes, o evento mantinha o costume social de reunir participantes de diferentes classes sociais. Estas eram as manchetes do jornal no início dos anos 1970:

“Ao clarear do dia, de ontem, os foliões egressos dos ‘Réveillons’ foram, como acontece todos os anos, atirar flôres brancas no reino de Iemanjá, sob os olhares curiosos de milhares de turistas que acompanharam durante toda a noite as homenagens prestadas à Rainha do Mar”¹⁵⁵

“Os casais Gilberto Marinho, Ruy Gomes de Almeida, James Clark e Jorge Flores romperam o ano tranquilamente em casa do embaixador e Sra Hélio Cabral, apreciando o movimento das praias”¹⁵⁶

Pouco a pouco o evento foi aumentando de tamanho e se configurando como um evento de escala urbana. Na década de 1980, o Réveillon na Praia de Copacabana passou a receber a participação de milhares de pessoas e a atrair grupos de religiosos vindos de várias cidades do Brasil:

*“Ainda em Copacabana, milhares de pessoas entravam em filas para se aproximar dos **‘pais de santo’** e das **‘mães de santo’** de centenas de terreiros, estes não só do Grande Rio, mas também de Minas Gerais, São Paulo e Bahia. Até mesmo no calçadão da Avenida Atlântica, com a finalidade de acompanhar o show de fogos de artifício”.¹⁵⁷*

“A festa dos devotos de Iemanjá superlotou todas as praias da cidade”¹⁵⁸

“Na areia, devotos de Iemanjá faziam sua festa num ritual de velas, preces e oferendas”¹⁵⁹

O clima de comemoração era influenciado pela cultura popular - esta trazia para este momento de confraternização as calorosas músicas de carnaval:

“Na Zona Sul, além das cerimônias promovidas por centros umbandistas, havia também nas praias muitos grupos festejando o Ano Novo em ritmo de carnaval.”

¹⁶⁰

¹⁵⁴ Este período instaurado pelo golpe de 1º de Abril de 1964, foi marcado por um plano político caracterizado pelo autoritarismo, pela supressão dos direitos constitucionais, pela prisão e tortura dos opositores, pela perseguição política e pela censura prévia aos meios de comunicação. Do ponto de vista da economia houve uma rápida diversificação e modernização da indústria e dos serviços baseada em mecanismos de endividamento externo, concentração de renda e abertura ao capital estrangeiro. Ver BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. Gênero e Poder Local. São Paulo: Humanitas, 2008. 131 p.

¹⁵⁵ _____. Iemanjá devolveu presentes mas a festa varou a noite. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1970. 2 p.

¹⁵⁶ _____. _____. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1970. 4 p.

¹⁵⁷ _____. Comparecimento recorde aos bailes do Réveillon. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980. 10 p.

¹⁵⁸ _____. Comparecimento recorde aos bailes do Réveillon. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980. 10 p.

¹⁵⁹ _____. Comparecimento recorde aos bailes do Réveillon. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1985. 10 p.

¹⁶⁰ _____. Comparecimento recorde aos bailes do Réveillon. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980. 10 p.

“A chegada do ano novo levou também centenas de pessoas às principais ruas da Zona Sul para uma espécie de pré-carnaval. Vários grupos improvisavam batucadas e catavam letras de marchinhas de carnavais antigos, principalmente na Praça do Lido, onde a Banda do Leme despertava a atenção de muita gente”¹⁶¹.

Os bailes de Réveillon realizados nas casas de espetáculos também eram noticiados no jornal:

“Comparecimento recorde aos bailes de Réveillon”¹⁶²

Observamos o fato de a ampliação na escala do evento não ter sido acompanhada por melhorias na infraestrutura de sua realização, o que fica evidente em alguns relatos do jornal. Entre eles, a permanência na praia de visitantes vindos de longe:

“Os ônibus ficam estacionados em frente à praia, em toda a extensão de Copacabana, as pessoas acampam no calçadão. A concentração maior é na área do Posto 6.” (...) “Alguns grupos montaram barracas perto de seus ônibus, onde faziam a comida e lavavam as roupas...”¹⁶³

Além disso, começou a tornar-se mais evidente o problema do trânsito de veículos no bairro de Copacabana na noite do evento: *“Foi gigantesco o engarrafamento na Zona Sul a partir das 22h, até o amanhecer”¹⁶⁴*. Estes fatos contribuem para configurar certo “amadorismo” na organização deste evento de porte urbano. Em 1985, o evento foi novamente realizado em várias praias da cidade e, no caso da Praia de Copacabana, o evento passou a receber o apoio da iniciativa privada, o que contribuiu para aumentar os investimentos na promoção do evento:

“Copacabana viveu noite gloriosa na passagem de ano. Quando soou à meia noite e o espetáculo dos fogos de artifício iluminou toda a praia, a maior multidão já vista na areia e nos calçadões da Avenida Atlântica vibrou e dançou ao som de valsas que irradiavam da aparelhagem de som montada pelo Globo em frente à Figueiredo Magalhães. E o show de luzes que coloriam o céu e desciam em cascata do Hotel Meridien fez a massa humana delirar.”¹⁶⁵

“Além das tradicionais oferendas a lemanjá (...) as praias tiveram também bonitos arranjos de fogos de artifícios; o mais atraente, na Zona Sul, foi o espetáculo pirotécnico montado sobre o edifício do Hotel Méridien”¹⁶⁶

¹⁶¹ _____. Na homenagem à lemanjá, um pré-carnaval. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980. 12p.

¹⁶² _____. _____. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980. 11p.

¹⁶³ _____. Na homenagem à lemanjá, um pré-carnaval. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980. 12p.

¹⁶⁴ _____. _____. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1985. 1p.

¹⁶⁵ _____. Multidão em festa de ano novo é recorde. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1985. 1p.

¹⁶⁶ _____. Na homenagem à lemanjá, um pré-carnaval. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980. 12p.

“O espetáculo de luz, som e cor, promovido pelo Globo, Hotel Meridien, Copacabana Palace e Mariu’s Churrascaria, marcou a passagem do novo ano”¹⁶⁷

Na primeira década do novo milênio, o Réveillon de Copacabana já estava consolidado como evento e recebia a presença de artistas internacionais. A queima de fogos de artifício era seguida por concertos musicais com o objetivo de prolongar a permanência de pessoas na praia. Essa estratégia urbana contribuía para minimizar o fluxo de pessoas que saíam simultaneamente da Praia de Copacabana logo após o show pirotécnico.

“Em Ipanema, Gal Costa se despediu de 99 com ‘Aquarela do Brasil’. Em Copacabana, o público se distribuiu pelos palcos da orla. Na Barra, show de Benjor começou depois dos Fogos”¹⁶⁸

Apesar de o evento receber algumas melhorias e incrementos na infraestrutura de sua realização, contando neste período com a promoção da iniciativa privada, os problemas com a infraestrutura turística devido aos visitantes vindos de longe ainda eram recorrentes:

“Houve uma confusão, próximo ao Shopping Center Cassino Atlântico, porque os guardas não permitiram acampamentos por ali, obrigando os turistas a ficarem dentro dos próprios ônibus.”¹⁶⁹

Em 2001, o Réveillon na Praia de Copacabana foi marcado por acidentes com fogos de artifícios¹⁷⁰ localizados na faixa de areia e com a cascata luminosa do Hotel Méridien.¹⁷¹ No ano seguinte, as bombas dos fogos de artifício passaram a ser localizadas em balsas no mar e anularam possíveis acidentes envolvendo fogos de artifício e espectadores.



Figura 74: Velas acesas em buracos na faixa de areia da Praia de Copacabana

¹⁶⁷ _____. Noite vira dia em Copacabana na passagem do ano. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1985. 1p.

¹⁶⁸ _____. Do samba ao funk, os shows da orla. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 2000. 9 p.

¹⁶⁹ _____. Do samba ao funk, os shows da orla. O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 2000. Caderno Especial. 9 p.

¹⁷⁰ Estes acidentes matam 1 homem e deixam 49 pessoas feridas

¹⁷¹ Uma parte da cascata caiu e feriu duas pessoas. Ver _____. Réveillon do Rio mata um e deixa 63 feridos. Diário do Nordeste. Fortaleza. 02 Jan. 2001. Disponível em <http://diariodonordeste.globo.com/2001/01Fev.010020.htm> Acesso em 26 Mai. 2011

De acordo com o levantamento bibliográfico e com a pesquisa empírica realizados, observa-se que o evento veio recebendo novidades ano após ano, potencializando sua representatividade no contexto socioeconômico da cidade. No Réveillon de 2011, visitado, a comemoração de ano novo ocorreu juntamente com o lançamento da logomarca dos Jogos Olímpicos¹⁷², que tem previsão para serem realizados na cidade em 2016. Apesar de o evento manter relação com o ritual religioso praticado nos anos 60, atualmente, o mesmo é proibido de ser realizado na noite do dia 31. Segundo a entrevista com um umbandista local, o poder público municipal transferiu a realização destes cerimoniais para os dias 29 e 30 de dezembro, providência que, segundo o entrevistado, é uma forma de diminuir o tumulto na faixa de areia na noite do Réveillon. Nas ocasiões em que o Réveillon ainda contava com a sensível presença de religiosos, está noticiada a existência de grandes filas formadas por pessoas desejosas de receber os passes religiosos e, ainda, a ocupação da faixa de areia por flores e outros utensílios que configuravam as oferendas religiosas. Estas práticas geravam tumulto e atrapalhavam a circulação de pessoas na orla marítima. Atualmente, a alteração do calendário religioso é obedecida pelos praticantes, entretanto alguns deles ainda resistem à norma. Este fato é visível na noite de Réveillon, quando observadas a existência de rosas brancas, comidas e garrafas de bebidas deixadas em buracos iluminados pelas velas acesas na faixa de areia.

Em resumo, apresentamos o processo evolutivo do Réveillon na Praia de Copacabana por este diagrama representativo da linha do tempo:

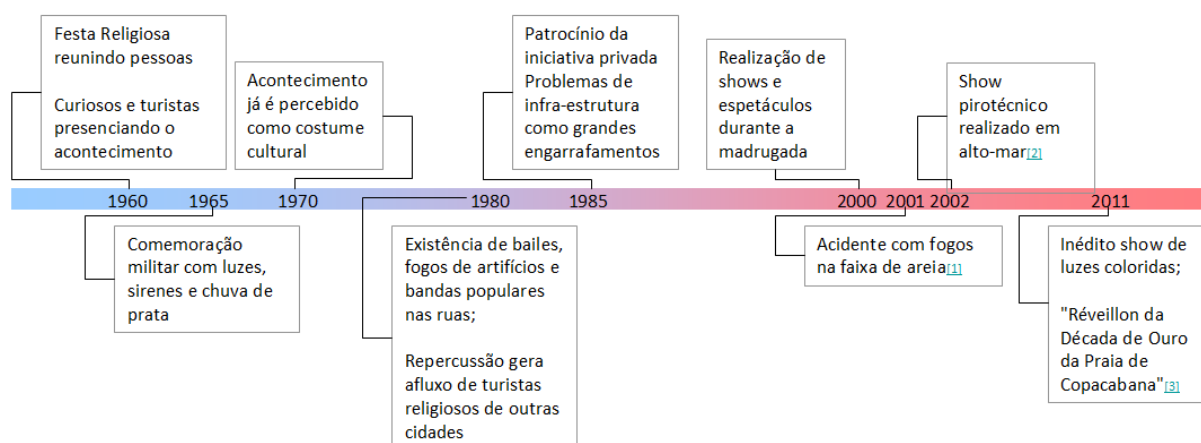


Figura 75: Diagrama da linha do tempo dos principais fatos que marcaram a história do Réveillon na Praia de Copacabana¹⁷³

¹⁷² PORTO, Henrique; VIANNA, Rodrigo; LETA, Thamine. Show de luzes e 16 minutos de fogos marcam réveillon de Copacabana. G1. Rio de Janeiro. 01 Jan. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/virada-de-ano-2010-2011/noticia/2011/01/show-de-luzes-e-16-minutos-de-fogos-marcam-reveillon-de-copacabana.html>. Acesso em 24 Mai. 2011

¹⁷³ Legenda do diagrama:

4.3 COMPETIÇÃO MARÍTIMA “TRAVESSIA DOS FORTES 2010”



Figura 76: Nadadores competindo na Travessia dos Fortes 2010

A Travessia dos Fortes é um evento que se repete anualmente e consiste em uma competição de natação realizada no oceano Atlântico. O percurso da prova inicia-se no Forte de Copacabana e termina no Forte do Leme. A disputa foi criada em 2001 pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos e atualmente é organizada pelo Exército Brasileiro. A última edição do evento contou com a presença de 2.519 nadadores¹⁷⁴; competiam juntos militares e o público interessado inscrito previamente. A competição é realizada no turno matutino e separada em etapas masculina e feminina. Em relação à infraestrutura do evento, é observada a construção de Postos de Chegada e de Largada na faixa de areia, a construção de uma raia aquática em alto-mar e a montagem do esquema de segurança. Os Postos de Chegada e Largada localizam-se na faixa de areia junto aos dois extremos da Praia de Copacabana e são constituídos, basicamente, de um sistema construtivo composto por andaimes metálicos que suspendem lonas tensionadas. Nestes postos são alocados: equipamentos de filmagem para o registro e transmissão do evento pelas redes de TV; Postos de Socorro para o caso de incidentes com os nadadores e com o público; banheiros químicos públicos; pódio de premiação dos competidores e equipamentos de som para a narração do andamento da competição às pessoas presentes na Praia de Copacabana. O público espectador localiza-se em torno das raias de largada e chegada montadas na faixa de areia, assim podem acompanhar a evolução do evento através da

[1] _____. RETROSPECTIVA. Folha Online. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/2001-reveillon-retrospectiva.shtml> Acesso em 26 Mai. 2011

[2] _____. Metade dos fogos do réveillon do Rio já está no mar. Estadão.com.br. São Paulo. 30 Dez. 2001. Disponível em <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2001/not20011230p22496.htm> Acesso em 26 Mai. 2011

[3] _____. Queima de fogos emociona público em Copacabana. Rio de Janeiro. 01 Jan. 2011. Disponível em <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/01/01/queima-de-fogos-emociona-publico-em-copacabana/> Acesso 26 Mai. 2011

¹⁷⁴ _____. Travessia dos Fortes Embratel 2010: segurança em primeiro lugar. Jornal Brasil Online. 29 Mar. 2010. Disponível em: <http://www.jornalbrasil.com.br/interna.php?autonum=7338>. Acesso em 24 Mai. 2011

observação visual dos nadadores e da narração feita pelos alto-falantes. A raia de competição é construída inteiramente dentro d'água através de um sistema de bóias presas a cordas. O sistema possui em torno de 3.500m de extensão e uma distância máxima de 800m em relação à faixa de areia. As bóias do sistema de raia possuem 3(três) diferentes tamanhos que variam de 6m a 25cm de diâmetro e, além de delimitar a área dos nadadores em alto-mar, também funcionam como pontos de apoio para os nadadores que necessitam de ajuda ou socorro durante a competição.

A segurança dos nadadores e do público espectador é dividida em dois sistemas: um aquático e um terrestre. O sistema aquático é composto por 40(quarenta) caiaques, 40(quarenta) botes, 12(doze) lanchas, 80(oitenta) pranchões, 2(dois) jet-skis, 2(duas) lanchas e 1(um) helicóptero. O sistema de segurança terrestre é caracterizado pelo atendimento médico, sendo composto por 2(duas) tendas médicas com 3(três) UTI's móveis, além de um centro médico de 72m² com um corpo de paramédicos disponíveis para eventuais incidentes.

A competição reuniu em sua primeira edição mais de 700(setecentos) nadadores, já contabiliza mais de 15.000(15 mil) atletas ao longo de 7(sete) edições. Atualmente o evento faz parte do calendário oficial de esportes da cidade, sendo realizado pela Rede Globo, pelo Brasil Esporte e pelo Exército Brasileiro. A edição 2010 contou com o patrocínio da Embratel e o apoio das seguintes empresas e instituições: Redecard, Lorenzetti, Cedae, Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), Correios, Governo do Estado do Rio de Janeiro e Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro através da Riotur e da Subprefeitura da Zona Sul. A seguir, apresentamos a análise da morfologia da Praia de Copacabana sob a ocorrência destes 3(três) eventos.

4.4 ANÁLISE MORFOLÓGICA DOS EVENTOS REALIZADOS NA PRAIA DE COPACABANA

4.4.1 ANÁLISE DA PARADA MUSICAL “MOMENTOS MÁGICOS DISNEY”

A parada musical Momentos Mágicos Disney transformou a Avenida Atlântica em uma passarela para o desfile de carros temáticos e de personagens animados. O evento se apropriou do espaço urbano da Praia de Copacabana através da inserção de alguns elementos que ajudaram a configurar a faixa de rolamento e a ciclovia. A configuração desta **via** gerou um percurso cercado por grades, dividindo a faixa de rolamento em passarela principal e a ciclovia em faixa de serviço. A separação destes **setores** auxiliaram na demarcação dos espaços de circulação de artistas, de carros temáticos, de seguranças e da equipe técnica que fornecia suporte ao evento. A inserção dos gradis metálicos no **limite** da faixa de

rolamento com os calçadões contribuiu para a formação de uma barreira física impedindo a circulação de pessoas entre o bairro de Copacabana e a sua praia. O evento se apropriou dos seguintes espaços da Praia de Copacabana para a sua realização:

- das faixas de rolamento para o desfile dos carros temáticos e dos dançarinos;
- da ciclovia, que funcionou como faixa de serviço;
- do calçadão central e do calçadão da praia, com a intenção de acomodar o público espectador;

Poderíamos supor também que o evento se “apropriou” da faixa de areia, visto à ocorrência da impossibilidade de acesso a este espaço pelos usuários. A parada musical definiu um **setor** inacessível junto à faixa de areia que correspondia a aproximadamente $\frac{3}{4}$ de sua área. Apenas conseguiram acessar este setor pessoas que ali chegaram anteriormente ao início do evento. Através disso, os usos cotidianamente praticados no espaço da faixa de areia, do calçadão e da ciclovia, migraram para os espaços, que estavam livres para recebê-los: a faixa de rolamento e o calçadão (localizado junto aos edifícios). Esta faixa de rolamento não recebeu o trânsito de veículos, logo se tornou espaço aberto para uso dos corredores, dos ciclistas, dos patinadores, dos esquetistas e das pessoas que passeavam com seus cães. Estes usuários praticaram suas atividades cotidianas e não participaram diretamente do evento, que ocorria na via ao lado.

A Avenida Atlântica ficou praticamente dividida em dois espaços bastante distintos: o lado da praia - que se comportou como uma passarela para o evento - e o lado dos edifícios - que se comportou como o calçadão da Praia de Copacabana.

O uso de grades metálicas para separar os espectadores dos artistas envolvidos na apresentação do evento configurou-se como um obstáculo à travessia da Avenida Atlântica. Apesar deste limite possuir trechos que permitiam o seu cruzamento, estes foram fechados logo após o início do evento. Estes cruzamentos eram reabertos após a passagem da carreata, momento no qual já se fazia a desmontagem de toda a cenografia. Os equipamentos permaneceram em uso do evento por uma média de 4h (quatro horas), tempo este necessário para que os 11 carros temáticos percorressem o trajeto que se iniciava no Posto 6 e terminava na Avenida Princesa Isabel. Apesar disso, deveríamos também contabilizar o tempo de montagem e desmontagem dos gradis, pois, inicialmente, não incluímos estes processos na contagem do tempo de realização do evento.

A concentração de pessoas em torno do evento configurou a morfologia do evento e reforçou a sua forma linear. Apesar de essas pessoas ocuparem os dois lados da “passarela”, a concentração foi visivelmente maior no lado da avenida, junto aos edifícios. Supomos o motivo da ocorrência disso devido ao fato de as pessoas continuarem chegando ao evento durante sua realização e, como não

havia opções de atravessar a “passarela” para o lado menos cheio, acabaram aglomerando-se mais em um lado da avenida que de outro.

A forma de uso do espaço urbano pelo evento constituiu da formação de 5(cinco) **setores** bem delimitados:

- **Setor Inacessível:** Este setor foi caracterizado pela área da faixa de areia que se tornou inacessível pelas pessoas durante a realização do evento;
- **Setor de Concentração de Pessoas:** Este setor foi caracterizado pela área de aglomeração de pessoas em torno do evento;
- **Setor de Serviço:** Este setor foi caracterizado pelo uso do espaço da ciclovia para a realização de atividades relacionadas ao suporte técnico do evento;
- **Setor Multiuso:** Este setor foi caracterizado pelo uso da faixa de rolamento e do calçadão, os quais se encontram junto aos edifícios, para a prática de atividades relacionadas ao lazer e ao bem-estar.



Figura 77: Faixa de areia enquanto a Parada Disney acontecia na Avenida Atlântica



Figura 78: Concentração de pessoas junto à grade esperando a parada musical começar.



Figura 79: Ciclovia com grades



Figura 80: Trânsito de bicicletas e pessoas na faixa de rolamento

Durante o desfile dos carros temáticos, observamos que estes funcionaram como **pontos nodais** para onde convergiam as pessoas. Estas se locomoviam em direção aos locais por onde iriam passar ou

estavam passando aqueles veículos. Segundo LYNCH (1985), os pontos nodais são definidos como “*focos intensivos para os quais ou a partir dos quais, o observador se locomove*” (LYNCH, 1985 p. 52). A identificação destes elementos como pontos nodais consecutivos configuraram uma linha em movimento pela Praia de Copacabana.

As ilhas de atendimento ao público foram outros **pontos nodais** existentes neste evento. Apesar de não atraírem grande fluxo de pessoas, podem ser caracterizadas como “nós” pelo fato de *concentrarem*¹⁷⁵ serviços especiais. Estas ilhas reuniam os postos médicos, a central de monitoramento de pacientes¹⁷⁶, a central de atendimento a crianças perdidas, o serviço de achados e perdidos e o serviço de informações ao público¹⁷⁷. As ilhas de atendimento foram espalhadas por toda a extensão da orla marítima e identificadas pela presença da cor branca e pela sinalização presentes. Esta identificação favoreceu a localização destes elementos no espaço público urbano da Praia de Copacabana.

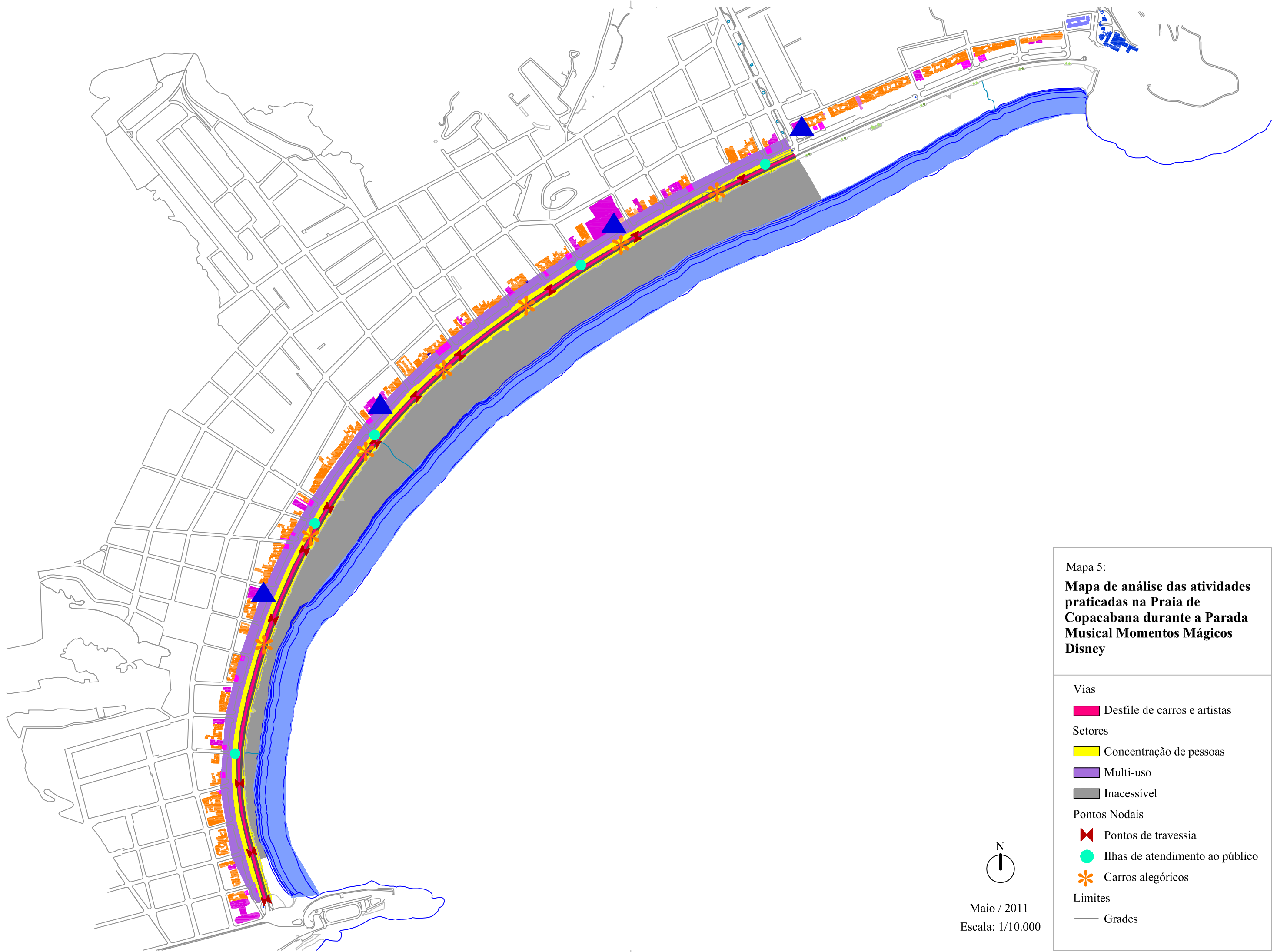
Caracterizamos a Parada Disney como um evento que não possui a presença de elementos arquitetônicos e urbanísticos marcantes em relação à escala da Praia de Copacabana. Esta observação relaciona-se aos os carros temáticos que, por apresentarem escalas relativamente baixas, não sobressaíam na paisagem urbana; logo, não se caracterizavam como elementos urbanos e visíveis de muitos lugares. Somente os espectadores bastante próximos a estes veículos podiam identificá-los, portanto, estes elementos não poderiam ser utilizados como elementos de referência no espaço público urbano da Praia de Copacabana.

Apesar de os carros temáticos possuírem sua decoração dedicada a personagens específicos, eram dotados de forte singularidade em um contexto geral. Esta relação deve-se ao fato de estes elementos não possuírem a qualidade de destaque e de iconicidade quando comparados entre si. Os carros temáticos funcionavam muito bem isoladamente, no entanto, em conjunto, seus volumes eram bastante similares. A seguir, apresentamos o mapa de análise morfológica do evento e a sua respectiva apropriação do espaço público urbano da Praia de Copacabana.

¹⁷⁵ (LYNCH, 1985 p. 84)

¹⁷⁶ _____. Copacabana recebe a parada Momentos Mágicos Disney. Riotur. 23. Nov. 2009. Disponível em <http://www.rioguiaoficial.com.br/eventos/copacabana+recebe+a+parada+momentos+m+gicos+disney/23+11+2009/122/> Acesso em 25 Mar. 2010

¹⁷⁷ _____. Mickey, Pateta, Pluto e Pato Donald invadem Copacabana neste domingo. SRZD. Rio de Janeiro. 28 Nov. 2009. Disponível em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/65791+mickey+pateta+pluto+e+pato+dona+d+invadem+copacabana+neste+domingo> Acesso em 26 Mai. 2011



Mapa 5:
Mapa de análise das atividades praticadas na Praia de Copacabana durante a Parada Musical Momentos Mágicos Disney

- Vias**
- Desfile de carros e artistas
- Setores**
- Concentração de pessoas
 - Multi-uso
 - Inacessível
- Pontos Nodais**
- Pontos de travessia
 - Ilhas de atendimento ao público
 - Carros alegóricos
- Limites**
- Grades


 Maio / 2011
 Escala: 1/10.000

4.4.2. ANÁLISE DO RÉVEILLON

O evento Réveillon é realizado anualmente e foi pesquisado a partir de 2(dois) momentos diferentes: o Réveillon 2010 e o Réveillon 2011. No primeiro momento, realizamos a pesquisa de campo no Posto 2, nas proximidades do Hotel Copacabana Palace; no segundo momento, realizamos a pesquisa de campo nos Postos 4(quatro) e 5(cinco), nas proximidades da Rua Constante Ramos.

Durante a realização do evento, a Avenida Atlântica não recebeu o trânsito de veículos a partir das 15h¹⁷⁸ do dia 31, todavia notamos que a sua função principal de circulação foi mantida pelo uso dos pedestres que transitavam pela **via** para irem de um ponto a outro da Praia de Copacabana. Este uso foi majoritariamente praticado na faixa de rolamento de veículos junto aos edifícios, pois a segunda faixa foi usada pelas pessoas como espaço para estar e para dançar. A percepção deste objeto urbano como elemento estruturador e organizador do espaço público urbano da Praia de Copacabana é bastante forte; afirmamos isso com relação ao fato de este elemento poder ser visualizado espacialmente a partir de qualquer ponto do espaço urbano em análise - inclusive no momento em que o “mar de gente” impossibilita a visibilidade dos **limites** dos asfaltos e dos calçadões. A Avenida Atlântica é delimitada também pela existência dos altos postes de iluminação que configuram o seu volume.

Com relação à percepção dos limites, observamos o conjunto de edifícios que, em altura, configuram uma espécie de “muralha” e, assim, delimitam o “fim da Praia de Copacabana”. Este limite também pode ser visualizado a partir de qualquer ponto do espaço público da Praia de Copacabana.

A concentração de pessoas na Praia de Copacabana transformou este espaço urbano em uma grande platéia de espectadores que, juntos, dançavam, andavam, corriam e pulavam ao som dos concertos musicais, festejando o início de mais um novo ano - com muita alegria. Durante a queima dos fogos de artifício foi observada a presença de pessoas a se abraçar na faixa de areia, a brindar nos quiosques do calçadão, a pular sete ondas no mar, a dançar próximo aos palcos montados na areia; enquanto outras, localizadas nos apartamentos da Avenida Atlântica, fotografavam os fogos de artifício. Para uma análise morfológica das práticas sociais no espaço público urbano da Praia de Copacabana durante

¹⁷⁸ _____ Réveillon 2011 em Copacabana. Copacabana.com. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.Copacabana.com/reveillon/> Acesso em 26 Mai. 2011

este evento, observamos que o seu espaço urbano recebeu a práticas de atividades similares por toda a sua extensão, diluindo a percepção dos setores urbanos de forma individualizada e contribuindo para a percepção de um espaço urbano homogêneo. Esta relação de espaço urbano homogêneo foi identificada pelo fato de a multidão estar espalhada no espaço público da Praia de Copacabana - configurando assim uma “*zona homogênea*” formada por pessoas que dançavam, sorriam, comiam, cantavam, brindavam e se abraçavam à luz do show pirotécnico de 16 minutos de duração¹⁷⁹.

As presenças dos palcos construídos na faixa de areia para abrigar os concertos musicais se configuraram como **marcos** no espaço urbano da Praia de Copacabana. Estes elementos sobressaíram na paisagem urbana em meio à multidão e, com isso, destacavam-se pelas suas arquiteturas e pelos aparatos tecnológicos neles instalados. Citamos como exemplo: a lona tensionada em forma esférica; os telões de transmissão em formas quadradas e retangulares e o uso de torres de sonorização e de torres utilizadas como suporte dos canhões de luz. Estes elementos poderiam funcionar como guias de referência para que as pessoas pudessem se localizar na Praia de Copacabana durante a realização do evento, pois estes elementos podiam ser vistos a distância e, ainda, estavam relacionados com outros **marcos** urbanos na Praia de Copacabana: os hotéis Copacabana Palace, o JW Marriot e o Rio Othon Palace.

Apesar de os fogos de artifício funcionarem como pontos focais, os mesmos não podem ser classificados como **marcos** urbanos devido à instantaneidade de sua duração, pois essa característica não favorece seu uso como ponto de referência local; portanto, não contribui para a localização de objetos e pessoas no espaço público urbano da Praia de Copacabana.

A seguir, apresentamos o mapa que relaciona a morfologia do evento com a Praia de Copacabana.

¹⁷⁹ Op. Cit.



Mapa 6:

Mapa de análise das atividades praticadas na Praia de Copacabana durante o Réveillon

Vias

- █ Circulação de pessoas

Setores

- █ Concentração de pessoas
- █ Banho de mar

Pontos Nodais

- ✱ Proximidade com os palcos

Marcos

- ▲ Palcos

N

Maio / 2011
Escala: 1/10.000

4.4.2.1 CURIOSIDADES E PARTICULARIDADES DO EVENTO RÉVEILLON

Um fato notável durante a realização deste evento foi a manipulação do terreno arenoso da Praia de Copacabana pelas pessoas que nele se encontravam à noite. Os espectadores demarcavam seus espaços na areia através da formação de relevos. Estes relevos configuraram círculos, quadrados e retângulos, também possuíam tamanho suficiente para que grupos de amigos e famílias inteiras pudessem ficar dentro dessas formas desenhadas na areia. Supomos que a finalidade dessa atitude esteja relacionada à manutenção de um espaço confortável e ao intento de “inibir” outras pessoas de penetrá-los - por mais que a faixa de areia da praia estivesse lotada pela multidão durante a queima dos fogos de artifícios.

A montagem de tendas e o uso de barracas de acampamento para acomodação de pessoas foram outros artifícios utilizados pelos espectadores presentes no evento. Supomos que tal atitude esteja relacionada à necessidade de permanência na Praia de Copacabana por períodos maiores que as poucas horas de realização do evento. Observamos como finalidades destas tendas, além de abrigo, a preparação de comidas, armazenamento de oferendas religiosas e a guarda de objetos pessoais.

A praia esvaziou-se aos poucos, enquanto os concertos musicais ainda ocorriam nos palcos. Grupos de samba, funk e música popular animavam a multidão. O clima festivo animou as pessoas - que sambavam na areia como se estivessem no carnaval.

4.4.3 ANÁLISE DA COMPETIÇÃO MARÍTIMA “TRAVESSIA DOS FORTES”

O evento ocorreu em Abril de 2009, na manhã de um domingo ensolarado. A respeito do levantamento de dados, foi necessário coletá-los em fontes bibliográficas como, por exemplo, jornais, fotos e vídeos digitais, devido à limitação da observação terrestre do evento. Estas fontes registraram o evento enquanto este ocorria em alto-mar. A seguir, apresentamos a análise morfológica do evento:

A competição foi realizada em uma única raia instalada em alto-mar, caracterizando-se como um elemento urbano e configurando a existência de uma **via** linear no “Mar de Copacabana”¹⁸⁰. Este elemento foi formado através do uso de bóias presas a cordas e guiou o percurso dos atletas entre os Postos 1(um) e 6(seis). Ao longo desta raia, encontravam-se barcos com equipes de apoio e de salvamento. A configuração da **via** era possível de ser observada de longe por quem estava na faixa de areia, devido à existência de bóias com 6m(seis metros) de diâmetro, as quais marcavam a distância

¹⁸⁰ Esta nomeação foi inspirada poeticamente na Música “Mar de Copacabana” de Gilberto Gil, apesar de alguns noticiários jornalísticos utilizarem o termo informalmente. Chamamos de “Mar de Copacabana” a porção do Oceano Atlântico que se inscreve no semi-círculo formado pela Praia de Copacabana, entre o Forte de Copacabana e o Morro do Leme.

percorrida pelos atletas.

Na faixa de areia, os **limites** encontravam-se demarcados através do uso de grades, cordas e também de uma corrente humana formada pelos jovens militares, estes possuíam a incumbência de delimitar o espaço entre os nadadores e o público espectador. Estes recursos também definiram outros espaços como, por exemplo, espaços de: cadastramento de competidores; áreas técnicas; recepção de convidados; imprensa e premiação de atletas.

A organização espacial do evento ficou caracterizada pela existência de dois pontos localizados nas extremidades da Praia de Copacabana. Estes pontos foram ligados pela raia de competição em alto-mar. Esta configuração permitiu a observação do evento pelo público; concentradamente a partir de dois pontos diferentes da faixa de areia: o Posto de Largada localizado no Posto 6(seis) e o Posto de Chegada localizado no Posto 1(um). Cada um dos postos era claramente delimitado pelo uso de grades que possibilitaram o agrupamento de espectadores aos seus redores. Além destes postos, o público presente pôde assistir à competição a partir de diferentes lugares: na faixa de areia, o evento pôde ser apreciado pelos banhistas; no calçadão, pôde ser acompanhado pelas pessoas que por ali passavam; nas ciclovias, foi observada pelos ciclistas enquanto pedalavam e na faixa de rolamento, pelos motoristas que procuravam vagas de estacionamento.

Atemo-nos em particular ao Posto 1(um), que recebeu o Posto de Chegada e o Pódio para a premiação dos competidores, pois dentre os demais foi o Posto que apresentou maior concentração de espectadores. No Posto de Chegada, os atletas que concluíam a competição se reuniam com os amigos e com os familiares que os esperavam - registravam o momento com fotos e abraços. Este **setor** se caracterizou principalmente pela aglomeração de curiosos que presenciavam o evento e conformavam uma pequena multidão logo no portão de saída dos nadadores.

A densidade na concentração de pessoas era maior em áreas próximas ao evento e diminuía gradativamente na medida em que se afastava deste local. As áreas delimitadas por grades configuraram dois **setores**: um setor técnico, que oferecia apoio ao evento, e um setor de largada, que acomodou os atletas até o início da competição. O setor técnico recebeu atividades relacionadas à promoção do evento; à sonorização e narração do espetáculo em tempo real; à filmagem pelas emissoras de TV; à espaços de estar para convidados e para a imprensa; à organização do evento; ao estoque de materiais; à geração de energia; aos banheiros químicos e à premiação de atletas.

Durante a realização do evento, foi observada a formação de 4(quatro) **pontos nodais**: o Posto de Largada, o Posto de Chegada, o mirante dos pescadores no Morro do Leme e o pódio de premiação.

- Os Postos de Largada e de Chegada eram pontos procurados pelos espectadores para observar a movimentação dos atletas nos momentos iniciais e finais da competição.

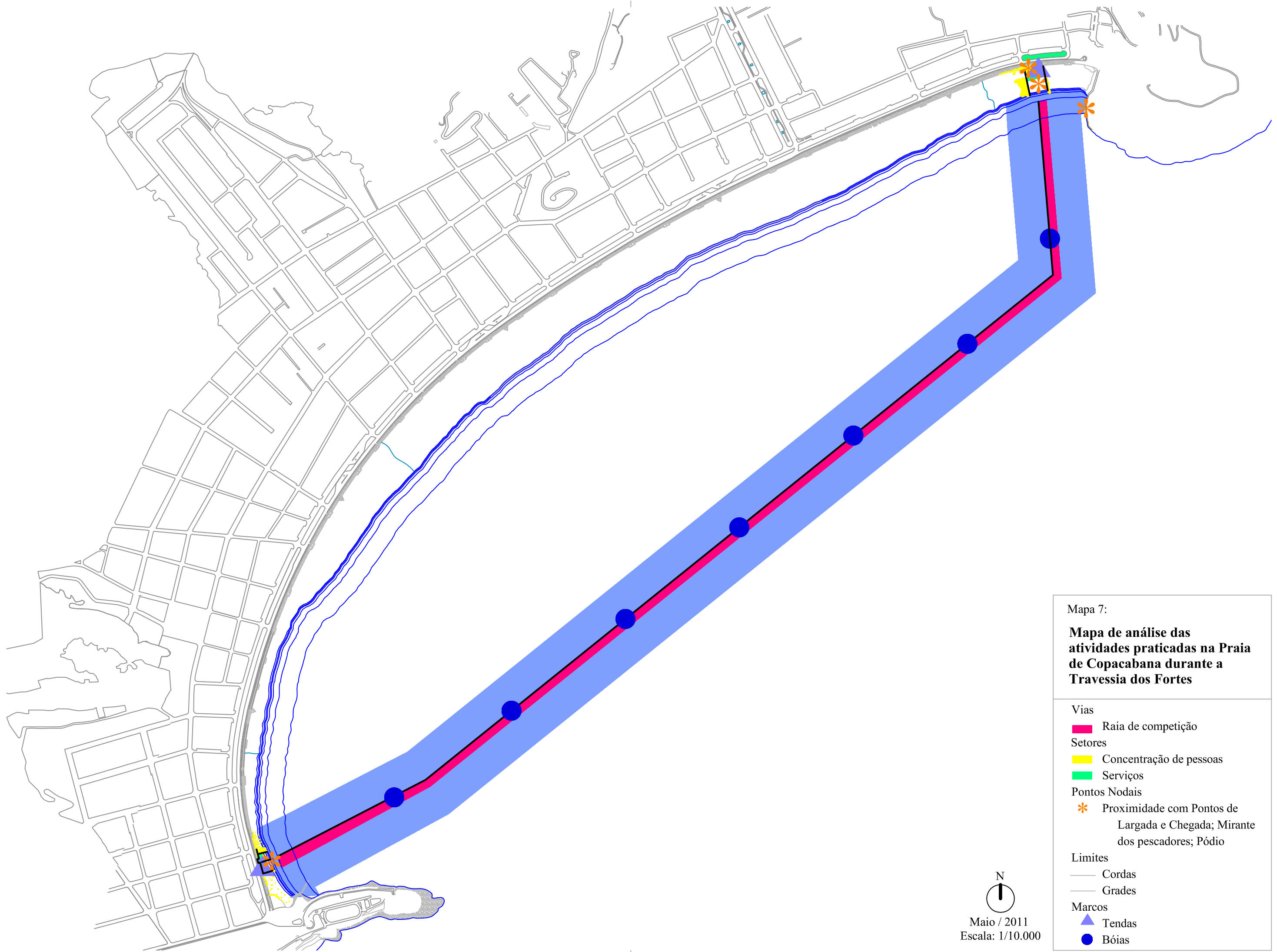
- O mirante dos pescadores localizados no Morro do Leme foi procurado pelos espectadores, pois permitia um ponto de visibilidade privilegiado. Este espaço garantia a vista panorâmica não só de boa parte da raia de natação e da linha de chegada, que se situavam em mar aberto, como também do Posto de Chegada, que se localizava na faixa de areia.
- O Pódio foi o lugar que permitiu a visualização dos ganhadores no momento em que recebiam os seus prêmios. Este local também era de interesse dos profissionais de mídia que registravam o evento.

Sobre a morfologia urbana, notamos que os principais **marcos** do evento foram os Postos de Chegada e de Largada, pois foram construídos com o uso de coberturas tensionadas e com formas piramidais que se destacavam na paisagem urbana da Praia de Copacabana. Estas coberturas também anunciavam o nome do evento e a logomarca de algumas instituições. Outros elementos marcantes na paisagem urbana foram as gigantescas bóias localizadas na raia de competição em alto-mar. Totalizando 7(sete) esferas amarelas infladas, as bóias foram numeradas de forma a guiar os atletas e manterem-nos informados sobre a distância percorrida durante a competição. As bóias eram visíveis de vários pontos da praia, entretanto no ponto mais longínquo da praia, à distância de 800m da faixa de areia, sua presença era mais favorável ao uso dos nadadores e menos favorável ao uso dos espectadores, que precisavam se esforçar para visualizá-las.

A seguir, apresentamos a análise gráfica do evento e a sua relação com a Praia de Copacabana.



Figura 81: Corrente humana e corda com bóia na competição aquática Travessia dos Fortes 2010



Mapa 7:
Mapa de análise das atividades praticadas na Praia de Copacabana durante a Traversia dos Fortes

Vias
 Raia de competição

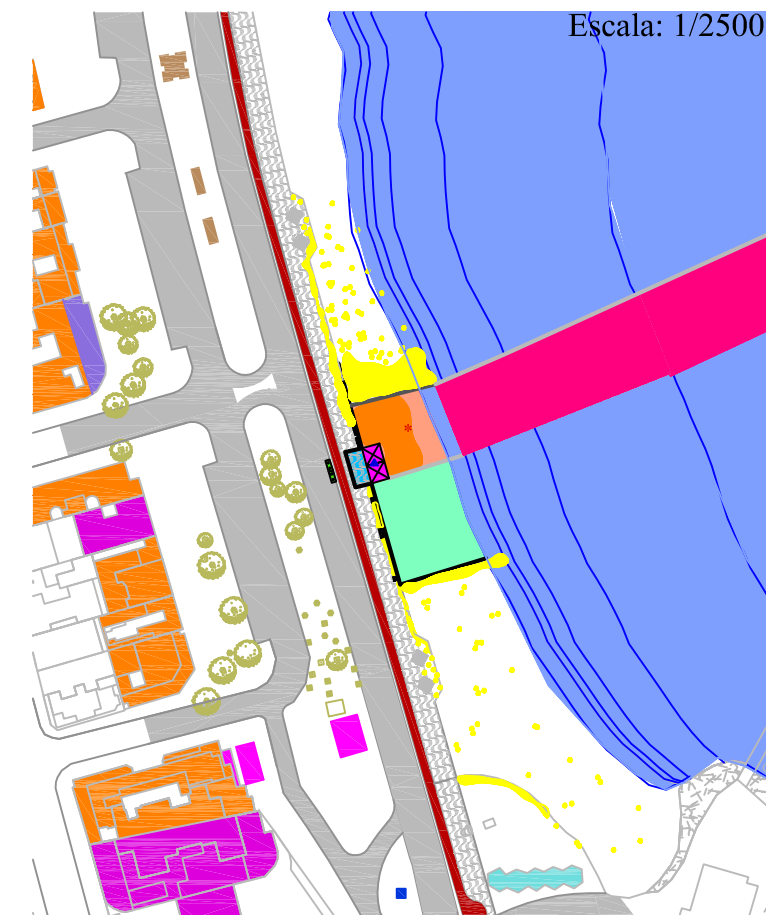
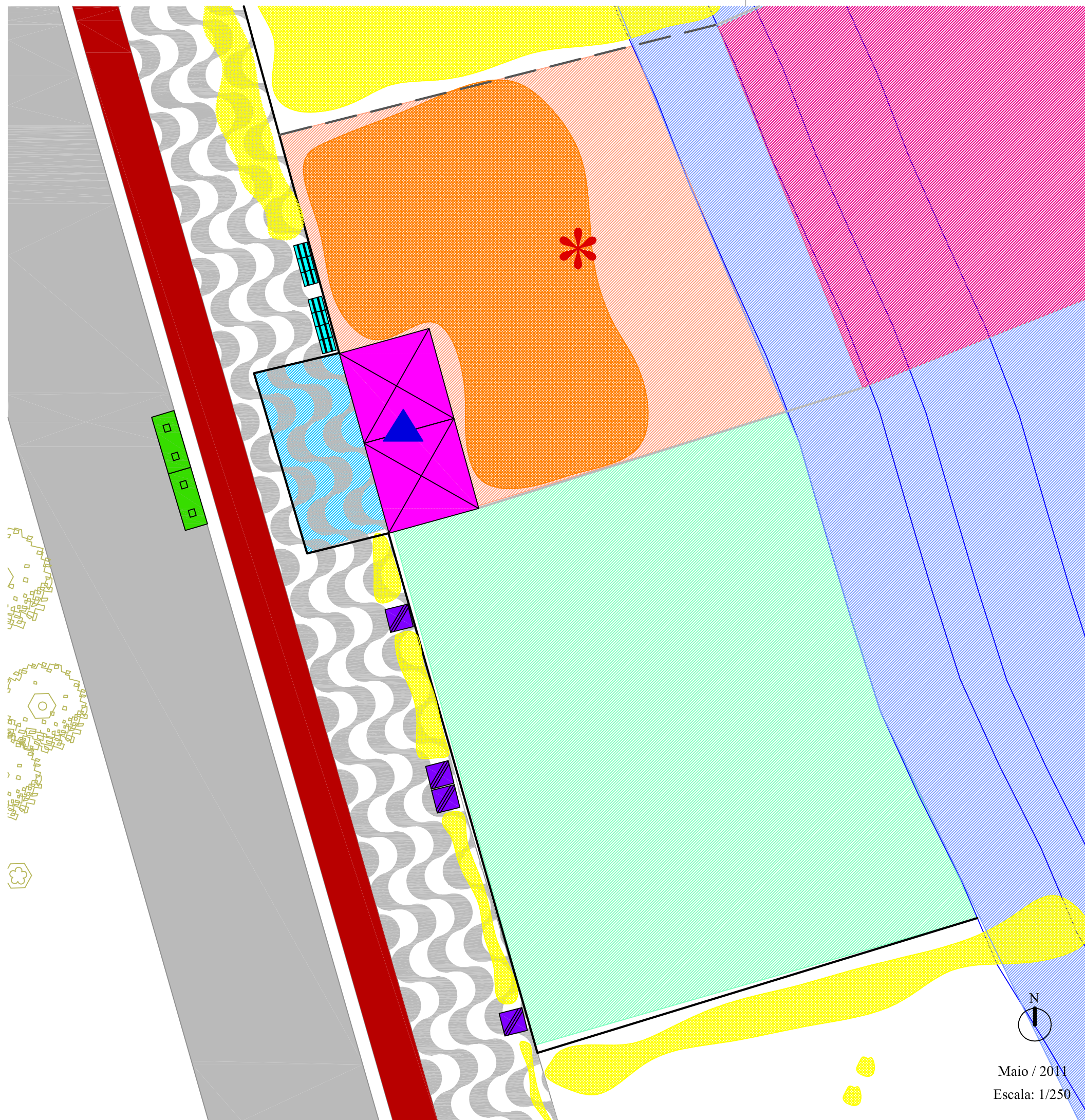
Setores
 Concentração de pessoas
 Serviços

Pontos Nodais
 Proximidade com Pontos de Largada e Chegada; Mirante dos pescadores; Pódio

Limites
 Cordas
 Grades

Marcos
 Tendas
 Bóias

N
 Maio / 2011
 Escala: 1/10.000



Mapa 8:
Mapa de análise das atividades praticadas no Posto 6 da Praia de Copacabana durante a Travessia dos Fortes

- Vias
 - Raia de competição
- Setores
 - Concentração de pessoas
 - Concentração de competidores
 - Largada
 - Alongamento
 - Apoio técnico
- Pontos Nodais
 - * Largada
- Elementos auxiliares
 - Banheiros químicos
 - Equipamentos de apoio técnico
 - Postos médicos
- Limites
 - Cordas
 - Grades
 - Corrente humana
- Marcos
 - ▲ Tendas

Maio / 2011
 Escala: 1/250

4.4.3.1 CURIOSIDADES E PARTICULARIDADES DO EVENTO TRAVESSIA DOS FORTES

Poderíamos sugerir que o evento se apropriasse melhor das qualidades do terreno. O uso da faixa de areia poderia ter sido valorizado com pontos de vista preferenciais aos espectadores e, assim, permitir uma melhor relação de angulação visual a partir da faixa de areia, pois em alguns pontos da mesma, não era possível avistar os competidores alcançando o Posto de Chegada. Esta visada ficava encoberta pela existência de altos desníveis na faixa de areia, e isso fazia com que alguns espectadores se localizassem em pontos baixos e atrás de outros espectadores em posição mais favorecida.

O acompanhamento do evento pelos espectadores na faixa de areia também foi bastante ineficaz. A narração não contribuía para a visualização dos nadadores pelos espectadores durante a competição. Poderíamos sugerir a instalação de um telão na faixa de areia, telão que transmitisse via câmera aérea, todo o desenvolvimento da disputa dos competidores. Este telão poderia situar-se junto ao Posto de Chegada; logo, atrairia mais pessoas com a finalidade de torcerem juntas pelos competidores.

A sonorização é outro elemento que pode ser revisto, pois foi prejudicada pelo eco emitido na reverberação do som pelas fachadas dos edifícios, demonstrando assim, um posicionamento inadequado do sistema sonoro.

A seguir, apresentamos alguns diagramas que exemplificam estas relações espaciais.

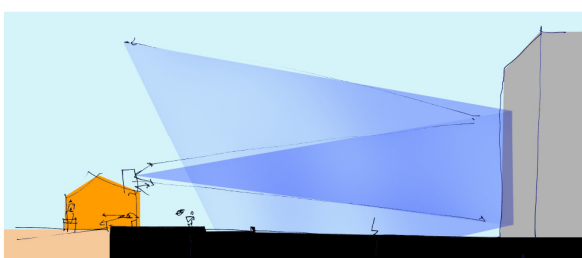


Figura 82: Esquema de reverberação do som na fachada dos edifícios durante o evento

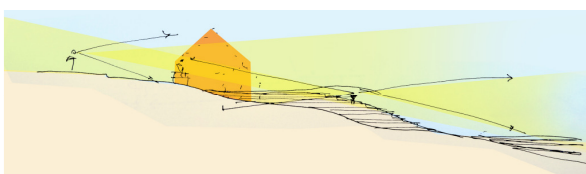


Figura 84: Visibilidade ideal para apreciar o evento sem o bloqueio visual dos espectadores

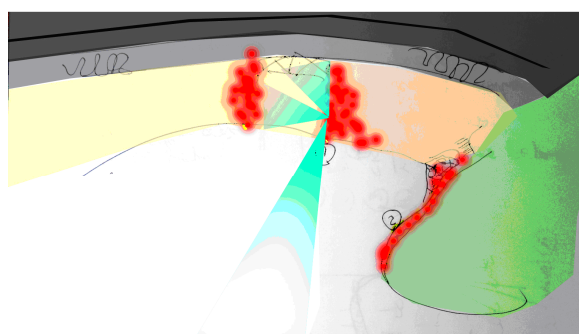


Figura 83: Apropriação da Praia de Copacabana pelo público espectador. Em vermelho, o espaço apropriado pelo público espectador. Em azul, possibilidades de visadas do lugar pelo espectador.

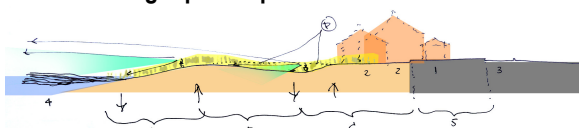


Figura 85: Rebaixo na areia impediu a visibilidade de alguns espectadores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção do referencial teórico-metodológico, relacionamos conceitos que tratam da economia globalizada. Esta condição socioeconômica defende a atuação de empresas privadas em parceria com os governos públicos locais, de maneira tal que as mesmas possuam maior liberdade para agir e promover ações de seus interesses no espaço público das cidades. Esta relação de parceira permite o uso pelas empresas de estratégias de marketing no espaço urbano - no caso estudado, foi o *marketing territorial*. Esta estratégia sugere basicamente o oferecimento do espaço público como um produto para o consumo de cidadãos locais e de visitantes, de modo tal que, também gere receitas para as empresas. Na cidade do Rio de Janeiro e - em particular, no nosso estudo de caso - na Praia de Copacabana, as principais estratégias de marketing relacionadas a esta dinâmica socioeconômica são exercidas com a promoção da atividade turística e com a realização de eventos em seu espaço público urbano.

Ao aprofundar nossa pesquisa sobre a Praia de Copacabana, compreendemos os conceitos que relacionam este lugar à dinâmica econômica pesquisada, contextualizando seu espaço público urbano com o uso dos conceitos de *hipersensibilidade* e *singularidade*, apresentados pelo referencial teórico-metodológico adotado. Nesta pesquisa, o espaço público da Praia de Copacabana foi observado como um espaço urbano repleto de ícones arquitetônicos, urbanísticos e naturais. Esta situação apresentou a Praia de Copacabana como um espaço urbano estimulante para a recepção de espaços temporários com usos diversos. Desta maneira, compreendemos a Praia de Copacabana inserida na dinâmica socioeconômica pós-moderna, na qual os espaços urbanos são utilizados para receber usos específicos correspondentes à produção de capital fictício para consumidores da massa cultural.

Para a análise de nosso estudo de caso, recorreremos à metodologia apresentada por SANTOS (1996), metodologia que compreende o espaço em dois sistemas: um que relaciona as ações e outro que relaciona os objetos. Esta metodologia nos permitiu apreender os elementos pesquisados e analisá-los através das metodologias de LYNCH (1985) - que trata dos elementos urbanos - e de PANERAI (1986) - que trata das práticas sociais. Nesta pesquisa, observamos o funcionamento da Praia de Copacabana como um espaço onde as atividades sociais se organizam através das relações com sua morfologia urbana.

A compreensão da dimensão temporal, agindo em conjunto com os sistemas de objetos e de ação, nos permitiu perceber como a morfologia urbana da Praia de Copacabana suporta usos eventuais através

de adequações de seu espaço público urbano. Para isso, são utilizados sistemas de estruturas móveis montáveis e desmontáveis, tais estruturas caracterizariam o que HARVEY (1992) denomina de “arquitetura do espetáculo”.

PRAIA DE COPACABANA

Para o aprofundamento do conhecimento do nosso objeto, visitamos outras praias urbanas do mundo e notamos, principalmente, o caráter democrático no uso do espaço urbano da Praia de Copacabana. Essa praia recebe a presença de banhistas, de artistas, de esportistas e de turistas em seu espaço público urbano, favorecendo a prática de diversas atividades em simultâneo, o que caracteriza sua qualidade de espaço público urbano multifuncional. Da mesma maneira, a praia convida comerciantes, vendedores ambulantes e profissionais autônomos a fazerem parte da dinâmica urbana socioeconômica de seu espaço público urbano. Esta dinâmica acaba por caracterizar a morfologia urbana deste espaço público, que nos finais de semana ensolarados recebe grande quantidade de frequentadores. Estes usos também caracterizam sua bela paisagem urbana com uma infinidade de guarda-sóis coloridos montados em sua faixa de areia. Destacamos como uma das características marcantes em seu desenho urbano a relação de sintonia sugerida entre o largo calçadão e a praia, acompanhando-a em seu desenho semicurvado.

No estudo da morfologia urbana da Praia de Copacabana, compreendemos seu espaço público urbano como organizado em 7(sete) setores e em 9(nove) fases espaciais. Cada uma destas fases recebe atividades distintas e específicas, porém são espaços complementares, ou seja, suportam a mistura das práticas de diferentes atividades. Esta dinâmica socioespacial permite a coexistência de diferentes usos temporários. Caracterizamos a Praia de Copacabana como um espaço público urbano multifuncional e interativo e, compreendemos como as atividades comerciais, de serviços, de esporte e de lazer, são práticas que promovem a vitalidade de seu espaço.

No estudo de sua dimensão territorial, observamos a existência na Praia de Copacabana de equipamentos públicos que dão suporte tanto às atividades de uso local, como às atividades de uso urbano e global. Este espaço público organiza-se através de um sistema de vias, limites e pontos nodais, recortando seu espaço urbano e promovendo atividades sociais que cruzam os diferentes usos entre si.

No estudo da formação do espaço público urbano da Praia de Copacabana, observamos sua passagem por 5(cinco) períodos históricos distintos: o Período de Projetos; o Período de Urbanização e Conexões; o Período de Verticalização do Bairro; o Período de Adequação e Reformas e o Período

Contemporâneo. O último abraça o recorte temporal de nossa pesquisa e se caracteriza principalmente pela realização de eventos em seu espaço público.

Em seguida sistematizamos os dados recolhidos e construímos 4(quatro) imagens sínteses que nos auxiliaram na compreensão da questão do uso do espaço público da Praia. São elas: a Copacabana Turística, a Copacabana Esportiva, a Copacabana 24 Horas e a Copacabana Palco para Eventos. Estas imagens facilitaram a observação dos fatos históricos pelo qual a Praia de Copacabana e seus bairros passaram; acompanhamos também o fortalecimento da dinâmica dos usos eventuais na Praia de Copacabana no decorrer do tempo.

A partir desta análise, observamos a presença de um sistema de ações caracterizado, principalmente, por práticas sociais cotidianas no espaço público da Praia de Copacabana. Foi observado também que, estas atividades configuram diferentes níveis de articulações entre si. Sejam elas atividades que caracterizam o deleite dos usuários durante os banhos de sol ou de mar, que caracterizam a prática de atividades econômicas presente nos estabelecimentos comerciais e na faixa de areia. Podemos afirmar que a relação de articulação entre as práticas sociais observadas na Praia de Copacabana complementam-se na medida em que suprem as necessidades de diferentes grupos sociais.

Com o auxílio do mapa, verificamos a distribuição espacial das principais atividades sociais em setores próprios. Observamos que estes setores coincidem com os limites morfológicos presentes no seu espaço urbano. Apesar de verificarmos alguns transbordamentos de usos entre os limites de seu espaço; observamos também que este fato caracteriza o potencial deste espaço público para suportar atividades distintas entre si, sem, contudo, atrapalhar ou interferir nas outras atividades ali praticadas. Essa relação também caracteriza a experiência de vivência deste espaço público e agrega valor à sua qualidade de espaço urbano multifuncional.

Na pesquisa das práticas socioespaciais, observamos a existência de grupos sociais distintos e a interação entre pessoas como fatores que colaboram para a manutenção da dinâmica social urbana no espaço público da Praia de Copacabana. Estas relações também caracterizaram outros 3(três) conceitos que nos auxiliaram no estudo de seu espaço público urbano. São elas: a *vocação cultural*, conceito que relaciona atividades de bem-estar, lazer, esportes e prazer; a *atividade econômica*, que está baseada no uso de equipamentos improvisados e móveis para a prática da atividade comercial, por fim os *grupos sociais*, que se espacializam diferentemente pelo espaço público urbano da Praia de Copacabana.

Durante nossa pesquisa, também observamos a vocação para os usos culturais no espaço público da Praia de Copacabana. Estes usos são caracterizados pela realização de concertos musicais, de manifestações sociais, de tendências de comportamento e de manifestações artísticas observadas em

seu espaço público urbano. Esta relação fortalece as qualidades de *visibilidade*, de *publicidade* e de *interatividade* que a Praia de Copacabana possui. Estas características funcionam como fatores que influenciam culturalmente tanto o restante da cidade quanto outras cidades do Brasil e do mundo.

Além de funcionar como um espaço urbano influente na dinâmica cultural carioca, a Praia de Copacabana também é objeto de interesse para o poder público local. Este, por sua vez, apropria-se da Praia de Copacabana como espaço urbano singular para incentivar o turismo na cidade através da realização de eventos em seu espaço público urbano. Constatamos que estes eventos são promovidos por redes hoteleiras, por restaurantes e pelo próprio poder público local, o qual estaria utilizando a Praia de Copacabana como instrumento para divulgar e agregar valor aos seus produtos e serviços.

Durante a visita de alguns eventos realizados na Praia de Copacabana, observamos em seu espaço público o surgimento de uma configuração espacial eventual que se sobrepõe à sua morfologia urbana existente. No estudo dos 3(três) eventos escolhidos para serem analisados, chegamos às seguintes conclusões:

PARADA MUSICAL MOMENTOS MAGICOS DISNEY

Durante a realização deste evento, o espaço público da Praia de Copacabana foi configurado de forma a gerar uma passarela de desfiles na orla marítima. Esta relação de desenho urbano estimulou a migração das atividades cotidianas presentes em algumas fases espaciais para outros locais da praia que, cotidianamente, não costumam receber tais usos. Apesar de “multifuncionalizar” o espaço urbano da Praia de Copacabana, esta atitude colaborou para o desuso de sua faixa de areia. Desta maneira, houve um desequilíbrio entre os usos neste espaço urbano, pois enquanto as faixas de rolamento e os calçadões estavam adensados por pessoas que assistiam ao desfile dos carros alegóricos, a faixa de areia permanecia vazia. Apesar do desequilíbrio na distribuição de pessoas na faixa de areia, o evento tirou partido de alguns dos elementos urbanos da Praia de Copacabana para sua realização. Citamos como exemplo, as faixas de rolamento que tiveram mantidas a sua configuração de via e a sua função de circulação e foram usadas para a passagem dos carros temáticos e para o trânsito de corredores e ciclistas.

Observamos, contudo, a falta de alguns elementos urbanos que subsidiassem as atividades praticadas no evento durante a sua realização. Citamos como exemplo a ausência de espaços para refeição e de arquibancadas para apreciação do espetáculo. Observamos pessoas que, ao se alimentarem, apoiavam suas refeições no chão e outros espectadores não conseguiam assistir ao desfile devido à aglomeração de pessoas junto à faixa de rolamento. Esta aglomeração estava localizada próximo aos

gradis e configurou um bloqueio visual, impedindo a apreciação do evento pelos que chegaram posteriormente. Este fato contribuiu para que crianças e idosos arriscassem a própria segurança ao subirem em vasos de plantas, postes e árvores, para tentarem visualizar melhor os artistas e a carreata. O uso de arquibancadas poderia garantir conforto, segurança e melhorar a visibilidade do evento para estas pessoas.

Figura 86: Mulher se alimentando sentada no chão do calçadão central



REVEILLON

A configuração do espaço urbano da Praia de Copacabana, durante a realização deste evento, apontou-nos uma relação de monofuncionalidade das atividades praticadas em seu espaço urbano. Esta característica ficou evidente devido à unanimidade da prática social relacionada à comemoração do ano novo. Em toda a extensão da Praia de Copacabana era possível perceber pessoas a se divertirem nos mais diferentes espaços: na faixa de areia, no mar, nos calçadões, nas faixas de rolamento e no interior dos edifícios. Poderíamos dizer, figurativamente, que a Praia de Copacabana foi transformada em um grande hall para a apreciação dos fogos de artifício em alto-mar.

TRAVESSIA DOS FORTES

A realização deste evento gerou pouca interferência no espaço público terrestre da Praia de Copacabana. O evento foi realizado em alto-mar e os espaços utilizados na faixa de areia possuíam uma escala local. Desta maneira, a movimentação de pessoas gerada pelo evento não perturbou a vida urbana cotidiana da Praia de Copacabana, além de contribuir para a não formação de tumultos ao redor dos Postos de Chegada e de Largada. O evento transformou a paisagem do “Mar de Copacabana” em uma imensa raia de competição enquanto os banhistas e os pedestres presentes em sua orla marítima continuavam a desfrutar de suas atividades cotidianas. Os equipamentos montados e os espaços construídos na faixa de areia não alteraram o tráfego local de veículos.

Estas configurações morfológicas, organizadas também pela iniciativa privada, acabaram por

caracterizar o uso do espaço público urbano da Praia de Copacabana. Durante a realização dos eventos, além das mudanças relacionadas aos usos dos espaços e aos fluxos de pessoas, a morfologia urbana da Praia de Copacabana também foi alterada com a inserção de elementos visuais. Como exemplo, citamos os banners, os outdoors eletrônicos e os totens erguidos no espaço público para garantir a visibilidade das marcas dos patrocinadores dos eventos. Na análise morfológica realizada, observamos que a dinâmica sócio-econômica praticada no espaço público urbano da Praia de Copacabana obedece ao processo de mercadificação da cultura demonstrado por HARVEY (1992), no qual o espaço público urbano da Praia de Copacabana estaria sendo utilizado como plataforma de comunicação de interesses privados, ou seja, os agentes culturais estariam trabalhando com patrocínio da iniciativa privada na viabilização dos eventos. Este fato foi observado na fixação das marcas privadas no espaço público durante os eventos. Esta situação mostrou-se interessante para os patrocinadores dos eventos por dois motivos: manteve a visibilidade de suas marcas pelas pessoas que estavam presentes nos eventos e aumentou a visibilidade de suas marcas nos canais de mídias que os transmitiam. Como partido para a Praia de Copacabana, observamos sua utilização tanto como plataforma de comunicação dos agentes de mercado, como também de destaque na dinâmica de realização de eventos culturais no espaço público. Este destaque superaria os níveis de alcance locais e poderia alcançar todo o mundo, pois estaria relacionado à transmissão das imagens de seu espaço urbano através dos diferentes canais de mídia, sejam eles, os canais convencionais como a televisão, o rádio e os jornais, como também, os canais de comunicação alternativa como: as redes sociais online (Orkut e Facebook), os blogs (Blogspot e Wordpress) e microblogs (Twitter), os canais de vídeo (Youtube e Vimeo), entre outros. Com esses dados, compreendemos o processo de sincronia e retroalimentação existentes entre a ciência da comunicação e o urbanismo. No caso da Praia de Copacabana, seu espaço público urbano estaria sendo utilizado para promoção de marcas privadas durante a realização de eventos e a iniciativa privada, por sua vez, estaria promovendo a manutenção da imagem da Praia de Copacabana nos canais de mídia. Neste processo, tanto a Praia de Copacabana quanto a iniciativa privada tomariam partido; afinal, ambas estariam sendo valorizadas no mercado cultural - obtendo como consequência o aumento de suas participações nos cotidianos das pessoas - em um processo, por sua vez, gerador de mais capital fictício. Observada esta relação, retomamos o conceito de marketing territorial abordado por FRANCISCO (2005) a fim de apresentar a relação em que a Praia de Copacabana estaria sendo utilizada pelo poder público com o interesse de atrair investimentos privados para a cidade; logo, mantendo a participação do Rio de Janeiro no cenário globalizado de disputa por investimentos externos.

Inicialmente, levantamos a hipótese de que a dinâmica na realização de eventos no espaço público da Praia de Copacabana poderia estar atuando como importante elemento social e cultural; com isso, produzindo alterações em sua morfologia. Consideramos a Praia de Copacabana como beneficiada por artifícios que alteram temporariamente sua estrutura morfológica. Estes artifícios ficam caracterizados como elementos utilizados eventualmente para organizar o fluxo de pessoas presentes nos eventos, consequentemente alteram a dinâmica socioespacial no uso de seu espaço público urbano. Apesar de esta relação ser visivelmente observada, ainda é cedo para concluir se os eventos irão ou não influenciar na transformação da morfologia urbana da Praia de Copacabana, porém é eminente ressaltar que as dinâmicas funcionais existentes neste espaço público têm sido constantes e crescentes desde o início do período de formação da orla marítima. Podemos considerar o espaço público urbano da Praia de Copacabana configurado momentaneamente como espaço de domínio privado, contudo de uso social coletivo. Constatação feita devido ao fato deste espaço ser temporariamente controlado pela iniciativa privada, tendo esta a responsabilidade pelo que acontece durante a realização dos eventos. Embora a iniciativa privada ainda permita a participação no evento de quaisquer pessoas, frequentadoras ou não do espaço público da Praia de Copacabana, observamos uma relação de controle de alguns espaços que limitam a permanência e a circulação de pedestres em alguns trechos da orla marítima. Compreendemos a necessidade de alguns eventos por espaços restritos para locação de equipamentos técnicos, no entanto lembramos a ocupação de alguns espaços privilegiados por convidados (VIP's) dos patrocinadores. Esta relação limita o uso do espaço público a pessoas exclusivas, da mesma maneira que impede atividades cotidianas de serem praticadas no local. De um lado, os eventos permitem a participação popular, por outro excluem e desrespeitam o habitante que preza e zela por seu espaço público.

BIBLIOGRAFIA

_____. Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro 2009 – 2012: Pós 2016, O Rio mais integrado e Competitivo. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009

ANDRADE, Luciana da S. (2002). Espaço Público e Favela: uma Análise da Dimensão Pública dos Espaços Coletivos Não-edificados da Rocinha, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG/UFRJ. (Tese de Doutorado)

ARAÚJO, Rosa Maria Baroza de. (1993) A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco

ASCHER, François. (1998) Metapolis: Acerca do futuro da cidade. Tradução de Álvaro Domingues. Oeiras: Celta Editora

ASCHER, François. (1995) Métapolis, ou, L'avenir des Villes. Paris: Editions Odile Jacob

ASCHER, François. (2008) Les nouveaux compromis urbains: Lexique de La ville plurielle. Conde-sur-Noireau: Editions de l'aube.

BORDE, Andréa de Lacerda Pessôa; FONSECA, Fagner Marçal da. (2010). O Mundo em Copacabana: uma análise morfológica do uso comercial na Praia de Copacabana. III Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade (III CINCCI). São Paulo: USP

BORDE, Andréa (1986) Memória Iconográfica 1910-1986 – Copacabana Palace. Rio de Janeiro: Editora Index. Poster

BORDE, Andréa. (2001) Aula 3: Metodologia de Pesquisa dos Ícones, Rio de Janeiro: PROURB. Disponível em: <http://www.fau.ufrj.br/prourb/cursos/ícones/aula03prourb.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2010.

BORDE, Andréa. (2009) 06 Avenidas. Vídeo. In: Exposição "A Rua É Nossa... É de Todos Nós!". Rio de Janeiro, Centro Cultural da Justiça Federal

BORDE, Andréa. (2006). Vazios urbanos : perspectivas contemporâneas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (Tese de Doutorado)

BORJA, Jordi. (1998) Ciudadanía y espacio público em VVAA, Ciutat real, ciutat ideal. Significat i funció a l'espai urbà modern, "Urbanitats" num 7. Barcelona: Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona

BRANDÃO, Maria Beatriz Afflalo. (2008) Comércio de rua: ocupação consolidada no espaço público, possibilidades de abordagem no projeto urbano. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (Dissertação de Mestrado).

CARDOSO, Elizabeth D.; VAZ, Lillian F.; ALBERNAZ, Maria Paula; AIZEN, Maria; PECHMAN, Roberto M.. (1986) HISTÓRIA DOS BAIRROS - COPACABANA. Rio de Janeiro: Fortes / Índex.

CARDOSO, Ricardo José Brügger. (2008). A cidade como palco: o centro do Rio de Janeiro como locus da experiência teatral contemporânea – 1980/1992. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. (2001) Espaço-tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana. São Paulo. Contexto

FRANCISCO, Marlene Duarte. (1995) Espaço Público Urbano: Oportunidade de Identidade Urbana Participada. X Colóquio Ibérico de Geografia. Évora: Universidade de Évora. 2005

CASTRO, Iná Elias; et alli. (1995); Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Edições 70: Lisboa, 2002

DEBORD, Guy (1997), A Sociedade do Espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto,

FRANCISCO, Marlene Duarte (2005). Espaço Público Urbano: Oportunidade de Identidade Urbana Participada. X Colóquio Ibérico de Geografia. Évora: Universidade de Évora. 2005.

FREITAS, Ricardo Ferreira Freitas; et alli. (2010) Em Nome do Espetáculo: Megaeventos, Cidades e Representações Midiáticas. Apresentado no GT 6 - Comunicação pública, governamental e política do IV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – Abrapcorp

GRAÇA, Miguel Silva. (2006) Espaços públicos e uso colectivo de espaços privados in. Cultura Light. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

HARVEY, David. (1992). Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola.

HARVEY, David. (1989) The Condition of Postmodernity. Oxford: Blackwell Publishing.

HAYDN, Florian; TEMEL, Robert. Temporary Urban Spaces: Concepts for the Use of City Spaces. Berlin: Birkhäuser, 2006

IBGE, Censo Demográfico 2010.

LEFEBVRE, H. (1999). A Revolução Urbana In: Monte-Mór, Roberto Luís de Melo. (2006). O que é o urbano, no mundo contemporâneo. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar

LIMA, A. M. L. P.; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J.C./ SOUZA, MA.A. del B.; FIALHO, N. de O. E DEL PICCHIA, P.C.D. – Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: II Congresso Brasileiro de Arborização Urbana, São Luiz, de 18 a 24 de setembro de 1994, p. 539-549. FERREIRA, ADJALME DIAS. Efeitos positivos gerados pelos parques urbanos: O caso do Passeio Público da cidade do Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_arquivos/37/TDE-2008-08-12T143248Z-1581/Publico/ADFerreira.pdf. Acesso em 09Mai.2011

LOBODA, Carlos Roberto; ANGELIS, Bruno Luiz domingos de. (2005). Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais V. 1 No 1 Jan/Jun. 2005. Disponível em <http://revistas.unicentro.br/index.php/ambiental/article/view/157/185> Acesso em: 10 Mai. 2011

LYNCH, Kevin R. (1999). A boa forma da cidade. Lisboa: Edições 70.

LYNCH, Kevin. (1985). La buena forma de la ciudad Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

MELO, Victor Andrade de. (2006). Remo, modernidade e Pereira Passos: Primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. Esporte e Sociedade, nº 3. Jul2006/Out2006. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es305.pdf>. Acesso em: 08 Mai. 2011.

MIYAMOTO, James. (2006) Os grandes eventos esportivos e a requalificação urbana. Rio de Janeiro: UFRJ / PROURB (Tese de Doutorado)

MMA (Brasil) (2011) . Projeto Orla. In: FILHO, José Almir Farias. Litoralização Metropolitana. Uma Avaliação das Políticas Urbana e Ambiental no Litoral Metropolitano Cearense. XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro. Maio de 2011.

MUNIZ, Alder Catunda Timbó. (2002) Um Urbanismo de Eventos: O Espaço do Evento Como Fato Urbanizador. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB/UFRJ. (Dissertação de Mestrado)

NACIF, Maria Cristina Volpi. (2007). Rio, Cenário da Moda. XIV Encontro de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ. Niterói. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/40546962/modaerio-volpi> Acessado em 21/11/2010

NESBITT, Kate. (1996) Theorizing a new agenda for architecture: An anthology of architectural theory – 1965-1995. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.

PANERAI, Philippe. (2006). Análise Urbana. Brasília: Editora UnB.

PEIXOTO, Clarice. (1995). A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses - a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 27, ano 10

PÉREZ, Julia Rey. (2010). O passeio de Copacabana como patrimônio e paisagem cultural. Revista UFG, Ano XII nº 8. Julho 2010. Disponível em http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/Revista%20UFG%20-%202010/Files/O%20PASSEIO%20DE%20COPACABANA%20COMO%20PATRIMONIO%20E%20PAISAGEM%20CULTURAL.pdf Acesso em 09 Mai. 2011.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. (2010) Millôr e o cenário carioca dos anos 60. In: XIV Encontro Nacional da ANPUH-RIO – Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: Anais Eletrônicos. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038_ARQUIVO_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf Acesso em 21/11/2010

RODRIGUES, Rejane Penna. (2008) Legados de Megaeventos Esportivos. Brasília: Ministério do Esporte

ROSSI, Aldo (1984). The architecture of the city. Oxford: MIT Press

ROSSI, Aldo. (1977) A arquitetura da cidade. Lisboa: Edições Cosmos.

SAMPAIO, Andréa da Rosa. (2006) Normas urbanísticas e sua influência no processo de configuração espacial : o caso de São Cristóvão. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB / UFRJ. (Tese de Doutorado)

SANTOS, Carlos Nelson dos. (2004) A cidade como um jogo de cartas. In: BARROS, Leão; Sandra A. Que Recorte Territorial Podemos Chamar de Bairro?: O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. REVISTA DE URBANISMO Nº 9, Mar. 2004. Universidad de Chile. Disponível em: http://revistaurbanismo.uchile.cl/CDA/urb_simple/0,1310,SCID=6935&ISID=315&IDG=2. Acesso em 20 Abr. 2010

SANTOS, Milton. (2008). Manual de geografia urbana. São Paulo: EdUSP

SANTOS, Milton. (1996). A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora Hucitec.

SANTOS, Milton; MARQUES, Maria Cristina. (2002). A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Universidade de São Paulo: Edusp

SASSEN, SASKIA. (2001). The global city: New York, London, Tokyo. New Jersey: Princeton University Press

SERRA, Geraldo. (2006). Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação. São Paulo. Edusp: Mandarin

SONTAG (2007), Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras

TERRY, Tatiana. (2002). Praia de Copacabana: O espaço do carioca. História, forma, usos e significados. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2002. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo

TSCHUMI, Bernard. (1996). Architecture and Disjunction. Cambridge: MIT Press

Verena ANDREATTA; Maria Pace CHIAVARI; Helena REGO. (2009). O rio de janeiro e a sua orla: história, projetos e identidade carioca. Rio de Janeiro. SMU/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro nº 20091201

PERIÓDICOS

O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1960.

O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1965.

O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1970.

O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1980.

O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 1985.

O Globo. Rio de Janeiro, 01 Jan. 2000.

MONSANTO, Felipe. (2010). Literalmente, o Esporte da “Onda”. Correio Carioca. Rio de Janeiro. Abril/2011. Disponível em http://www.correiocarioca.com.br/pdf/edicao_86_zs.pdf Acesso em 08 Mai. 2010.

WEBLIOGRAFIA

_____. Carreata para Iemanjá vai de Madureira até a Praia de Copacabana. SRZD Online. Publicado em 26/Dez./2008. Disponível em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/25917+carreata+para+iemanja+vai+de+madureira+ate+a+Praia+de+Copacabana>. Acessado em: 07/Nov./2010

_____. Comerciantes criam trilha para evitar que banhistas queimem os pés. G1. Rio de Janeiro. 10 Jan. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/01/comerciantes-criam-trilha-para-evitar-que-banhistas-queimem-os-pes.html> . Acesso em 08 Mai. 2011

_____. Copacabana é eleita praia mais bonita do mundo. O Globo. Rio de Janeiro. 19 Jun. 2007. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/06/19/296427310.asp> . Acesso em 27 Fev. 2009.

_____. Copacabana recebe a parada Momentos Mágicos Disney. Riotur. 23. Nov. 2009. Disponível em <http://www.rioguiaoficial.com.br/eventos/Copacabana+recebe+a+parada+momentos+m+gi+cos+disney/23+11+2009/122/> Acesso em 25 Mar. 2010

_____. História do Vôlei de Praia. Federação Cearense de Voleibol. Fortaleza. Disponível em: http://www.voleiceara.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=11&Itemid=2. Acesso em: 04Mai.2010.

_____. Metade dos fogos do réveillon do Rio já está no mar. Estadão.com.br. São Paulo. 30 Dez. 2001. Disponível em <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2001/not20011230p22496.htm> Acesso em 26 Mai. 2011

_____. Mickey, Pateta, Pluto e Pato Donald invadem Copacabana neste domingo. SRZD. Rio de Janeiro. 28 Nov. 2009. Disponível em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/65791+mickey+pateta+pluto+e+pato+dona+ld+invad+em+Copacabana+neste+domingo> Acesso em 26 Mai. 2011

_____. Moradores de Copacabana vão à justiça. JB Online In: Moradores de Copacabana são contra Réveillon dos quiosques. Riolounge.com.br Disponível em: http://www.riolounge.com.br/noite/noticias/moradores_de_Copacabana_sao_contra_reveillon_dos_quiosques. Acesso em: 20/11/ 2010.

_____. O Espetáculo se repete. O Globo. Rio de Janeiro, 02 Jan. 1960.

_____. Obras de demolição da boate Help avançam no Rio. G1. 09.Mar.2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1521580-5606,00-OB+RAS+DE+DEMOLICAO+DA+BOATE+HELP+AVANCAM+NO+RIO.html> Acesso em 18. Jun. 2011

_____. Olimpíada: Grupo protesta contra candidatura de Chicago. Jornal O Globo Online. 30/09/2009. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2009/09/30/olimpiada-grupo-protesta-contra-candidatura-de-chicago-767844672.asp> Acessado em 05 Nov. 2010.

_____. Parada Disney é atração deste domingo em Copacabana. G1. 29 Nov. 2009. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1396158-5606,00-PARADA+DISNEY+E+ATRACAO+DESTE+DO+MINGO+EM+COPACABANA.html> Acesso em 26 Mai. 2011

_____. Queima de fogos emociona público em Copacabana. Rio de Janeiro. 01 Jan. 2011. Disponível em <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/01/01/queima-de-fogos-emociona-publico-em-copacabana/> Acesso 26 Mai. 2011

_____. Retrospectiva. Folha Online. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/2001-reveillon-retrospectiva.shtml> Acesso em 26 Mai. 2011

_____. Réveillon 2011 em Copacabana. Copacabana.com. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.Copacabana.com/reveillon/> Acesso em 26 Mai. 2011

_____. Réveillon do Rio mata um e deixa 63 feridos. Diário do Nordeste. Fortaleza. 02 Jan. 2001. Disponível em <http://diariodonordeste.globo.com/2001/01Fev.010020.htm> Acesso em 26 Mai. 2011

_____. Rio 2007 - Jogos Panamericanos na Praia de Copacabana. Copacabana.com. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://Copacabana.com/rio-2007-jogos-panamericanos-na-praia-de-copacabana.shtml> Acesso em 21 Nov. 2010

_____. Rio de Janeiro recebe 21º etapa do Circuito da Longevidade. Publicado em 12/Dez./2009. Disponível em <http://www.minhasinscricoes.com.br/rotinas/noticia/noticia.aspx?keycode=dec0ef1c-c0cc-4264-a349-fe1608090752&idn=203&pg=1&Plv=>. Acessado em: 07/Nov./2010

_____. Top 10 places to celebrate New Year's eve. International Business Times. 25 Dez. 2010. Disponível em: <http://www.ibtimes.com/articles/95182/20101225/new-year-parties-new-year-celebrations-2011-new-year-s-eve-parties-top-10-places-for-new-year-party.htm#ixzz1LOldYszj>. Acessado em 04Mai.2011.

_____. Travessia dos Fortes Embratel 2010: segurança em primeiro lugar. Jornal Brasil Online. 29 Mar. 2010. Disponível em: <http://www.jornalbrasil.com.br/interna.php?autonum=7338>. Acesso em 24 Mai. 2011

_____. Travessia dos Fortes tem 3,5 mil participantes. RJTV Online. Publicado em 05/Abr./2010. Disponível em <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL1556920-9101,00.html>. Acessado em: 07/Nov./2010

_____. Vc repórter: Parada Disney reúne 350 mil em Copacabana, no RJ. Terra. 29 Nov. 2009. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4128808-EI8139,00-vc+reporter+Parada+Disney+reune+mil+em+Copacabana+no+RJ.html> Acesso em 26 Mai. 2011

_____. Webster's Revised Unabridged Dictionary. Springfield, Mass.: C. & G. Merriam Co., 1913. Disponível em <http://www.websters-online-dictionary.org/>. Acesso em 10 mar. 2010.

CLARK, Daniella. KAPPEN, Patrícia. Queima de fogos empolga multidão em Copacabana. G1. Rio de Janeiro. 01 Jan 2010. Disponível em <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1431707-17815,00-QUEIMA+DE+FOGOS+EMPOLGA+MULTIDAO+EM+COPACABANA.html> Acesso em 24 Mai 2011

CLARK, Daniella. Veja o esquema de trânsito para o réveillon de Copacabana. G1.globo.com. Publicado em 29 Dez. 2009. Disponível em <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1428506-17815,00.html> Acesso em 20 Nov. 2010.

KAPPEN, Patrícia; CLARK, Daniella. Festa em Copacabana reúne 2 milhões, diz PM. G1.globo.com. Disponível em <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1431901-17815,00-REVEILLON+EM+COPACABANA+NAO+TEM+REGISTRO+DE+CASOS+GRAVES+DIZ+SECRETARIA.html>. Acesso em 20/11/2010.

PORTO, Henrique; VIANNA, Rodrigo; LETA, Thamine. Show de luzes e 16 minutos de fogos marcam réveillon de Copacabana. G1. Rio de Janeiro. 01 Jan. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/virada-de-ano-2010-2011/noticia/2011/01/show-de-luzes-e-16-minutos-de-fogos-marcam-reveillon-de-copacabana.html>. Acesso em 24 Mai. 2011

UCHÔA, Alícia. G1 faz guia de praias do Rio que vão além do Leme ao Pontal. G1.Globo.com. Publicado em 07 Dez. 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL909412-5606,00-G+FAZ+GUIA+DE+PRAIAS+DO+RIO+QUE+VAO+ALEM+DO+LEME+AO+PONTAL.html> . Acesso em 27 Nov. 2010

VIANA, Rodrigo. Parada Disney leva música e dança para 350 mil pessoas em Copacabana. G1. Rio de Janeiro, 29 Nov. 2009. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1396464-5606,00-PARADA+DISNEY+LEVA+MUSICA+E+DANCA+PARA+MIL+PESSOAS+EM+COPACABANA.html> Acesso em 24 Mai. 2011

ANEXOS

Os Anexos a seguir contêm informações relacionadas à fase da pesquisa exploratória e da apresentação final da dissertação:

- O Anexo A apresenta informações sobre os eventos visitados na fase de pesquisa exploratória.
- O Anexo B apresenta informações e figuras da pesquisa de campo realizada em outras praias internacionais. Este anexo também faz uma comparação entre as características morfológicas destas praias com as da Praia de Copacabana.
- O Anexo C reúne os slides que foram exibidos na apresentação final da dissertação. Este material apresenta os resultados desta pesquisa através de imagens, quadros, mapas e pequenos textos.

ANEXO A – PESQUISA EXPLORATORIA

A pesquisa exploratória pode ser apresentada de forma sintética neste quadro, relacionando alguns dos acontecimentos visitados:

	Nome do Evento	Motivação	Periodicidade	Início	Término
1	“Feira de Antiguidades da Praça XV”	Evento sob viaduto próximo a terminais de ônibus e barcas	1(uma) vez por semana, aos sábados.	7h Aos Sábados	14h Aos Sábados
2	“Blitz da Fé” na Praça São João (Niterói)	Evento religioso com apelo político sendo realizado em praça pública	Único (neste sítio)	16h Sexta-feira, 13/Nov. 2009	19h Sexta-feira, 13/Nov. 2009
3	“Cineclube Cineolho” no MAC Niterói	Projeção de vídeos sob a fachada do Museu de Arte Contemporânea	1(uma) vez por ano	18.30h Sábado, 14/Nov. 2009	20h Sábado, 14/Nov. 2009
4	“Momentos Mágicos Disney” na Praia de Copacabana	Parada musical realizada na orla da Praia de Copacabana	Único (neste sítio)	9h Domingo, 29/Nov. 2009	13h Domingo, 29/Nov. 2009
5	“Nescau Energy Street Festival” na Praia de Copacabana	Estádio temporário construído sobre areia na Praia de Copacabana	Único (neste sítio)	Sexta, 20/Nov. 2009	Domingo 22/Nov. 2009

Quadro 20: Eventos visitados durante a pesquisa exploratória em 2009.

ANEXO B : VISITAS ÀS OUTRAS PRAIAS URBANAS

2.2.1 VISITAS ÀS OUTRAS PRAIAS URBANAS (ANEXO B)

Neste anexo, contextualizamos a Praia de Copacabana em relação a outras praias urbanas. Do ponto de vista metodológico, ressalta-se a importância por nós conferida à pesquisa de campo no início do nosso processo de investigação. Foi a partir do que denominamos inicialmente de pesquisa exploratória que foram surgindo questões; questões que buscamos referenciais teóricos e realizamos levantamentos bibliográficos e iconográficos, para, com isso, produzirmos dados. Logo, não poderíamos proceder de maneira diferente; elegemos algumas características de análise do espaço urbano, a fim de esboçarmos um estudo comparativo entre a Praia de Copacabana e as demais praias visitadas durante a elaboração da pesquisa. Desta vez, visitamos as cidades de Antalya (Turquia), Tel Aviv (Israel), Copenhague (Dinamarca) e Malmo (Suécia)¹⁸¹. O material referente a esta pesquisa relaciona dados coletados com imagens e mapas que sublinham algumas particularidades encontradas no uso e na morfologia do espaço público urbano da Praia de Copacabana. Neste anexo abordaremos a qualificação do espaço urbano da Praia de Copacabana a fim de evidenciar as características que lhe conferem excepcional valor frente a outras famosas praias urbanas do mundo.

Durante a visita a algumas praias urbanas nestas cidades da Europa e do Oriente Médio, observamos que a Praia de Copacabana possui como característica ser um espaço público aberto a uma grande diversidade de formas de apropriação de seu espaço urbano por seus frequentadores. Notamos, também, que na medida em que experimentamos praias localizadas fora do contexto latino-americano brasileiro, desnaturalizamos as praias urbanas brasileiras e assim passamos a sublinhar algumas particularidades encontradas no uso do espaço público da Praia de Copacabana.

A seguir, uma breve descrição das praias visitadas:

¹⁸¹ A visita destes espaços urbanos ocorreu devido à duas oportunidades diferentes: a primeira, a participação no programa de residência de pesquisa acadêmica “Christiania Researcher in Residence”, na cidade de Christiania, Dinamarca. A segunda oportunidade foi a premiação do projeto “Dance Dense Copacabana” no concurso de idéias “Interactive Public Spaces 2023”, promovido pela Chamber of Architects of Antalya, na Turquia. Estas viagens geraram a possibilidade de visitar outros países vizinhos nos quais, aproveitamos para recolher dados destas praias urbanas.

Lara Beach: Esta praia está localizada na Turquia, na cidade de Antalya, cidade que dista aproximadamente 484 km de Istambul, capital do país. A praia está localizada em uma área urbana com grande quantidade de *resorts* internacionais. Seu espaço urbano é de uso restrito, pois localiza-se nos fundos dos compridos lotes dos hotéis que estão situados na principal avenida que cruza esta região da cidade. Este fato caracteriza o uso exclusivo da praia pelos clientes das redes hoteleiras, fortalecendo o potencial turístico na cidade de Antalya. A praia foi visitada em 30 de Maio de 2010, período que marca o início da alta temporada neste país. Foi necessária a hospedagem em um dos hotéis locais para desfrutar do espaço da praia. A praia possui uma infraestrutura de bares, mesas e cadeiras de praias voltadas para o mar e controladas pelos hotéis que atendem aos hóspedes com serviços exclusivos. As visadas e perspectivas a partir da praia são bastante limitadas: lateralmente, pelas cercas vivas que demarcam os limites entre os hotéis, enquanto que ao fundo, ao olhar em direção ao continente, as perspectivas são bloqueadas pelas presenças de bares e restaurantes. Não se pode considerar que Lara Beach seja um espaço público urbano.

Tel Aviv Beach: Esta praia localiza-se na cidade de Tel Aviv, localizada em Israel, à aproximadamente 52,7 Km ao norte de Jerusalém, capital do país. A cidade foi visitada no início do mês de junho de 2010, período de elevada sensação térmica e início da alta temporada. A arquitetura da cidade é marcada por construções que preservam os destroços e as marcas dos diversos ataques recebidos em sua história. Este fato também marca o espaço urbano junto à sua orla marítima, pela presença de largos espaços vazios entre altas torres hoteleiras que exibem uma arquitetura pós-moderna e exuberante. Esta relação apresenta uma morfologia urbana que dialoga, em alguns momentos, com a Praia de Copacabana, pois ambas possuem torres hoteleiras marcando a imagem de seu espaço urbano; apesar de, na Praia de Tel Aviv, os edifícios não conformarem uma “muralha” de edifícios, como acontece na Praia de Copacabana. A praia de Tel Aviv também possui um largo calçadão com desenhos mosaicos construídos com pedras locais, calçadão muito assemelhado conceitualmente ao de pedras portuguesas da Praia de Copacabana. Uma das principais características desta praia é o fato de possuir águas quentes e areia grossa. Outra particularidade são os serviços de comércio localizados pontual e espaçadamente por toda a extensão da orla, porém em alguns casos, localizados dentro

do perímetro de uso privado de algumas redes hoteleiras. Estas redes são responsáveis pelos chuveiros e banheiros públicos oferecidos aos frequentadores da praia.

Amager Beach: Esta praia dinamarquesa, localizada na capital Copenhague, foi visitada no final do mês de junho de 2010, período de alta temperatura na Escandinávia e propício ao uso das praias. Esta praia localiza-se em uma ilha artificial (Amager) que, apesar de estar próxima ao perímetro urbano, possui uma baía artificial que cria uma relação de isolamento entre a praia e a cidade de Copenhague. Esta configuração urbana produziu um interessante parque de estar e lazer, dotado de praia, morros, parques verdes, baía e planícies; lugares nos quais os dinamarqueses podem desfrutar deste espaço público no período de sol que, na cidade, costuma ser de apenas 2(dois) ou 3(três) meses por ano. Nesta praia, foram observados equipamentos urbanos assemelhados aos postos de salvamento da praia carioca, porém relativamente mais baixos. Estes postos são os únicos espaços onde foi observada atividade comercial no espaço urbano de Amager Beach. Também observamos a presença de equipamentos públicos dentro do mar como, por exemplo, saunas, casas de banho e plataformas com trampolins. Estes equipamentos permitiam o uso do mar em águas profundas e fora do perímetro de arrebentação das ondas.

Ribersborg Beach: Esta praia localiza-se no centro urbano de Malmö, Suécia. Foi visitada no final de junho, período de sensação térmica elevada na cidade, quando a temperatura alcança 19°C. Apesar de frio, observamos pessoas a fazerem o uso do espaço público da praia através da prática das atividades de corrida, de ciclismo, de caminhadas e de passeios; além de ter sido observado um grupo de pessoas a se organizarem com a finalidade de praticar ginástica ao ar livre, junto ao gramado que envolve Ribersborg Beach. Sua localização junto a um extenso parque verde, confere a esta praia, uma característica de isolamento do contexto urbano, diferentemente como acontece com a Praia de Copacabana, que possui como limite o calçadão de pedras portuguesas. A relação de isolamento da praia suéca proporciona ao cidadão um recanto silencioso para estar e namorar - no centro urbano da cidade. A construção de uma casa de banho ao norte da praia cria um ponto de referência visual que ordena o fluxo de banhistas e concentra a movimentação de pessoas no parque. A praia é usada juntamente com a sauna aquecida

localizada dentro da casa de banho. Desta forma, os banhistas têm prazer em mergulhar no gélido mar sueco após a sessão de sauna.

O quadro a seguir relaciona os dados coletados nestas praias aos da Praia de Copacabana. Evidencia-se a eminência de registrarmos aqui tais características com a finalidade de futuras comparações.

Praias	PRAIA DE COPACABANA	LARA BEACH	TEL AVIV BEACH	AMAGER BEACH	RIBERSBORG BEACH
Localização	Rio de Janeiro, Brasil	Antalya, Turquia	Tel Aviv, Israel	Copenhague, Dinamarca	Malmö, Suécia
Acesso	Público	Privado	Público e Privado	Público	Público
Intervenções no espaço urbano da praia	A praia foi parcialmente aterrada para construção do interceptor oceânico.	Construção de piers	Construção de quebra-ondas	A praia é artificial	Construção de casa de banho
Vias principais	Via percorre a orla marítima em toda a sua extensão	Sem vias de acesso	Via percorre a orla marítima em toda a sua extensão	Vias afastadas da praia	Vias afastadas da praia
Entorno	Edifícios residenciais, hotéis e larga calçada	Complexos hotéis	Edifícios hotéis e institucionais e larga calçada	Baía e ilha artificiais	Parque verde
Infraestrutura de uso (cadeiras, toalhas e guarda-sóis)	Acessórios pessoais próprios ou alugados para uso individual	Acessórios de uso pessoal disponibilizados pelos hotéis	Acessórios pessoais ou disponibilizados pelos hotéis	Acessórios pessoais próprios	Acessórios pessoais próprios
Comércio	Lojas, quiosques e vendedores ambulantes	Serviço de hotel	Serviço hoteleiro	Inexistente	Inexistente
Outras características	Colorido de guarda-sóis, de cadeiras de praias, informalidade e ausência de limites físicos	Cadeiras de sol dispostas ortogonalmente. Bar e serviços localizados à margem da praia	Guarda-sóis públicos e fabricados em palha natural. Festas locais patrocinadas por hotéis.	Trilhas e ciclovias a cortar toda a ilha, assim como inúmeros recantos para estar	O uso da praia é feito principalmente através da casa de banho construída no final do píer.

Quadro 21: Quadro comparativo das características morfológicas das 4(quatro) praias visitadas e a Praia de Copacabana.

A seguir, apresentamos algumas imagens referentes às praias anteriormente descritas. Chamamos a atenção às fotos de satélite que se encontram na mesma escala.



Figura 87: Lara Beach, Turquia.

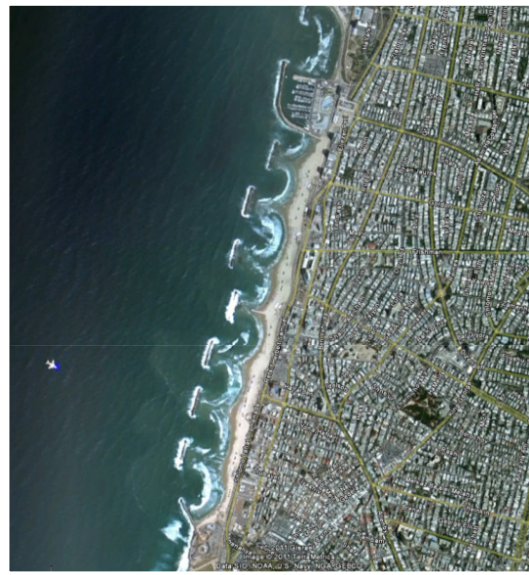


Figura 88: Tel Aviv Beach, Israel

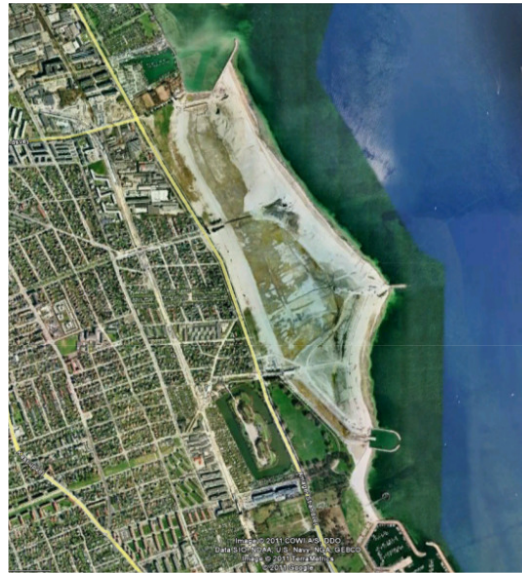


Figura 89: Amager Beach, Dinamarca

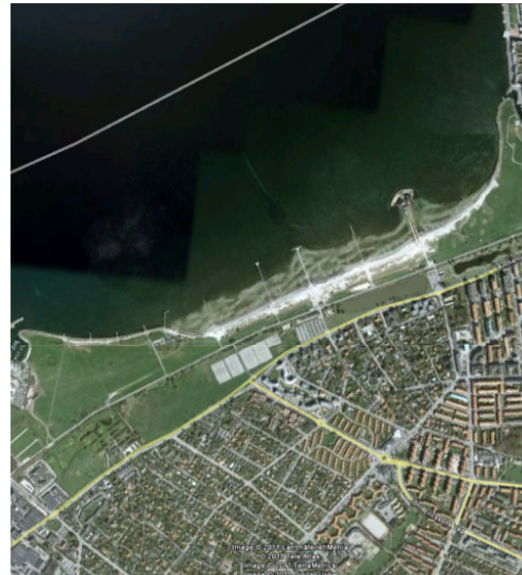


Figura 90: Ribersborg Beach, Suécia

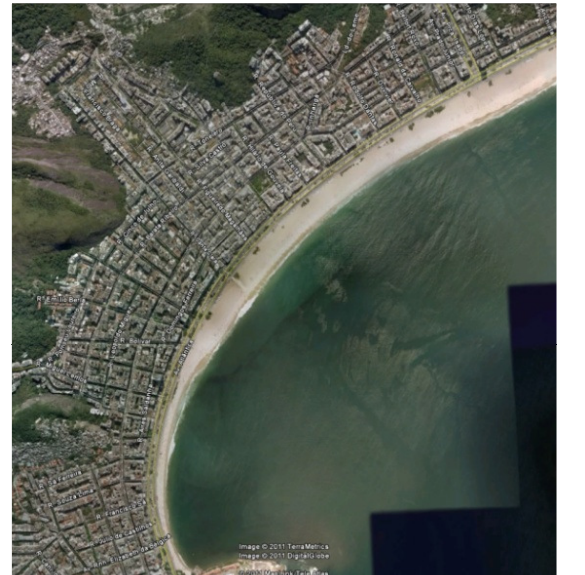


Figura 91: Praia de Copacabana, Brasil



Figura 92: Lara Beach: Pír e cadeiras de praia preparadas para receber os hóspedes do hotel



Figura 93: Conjunto de vistas do calçadão e da faixa de areia da Praia de Tel



Figura 94: Conjunto de vistas da faixa de areia e do parque verde em Amager Beach

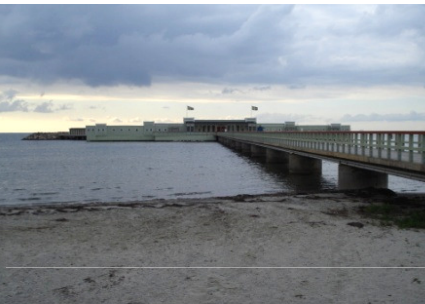


Figura 95: Conjunto de vistas de Ribersborg Beach. Destacamos as vistas da casa de banho e do edifício Torso.



Figura 96: Conjunto de vistas da Praia de Copacabana

ANEXO C – SLIDES APRESENTADOS À BANCA FINAL



Figura 97 – Slide 1

Sobre esta Apresentação

Oportunidade de **falar pessoalmente** sobre a pesquisa e, também, mostrar o **materia** levantado que não pôde ser incluso na dissertação.

Sobre a dissertação

Uma oportunidade de **pesquisar cientificamente** um assunto que me incomodava: **os eventos nos espaços públicos** na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 98 – Slide 2

O objeto de estudo

Percebi que alguns destes “eventos” me chamavam a atenção...

Figura 99 – Slide 3

Porque pesquisar sobre o tema

Motivação: Percebi que além de receber os **usos de circulação, de estar e de atividade econômica**, o espaço público carioca também estava sendo usado como **palco para atividades artísticas e culturais**. Desenvolvi o interesse em pesquisar a morfologia do **espaço público**. Observando como este estava sendo **formatado** para receber atividades artísticas e culturais e, ainda, como isso poderia influenciar o seu **uso pela sociedade**.

Figura 100 – Slide 4

A Pesquisa exploratória

Naquele momento, iniciei uma pesquisa exploratória e visitei alguns dos eventos que encontrava em meu cotidiano.

Figura 101 – Slide 5

O referencial teórico-metodológico

Os conceitos pesquisados foram articulados para fundamentar a pesquisa do objeto de estudo.

Figura 102 – Slide 6

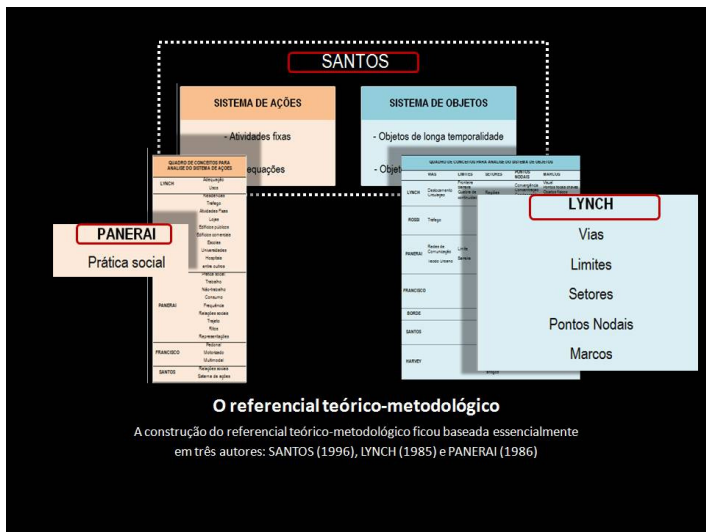


Figura 103 – Slide 7

ESPAÇO PÚBLICO
"O espaço público é o domínio público, uso social coletivo e multifuncionalidade."
(BORJA, 1998)

EVENTO
"evento é 'um instante do tempo e um ponto do espaço'"
(SANTOS, 1996)

EVENTOS
Segundo HARVEY (1992), os eventos seriam um dos produtos a serem consumidos pela massa cultural e, se caracterizam como serviços de *diversão*, de *espetáculos* e *distrações*.
(Referenciado em HARVEY, 1992)

Conceitos

Figura 104 – Slide 8



Figura 105 – Slide 9



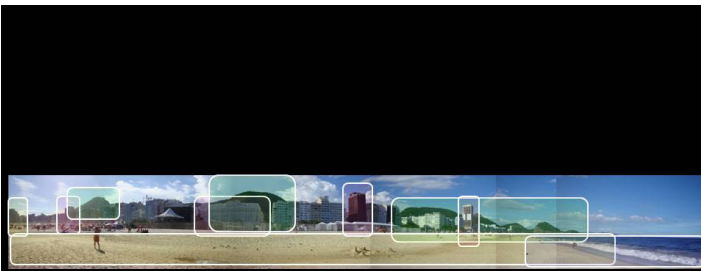
Figura 106 – Slide 10



Figura 107 – Slide 11

Quadro Sinótico

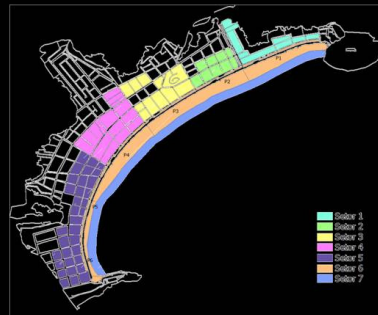
Figura 108 – Slide 12



Praia de Copacabana: Ícones e singularidade

O espaço público da Praia de Copacabana foi observado como um **espaço urbano repleto de ícones** arquitetônicos, urbanísticos e naturais. Esta condição apresentou-nos a Praia de Copacabana como um **espaço urbano estimulante** para a recepção de **espaços temporários** com usos diversos, particularmente, pela relação de **singularidade** que possui.

Figura 109 – Slide 13



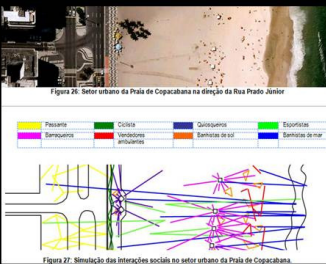
Edifícios	Captação de águas pluviais	Praia de Copacabana	Captação de águas pluviais	Captação de águas pluviais	Praia de areia	Mar
Atividades de lazer	Atividades de lazer	Atividades de lazer	Atividades de lazer	Atividades de lazer	Atividades de lazer	Atividades de lazer
Atividades culturais	Atividades culturais	Atividades culturais	Atividades culturais	Atividades culturais	Atividades culturais	Atividades culturais
Atividades esportivas	Atividades esportivas	Atividades esportivas	Atividades esportivas	Atividades esportivas	Atividades esportivas	Atividades esportivas
Atividades comerciais	Atividades comerciais	Atividades comerciais	Atividades comerciais	Atividades comerciais	Atividades comerciais	Atividades comerciais
Atividades residenciais	Atividades residenciais	Atividades residenciais	Atividades residenciais	Atividades residenciais	Atividades residenciais	Atividades residenciais

Praia de Copacabana: Espacialidade

Compreendemos seu espaço público urbano organizado em **7 setores** e em **9 fases** espaciais. Cada uma destas fases recebe atividades distintas e específicas porém, suportam a mistura de diferentes atividades. Esta **dinâmica socioespacial** permite a coexistência de diferentes usos temporários. Caracterizamos a Praia de Copacabana como um espaço público urbano **multifuncional, interativo** e dotado de **vitalidade**.

Figura 110 – Slide 14

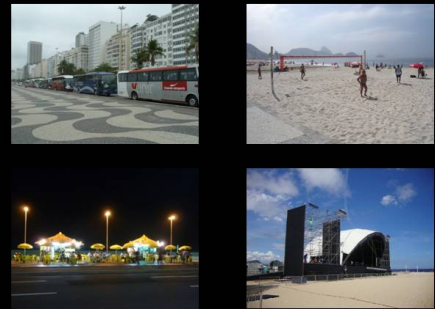
	Surfe	Natação	Banho de mar	Banho de sol	Esportes de praia	Atividades culturais	Atividades esportivas	Atividades comerciais	Tênis	Uso residencial
Surfe	■									
Natação		■								
Banho de mar			■							
Banho de sol				■						
Esportes de praia					■					
Atividades culturais						■				
Atividades esportivas							■			
Atividades comerciais								■		
Tênis									■	
Uso residencial										■



Atividades sociais

A articulação entre as práticas socioespaciais.

Figura 111 – Slide 15



Praia de Copacabana: Espaço Público Urbano

Identificamos 4 imagens sínteses que nos ajudaram a compreender a evolução da atividade eventual no espaço público urbano da Praia de Copacabana.

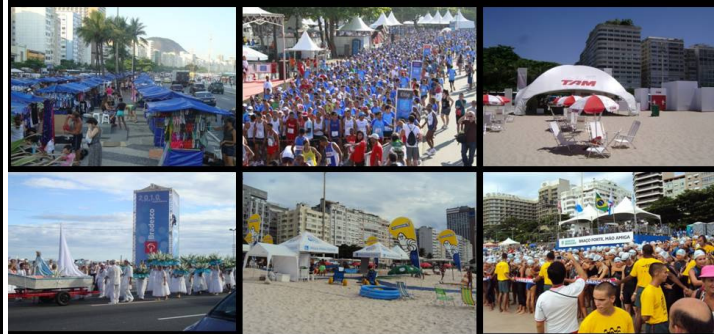
Figura 112 – Slide 16



Praia de Copacabana: Espaço Público Urbano

Identificamos 4 imagens sínteses que nos ajudaram a compreender a evolução da atividade eventual no espaço público urbano da Praia de Copacabana.

Figura 113 – Slide 17



A Pesquisa de Campo

Figura 114 – Slide 18

Critérios de escolha de eventos a serem analisados:

1º Critério: **Apropriação** do espaço público

2º Critério: Eventos de **escala urbana**

3º Critério: Diferentes **períodos** do dia

A Pesquisa de Campo

Nome do evento	1º Critério: Espaço apropriado da Praia de Copacabana	2º Critério: Escala	3º Critério: Período em que o evento foi realizado
Parada musical "Momentos Mágicos Disney"	Calçadas e Faixa de rolamento	Urbana	Tarde
Réveillon	Toda a Praia de Copacabana	Urbana	Manhã / Tarde / Noite / Madrugada
Competição "Travessia dos Fortes"	Mar e pontos na faixa de areia	Urbana	Manhã / Tarde

A Pesquisa de Campo

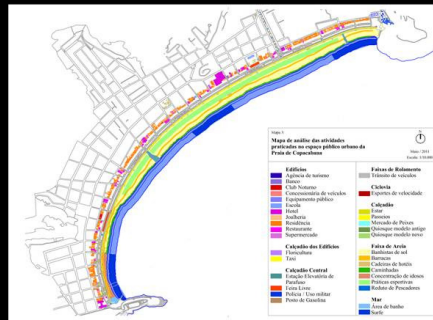
Figura 115 – Slide 19

Figura 116 – Slide 20



A análise morfológica da Praia de Copacabana

LYNCH (1985) apresenta a seguinte metodologia de análise da imagem da cidade:
Vias / Limites / Bairros / Pontos Nodais / Marcos

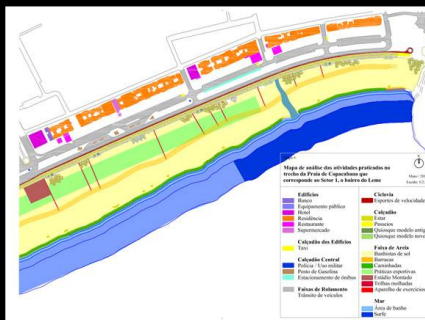


A prática socioespacial na Praia de Copacabana

A *especialização das atividades* no tecido urbano da Praia de Copacabana.

Figura 118 – Slide 21

Figura 117 – Slide 22



A prática socioespacial na Praia de Copacabana

A *especialização das atividades* no tecido urbano da Praia de Copacabana.

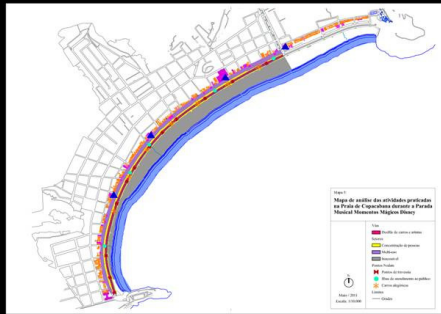


A análise morfológica da Praia de Copacabana

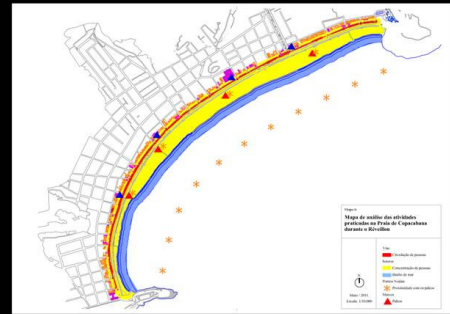
A análise dos elementos urbanos.

Figura 119 – Slide 23

Figura 120 – Slide 24



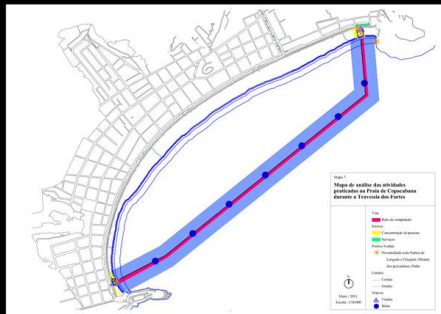
A morfologia dos eventos na Praia de Copacabana
As atividades eventuais e o tecido urbano da Praia de Copacabana.



A morfologia dos eventos na Praia de Copacabana
As atividades eventuais e o tecido urbano da Praia de Copacabana.

Figura 121 – Slide 25

Figura 122 – Slide 26



A morfologia dos eventos na Praia de Copacabana
As atividades eventuais e o tecido urbano da Praia de Copacabana.



A morfologia dos eventos na Praia de Copacabana
As atividades eventuais e o tecido urbano da Praia de Copacabana.

Figura 123 – Slide 27

Figura 124 – Slide 28



A transformação da Praia de Copacabana

Os **elementos** que a Praia de Copacabana recebe durante a realização de eventos em seu espaço público urbano.

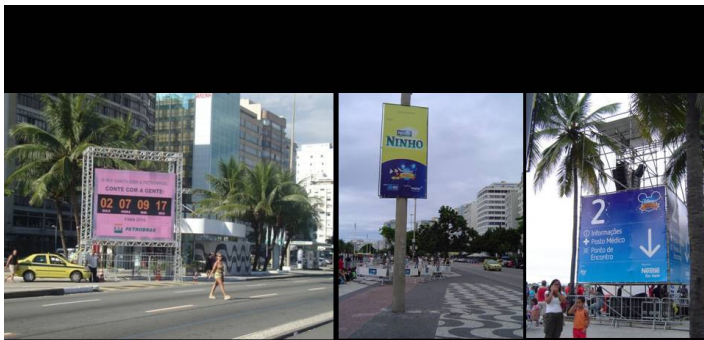


As práticas sociais na Praia de Copacabana

A **dinâmica dos usos** em seu espaço público urbano.

Figura 125 – Slide 29

Figura 126 – Slide 30



A atuação das empresas

A condição socioeconômica pós-moderna defende a atuação de **empresas privadas em parceria com os governos públicos locais**.

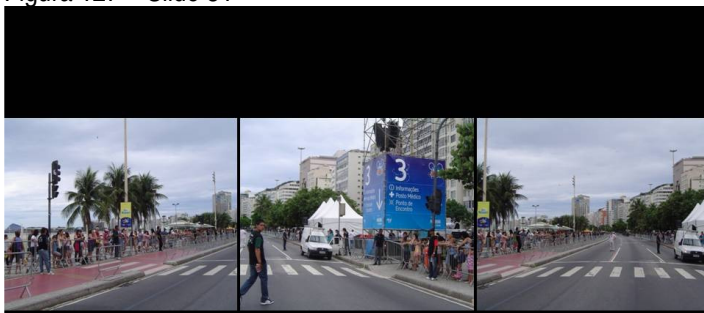
Figura 127 – Slide 31



A imagem do espaço público

Esta condição econômica é manifesta na morfologia urbana através da **caracterização do espaço público urbano**.

Figura 128 – Slide 32



O espaço de uso coletivo

Durante a realização de atividades eventuais, o espaço público urbano da Praia de Copacabana configura-se como espaço público de **domínio privado** porém, de **uso social coletivo**.

Figura 129 – Slide 33



O marketing territorial

Nesta condição socioeconômica, o espaço público urbano também funcionaria como um instrumento de promoção das cidades, o que configuraria o chamado **marketing territorial** [FRANCISCO (2005)].

Figura 130 – Slide 34



As marcas no espaço público da Praia de Copacabana

Esta estratégia de marketing sugere basicamente que o **espaço público** possa ser oferecido como um **produto** para o consumo de cidadãos locais e de visitantes, de maneira tal que, também gere receita para as empresas

Figura 131 – Slide 35



As outras questões levantadas para pesquisas futuras

Possibilidade de aprofundar o estudo sobre o **réveillon de Copacabana**
 Histórico / Características / Particularidades

Figura 132 – Slide 36



Figura 133 – Slide 37



Figura 134 – Slide 38



Figura 135 – Slide 39